1954

FEVEREIRO - N. 441

EU SEI TUDO

5 CRUZEIROS

O CASO AUSTRIACO: UM DESAFIO À ONU! ★ FALAM OS MORTOS PELA BÔCA DOS VIVOS ★ COMO MATEI UM FANTASMA ★ ESSA TEZ QUEIMADA QUE ELAS PROCURAM...



BOLOS BISCOUTOS e MINGAUS de
CREME de MILHO LUX



Em pacotes de celofane de um e meio quilo

Produto muito imitado, mas nunca igualado, alimento ideal para adultos e crianças, em mingaus, bolos e biscoutos

CALVÍCIE APRESSADA

A maior parte dos homens vive preocupado com a queda do cabelo e é natural, portanto, que não fique muito satisfeita quando uma causa externa ver acelerá-la.

Mas parece que o sr. Ernest Roraff, de Chicago, levou a sua insatisfação um pouco longe, pois está acionando uma firma fabricante de líquidos tira-mancha, para pleitear uma indenização de 10.000 dólares, em quanto avalia sua linda cabeleira.

Alega o sr. Roraff que sua espôsa havia limpado um móvel com o malfadado líquido e êle, fiado nas afirmações do fabricantes, de que o preparado era inofensivo, encostou-se no móvel para assistir um programa de televisão, para levantar-se inteiramente careca na nuca.

★

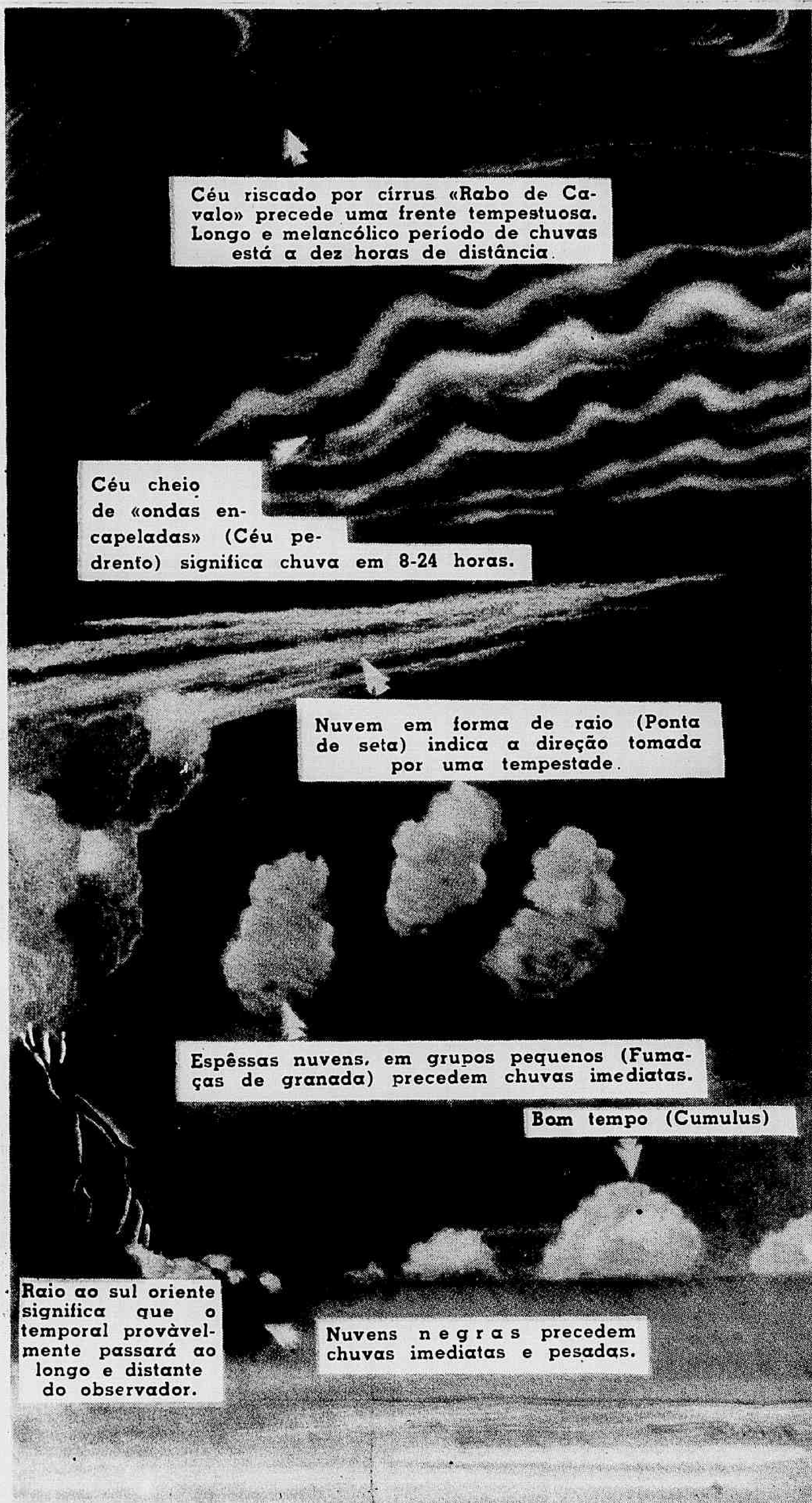
QUEM SE CANDIDATA?

A profissão do sr. Gabriel Coudrais, de Paris, é uma das mais invejáveis de que temos ouvido falar. Durante trinta anos, seu trabalho consistiu em provar as comidas e bebidas mais finas e dormir nos leitos dos hotéis mais confortáveis. Como inspetor da firma que edita os guias de turismo Michelin, o sr. Coudrais tinha de verificar, por experiência própria, a excelência dos restaurantes e hotéis.

Naquele guia de turismo. uma estrêla significa «bom», duas estrêlas «muito bom» e três estrêlas «excelente». Sòmente sete estabelecimentos na França tiveram a ventura de conquistar as três estrêlas.

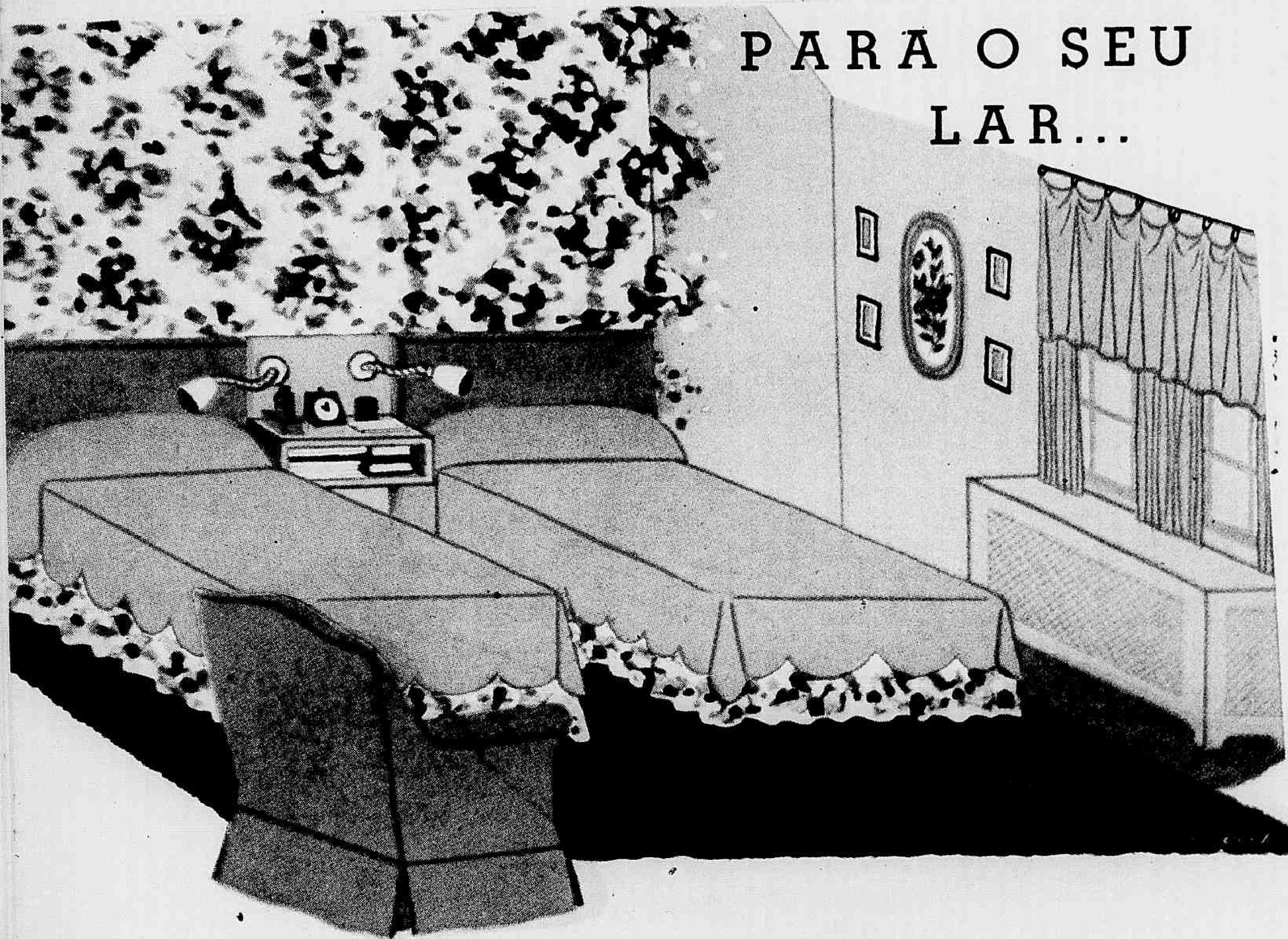
Coudrais viajava sempre incógnito, para impedir que os proprietários de hotéis e restaurantes tomassem providências antecipadas para impressioná-lo bem.

Posso informar que Coudrais acaba de ser aposentado, apesar de se encontrar muito bem disposto, **e que o seu lugar** está vago...



COMO FAZER A PREVISAO DO TEMPO — «Céu pedrento... chuva ou vento!», «Sol vermelho, no poente, manhã firme e quente!». Êsses são ditados do mais antigo folclore, datando dos velhos tempos e traduzidos para tôdas as línguas. Está o segundo assinalado mesmo nos tempos de Jesus Cristo (Mateus, Cap. 16, v. 2 e 3). E, na verdade, têm certa base científica, pois, embora a previsão do tempo seja uma das mais complicadas da moderna ciência, é ao mesmo tempo tão antiga como o próprio homem. Os nossos avós viviam pronunciando frases sentenciosas a respeito do bom e do mau-tempo, muitas delas muito certas. Se o leitor estudar o céu que acima apresentamos, muito poderá aprender sôbre a conveniência de sair de casa com ou sem o seu guarda-chuva.

PARA O SEU LAR...

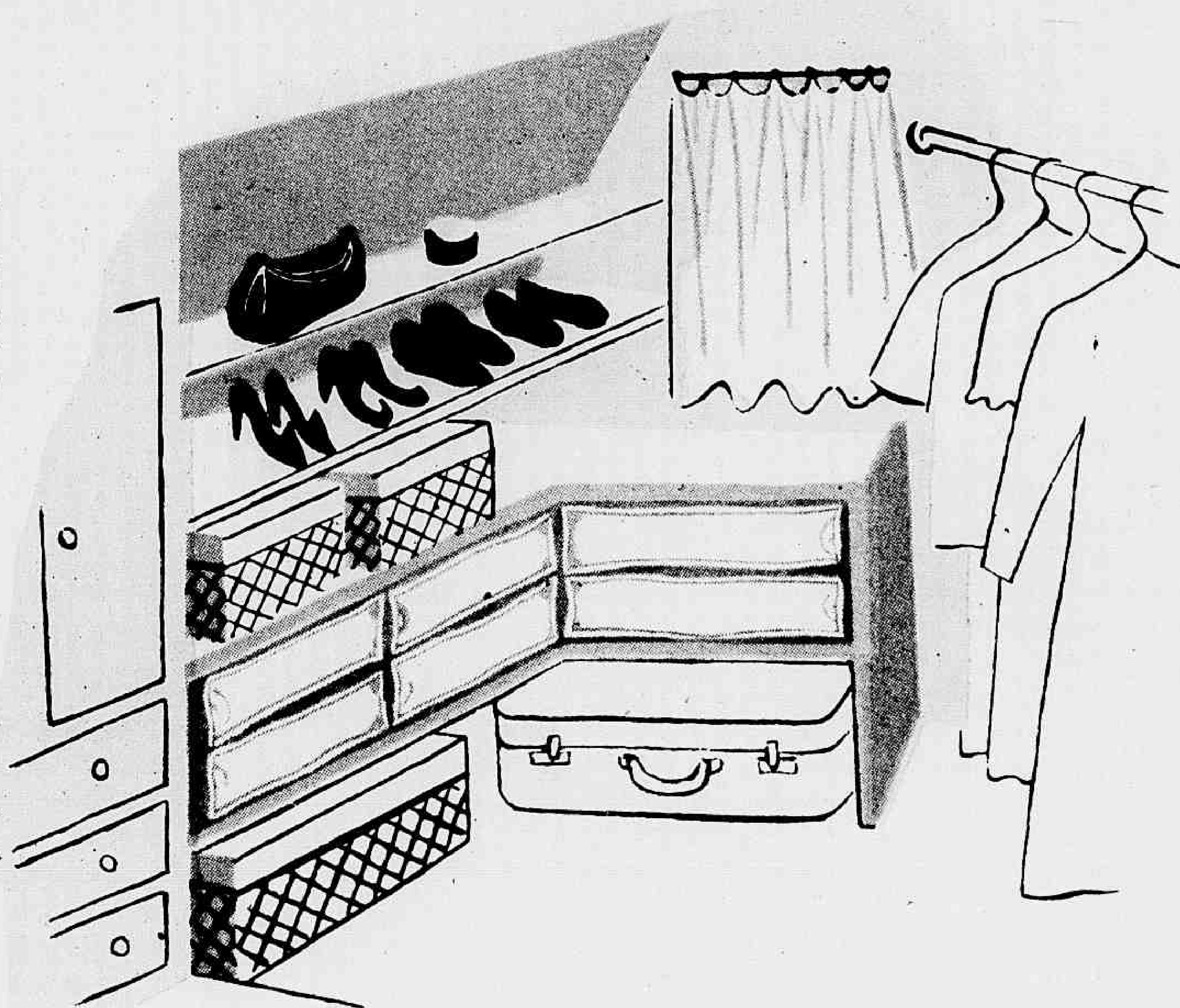


ECONOMIZAR ESPAÇO

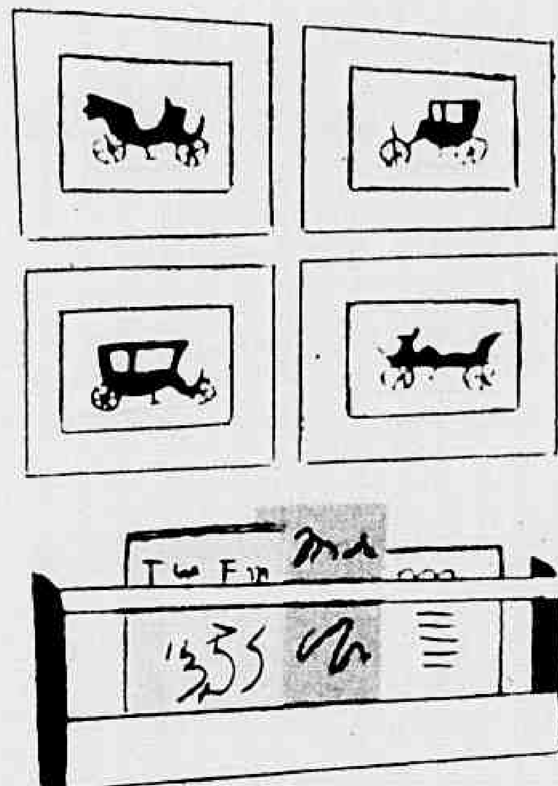
Um ângulo de sótão, ali mesmo onde não possa ser colocado um armário, sempre caberá uma estante para malas, parteleiras para sapatos, uma vara para cabides, de preferência junto de uma janela, para arejar.

●

Não esquecer, é claro, que uma vez por semana é preciso uma limpeza ligeira e, uma vez por mês, limpeza minuciosa e total de armários e prateleiras.



CÔR — FATOR PRINCIPAL!

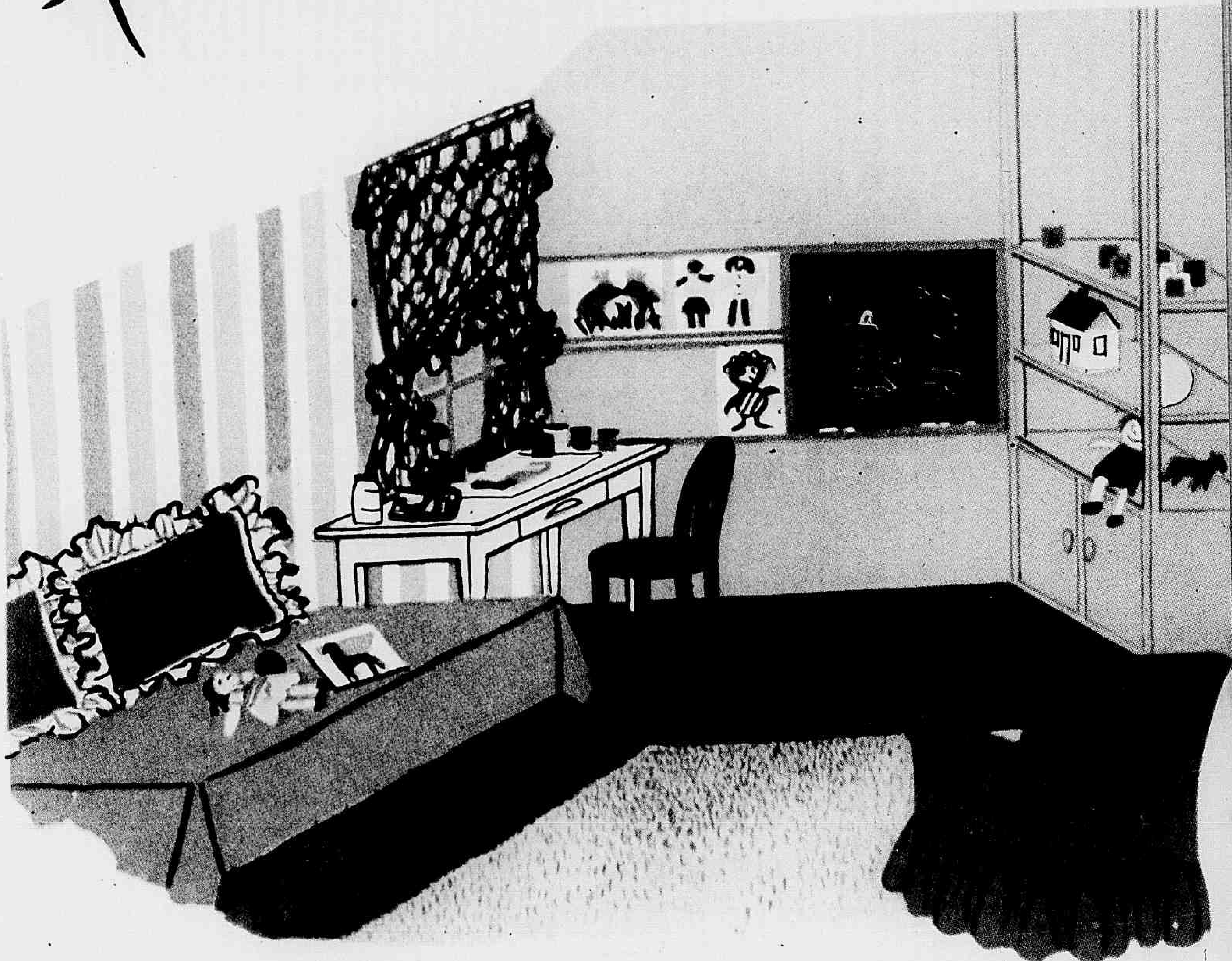


É preciso saber aproveitar êsses espaços de teto esquinado. Longe do que muitos pensam, são espaços que podem, fàcilmente, transformar-se em em novos cômodos, todos de grande utilidade. Os exemplos de hoje são bem estudados e realmente bonitos. Um dormitório para menino ou menina, podendo ser apenas um quarto de recreio durante o dia. Diante da janela, a mesa de *toilette*, que também serve para estudos. Armários, prateleiras e quadro-negro tornam o ambiente alegre, principalmente se se obedecer ao colorido das paredes, à forração dos móveis, etc. Outro exemplo feliz é o do dormitório para casal, com camas separadas por mesinha-de-cabeceira embutida, com lâmpadas para cada leito e o papel da parede combinando com a barra da colcha. (Na página anterior.)



★

● À esquerda: uma estante para jornais e revistas, de parede. Sôbre ela quatro pequenas gravuras coloridas ou simples silhuetas. O cantinho poderá servir, ainda, para um "porta-malas".



QUERIDINHO DE PAPAI...

STAN FINE

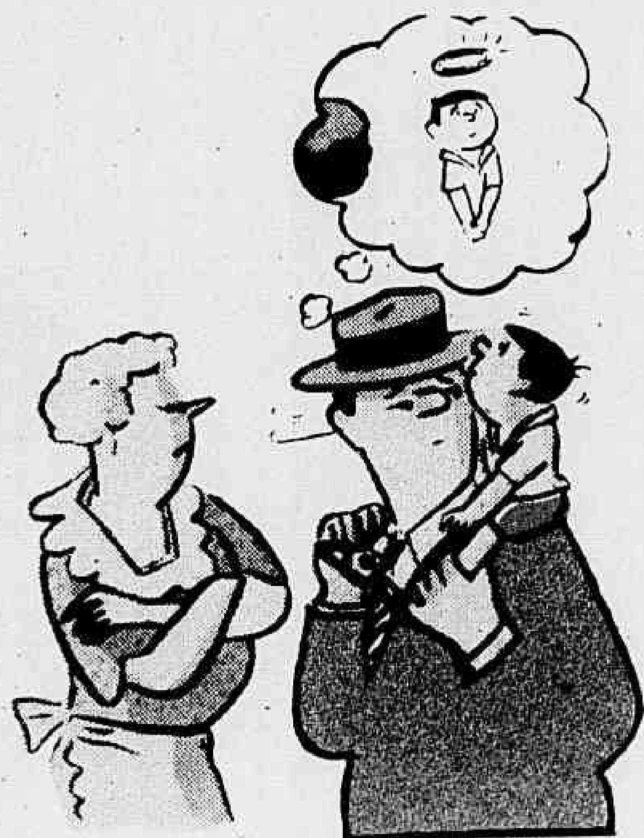














O TESTE DA MÔSCA

Um psicólogo, *doublé* de humorista, afirma que, para êle, é bastante um simples copo de cerveja, no qual esteja nadando uma môsca, para determinar, com absoluta certeza a nacionalidade de um homem sôbre o qual ignore tudo. Eis como esclarece a questão:

Um inglês, ao ver a môsca, não tocará em seu copo; pedirá outro e pagará os dois. Um francês protestará enèrgicamente e exigirá que a consumação seja substituída por conta da casa.

Um escocês retirará a môsca, beberá a cerveja e pedirá que lhe sirvam outro copo, a título de perdas e danos. Não pagará nem o primeiro nem o segundo.

Um alemão nem sequer notará a existência da môsca em sua cerveja, que beberá muitíssimo satisfeito.

Um chinês retirará o inseto, beberá a cerveja e, finalmente, mastigará a môsca como uma guloseima.

★

HOMEM PRATICO

Num dos nossos confrades britânicos, lemos o seguinte anúncio matrimonial e realista:

"Fazendeiro, 38 anos, deseja encontrar, com intuitos matrimoniais s o l t e i r a ou viúva até 30 anos e possuidora de um trator. Enviar, por favor, fotografia do trator.

ANO XXXVII ★ Nº 9 ★ EU SEI TUDO ★ Nº 441 ★ FEVEREIRO — 1954



MAGAZINE MENSAL ILUSTRADO — CIENTÍFICO, ARTÍSTICO, HISTÓRICO e LITERÁRIO, FUNDADO EM 1917

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. Diretor: Gratuliano Brito, redator-chefe: Mário Renato de Castro. Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio de Janeiro. End. Tel.: «Revista». Telefones: Redação — 22-4447; Administração e Publicidade — 22-2550. Chefe de Publicidade: Severino Lopes Guimarães. Distribuição e venda em S. Paulo: Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69, tel.: 34-1569. Representantes: em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes de Melo, 34, 2dt., Lisboa. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spano, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Inter-Prensa, Florida, 29, tel. 33, Avenida 9109, Buenos Aires. Número avulso em todo o Brasil — Cr$ 5,00. Número atrasado — Cr$ 6,00. Assinatura anual: Registrada — Para o Brasil: Cr$ 60,00; para o estrangeiro: Cr$ 100,00.

UMA LOURA PERIGOSA

Por NANETTE KUTNER

INFELIZMENTE, se há predominância de louras, em Beverlly Hills, há também esmagadora maioria de mulheres. Não se trata de lenda, quando se fala de abundância do sexo frágil e de pobreza de representação do sexo oposto, na cidade dos astros do cinema. E só uma loura encontrei, ali, que pôde indicar o que devia ser feito para remediar essa situação realmente aflitiva... para as mulheres. Foi ela miss Sally Hunt e é dela a história que passo a contar:



Não era diferente de tantas outras, em Hollywood. Uma espécie de "receita": rosto em forma de coração, penteado dos mais simples, duas pernas que pareciam pertencer a Ginger Rogers, cútis tocada pelo sol e que a simplicidade da indumentária permitia ser parcialmente observada e, como "distintivo", talvez, sempre trazia na mão esquerda uma raqueta de tênis.

Eu estava sentada perto da piscina do hotel quando, pela primeira vez, ela subiu a rampa gramada, vindo instalar-se ao meu lado.

— Que lugar! — disse, com ar desolado, olhando para as águas cloradas. Depois, olhando para mim com a maior sem-cerimônia, perguntou: — "Você também está sòzinha?

Curvei a cabeça, afirmativamente.

— Imagina! — prosseguiu Sally Hunt. — Tenho que pagar minhas refeições, *eu mesma*! Já ouviu outra coisa mais disparatada? Palavra! Nunca vi tanta falta de homens... Nem em Palm Beach, Miami, Easthampton, Taunton ou Massachussetts! Venho, aliás, de Taunton... Deve estar havendo alguma crise, aqui!

Tornei a concordar, com um sinal de cabeça, agora mais triste que o primeiro.

— E você nem sequer é uma loura! — observou com uma teimosa sem-cerimônia; mas logo acrescentou, esforçando-se por ser mais amável: "Não que isso pudesse ajudar muito, aqui! Ser loura não é tudo, em Beverly Hills, *hmm* ?

Fêz nova pausa e, como eu nada dissesse, continuou, infatigàvelmente:

— Uma moça deve conversar com alguém. Além do mais, não há mal algum em conversar numa piscina de hotel. É como se estivéssemos num navio. Só lamento não poder ir a êsses famosos hotéis de que tanto falam, como o Romanoff, o Chasin...

— Compreendo... — disse eu, para não ficar calada.

Então, notando minha frieza, ela se apresentou:

— Meu nome é Sally Hunt. Qual é o seu?

Disse-lhe o meu nome e, segundo parece, quando criança, a sua governante lhe ensinara alguma coisa, porque pronunciou um rápido *"Prazer em conhecê-la"*, embora sem me olhar, porque já se punha de pé e anunciava:

— Agora devo ir. Tenho que tomar banho de sol.

No dia seguinte, no vestíbulo, enquanto eu esperava que Oliver Stark, o ator, chamasse por mim, ela se aproximou novamente. Desta vez substituíra a saia branca por calças compridas e suéter. No mais era a mesma.

— Por que você não contou logo que era uma escritora? — perguntou, sem rodeios.

— Você não perguntou...

— Li, esta manhã, o "Jornal Comercial" e soube que você aqui veio para fazer entrevistas. E é por isso que sinto não ser você!

— Não entendo...

— Quem vive falando com todos êsses astros do cinema nunca está só!

— Entrevistas em nada alteram a vida social. É certo que se tem oportunidade de almoçar com o entrevistado. Mas uma repórter apenas trabalha. Nada mais que isso! Acabada a entrevista, acaba tudo. *C'est fini!*

Seus olhos negros brilharam de entusiasmo:



— Oh! Você fala francês! Jamais consegui aprender línguas — confessou. — Contudo era "crânio" em matemática! Sempre fui a primeira da turma.

Mais tarde eu me penitenciaria por haver, nesse instante, zombado intimamente das "proezas" de Sally em matemática. Porém, agora, ela mudava de assunto, perguntando:

— A quem você entrevistou, hoje?

— De notável, só Gable.

— O rei!

Era tolice e vulgar, reconheço, mas não resisti à tentação de dizer-lhe:

— No momento, espero Oliver Stark.

— O príncipe-herdeiro! — declarou ela, extasiada.

Brilhante e grande, o "Cadillac" creme-claro de Oliver subia a ladeira asfaltada. O porteiro fêz um sinal e saí ao encontro do ator. Nesse instante, Sally falou alguma coisa. Creio que disse: *"Descobri uma coisa..."*, mas não tenho certeza de ter sido isso mesmo. Suas palavras seguintes foram, entretanto, bem claras.

— Não há nada mais cativante para uma mulher do que um "Cadillac"!

★

Por dois dias não tornei a ver Sally. Estive muito ocupada com a reportagem



sôbre Oliver Stark. É êle o homem que venceu logo no seu primeiro dia na Broadway, com seus óculos de tartaruga, e seus modos de rapaz inteligente. Já agora havia terminado seu primeiro filme. Podia e estava abrindo caminho em Hollywood. Porém, a seu modo, fazendo imposições. Recusara assinar contrato de exclusividade para uma companhia e só aceitava mesmo um filme com cada uma. Também escolhia seus enredos, suas *partners* e seus diretores.

Na verdade, depois da nossa entrevista, esperei poder interessá-lo numa história que eu havia escrito alguns anos atrás. Sabia que qualquer diretor imediatamente trataria de comprar meu trabalho, caso os serviços de Stark estivessem conjugados ao *script*. Infelizmente, não tive uma oportunidade para tratar do assunto em nossa entrevista, pois tudo o que interessava ao ator era falar sôbre os seus próprios males reais ou imaginários.

Fui diretamente para a piscina, na volta, com a intenção de escrever alguma coisa dinâmica sôbre Oliver Stark. Por isso, não escondi completamente a minha irritação quando fui interrompida pela voz penetrante de Sally Hunt:

— Então? Como foi essa entrevista?

— Bem... salvo as pílulas de Oliver Stark. Êle ingere uma infinidade de pílulas antes do jantar, para abrir o apetite e, depois do jantar, para ajudar a digestão, para dormir, para despertar e para acalmar os seus preciosos nervos...

— O melhor remédio para tudo isso seria êle casar! — sentenciou Sally.

Receio que minha gargalhada tivesse parecido sarcástica.

— Ora, minha cara amiguinha... — disse eu, quase engasgada de tanto rir. — Você — e tantas outras... — devem desistir. Oliver Stark tem tanto mêdo de se ver *fisgado* por alguma mulher, que só passeia com produtores.

Porque a verdade é esta, segundo pude descobrir em meus longos anos de Hollywood. Os chefões de cem mil dólares anuais fogem da companhia dos que ganham menos de cinqüenta mil e os de vinte-e-cinco mil só procuram a companhia dos seus iguais. Vi, portanto, nessa atitude de Oliver, só querendo andar com os maiores figurões, mais que cautela contra a possibilidade de uma paixonite e o inevitável casamento. Vi ambição de chegar mais depressa às camadas superiores do Cinema.

Tudo isso expliquei a Sally, pacientemente. Porém o resultado me surpreendeu. Ela apenas semicerrou os olhos e, repentinamente, estalou os dedos, exclamando:

— Já sei! É simples... É pura matemática!

— Que quer você dizer com isso? — perguntei, sem compreender.

— Você vai ver! — respondeu, misteriosamente. E retirou-se apressada.



Na tarde seguinte fui sentar-me sob um grande guarda-sol, absorvida com o esbôço da entrevista com Stark.

Não vi quando Sally se aproximou, infalível como uma gripe.

— Olá! — disse ela.

Fingi não ouvi-la.

— Olá! — insistiu; e empurrou-me por um ombro. — Não lhe disse que era matemática? Álgebra puríssima, meu bem!

E antes de que eu pudesse abrir a bôca, prosseguiu:

— O problema poderá ter êste título: "Como destacar-se das demais louras e talvez casar-se com Stark". Veja! (Tirou, sem-cerimônia, o lápis da minha mão.) Digamos que tôdas as louras em Beverly sejam "A" e Stark "B". Êle só fala com produtores, que são "C". Neste caso tenho que transformar "A" igual a "C". Portanto, serei produtora! Simples, não acha?

Não pude deixar de protestar:

— Não compreendo o que há de simples... em você se tornar produtora!

Sally olhou para mim, como se minhas palavras tivessem reduzido todos os seus cálculos a menos de zero. Depois falou, lenta e pacientemente:

— Primeiro: jamais desejei ser artista. Você sabe como isso é... Ter que obedecer a meia dúzia de pessoas, levantar cedo... para ganhar, talvez, setenta-e-cinco dólares por semana... Além do

mais (começou a contar com os dedos): comissão de agente, impôsto de renda, seguro social, hospitalização e taxas de associações... Ao fim de três meses, talvez, tudo acabe. Não! Não vim até cá para ser artista e sim para arranjar marido — *um bom marido!*

— Parece que foi assim, também, que comecei... — murmurei.

Porém Sally não me ouviu.

— Por isso foi que disse que seria produtora. Primeiro, compra-se uma propriedade, pagando um têrço do valor. Se a compra foi boa, arranja-se o restante com um banco, oferecendo-lhe reembôlso a prazo curto. (Respirou profundamente.) É isso! Tenho que comprar uma propriedade e é nisso que você entra...

— Eu!

Algumas pessoas se aproximaram de nós, pois devo ter gritado.

Porém sally ignorava os olhares dos demais.

— Li no "Daily Variety" que você tem uma história que podia servir para Oliver.

— Qual... Meu agente acredita que essa notícia pode despertar o interêsse de Stark.

— De qualquer maneira, quero comprar essa sua história.

— Você?

— Sim, eu! Meu pai ganhou muito dinheiro, vendendo máquinas de lavar roupa por atacado. Você sabe como tudo fica sujo depressa no Leste, embora eu acredite que êle teria conseguido o mesmo êxito na Califórnia.

— Mas, que tem isso a ver com o fato de você vir a ser produtora?

— Papai me deu dinheiro... O bastante para ficar seis meses e mais vinte mil, no caso de eu vir a encontrar alguma coisa realmente interessante como negócio. Eu pretendia comprar um casaco de peles de doninha, azul-prateado, mas acho melhor essa sua historieta. Qualquer loura pode conseguir um casaco assim... De fato, quase tôdas o possuem.

— Mas... Como você quer fazer isto?

— Darei os meus vinte mil pela sua história. Arranjarei um banco para guardá-lo, com a promessa de um auxílio, em dôbro, caso venha a interessar para um filme. Se Stark gostar da sua história e eu puder conseguir a sua presença no filme, então terei uma boa propriedade. Conseguirei o dinheiro com o banco e tocaremos para um estúdio. Caso êle não aceite, retiro meus vinte mil e devolvo o seu *script*... Que tal?

— É melhor você ir falar com o meu agente — disse eu, desejando me livrar daquela vitrola maluca.

Porém, à tarde, recebi um chamado telefônico do meu agente.

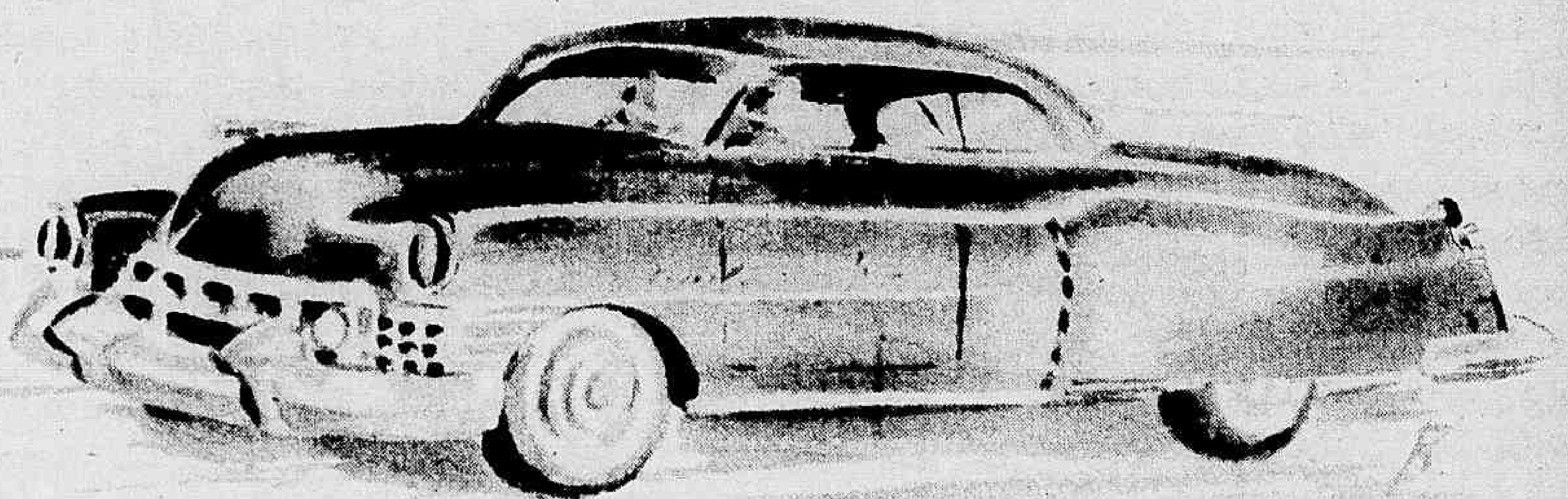
— Ela está no páreo — disse êle. — O dinheiro já está no banco, em seu nome. E, se quer minha opinião, essa pequena é pior que um furacão. Vai ver que ela ainda arranja um produtor.

— Por quê?

— Porque é mais inteligente do que todos êles juntos!

★

A notícia surgiu no jornal, em duas colunas. Dizia que um novo produtor independente julgara excelente a minha historieta... porque se adaptava como uma luva aos talentos de Oliver Stark.



Antes de passadas vinte-e-quatro horas, eu recebia um chamado de Stark, por telefone.

— Quem é êsse Hunt? Eu não trabalharia, por dinheiro nenhum, para um produtor independente. Quem é êsse intrujão?

— Não é "êle"... É "ela"! — expliquei.

Eu podia ouvi-lo arfar, com a bôca junto do fone. Depois falou com mais calma.

— Esta é boa!

Por um instante ficou arfando e refletindo, sem nada acrescentar. Depois, noutro tom, voltou a falar:

— Eu gostaria de falar-lhe, pessoalmente, a fim de que desista de uma vez por tôdas!

— Isso não é difícil. Se quiser... poderei arranjar um encontro.



Assim, na vez seguinte em que o "Cadillac" creme-claro se aproximou da porta do hotel, Sally estava no seu interior. E, nesse instante, quase sem o querer, murmurei, falando comigo mesmo: "Está começando..."

Mais tarde, Stark foi ter conosco no "The Players" para jantar. Notei que suas maneiras haviam esfriado quase ao ponto de congelamento.

— Comamos, primeiro — disse êle. — Nunca discuto assuntos aborrecidos antes de digerir os alimentos. Os sucos gástricos, conforme vocês devem saber... (E ingeriu duas pílulas amarelas.)

Eu apenas olhei e nada disse. Porém Sally não teve cuidados. Sem qualquer cerimônia logo perguntou porque tomara as tais pílulas. Isto provocou uma boa meia hora de explicações ininterruptas.

Sally tudo ouviu, sem pestanejar. Quando Stark terminou, ela acendeu um cigarro, com ar pensativo, depois falou, sem rodeios.

— Fico satisfeita com sua fraqueza, reconhecendo honestamente que tem um organismo delicado — disse ela. Porque, sendo assim já o negócio deixa de ser um bom investimento. Não creio, mesmo, que uma companhia conceituada correria o risco de contratá-lo, pois bem poderia ser fôrçado a abandonar a filmagem em rozão de alguma repentina enfermidade. E todos nós sabemos como essas paralisações inesperadas da filmagem aumentam o custo da produção...

Por mim, creio que o pobre Stark, a partir dêsse momento, passou a incluir os riscos de uma apoplexia na sua coleção de males perigosos. No entanto, Sally, como se nada notasse, continuava, agora, com ares protetores:

— Mas você não deve ficar preocupado demais... Suas condições, afinal, não são assim tão ruins, sendo solteiro. Como podem ver, sou tão forte em estatística como em matemática... Sei, por exemplo, que os homens casados vivem mais do que os solteiros. E a diferença não é ligeira, não! Coisa de uns dez ou doze anos, segundo as últimas estatísticas. Dizem os técnicos...

— Você tem, aí, essas estatísticas? — perguntou Stark, interrompendo-a, com mau-humor. — Não? Quando poderei consultá-las?

— Calma, homem. Mais cuidado com essa pressão arterial... Procure não ficar excitado...

— A minha pressão que vá... que vá... Irra! — exclamou Stark, positivamente atacado de raiva em último grau. — Quando poderei ter essas estatísticas?

— Amanhã, se quiser.

Ali mesmo, a dois passos do meu nariz, êles marcaram almoçar juntos, no dia seguinte. Eu não estava incluída.

Sôbre os outros encontros que tiveram só pude saber por haver lido nos jornais. Meu agente foi quem veio ao hotel relatar como haviam fugido, para casar...

— Isto vai ser uma verdadeira bomba nos jornais de amanhã! — concluiu, enxugando a nuca.

— Quer dizer que vou ter os meus vinte mil, agora? Êle, certamente, aceitará a história...

— Bem... Sim... e não! — "explicou" meu agente com a maneira própria para enlouquecer e que é peculiar a todos êsses cavalheiros.

Insisti:

— Sim! Sally procurou, primeiro, atrair Stark... Para isso fêz questão de ser produtora. Que pensará êle quando ela tentar retroceder?

— Não sei. Mas quase posso jurar que ela vai ganhar a parada. É inteligente!

— Suponho que você não pensa o mesmo a meu respeito?

— Não... Você não é inteligente... tão inteligente como Sally Hunt.

Eu não estava com disposição para discutir o assunto.

Tornei a ver Sally uma vez mais. Depois da sua "lua-de-mel", encontramo-nos, acidentalmente, no Whislhire-Boulevard. Ela vestia um magnífico casaco de pele, azul-claro.

— Comprei-o eu mesma... como um presente de núpcias.

Recusei, acintosamente, admirar o casaco. O assunto da minha história era muito mais interessante...

— Não por mim... — respondeu ela, com simplicidade e franqueza, quando a interpelei sôbre o seu anterior interêsse. — Jamais desejei, realmente, ser produtora. Por isso mesmo, logo que foi possível, afirmei a Oliver que o amava tanto que desistiria de qualquer idéia que pudesse prejudicar o nosso romance.

Voltou-se as costas para entrar num estonteante "Cadillac". Notei suas iniciais na porta.

Foi então que pensei em procurar um dos salões de beleza de Beverly Hills, para oxigenar meus cabelos. Depois conclui que isto não teria qualquer resultado prático.

Nunca fui "crânio" em matemática.



DINHEIRO MIÚDO

O pêso total das peças de moeda de cobre atualmente em circulação na Grã-Bretanha, atinge a cêrca de 30 000 toneladas.

Um estatístico calculou que essa massa monetária, se igualmente repartida entre todos os cidadãos britânicos, cada um dêles teria no bôlso cêrca de um quilo em moedas!

Felizmente, existem as caixas-registradoras e também os «caça-níqueis»...



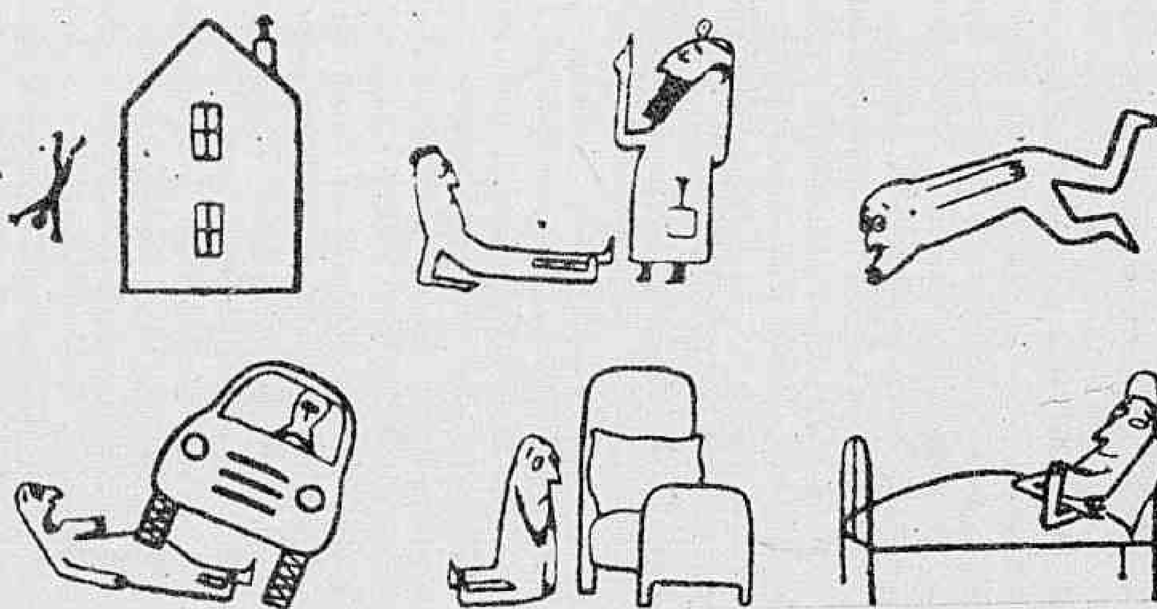
DIAGNÓSTICO

O médico: O senhor tem um coração excelente. Pode crer que viverá além dos oitenta...

O cliente: Mas, doutor, estou com oitenta e dois anos!

O médico: Bem vê que eu estava com a razão...

SEIS MESES, APENAS, DE VIDA...



Com quarenta-e-cinco anos de idade, Henry Thomas Martin, de Lytman, Lancashire (Inglaterra), caiu de um segundo andar, quebrando vários ossos e sofrendo fortíssimo traumatismo cerebral..

O médico que o atendeu, na ocasião, deu-lhe apenas seis meses de vida.

Quarenta-e-três anos depois, Martin rolou uma escada, fraturando várias costelas, uma das quais perfurou o seu pulmão direito; apenas restabelecido, foi atropelado por um automóvel, sofrendo novas e várias fraturas. Finalmente, caiu do leito e partiu um braço. Três dias depois morria serenamente no hospital. Tinha noventa-e-três anos de idade.

AUSTERIDADE E BOM-HUMOR

Segundo o jornal inglês, de onde extraímos a notícia, a mesma fêz o próprio Churchill rir até às lágrimas.

Acena se passou a bordo de um avião de companhia britânica. O aparelho chegou sôbre o aeródromo de Croydon e a aeromoça tratou de fazer as recomendações usuais, que sempre precedem a uma aterrissagem:

— Atenção! Estamos chegando à Inglaterra. Por favor, queiram apertar o cinto!

Nesse instante, um inglês, muito digno, levanta-se e protesta:

— Senhorita! Por favor, não procure fazer política!



«ACHADOS» DELICIOSOS — Inevitável como a trilha através de um terreno baldio.
— **Arch Ward**

ESTEJA EM DIA COM O MUNDO



EMBORA possam reconhecer todos os demais sons, as pessoas atacadas de **aphasia** de auditório (ou **surdez de palavras**) não podem compreender as palavras faladas. Até mesmo o som do próprio nome nada significa para elas.

HÁ CÊRCA de cinqüenta anos, o imperador Menelik II, da Etiópia, encomendou três «cadeiras-elétricas» aos Estados Unidos, depois de ouvir contar que a eletrocução era o processo mais moderno para a execução dos criminosos. Mas, para sua maior surprêsa, as duas primeiras chegadas a Addis Ababa não puderam ser usadas... porque, para seu funcionamento, precisavam de eletricidade, o que ainda não estava em uso em seu país! Por isso, durante vários anos, usou uma delas como... trono!

A DESPEITO do fato da impressão digital (ao contrário da caligrafia) não indicar se o indivíduo estava consciente, são de espírito, sóbrio ou até mesmo vivo quando a imprimiu sôbre um papel qualquer, a prática de aceitá-las em lugar da assinatura em documentos importantes, como um testamento, por exemplo, continua em vigor e mesmo aumentando assustadoramente, nos Estados Unidos.

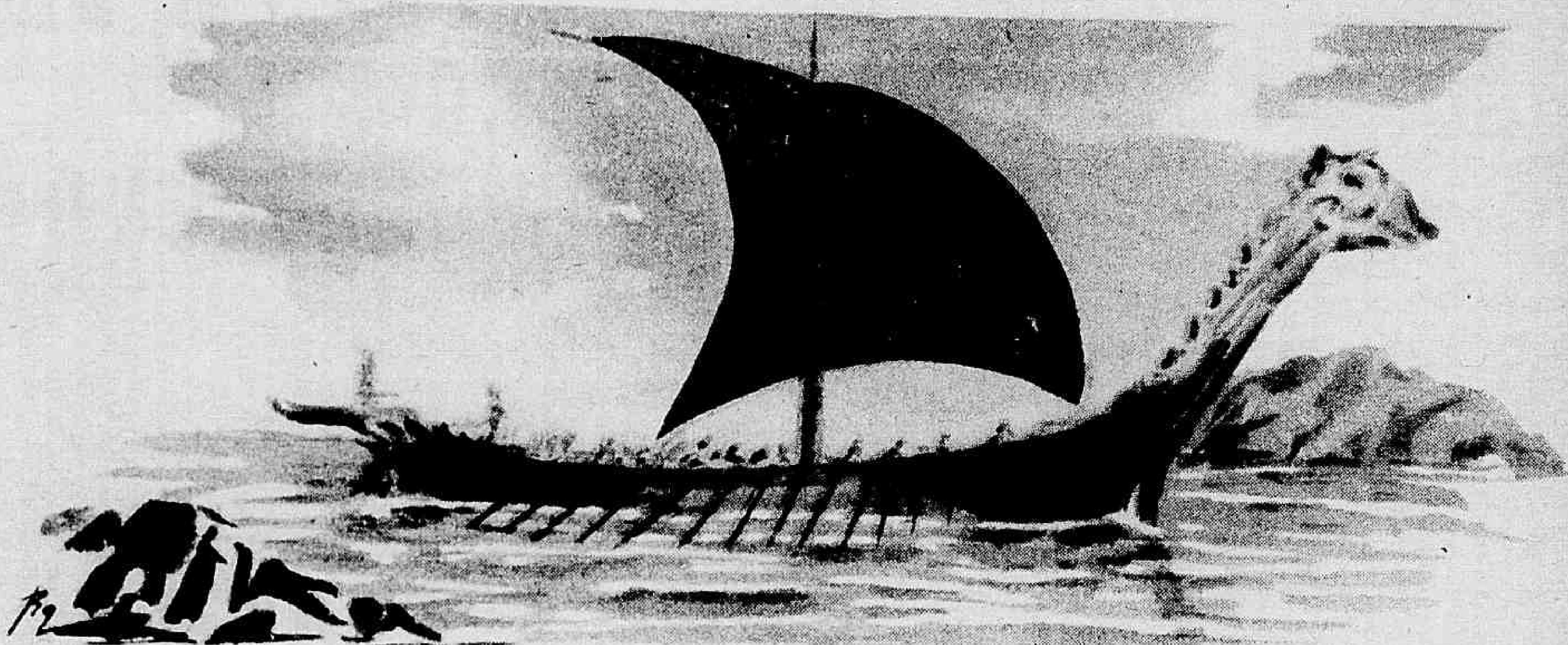
A HISTÓRIA NATURAL de Selborne, um livro escrito em 1789 por Gilbert White e relativo a animais, plantas e minerais de uma pequena região da Inglaterra, já teve, aproximadamente, 150 edições e é um dos raros clássicos dessa matéria em língua inglêsa.

O IDIOMA MALAIO cresceu tanto em popularidade e prestígio nos últimos cem anos que, atualmente, os povos de quase quarenta diferentes nacionalidades a adotaram totalmente, abandonando a sua língua materna.

O ÚNICO NAVIO de guerra da Marinha norte-americana com nome de mulher foi o «U.S.S. Harriete Lane». Foi êle o capitânea do almirante David Porter, durante a Guerra Civil. Miss Lane era a sobrinha do presidente Buchanan.

EM 1941 foram gastos 101 milhões de dólares em medicamentos curativos e preventivos, além de equipamentos e suprimentos para animais, sòmente na África. Porém essas medidas preventivas foram amplamente justificadas, pois que, em razão das mesmas, as perdas em bois, cavalos e mulas vitimados pela moléstia do sono, foram reduzidas de noventa por cento entre 1939 e 1940, ùnicamente pela aplicação intensa de vacinas.

AS PESSOAS que trabalhavam até altas horas da madrugada nas fábricas de material bélico e outras utilidades para os tempos de guerra, no ano de 1942 (crucial para os Estados Unidos), em Paterson, Estado de New Jersey, penduravam na fachada de sua residência, durante o dia, uma grande bandeira branca, com um grande «V» da Vitória e êstes dizeres: **«Trabalho Noturno. Silêncio, por favor!»**... para que os transeuntes cuidassem de não fazer barulhos desnecessários diante de suas janelas, pois precisavam dormir durante o dia.



O ÚLTIMO HOMEM SÔBRE A TERRA

Por DAVID HOWARTH

QUE pensaria o leitor se estivesse convencido de ser a última criatura civilizada existente no mundo? Talvez sòmente um homem se tenha encontrado alguma vez nesta situação macabra. Êsse indivíduo viveu em Greenland e morreu em 1550 e até hoje o seu nome é desconhecido.

Por acaso seu corpo foi encontrado por marinheiros alemães, pouco depois da sua morte. Tôdas as evidências eram de que êle vivera seus últimos dias, depois de enterrar seus derradeiros companheiros, convencido de que a civilização ia perecer com êle, deixando apenas alguns selvagens primitivos compartilhando do mundo com os animais.

Foi assim que tudo aconteceu: — Greenland foi colonizada por um viking chamado Eric, o Rubro, no ano 985, depois de Cristo.

Como tantos outros aventureiros que procuravam novas terras êste chegou até ali onde fundou uma comunidade, Greenland, que cresceu e prosperou, apesar da aridez que a rodeava. Eric, o Rubro, era pagão, assim como seus adeptos; mas, dentro de poucos anos, seu filho, Leif, se converteu ao Cristianismo durante uma visita que fêz à Noruega e, ao retornar a Greenland, foi seguido pelo povo, que aceitou, com fervor, a nova religião.

Eric foi um dos poucos que se insurgiram contra a nova doutrina e contam que, a desertar de seus antigos ídolos, preferiu abandonar a espôsa quando também esta adotou o Cristianismo.

Por duzentos anos aquela comunidade prosperou de modo modesto e simples. Em 1124 foi nomeado o primeiro Bispo de Greenland. Uma Catedral e um palácio episcopal foram construídos. Havia já muitas igrejas para as trezentas propriedades distribuídas ao longo da estreita faixa verdejante entre as montanhas geladas e o mar gelado.

Navios mercantes visitavam o lugar e os habitantes locais comerciavam trocando couro de foca curtido, peles e ossos de baleia por milho e madeira. Sabiam tirar e aproveitar o ferro existente nas

Para êle a aproximação da morte era uma perspectiva apavorante. Isto porque, pelo que sabia, êle era o último homem civilizado existente na terra!

montanhas e fabricavam seus próprios utensílios e armas.

Se a vida ali era apenas banal e monótona era também, por outro lado, honesta e pacífica. A terra era árida e ingrata, mas não havia inimigos humanos. Os esquimaus, único povo além dêles existente em Greenland, viviam lá para o norte e não os incomodavam.

O lugar, portanto, era como um lago tranqüilo não perturbado pelas tormentas terríveis que sacudiam a Europa naqueles dias. E, apesar de tudo, aquela paz trazia a semente da desgraça! A comunidade não seria jamais independente porque não era possível cultivar ali aquêles dois artigos essenciais: milho e madeira. Era preciso comerciar e em posição não vantajosa, pois tinham que lutar para persuadir os negociantes europeus a arriscar-se a longa e perigosa viagem até ali.

Aos poucos, de geração em geração, a política começou a falhar. Não se sabe por que. Talvez os naturais de Greenland tenham experimentado o problema que aflige tantos grandes centros civilizados: esgotaram-se as fontes naturais do lugar, focas e baleias começaram a escassear. Com pouco que oferecer aos comerciantes pouco também era o que entrava e o pão começou a faltar, já não sendo possível construir novas casas por falta de madeira. Em vista da situação precária, depois de dois séculos e meio de independência, os naturais de Greenland resolveram sacrificar a liberdade e, em 1261, submeteram-se à proteção do rei da Noruega. A República se tornou uma colônia real! A Noruega se havia mantido por tanto tempo como a mais poderosa dos mares do norte, que parecia inabalável no seu poder e ninguém poderia supor que sua superioridade estava para extinguir-se.



Chegara a sua vez de morrer... e com êle o mundo termi

Por algum tempo tudo correu bem.

O rei da Noruega deve ter pensado que as fontes de comércio de Greenland eram vantajosas, pois tornou-as imediatamente monopólio do reino e proibiu todo e qualquer intercâmbio e entrada de navios

mercantes particulares no pôrto. Aos poucos, porém, foi se convencendo da verdade e, sentindo que a situação era insustentável; entretanto, tendo estabele-



naria. Tôdas as aspirações humanas teriam ali o seu fim...

cido o monopólio não queria abrir mão do mesmo, embora sabendo-o inútil e por tal motivo a crise e o isolamento de Greenland aumentaram assustadoramente.

As visitas dos navios reais eram raríssimas e as de barcos particulares proibidas.

Lá pelo ano de 1345, os recursos de Greenland eram tão escassos que o Papa dispensou seus habitantes do pagamento de décimas. A partir daí sabe-se que um período de nove anos transcorreu sem que um só navio aportasse a Greenland.

E em 1490 dizem os cronistas que oitenta anos haviam passado sem que o pôrto fôsse visitado por qualquer embarcação.

O último navio que lá estivera partira de Bergen em 1410! Cento e quarenta anos mais tarde marinheiros alemães, levados por uma tormenta, foram dar naquelas terras desoladas, onde encontraram um cadáver solitário.

Para desvendar o que se passou em Greenland naquele século e meio foi necessário recorrer à arqueologia.

Em 1920, expedições dinamarquesas escavaram o solo de Greenland e descobriram vestígios de uma história verdadeiramente patética. Isolados do resto do mundo e das fontes de Fé Cristã, ainda assim os naturais de Greenland enterravam seus mortos seguindo os princípios das cerimônias fúnebres cristãs. Alguns tinham mesmo caixões, outros não; mas todos tinham uma cruz sôbre a sepultura e uma cruz de madeira entre as mãos. Era êste, talvez, o único ponto evidente em cada túmulo que não falava da pobreza, da extrema miséria em que viveram.

Os mortos eram enterrados com as vestes que usavam enquanto viveram: longas túnicas de lã, tanto para homens como para mulheres, e um capuz de lã.

Presume-se que os corpos eram enterrados com suas roupas mais novas e ainda assim a maioria tinha túnicas remendadas.

ESPAÇO VITAL

Os esqueletos desenterrados contam uma triste história de miséria e privações. Todos com evidência de subnutrição! Poucos dos homens tinham estatura superior a um metro e meio — contrastando com os vikings, seus ancestrais — e a maioria das mulheres não passava de um metro e quarenta! E, outra evidência desoladora: uma grande maioria havia perecido com menos de trinta-e-três anos de idade!

Outro fator, além do isolamento, havia contribuído para aquela situação de desespêro. Tudo indica que o clima, em geral severo, se tornara ainda pior com o correr dos séculos. Isto, aos poucos, levou os esquimaus, nômades, para o sul, em direção à terra dos colonizadores vikings.

Os esquimaus, de um modo geral, nunca foram belicosos, mas a carência de espaço vital tem levado muitos povos pacíficos à guerra e há indícios de cruentas batalhas entre os naturais de Greenland e um número muito superior de esquimaus, que não tardou a dominar a fraca e mal nutrida população local. Podemos reconstituir um pouco a história do homem que morreu em 1550.

O navio alemão entrou num *fjord* para proteger-se da tormenta. Havia ali várias ilhas e, em algumas, vestígios indicando a existência de esquimaus.

Nada sabendo sôbre os mesmos, a tripulação começou a pesquisar até descobrir uma ilha onde havia ruínas, embora sem sinais de vida. Desembarcaram ali, onde ao lado de uma habitação deserta, encontraram o corpo.

RAÇA DESAPARECIDA

O cadáver trajava túnica de tecido feito a mão, como se usara na Europa muitos séculos atrás, e, a seu lado, como um símbolo de civilização e em contraste com as armas primitivas da idade da pedra dos esquimaus, havia uma faca tão gasta pelo uso e tão afiada que pouco restava da lâmina. Em volta do cadáver solitário estavam as ruínas e os sinais de uma raça para sempre desaparecida.

A histório nada nos conta sôbre êsse homem, a não ser a sua morte, mas a imaginação pode ajudar um pouco:

Não podemos garantir que êsse foi o último homem restante dos nativos de Greenland; é possível que outros existissem separados uns dos outros por grande distância e errantes pelas ilhas do *fjord*. Mas a tripulação do barco alemão não achou senão aquêle, e o fato de ser êste o único morto que não tinha funerais cristãos sugere que êle havia enterrado piedosamente seus últimos amigos e parentes mortos e que ninguém restara para assistir seus últimos momentos. Quais seriam seus últimos pensamentos?

Em sua vida, êle jamais vira outros sêres humanos além daqueles que estavam mortos e das tribos primitivas que haviam atacado seu povo com tanta hostilidade. Vivera sempre entre os monumentos do passado junto à Catedral em ruínas e as casas vazias, construídas muito tempo antes por seus ancestrais.

O FIM DE TUDO

Devemos supor que na sua infância aquêle homem tenha ouvido de seus pais e avós histórias estranhas acêrca de navios que vinham de países amigos, cruzando mares longínquos. Mas o último dêstes navios estivera ali muitas gerações antes da dêle própria e, assim, nunca tivera oportunidade de falar com alguém que pessoalmente tivesse visto um.

O último navio tinha, pois, para êle a distância remota que para nós tem a batalha de Agincourt.

Em comunidades antigas os fatos se tornam lendas muito depressa e, num lugar onde o povo morria tão jovem, êste processo bem podia ser acelerado.

Aquêles navios, portanto, tomavam feições irreais de contos de fadas para o homem morto. Êle não poderia imaginar, sequer, porque as visitas de intercâmbio haviam cessado e que outros povos civi-

lizados pudessem existir fora de Greenland. Pôde, apenas, quando tombou para morrer, acreditar que tôdas as tradições cristãs e tôda a civilização simbolizada pelo seu traje e pela sua faca de metal morriam com êle *para sempre!*

Que o mundo, agora, seria entregue aos incultos esquimaus, aos animais selvagens, às baleias e às focas.

Vinte-e-oito anos depois da passagem dos navegadores alemães, Frobisher descobria Greenland.

Descobria, também, que os esquimaus tinham uma espécie de arma de metal, de ferro, talvez, mas não soube explicar como êles as fabricavam.

Frobisher jamais ouvira falar da extinta raça de Greenland e os esquimaus nunca a mencionaram!

★ ★ ★

BARBA PROIBIDA



A Côrte Correcional de Bruxelas condenou a pesada multa um automobilista surpreendido quando dirigia o automóvel com uma só mão, enquanto com a outra, empunhando uma navalha elétrica, fazia a própria barba. Isso, em plena cidade!

— Eu tenho o dereito de fazer a barba onde e quando me der vontade! — defendeu-se o automobilista.

— É verdade — respondeu o juiz. — Mas não tem o direito de atropelar os transeuntes!

CHEQUES PARA CANHOTOS

UM banco americano, na Califórnia, pôs recentemente em circulação um novo sistema de cheques para pessoas canhotas. Sabe-se que os canhotos escrevem com a mão esquerda. Os talões dêstes cheques são do lado direito.

Esta reforma foi feita em seguida ao pedido de uma companhia de seguros com a finalidade de combater os cheques falsos.

★

FI-FIU....

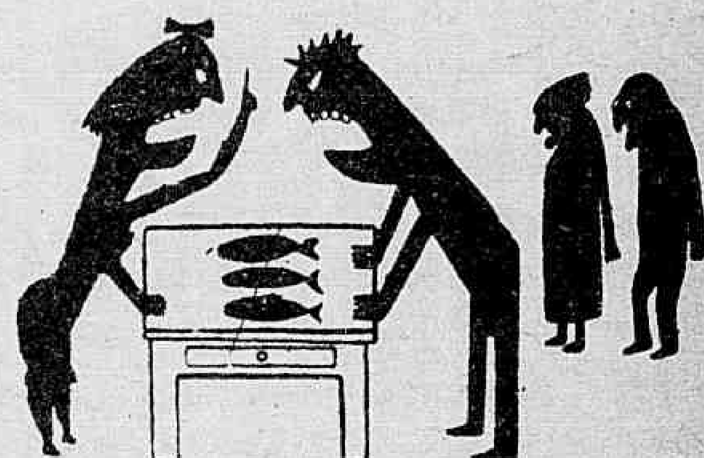
ANÚNCIO, num jornal inglês (Quem diria?) referente ao filme italiano: **Infidelidade**.

«A estrêla dessa produção é Alba Arnova, a mulher junto da qual o cinema em relêvo parece plano...»

★

«ACHADOS» DELICIOSOS — O mato ia bordando a estrada com finos pespontos verdes. — **Maurice Seitter**

AS TRUTAS DO DIVÓRCIO



O professor Henry Micolajczyk, docente de arquitetura na Universidade de Illinois, havia realmente «arquitetado» perfeitamente o seu lar. Êle e a espôsa formaram, durante 20 anos, um par ideal. Nenhuma rusga, nenhuma nuvenzinha perturbou a sua vida em comum durante êsses quatro lustros. Mas, repentinamente, procuraram cada qual um advogado, iniciando um ruidoso divórcio. Tudo por culpa de três trutas, pescadas durante uma partida de pesca e sôbre cuja captura cada qual entrou a gabar o mérito.

★ ★

NOVA CAUSA PARA DIVÓRCIO

A psicanálise domina inteiramente nos Estados Unidos. Todo o mundo se submete ou é forçado a submeter-se a êsse exame: condutores de ônibus, policiais e até cães de estimação.

Está havendo, atualmente, no grande país do Norte, um verdadeiro registro do subconsciente, que, por um nada, esmiúça o passado do indivíduo, penetra pelas vias mais secretas do seu **eu** para extrair conclusões definitivas — e quase sempre tôlas.

Êsse esporte perigoso é praticado mesmo entre marido e mulher e essa foi a razão porque a sra. Maureen McGuire, de Seattle, acaba de solicitar divórcio.

— Meu marido tornou a nossa vida em comum absolutamente intolerável — explicou ela. — Sempre que tem um instante livre trata de me psicanalisar assim como aos nossos dois filhos!

Talvez se trate de alguma deformação profissional... — ponderou o magistrado.

— Nada! Êle não é médico nem psicanalista. Apenas ganhou ligeiros conhecimentos quando serviu na Marinha.

O juiz concedeu o divórcio em favor da sra. McGuire, com o motivo: **«Vítima de crueldade mental»**

E, para não perder a ocasião, indicou que o marido fôsse, por sua vez, submetido à psicanálise!

Como matei um

Por JACQUES SOUBRIER, explorador.

EXISTE um local, nas densas selvas da África Equatorial Francesa, de que me lembrarei até ao dia em que morrer. Foi ali que levei a efeito a mais estranha caçada de que se pode ter notícia e a mais absurda de tôdas as minhas explorações. Meu guia era um dêsses «homens esquecidos» da selva — uma das curiosas criaturas que por ali habitam e que raramente são vistas por nativos ou homens brancos.

Estávamos marchando a três dias, quase sem parar, através do mato virgem, numa excursão de caça. Esparsos raios solares filtravam pelas copas das enormes árvores que nos envolviam, formando uma imensa abóbada esverdeada. Keidrou, meu caçador nativo, ia abrindo o caminho, um pouco à minha frente, com vigorosos golpes do seu machete. Caminhava, por meu turno, com o rifle numa das mãos e um machete na outra. Atrás de mim, carregadores nativos, com fardos de suprimentos a balançar em suas cabeças, moviam-se lentamente numa longa fila indiana. Estávamos penetrando fundo no seio da região selvagem que compreende o território de Cavally, não muito distante da velha Costa dos Escravos. Dentro em pouco, estaríamos nas florestas impenetráveis, por onde vagueia a tribo dos canibais Guere.

Ao deixarmos para trás um pequeno rio infestado de crocodilos, a selva se tornou ainda mais estranha e perigosa. A luz do sol quase não chegava até ali, pois as gigantescas árvores impediam a penetração da mesma. Algumas vêzes tropeçamos, na terra fôfa, que constituía apenas um exemplo dos perigos que nos aguardavam, com os setores de areias movediças que por ali se espalham. O calor era infernal. De hora em hora, eu comandava um alto, a fim de que os meus carregadores descansassem. E, no momento em que parávamos, o silêncio da selva se fechava em tôrno de nós, e a quietude reinante lembrava a de um cemitério.

Durante um dêsses períodos de descanso, ouviu-se um terrível grito, partido de algum lugar próximo. Era um grito estranho, difícil de identificar, e apurei o ouvido, alarmado e ao mesmo tempo intrigado.

Novamente o grito se fêz ouvir, ecoando pela selva. Mas nenhum animal apareceu, e não havia qualquer movimento característico entre as folhagens.

Voltei-me para Keidrou, interrogando-o. O rapaz estava como petrificado. Abria a bôca e não conseguia pronunciar qualquer palavra. Pela terceira vez o grito ecoou. Aterrorizado, Keidrou agarrou o meu braço, exclamando frenèticamente:

— **Dosseu! Dosseu!** (O demônio.)

O estranho grito não me surpreendeu, tendo ficado apenas ligeiramente assustado. A região estava cheia de lendas e histórias a respeito de fantasmas e demônios. Os nativos acreditavam que homens-panteras habitavam a floresta, da mesma forma porque os povos civilizados não duvidavam da existência de bruxas e lobisomens, em séculos passados.

O último grito se perdeu pela selva e não mais se fêz ouvir. Retomamos a nossa marcha. Depois de caminharmos àrduamente, cêrca de uma milha, tornamos a ouvir aquêle som aterrador. O «demônio» parecia estar atrás de nós! Um mêdo violento nos assaltou. **Estávamos sendo vigiados por algum caçador sobrenatural!**

Ao cair da noite, acampamos numa pequena clareira. Pouco depois, uma boa fogueira estava acesa, no centro do semicírculo formado pelas tendas. Os homens estavam nervosos e procuravam conservar-se juntos, cantando em surdina não sei que rezas estranhas e infindáveis.

Seus olhos, porém, não cessavam de perscrutar a parede negra formada pela floresta, temerosos do desconhecido, e sob a impressão de que estavam sendo observados por algo fantasmagórico.

Após o jantar, tratei de deitar em minha pequena cama de campanha e acendi o cachimbo. Fiquei a observar as chamas da fogueira e a minha inquietação aumentou com o canto monótono dos negros. Estava a ponto de adormecer, quando o terrível grito novamente se fêz ouvir abalando a selva — e agora muito mais perto de nós! Os carregadores saltaram, assustados, e interromperam o seu canto. O grito não era o gutural «Heu! Heu!», do chimpanzé, nem o uivo lúgubre da hiena. Embora incompreensível, era **um grito humano**, como o berro de um louco ou de um idiota. Keidrou correu para o meu lado e virtualmente me obrigou a sacar a minha pesada Mauser de caça.

— **Dosseu! Dosseu** — exclamou novamente, aterrorizado.

Por uma fração de segundo, pensei em apanhar uma lanterna e penetrar no mato. Mas logo me compenetrei da tolice que cometeria. Receava deixar ali os meus carregadores e Keidrou. Relembrei-me das histórias que já ouvira a respeito dos **homens-pantera** e dos **espíritos da floresta**, contadas pelos feiticeiros de Toulepleu, Tai e Kargueson. Quase de meia em meia hora o grito foi ouvido, nas cercanias, provindo de ângulos variados.

Hora após hora, fiquei à espera da madrugada. Finalmente, uma tênue luz começou a filtrar pela floresta e chegou até nós. Tornei a carregar o meu rifle de caça — uma das câmaras com balas comuns e outra com projéteis de maior penetração. Keidrou dormia. Levantei-me e penetrei, sòzinho, na selva.

A cada dez passos parava, apurando o ouvido. Sùbitamente, ouvi um mover de fôlhas, muito próximo ao local em que me encontrava. Permaneci imóvel, alerta, escondido atrás do tronco de uma árvore. Então, ouvi novamente aquêle grito, agora muito perto do local em que estava parado. Tive o pressentimento de que um terrível drama estava para começar. Apesar da proximidade do desconhecido que emitia êsses gritos, nada consegui divisar, apesar do esfôrço que fiz nesse sentido.

Cinco, dez minutos, talvez, passaram. Meu dedo indicador estava junto do gatilho, pronto para comprimi-lo. Gôtas de suor escorriam lentamente por minha fronte. Repentinamente, um arbusto se

moveu a cêrca de seis metros à minha frente. Notei uma forma escura, que se movimentava entre as sombras do arvoredo. Sabia que aquilo era coisa. Continuei imóvel, respirando apenas e com a esperança de que essa criatura misteriosa surgisse da ramaria, por alguns segundos que fôsse, a fim de

fantasma

caçador e novelista francês



que eu pudesse ver com que se parecia. Novamente o arbusto foi movimentado, já agora iluminado pelos primeiros raios do sol nascente.

Mais uma vez, porém, pude sòmente distinguir uma forma escura, nas sombras, por trás da ramaria... Mas aquêle estranho ser não aparecia. Não pude mais agüentar a tensão, e levei o rifle ao ombro, fazendo pontaria. Cuidadosamente apontei com os dois canos, firmando a arma num pequeno arbusto que terminava em forquilha. (Até hoje ainda posso ver aquela forquilha diante de mim!) Automàticamente, com mão firme, comprimi o gatilho e mandei a carga de chumbo até ao local visado.

Um terrível grito de agonia ecoou em seguida ao tiro de minha arma. Inúmeros tucanos voaram em espirais, fugindo à confusão que logo reinou no seu «habitat». Macacos, gritando frenèticamente, correram de um lado para outro, pelos galhos das árvores. No meio dos arbustos adiante, ouvi o rumor de um corpo que tombava. Corri naquela direção, com a pistola de caça pronta para entrar em ação. E então me detive e olhei para a terra, coberta de fôlhas, petrificado com o que via. Numa fração de segundo, comprendi a natureza de meu gesto. Acabara de matar um homem indefeso.

Penetrei naquele emaranhado de galhos e examinei mais de perto o meu «fantasma» — um nativo, com o rosto contorcido e o corpo ainda tremendo, pelas terríveis feridas que a carga de chumbo produzira em seu pobre corpo. Agachei-me, sem poder falar. Por um momento, meu único pensamento foi o de sair correndo, fugir daquela cena trágica. Mas a idéia de que ainda podia prestar algum auxílio ao infeliz fêz-me permanecer ali. Minha vítima tinha o corpo deformado, com as pernas demasiadamente curtas para o tronco. O corpo todo estava coberto de pêlos longos e ásperos. As mãos, grotescas e contraídas, estavam crispadas sôbre o próprio rosto, ensangüentado.

Por um momento, em sua agonia, levantou as mãos, debatendo-se, e pude ver-lhe o rosto, de faces encovadas como duas fossas, e quase bestial. Os olhos, esgazeados e de brilho aparentemente calmo, concentravam-se em meu vulto, denotando temor e parecendo implorar piedade, pedindo auxílio naquela mutez que me deixava condoído.

Dez anos já se passaram, e até hoje ainda não consegui esquecer aquêles olhos, mesmo depois de haver presenciado os horrores da moderna artilharia e os bombardeios aéreos.

O homem murmurava qualquer coisa, mas as suas palavras eram totalmente incompreensíveis para mim. Antes de que eu pudesse fazer qualquer coisa, o seu corpo teve um último estremecimento, o desgraçado emitiu um último grito e, finalmente, sucumbiu.

Uma inspeção mais demorada das suas enormes e poderosas mãos e pés, lembrando os de um macacão, trouxe-me a verdade a respeito de um estranho costume de certa tribo e do qual eu ouvira falar constantemente, mas nunca havia acreditado. A história dizia que quando um criança idiota nascia numa tribo dessa região era imediatamente levada, amarrada, até um formigueiro e ali abandonada, para ser devorada pelas formigas. No entanto, se a idiotia aparecesse sòmente mais tarde, o idiota, homem ou mulher, era abandonado na selva.

Alguns dêsses infelizes, às vêzes, conseguiam sobreviver, de algum modo, nas enormes florestas, comendo raízes e frutos, morando nas árvores, como os macacos, e gradualmente se transformando em semiferas. Em algumas regiões, segundo já se teve notícia, chegam a reunir-se em pequenas tribos — um estranho agregado de sêres humanos semidementes, mais semelhantes aos macacos do que aos homens. Como um último gesto de arrependimento, cobri o cadáver do infeliz com fôlhas, plantas e terra, tendo o coração pesado e censurado o meu gesto precipitado, sabedor de que naquela região da «jungle» jamais tivera até então qualquer dificuldade, e minhas caçadas sempre haviam transcorrido normalmente. Finalmente, pousei o rifle no ombro direito e retornei ao acampamento.

Alarmados pelo tiro, Keidrou e alguns dos carregadores vasculhavam a floresta a minha procura. Expliquei que apenas matara uma ave, que acabou desaparecendo em meio à espêssa folhagem. Insisti na afirmação de que nenhum «fantasma» ou ser estranho se atravessara em meu caminho e ordenei que o acampamento fôsse desfeito.

Desde aquêle dia, não tornei a disparar um rifle ou qualquer outra arma, e nem pretendo fazê-lo jamais, se puder evitar. Talvez isto seja uma expiação pelo crime que cometi na floresta.

PARA SERVIR COMO UM SÍMBOLO

A história começou há 40 anos, quando uma família armênia, fugindo da opressão otomana e após inenarrável sofrimento, pôde alcançar os Estados Unidos. Separados dos restantes parentes, Harry Kazanjian e seu pai viveram algum tempo em Paris, onde tinham amigos joalheiros. O que economizavam era destinado a pagar a passagem de outro filho, James, de 12 anos, para a América. Falando apenas algumas palavras de inglês, . James tratou de vender jornais, engraxar sapatos e executar outros trabalhos. Nas horas vagas estudava inglês e história.

Harry, que fôra aprendiz de joalheiro em Paris, com o pai, foi reunir-se à família, cinco anos mais tarde e os Kazanjian se instalaram com um pequeno *atelier* de ourivesaria em New York. Trabalharam muito até tornar-se uma das mais importantes firmas da cidade. E para traduzir sua gratidão ao país que os recebera, decidiram esculpir um busto de Lincoln, que, para êles, simbolizava as vantagens do viver numa terra livre, em que cada um vale por seus predicados de honradez e trabalho. Procuraram na sua já então preciosa coleção de pedras preciosas e escolheram a maior safira do mundo, pesando 2 302 quilates e que fôra encontrada enterrada na areia no fundo de um rio australiano, tendo sido avaliada em 80 000 libras.



Com apenas duas e meia polegadas de altura, a cabeça de Abraham Lincoln está avaliada em oitenta mil libras esterlinas.

Nunca, até então, tão delicado trabalho fôra tentado em gema tão dura e dessas dimensões. Não tinham os instrumentos que determinassem a estrutura interna da pedra.

Porém tinham ouvido falar num tal Norman Mannes, antigo carpinteiro que se dedicara a gravuras de alta qualidade.

Primeiro, Mannes tentou cortar a enorme safira com carborundum, sem resultado e assim apelaram para o diamante. Pouco a pouco a forma foi surgindo, os traços apareceram e houve um instante dramático quando projetou o nariz, que teria que ser correto, sem o que seria necessário refazer todo o rosto! No período final, Mannes usou rodas de lapidar de tamanho inédito: a 64ª parte de uma polegada de diâmetro, tendo que segurar a safira na própria mão, para trabalhar. Tudo, porém, correu como esperavam os irmãos Kazanjian, que ofertaram o precioso trabalho ao govêrno dos Estados Unidos da América como um monumento nacional.

A HISTÓRIA DA MEDICINA contém alguns dos mais incríveis casos de obesidade juvenil e infantil. Uma certa Ruth Pontico pesou nove quilos ao nascer, enquanto um menino, Isaac Butterfield, pesava cinqüenta e quatro quilos com um ano de idade. Outras duas meninas também merecem ser citadas. Suzanna Tripp pesava cento e oito quilos aos seis anos de idade, enquanto Millie Josephine pesava duzentos e quinze quilos aos treze anos!



Detalhe da "Criação de Adão", de autoria de Miguelangelo.

Sentimo-nos fortes, alegres e incansáveis, quando escorados na fôrça do nosso companheiro..

DEUS É MEU COMPANHEIRO

Por Margaret Lee Runbeck

TODO indivíduo que realiza qualquer trabalho, grande ou pequeno, tem que admitir — se honesto — que nessa tarefa teve um Divino Ajudante ou Companheiro. Uma criança que planta um caroço de feijão, num vaso com terra ou o grande naturalista que ensaia novos métodos, em vasta área de terreno, um e outro sabem que sua semente desapareceria no barro ou na lama, se o Ajudante não cuidasse do seu desenvolvimento.

O que o homem realmente executa, para a realização de uma obra qualquer, é a parte mais simplória. Deus cuida realmente de tudo dentro e fora de nós, através de tôda a terra. Mas, de fato, é preciso que iniciemos o trabalho, para que Deus possa terminá-lo. É suficiente executarmos o primeiro passo para que Deus imediatamente forme ao nosso lado e siga conosco para nosso destino. Como podemos contribuir para uma emprêsa qualquer? Muito simplesmente. Começamos com as habilidades que temos, por menores que sejam elas e por maior e mais difícil se afigure o que pretendemos realizar. Sòzinhos, somos apenas um ligeiro segmento da vontade. Deus, estando conosco, completa o poder necessário. Sempre somos hesitantes, medrosos e inábeis, quando nos sentimos isolados. Mas ganhamos fôrça, ânimo quando confiamos em Deus e nos compenetramos de que Êle está conosco. Eis porque devemos sempre e cada vez mais Confiar!

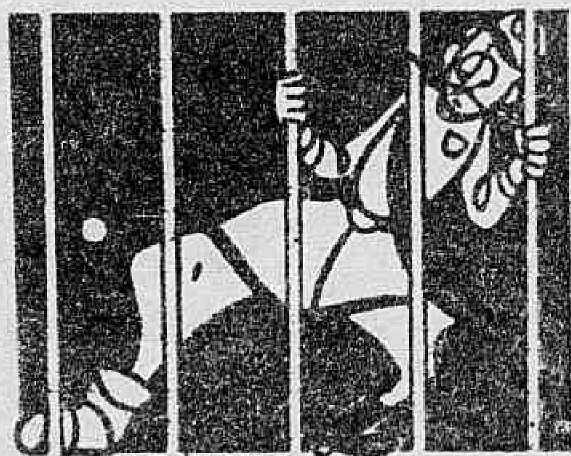
Cabe, a nós mesmos, oferecer o que podemos. Deus se encarrega de dar o que não podemos. — S. Jerônimo (340-420, *D.C.*)

A POLÍCIA TAMBÉM SOFRE

SIMPLES ENGANO — O detective Jerry Helton, de Cincinnati, Estados Unidos lutava valentemente com um elegantíssimo batedor de carteiras, que surpreendera aplicando o golpe. Repentinamente, surge



um transeunte de "boa-vontade", armado de garrafa e, zás!, aplica tremenda garrafada contra a cabeça do policial. Explicou, depois, que tomara o detective pelo assaltante, em razão de estar vestido com roupa muito surrada, enquanto o outro parecia uma figura recém-saída de um figurino.



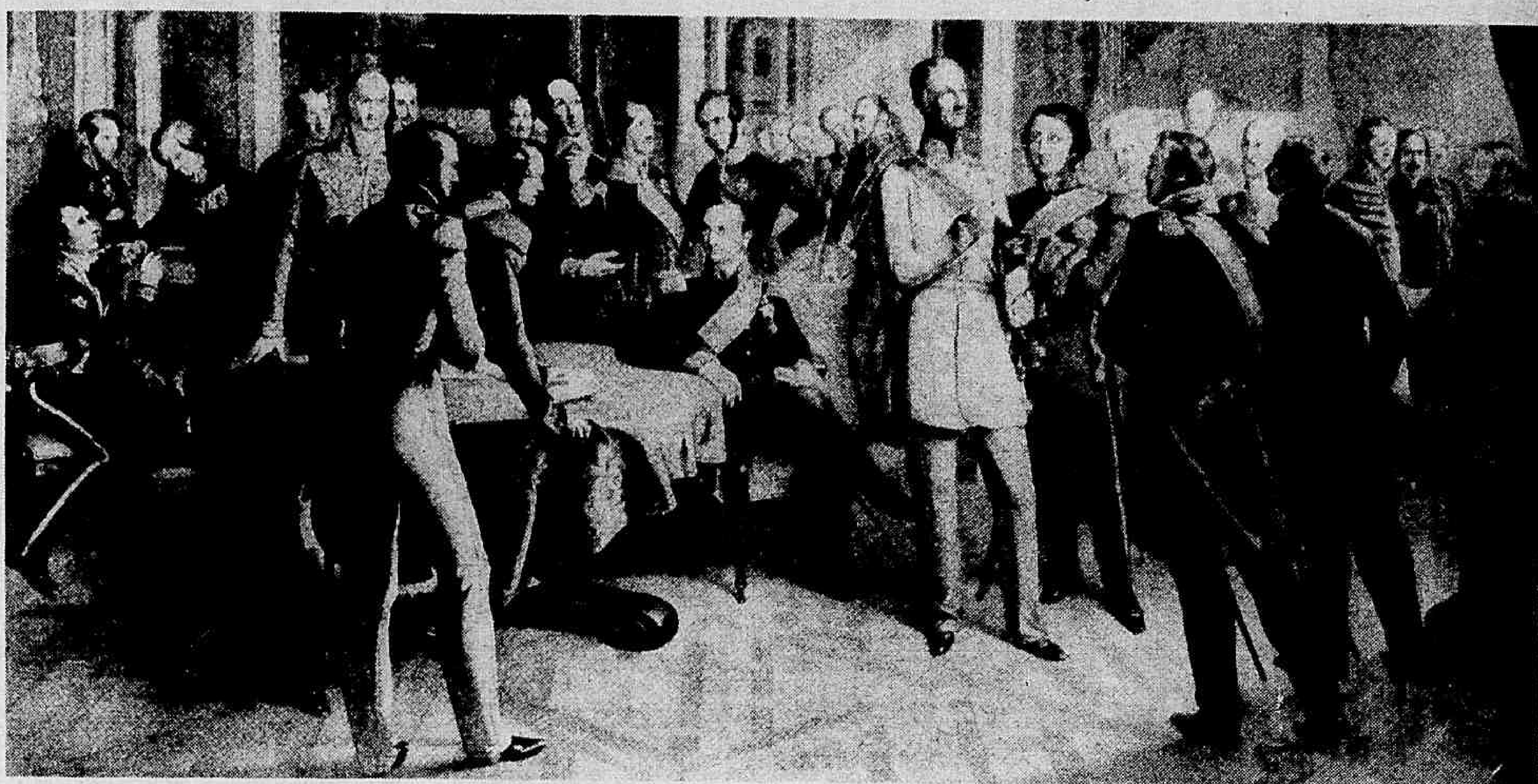
OU OITO OU OITENTA — Quando o chefe recomendou a C. T. Ripley, policial do tráfego, em New York, que trabalhasse com mais empenho, o homem saiu para a rua disposto mesmo. Tanto assim que, em uma só manhã, multou cêrca de oitenta motoristas. Entretanto, por êsse trabalho todo foi censurado e suspenso por "excesso de zêlo":

TIRO ERRADO — Mas acontece coisas piores. Por exemplo, José Espinosa, policial de ronda em Ciudad de México, foi obrigado a intimidar um ébrio metido a valente, que o atacava em plena rua. Ao sacar a arma do coldre, esta foi logo disparando, indo a bala atingir um dedo do infeliz Espinosa, que, louco de dor, deixou escapar uma praga pouco católica. Como resultado, as autoridades mandaram o policial para o xadrez, acusado de pronunciar palavras impróprias para um policial e usar o revólver sem necessidade.

ATREVIDO! — Em Paris, quando um policial se curvava para apanhar o lápis, que deixara cair na calçada, uma senhora que passava parou e desferiu-lhe terrível pontapé, por acreditar que êle apenas desejara olhar melhor as suas pernas.

RI MELHOR... — Em Filadelfia, um inspetor de veiculos multou, por estacionamento em local não permitido, o veículo de um colega. Êste, em revide, decidiu multar também o companheiro por infração: um pedaço de papel carbono, que caíra do caderninho do primeiro. O guarda do automóvel foi multado em cinco dólares, porém o segundo policial foi multado em 14 dólares... por sujar a rua.

O SINAL É QUE MANDA! — Os guardas do tráfego, numa cidadezinha do sul da Inglaterra, ficaram boquiabertos e indignados quando centenas de indivíduos cruzaram a mesma em velocidade realmente suicida. Finalmente, conseguindo deter um dos infratores, os policiais ficaram sabendo que alguém, com carvão e muito hàbilmente — havia transformado o sinal do tráfego, que indicava 30 milhas horárias para... 80 milhas!



CONFERÊNCIA DE DRESDE (1850) — As diferenças entre a Áustria e a Prússia originaram intermináveis atritos sôbre questões da federação, ocorrências que ocuparam a atenção dos Estados alemães em 1850. Em Dresde foram realizadas muitas conferências, nas quais os delegados dos diversos Estados interessados discutiram amplamente o problema da reforma federal. A foto representa uma das numerosas assembléias.

O BUSÍLIS AUSTRÍACO NO PANORAMA ESTRATÉGICO

DESAFIANDO OS DIPLOMATAS DA "O.N.U."

Por
DE MATTOS PINTO

EISENHOWER, Churchill, Malenkov e Bidault irão reviver com o busílis austríaco, um dos mais tremendos problemas europeus, cuja origem remonta à decadência do Império Romano e à fundação do Império de Carlos Magno. O problema da unificação da Alemanha Ocidental e da Alemanha Oriental envolverá o debate da independência austríaca. Nenhum estadista europeu poderá fugir à solução de um caso de política internacional, que abrange determinação de fronteiras, de minorias, de raças em expansão geográfica e do equilíbrio europeu.

A conferência dos Quatro Grandes jamais poderá ignorar os antecedentes históricos da Áustria, na sua campanha secular por ser o árbitro da Europa. O general Theodor Koerner, presidente da República Austríaca, pleiteia a admissão do seu povo na Organização das Nações Unidas e fala na tarefa histórica da Áustria.



Klemens Wenzel Lothar — príncipe de Metternich-Wonneburg — estadista austríaco, que combateu a unificação dos povos germânicos e trabalhou pelo engrandecimento político da Austria-Hungria.

O panorama estratégico da Europa poderá mudar com a posição de uma potência austríaca, cujo exército e população pesarão como espada enigmática, no caso da Terceira Guerra Mundial. Poderá a "ONU" garantir a sua neutralidade, obstar uma futura anexação por parte da unificada Alemanha e congelar as aspirações de hegemonia da Áustria? Teme-se que a República de Viena venha a perder instantânea-

mente a sua neutralidade, como já a perdeu a Bélgica, no primeiro conflito mundial. E receia-se, ainda mais, que venha a ser um trampolim contra o Oriente ou contra o Ocidente. Atualmente ocupada por quatro exércitos, o norte-americano, o inglês, o francês e o soviético, a nação austríaca aspira recuperar a sua liberdade e influenciar nas contendas da civilização européia.

NASCIMENTO DE UMA POTÊNCIA NO FIM DA IDADE-MÉDIA

A queda do Império Romano trouxe, com o desmoronar da civilização latina e com a ruína da sua política imperial, uma grande confusão na convivência das raças dispersas na península balcânica. Carlos Magno implantou, na linha-média do Danúbio, a fronteira oriental do seu império, barrando a onda invasora dos eslavos e dos mongóis, que avançavam caóticos na direção de Europa Central. A "Ostmark" (Marco do Leste), a chamada *linha oriental* com que Carlos Magno deteve as incursões dos avaros e dos turcos, viria a ser o berço territorial de um grande império balcânico. A Áustria apareceu històricamente no cenário da Europa em 796, quando o rei dos Francos e Imperador do Ocidente, auxiliado pelos papas ambiciosos, depois de vencer os saxões, os bavaros e os avaros, entrou na planície da Hungria.

Na feroz campanha para conquistar o território, os reis germânicos se viram, em certa hora, impotentes e buscaram o auxílio dos húngaros, também chamados de magiares, ramificação uralo-altaica, com parentesco com os turcos e os finlandeses. Abalado pela migração desordenada das raças, o Império Romano do Ocidente não resistiu e a confusão se expandiu na bacia do Danúbio. Lombardos, eslavos, avaros, gepidos, ostrogodos, refluíam em guerras intermitentes.

Os húngaros exterminaram o reino da Moravia, saquearam a Itália, atravessaram a Alemanha e penetraram no interior da França, indo até ao Estreito de Calais. Durante séculos, os poderosos margraves, chefes civis e militares dos principados alemães, ensaiavam paralisar a horda dos bárbaros.

Primeiro em 993 e depois em 955, os reis germânicos Henrique, o Passarinheiro, e Oton, o Grande, derrotaram e forçaram



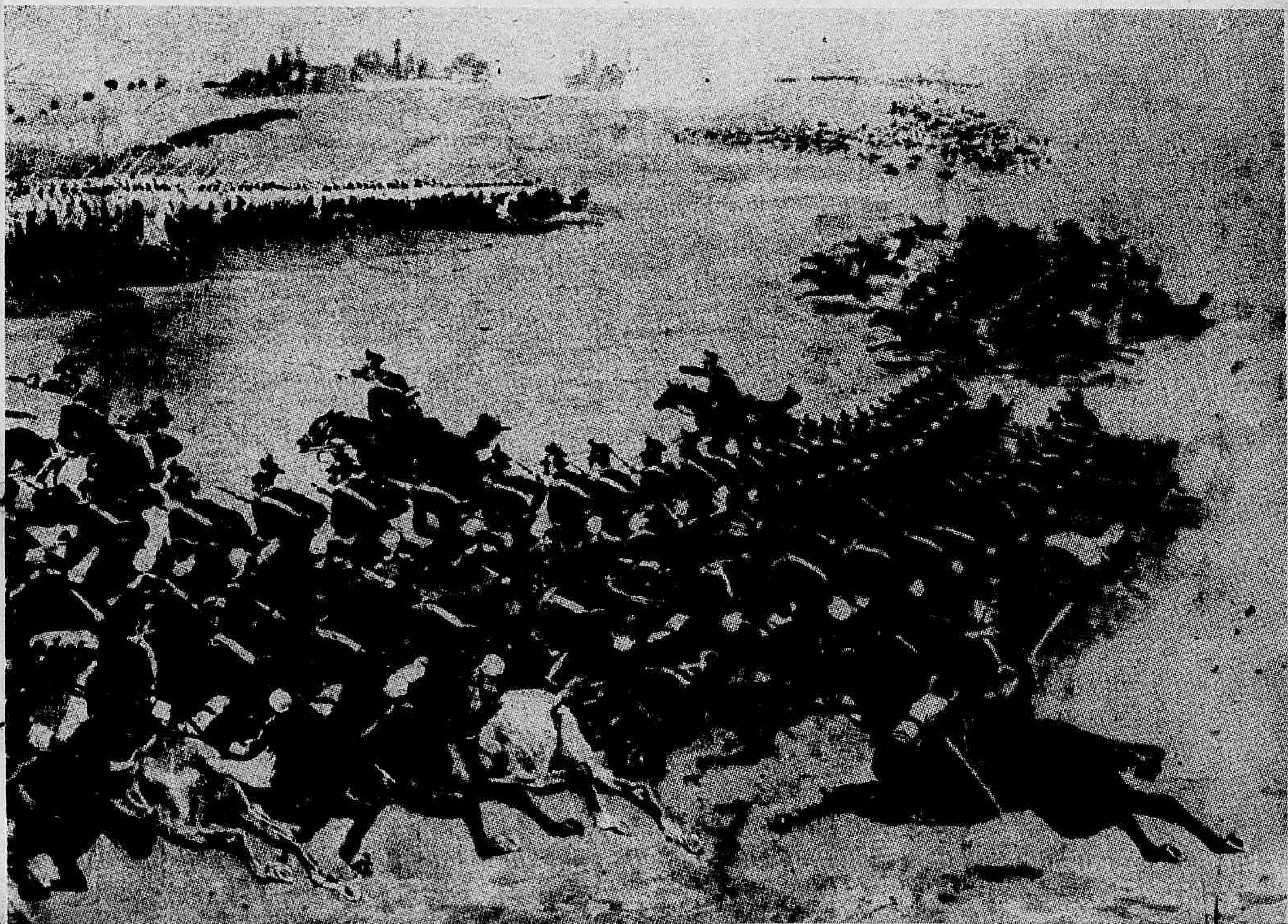
AS CAVALARIAS PRUSSIANA E AUSTRÍACA EM SADOWA — A batalha de Königgrätz ou Sadowa, como é chamada mais geralmente, começou com chuva e névoa às oito da manhã do dia 3 de julho de 1866. O príncipe Frederico Carlos se adiantou contra o centro da posição poderosamente fortificada dos austríacos, porém foi recebido com um terrível fogo de artilharia, que deteve seu ataque. O príncipe herdeiro chegou com seu exército ao meio-dia e atacou a retaguarda austríaca, dando com isso um apoio eficaz às tropas prussianos já em ação. O príncipe Frederico Carlos efetuou então um novo ataque e, depois de um sangrento combate, que durou até à noite, obteve uma brilhante vitória em tôda a linha.

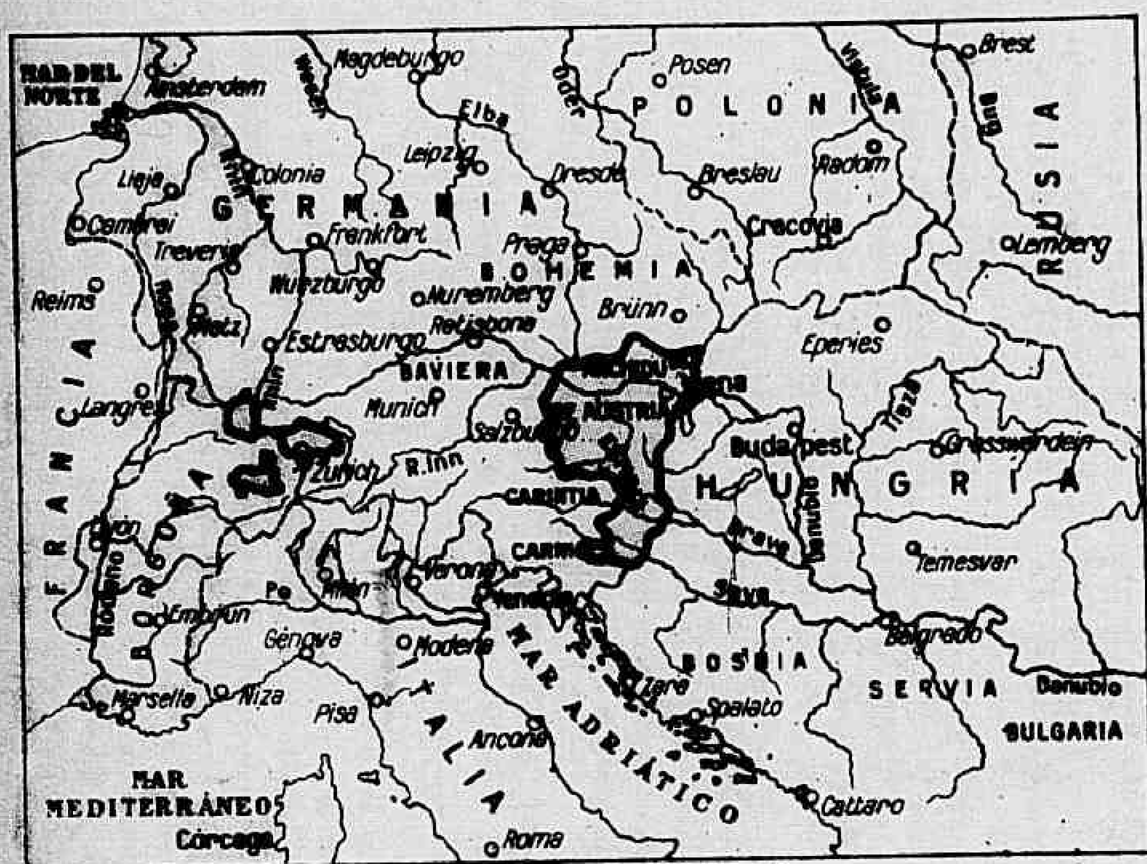
os húngaros a parar com as suas migrações. O nome — Áustria — começou a ser mencionado em 996 e figura como ducado a partir de 1156.

A distância dos Habsburgos, nome originário do Castelo de Habsburgo, sôbre o Rio Aar, inicia a sua história no século XII e no ano de 1282 apodera-se do ducado da Áustria. Rodolfo de Habsburgo, príncipe germânico da Áustria, recebeu, em 1278, o título de rei da Hungria e da Boêmia, consolidando a ascendência política dos margraves sôbre os outros povos da bacia do Danúbio. Em 1438 e 1439, outro personagem da família dos Habsburgos, o rei AlbertoV, ocupou o trono da Húngria. O seu poder militar ia crescendo e durante o reinado de Maximiliano I, 1493 a 1519, os austríacos construíram um grande Estado Germânico. Nessa época, surgiu o exército de cem mil turcos, comandado por Solimão, o Magnífico, que desbaratou os húngaros e ocupou a capital, a cidade de Buda.

Em 1526, quando reinava Fernando de Habsburgo, irmão de Carlos-Quinto, os austríacos ocuparam o território ocidental da Húngria. Os turcos dominaram Buda durante século e meio e só recuaram em 1686, depois de esmagados pelo rei polonês João Sobieski e os príncipes saxônicos. Leopoldo I impôs pela fôrça das armas, em 1687, o direito hereditário dos príncipes austríacos à coroa da Hungria. No curso do reinado de Pedro, o Grande, que viveu de 1672 a 1725, os Habsburgos já tramavam inci-


Karl Otto Bismarck derrotou os austríacos na Batalha de Sadowa, confederou os Estados germânicos do norte, venceu a França e fundou o Império Alemão, unificando os germânicos.





POSESIONES DE LOS HABSBURGOS (1283)

Possessões dos Habsburgos (1283)



TERRITORIOS DE LA CASA DE AUSTRIA (1524)

Territórios da Casa da Áustria (1524)



DOMINIOS DE AUSTRIA (1792)

Domínios da Áustria (1792)



AUSTRIA DESPUES DEL CONGRESO DE VIENA (1815)

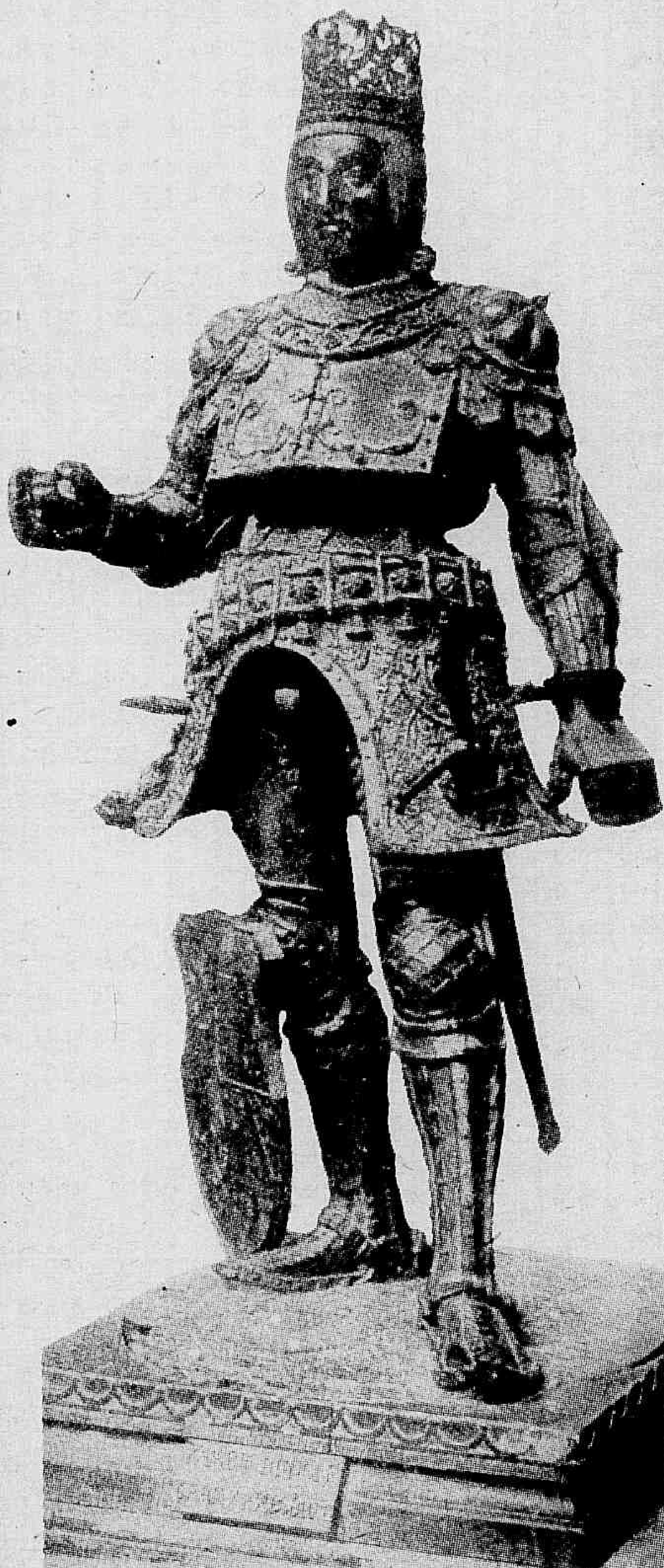
A Áustria depois do Congresso de Viena

dentes contra a Rússia, preocupada em conquistar o litoral do Mar Báltico e aproximar-se por via marítima da Europa Ocidental. Os Habsburgos se empenharam em repetidas guerras, durante os séculos XVI e XVII, para repelir os turcos, que, afinal, assinaram o Tratado de Karlowitz em 1669, deixando de ameaçar o poder de Viena. De 1438 a 1806, usaram também a dignidade de Imperadores Romanos, acabando por renunciar a êste último título, ficando como Imperadores da Áustria-Hungria. Quando reinava Luís XIV, a França dominava a política européia, guerreando a Espanha, a Holanda e Alemanha, hostilizando os Habsburgos nas suas pretensões ao trono espanhol, para colocar o ramo dos Bourbons. Em 1673, o exército francês, comandado pelo príncipe de Turenne, ocupou a Alsácia e a Lorena, dando origem a uma disputa secular, que ainda hoje turva o equilíbrio do continente europeu. Para deter a expansão de Luís XIV, aliaram-se o Palatinado, a Saxônia, a Baviera, a Espanha e a Inglaterra, enquanto os arquiduques austríacos passaram a dominar a Sicília, Nápoles, Mântua e Milão, conforme o Tratado de Rastadt de 1714. A monarquia dualista austro-húngara começou a interferir claramente na política continental, quando se aliou à Prússia e à Rússia, na partilha da Polônia, obtendo a Galícia e a Lodomeria, e expandindo-se também na península italiana, ficando a Hungria com Fiúme em 1792.

A RIVALIDADE AUSTRO--PRUSSIANA PELA HEGEMONIA DOS POVOS GERMÂNICOS

No começo do século XIX esboça-se a rivalidade austro-prussiana pela conquista política dos povos germânicos e pelo arbítrio da Europa. Surge a figura imperiosa do estadista Klemens Wenzel Lothar, príncipe de Metternich Winneburg, diplomata contemporâneo de Napoleão, Talleyrand e do tzar Alexandre I. As qualidades de político europeu, conhecendo as

ambições das outras potências e sabendo aproveitar as rivalidades das dinastias reinantes, empenhou-se em afastar a Prússia da cena continental. Depois da Batalha de Wagram, em 5 e 6 de julho de 1809, em que o exército napoleônico derrotou as tropas austríacas, comandadas pelo arquiduque Carlos, a Áustria ficou eclipsada pela França e pela inspiração militar de Napoleão. Desejando recuperar o prestígio perdido, Metternich Winneburg assina, em 1813, um tratado com a Baviera, para hostilizar os prussianos, opondo-se ao nacionalismo germânico capitaneado pela Prússia, pressentindo, como arguto político, que a unificação dos povos germânicos apagaria a glória dos arquiduques de Viena. Metternich executou uma política tortuosa, visando o equilíbrio entre a Áustria, a Prússia e a Rússia, de modo que a diplomacia de Viena pudesse dominar a Europa, nos futuros choques militares.



Estátua de Rodolfo I, considerado o fundador da grandeza da Casa dos Habsburgos. Herdou importantes possessões na Suíça e na Alsácia e mediante uma grande vitória sôbre Otokar, rei da Boêmia, no Marchfeld, recuperou a Austria e conquistou Estíria, Carintia e Carniola. Veste a armadura dos Cavaleiros do século XIII.

Quando os vencedores de Napoleão (austríacos, prussianos, inglêses, russos, suecos, espanhóis) se reuniram no Congresso de Viena, de outubro de 1814 a junho de 1815, o príncipe de Metternich impôs com a sua argúcia diplomática, a influência da Áustria-Hungria, combatendo os nacionalismos revolucionários, não dando nenhum significado psicológico à expressão *povo*, objetivando apenas a glorificação da dinastia dos Habsburgos. O príncipe de Metternich seguia no século XIX o princípio da legitimidade divina dos reis, que Bossuet apregoava no tempo de Luís XIV e tudo fêz para apagar os vestígios sociais da Revolução Francesa, restabelecendo as monarquias absolutas e a predominância das dinastias como sistema de govêrno universal. Jamais esqueceu o antagonismo entre a Prússia e a Áustria, negando-se abertamente à unificação dos povos germânicos. O príncipe Feliz Schwarzenberg auxiliou a política continental de Metternich, costumando repetir, violentamente: *"Para demolir a Prússia, é preciso aviltá-la"*. Trabalhou para realizar êsse implacável desígnio. Frederico Guilherme havia anexado o Saxe e o Hanovre, em 1849, na tentativa de engrandecer a potência prussiana e à sua frente surgiu o príncipe Schwarzenberg para deter o empreendimento. Os prussianos quiseram resistir, mas o exército, ràpidamente mobilizado pelo príncipe Schwarzenberg, forçou-o ao mais humilhante recuo, impondo


O general Charles De Gaulle combate a idéia do «Exército Europeu», que virá dar supremacia numérica ao soldado alemão.

a separação dos dois reinos e manutenção da sua obediência.

A partir de 1851, tendo sido eleito embaixador da Prússia na *dieta* alemã de Francfort, o príncipe Karl Otto von Bismarck passou a enfrentar as hostilidades dos austríacos e a defender a unidade dos povos da língua alemã. A oportunidade irrompeu com o Tratado de Londres de 1852, em que as potências européias reconheceram o domínio dinamarquês sôbre os dois ducados de Schleswig-Holstein.

Considerando a predominância da raça alemã, Bismarck resolveu disputar pelas armas e convidou a Áustria para a campanha militar contra a Dinamarca, que deflagrou numa hora propícia. A Áustria não desejava a anexação dos dois ducados para não engrandecer a Prússia.

Georges Bidault, ministro das Relações Exteriores da França, deverá discutir, na próxima Conferência dos Quatro Grandes, a independência da Austria.



A Inglaterra e a Rússia se opunham, por idênticos motivos, não desenjando ver os alemães implantados no Mar Báltico. Napoleão III se inclinou pelas aspirações de Bismarck, ùnicamente para hostilizar a Áustria. Em 2 de janeiro de 1861, Guilherme I subiu ao trono da Prússia e, em setembro de 1862, Bismarck passou a ministro dos negócios exteriores.

Em 1864, os austríacos resolveram aliar-se aos prussianos para expulsar os dinamarqueses dos ducados de Schleswig-Holstein, culminando com a vitória dos dois aliados germânicos. Em pouco tempo, por questões de administração e de política interna, a Prússia entrou a provocar os administradores austríacos, obedecendo ao plano político de Bismarck. Em 11 de junho de 1866, os arquiduques vienenses tentaram mobilizar os outros povos germânicos contra a Prússia, mas obtiveram resultado negativo e os prussianos invadiram a Áustria. Seguiu-se uma guerra rápida e fulminante; em 3 de julho de 1866, foi travada a crucial Batalha de Sadowa, em que o rei Guilherme I destruiu as tropas austríacas na linha do Elba, conseguindo pelas armas a supremacia política, há tanto tempo ambicionada. Bismarck mandou anexar o ducado do Elba, o Hesse Oriental e o Hanover, formando a Confederação Germânica do Norte.

Em conseqüência da derrota de Sadowa, o imperador austríaco Francisco José renunciou definitivamente a qualquer supremacia entre os povos da língua alemã, voltando as suas preferências para os Balcãs. O Tratado de Sadowa e o Tratado de Praga, um de 3 de julho de 1866 e outro de 24 de agôsto de 1866, excluíram os arquiduques da dinastia dos Habsburgos (e todos os austríacos) da Confederação Germânica *por manterem sob o seu domínio, raças e minorias estrangeiras.* Em 1867, o arquiduque Francisco José recebeu a dignidade de imperador da Áustria-Hungria, sendo coroado na cidade de Pest.

Desde essa época, os estadistas de Potsdam e de Berlim faziam um conceito megalomaníaco da união teutônica no destino da Europa.

(Conclui no próximo número)

O MAIOR CRIMINOSO DO MUNDO

Episódio Real



AQUÊLES que vivem fora da lei (e mesmo alguns que vivem dentro dela como legítimos cidadãos) parecem considerar a frase — *o crime não compensa,* apenas como um espantalho e nada mais. Mas analisem por si mesmos e depois decidam...

A maior ambição de Carl Gasaway era ser o mais famoso bandido da América. Fêz a sua estréia em Chicago, com um ousado roubo e parecia ter encontrado o caminho do êxito ambicionado, se a polícia não o atrapalhasse em sua marcha. Por isso, antes de que compreendesse o que ocorria já estava trocando o seu nome por um número da prisão de Joliet — Nº 23790! Foi encafuado ali para um estágio de um a três anos de sentença.

Isto foi em junho de 1946. E, desde êsse momento, seu único pensamento foi a fuga. Ainda mantinha viva a crença de que estava destinado a ser um segundo John Dillinger ou Jess James e de que nenhuma parede de presídio poderia barrar o seu destino. Dillinger havia escapado da prisão de Trenton para cometer crimes ainda mais sensacionais e êle faria o mesmo sucesso.

Uma bela tarde pôde, finalmente, vislumbrar a sua grande oportunidade! Achava-se com outros prisioneiros no pátio de recreio e, de repente, seus olhos caíram sôbre um cano d'água, que descia verticalmente colado à muralha da prisão. Num relance, atirou-se resolutamente pelo encanamento acima, com uma agilidade de macaco e, antes de que o guarda da tôrre pudesse compreender o que ocorria, êle já estava do outro lado do pátio.

Sem perda de um segundo correu para um automóvel ali estacionado, acelerou o motor e arrancou em fuga desabalada, enquanto o alarma da sirena trilava frenèticamente atrás dêle.

Era prudente desfazer-se dêsse veículo logo que estivesse fora do alcance dos guardas e, por isso, abandonando-o, furtou outro, logo a seguir, em Iroquois, Illinois, tomando a direção do nordeste. Agora, era preciso adquirir uma arma!

Sem uma arma não era possível retornar à sua carreira no crime.

Perto de Red Wing, no Minnesota, conseguiu não uma, mas quatro armas. Infiltrou-se num acampamento militar, apoderando-se de um revólver carregado, uma pistola calibre 45 e duas metralhadoras bem carregadas, além de quarenta pentes de munição, sem desprezar dois uniformes, um dêles ornado com as divisas de primeiro sargento. Foi por êste último que êle trocou as suas roupas de presidiário.

Agora estava perfeitamente equipado para ser o maior criminoso do século!

Em Chicago, no dia 22 de junho, encetou a segunda etapa de sua escolhida carreira.

Com o revólver no bôlso, dirigiu-se ao *Frank's Department Store* e insinuou-se num pequeno gabinete de lavatório.

Ali ficou escondido até à hora de fechar o estabelecimento e, então, deixando o esconderijo, dirigiu-se ao escritório, onde, sem mais preâmbulos, apresentou a arma contra o rosto do caixa. E. G. Dickman.

— "Isto é um assalto, compreende? Fique *bonzinho,* se não quiser virar paliteiro! Se tentar meter-se a engraçado morrerá tão certo que nem o diabo o salva."

Com o revólver assim apontado para sua cabeça o caixa não teve outra alternativa. Abriu o cofre

e entfegou a féria do dia, cêrca de nove mil dólares.

O ladrão deixou o escritório, trancou a porta a chave e; saltando com rapidez e agilidade uma janela que dava para a escada de incêndio, desceu até ao seu automóvel ali estacionado.

Seus planos corriam admiràvelmente. Em nove minutos, apenas, tinha conseguido nove mil dólares em moeda corrente! Que poderia ser mais agradável? E isso era apenas *o começo!*

Agora, era preciso encontrar um esconderijo. Precisava de permanecer quieto enquanto as coisas estivessem em agitação publicitária. Isso era o melhor que tinha a fazer. Não lhe foi difícil encontrar uma cabana em Cedar Lake, onde pretendia permanecer tranqüilamente por uma ou duas semanas. Mas, no dia seguinte, um domingo, sentiu-se inquieto e decidiu sair para um passeio pelas proximidades.

Metido no novo uniforme de primeiro sargento tomou o volante do carro roubado (onde meteu também as duas metralhadoras de mão, a pistola 45 e 7 000 dólares em dinheiro).

Assim, jubilante e eufórico, tomou o rumo de Whiting Beach, onde atirou-se às águas do lago em gostosas evoluções natatórias, depois do que vestiu novamente a sua farda de sargento e voltou ao volante.

Mas, justamente, quando se sentava na direção, um policial, que tinha visto um dos cartazes já espalhados com a fotografia de Carl em ponto grande, aproximou-se e intimou: "Saia dêsse carro e conserve as mãos na cabeça."

Carl agarrou sua 45 e no mesmo instante tentou derrubar o policial .Mas dois tiros do revólver dêste último fizeram Carl tombar ao solo.

Em 28 de junho êle voltou a ser um número: "23790 ISP — JOLIET". Seu segundo ensaio na carreira do crime tinha durado exatamente 11 dias!

E qual era a idade dêsse super armado "fora da lei", cuja única ambição na vida era tornar-se o maior criminoso da América?

Dezessete anos, apenas!

★ ★

QUAL O SER MAIS RÁPIDO DO MUNDO?

SEGUNDO um brochura editada pela «Air Express Division», da «Railway Express Agency», de Washington, o homem, entre todos os sêres viventes neste mundo, é um dos mais vagarosos, comparativamente. Segundo os dados fornecidos pelos **records** oficiais, obtidos com as competições atléticas, o homem mais veloz mal pode atingir 22 milhas horárias.

O Cheetah é o animal mais veloz em tôda a terra. Trata-se de uma espécie de leopardo, que se aproxima da prêsa, silenciosamente, até uma distância de duzentos metros, após o que, lança-se sôbre ela com velocidade de 70 milhas horárias!

O Falcão, que é, entre os do reino alado, o animal mais veloz, atinge fàcilmente sua prêsa, seja voando horizontalmente como verticalmente.

★

— O rosto humano recebe maior quantidade de radiação, quando o indivíduo tira a radiografia de um dente do que poderia receber, durante todo um ano, caso o mesmo trabalhasse numa das fábricas de energia atômica.

— A Ciência é a fusão da estética humana e as funções intelectuais, ambas devotadas à representação da natureza. É, aliás, a mais alta forma da arte criadora. — **Sir V. C. Raman**

LADRÕES DE AUTOMÓVEIS

OS ladrões em Calcutta, Índia, são realmente prodigiosos. Isso é o que fica provado diante da nova técnica que acabam de empregar em matéria de furto de automóveis.

Forçar a fechadura de um automóvel e desaparecer com o mesmo é o que êles chamam de «golpe de principiante». Seu método evita os inconvenientes da busca e apreensão do veículo. O que fazem é mais engenhoso. Escolhem um automóvel novinho e levam-no, de reboque, agindo às claras, pois os transeuntes que tudo vêem, acreditam que se trata de uma operação normal. Em seguida, em tempo «record» e em oficina própria, trocam o motor novo por outro, velho... e reconduzem o veículo para o mesmo local. Finalmente, vendem o motor roubado em outra cidade.

Felizmente, essa técnica é impossível no Rio de Janeiro, porque os ladrões nunca poderiam recolocar o automóvel no mesmo local que antes ocupava, pois há sempre — e no mínimo — três automóveis aguardando que apareça uma vaga para ocupá-la quanto antes...

★

O observador observa e ouve a natureza; o experimentador a interroga, esmiúça e obriga-a a revelar-se. — **Cuvier**

O almirante derrotado em TRAFALGAR

Por JOHN W. KLEIN

Travada em 21 de outubro de 1805, foi uma das maiores batalhas navais da História. Para Nelson trouxe glória. Para o oponente desespêro e suicídio...

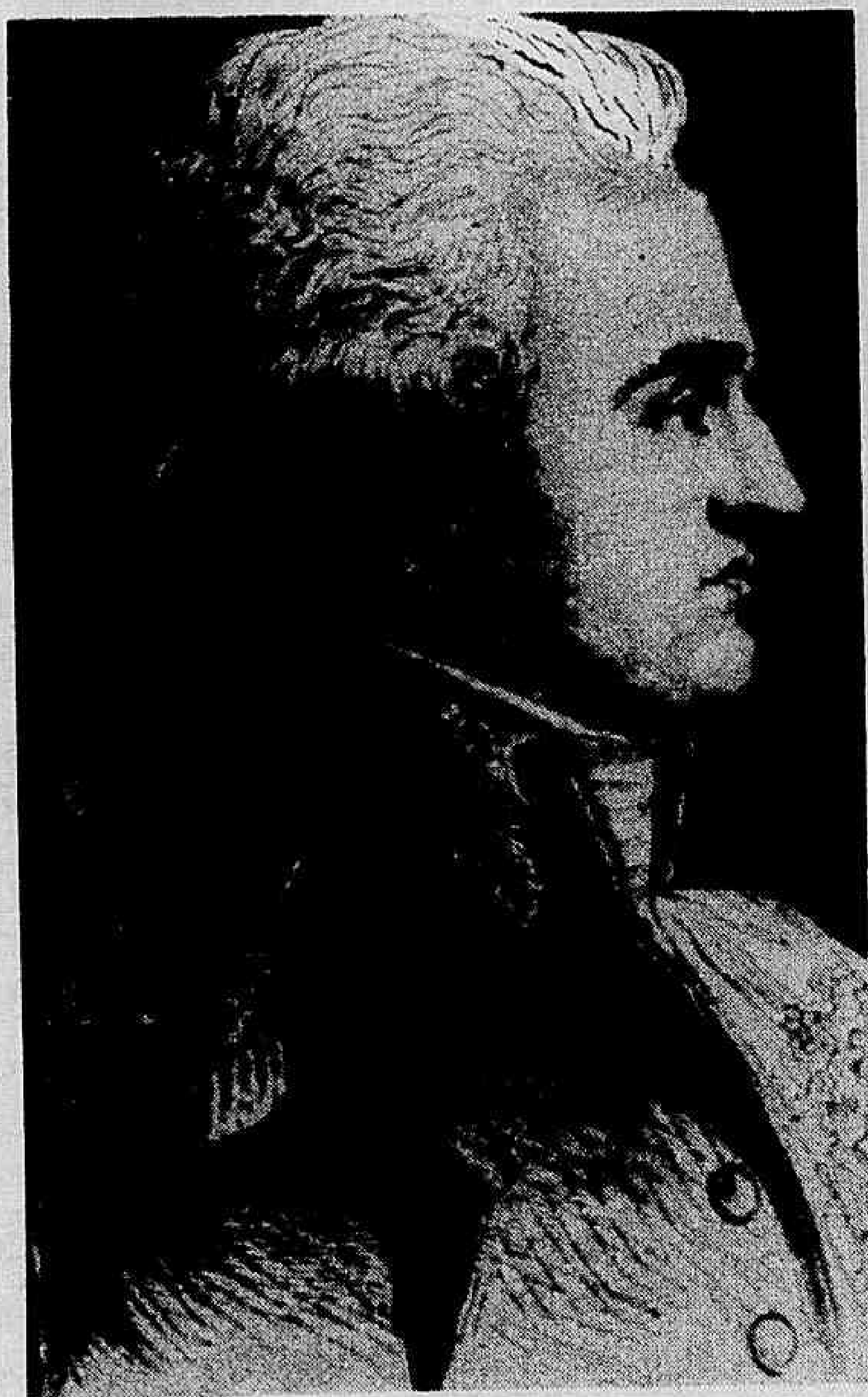
POR alguns dias, o modesto quarto daquela pobre estalagem francesa havia sido ocupado por um visitante misterioso, porém que, evidentemente, era hamem acostumado a dar ordens, *a comandar*. Certa manhã não foi visto na sala das refeições. Repetidas vêzes o estalajadeiro bateu à porta do quarto e, finalmente, resolveu arrombá-la. E, sôbre o leito, com um punhal no coração estava o almirante Villeneuve, o adversário derrotado por Nelson na batalha de Trafalgar, travada seis meses atrás.

Contam que o próprio Napoleão ordenou ao almirante que praticasse o suicídio, mas não há provas disso. Sabe-se, apenas, que Napoleão considerou Villeneuve responsável único pela grande derrota francesa de 1805.

*

O plano de Napoleão para invadir a Inglaterra era ousado e quase louco, pois a esquadra britânica era sensìvelmente superior, em número, qualidade dos navios, armas e homens.

E era, além disso, comandada pelo maior estrategista naval daquele tempo!



Pierre Charles de Villeneuve (1763-1806), o almirante vencido na batalha de Trafalgar.

A única esperança de êxito para a França era a de atrair Nelson para o ponto mais longe possível, de preferência para as Índias e, então, antes de que êle desconfiasse do estratagema, voltar ràpidamente para o Canal e, sem perigo, proteger a passagem do exército do Imperador para a Inglaterra. Para Napoleão aquela parecia uma oportunidade única, pois a Espanha se havia aliado a êle com poderosa esquadra.

— "Fiquemos senhores do estreito de Dover, ainda que por seis horas apenas — exclamava êle — e seremos donos do mundo!"

Em Boulogne, onde reuniu 150 000 homens, o imperador passou em revista uma parada de soldados que se estendiam por várias milhas de distância!

Diàriamente, as tropas faziam manobras de desembarque, enquanto uma imensa flotilha de 1 500 barcos esperava pelo sinal. Para levar avante êsse plano colossal, Napoleão havia escolhido o almirante Latouche-Tréville.

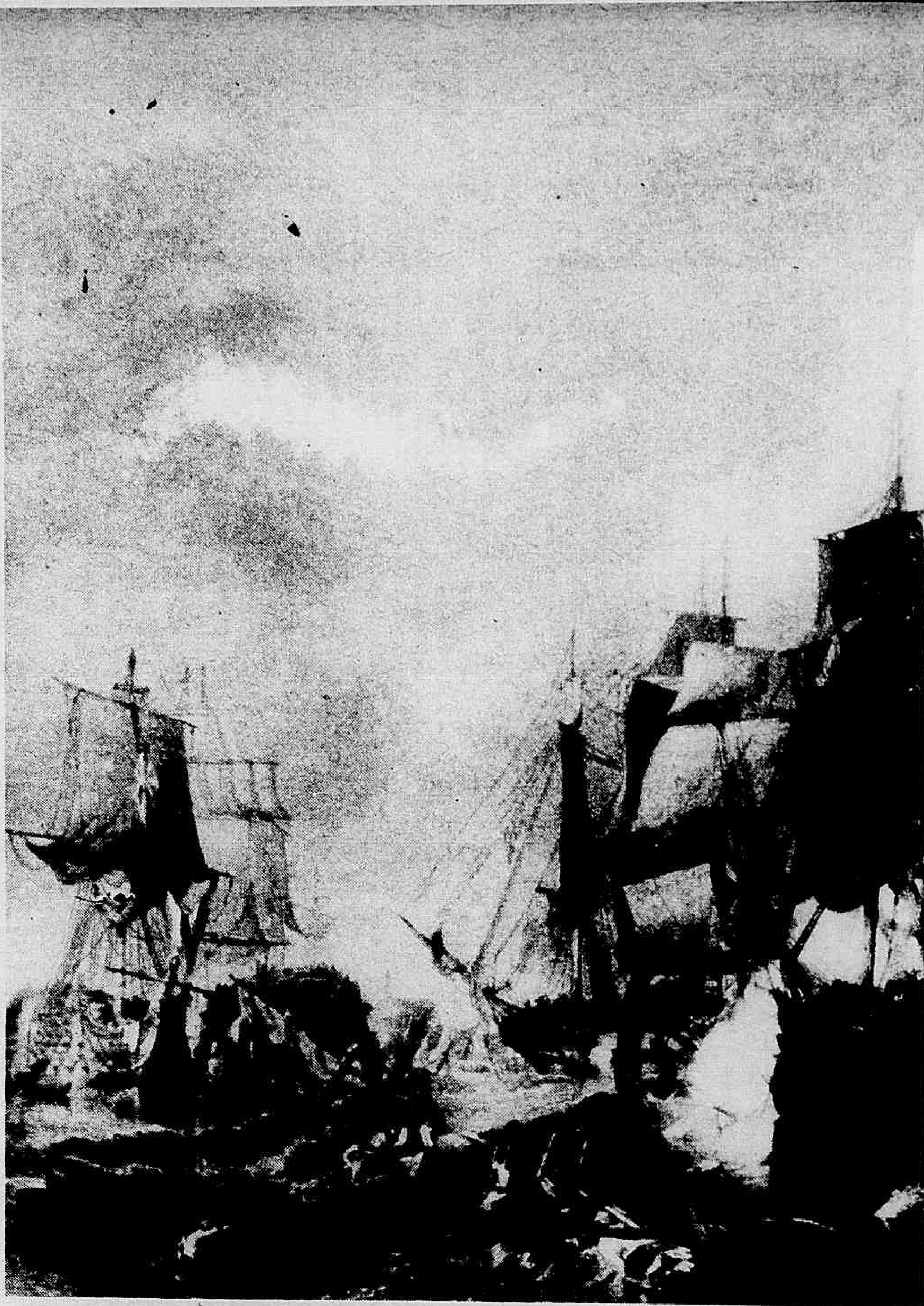
Porém, na véspera da expedição, em agôsto de 1804, Tréville falecia. Sem hesitar, o Imperador nomeou um oficial

pouco conhecido, o vice-almirante Villeneuve para ser o sucessor de Tréville. A escolha, de um modo geral, foi olhada como um dos poucos erros importantes de Napoleão.

Pierre Charles de Villeneuve nasceu em Valensoles aos 31 de dezembro de 1763. Aos quinze anos entrou para a Marinha e fêz boa carreira, embora sem ser espetacular. Numa época em que as promoções se sucediam com grande rapidez Villeneuve era apenas capitão aos trinta-e-três anos de idade.

Oportunamente, porém, revelou verdadeira habilidade. Na batalha do Nilo, quando a esquadra francesa tinha sido pràticamente aniquilada, êle, sòzinho, conseguiu escapar com dois navios de linha e duas fragatas. O próprio Napoleão elogiou o feito.

Não obstante, é estranho que houvesse escolhido Villeneuve para uma missão que exigia audácia e desprendimento. O novo comandante-em-chefe era valente e hábil, mas não era ambicioso. Mesmo assim, inspirava confiança, por sua grande experiência, tática e senso de responsabilidade. O ministro da Marinha, Decrès, acreditava ser aquêle o único homem capaz de superar e derrotar Nelson e, assim, apoiou lealmente Villeneuve.



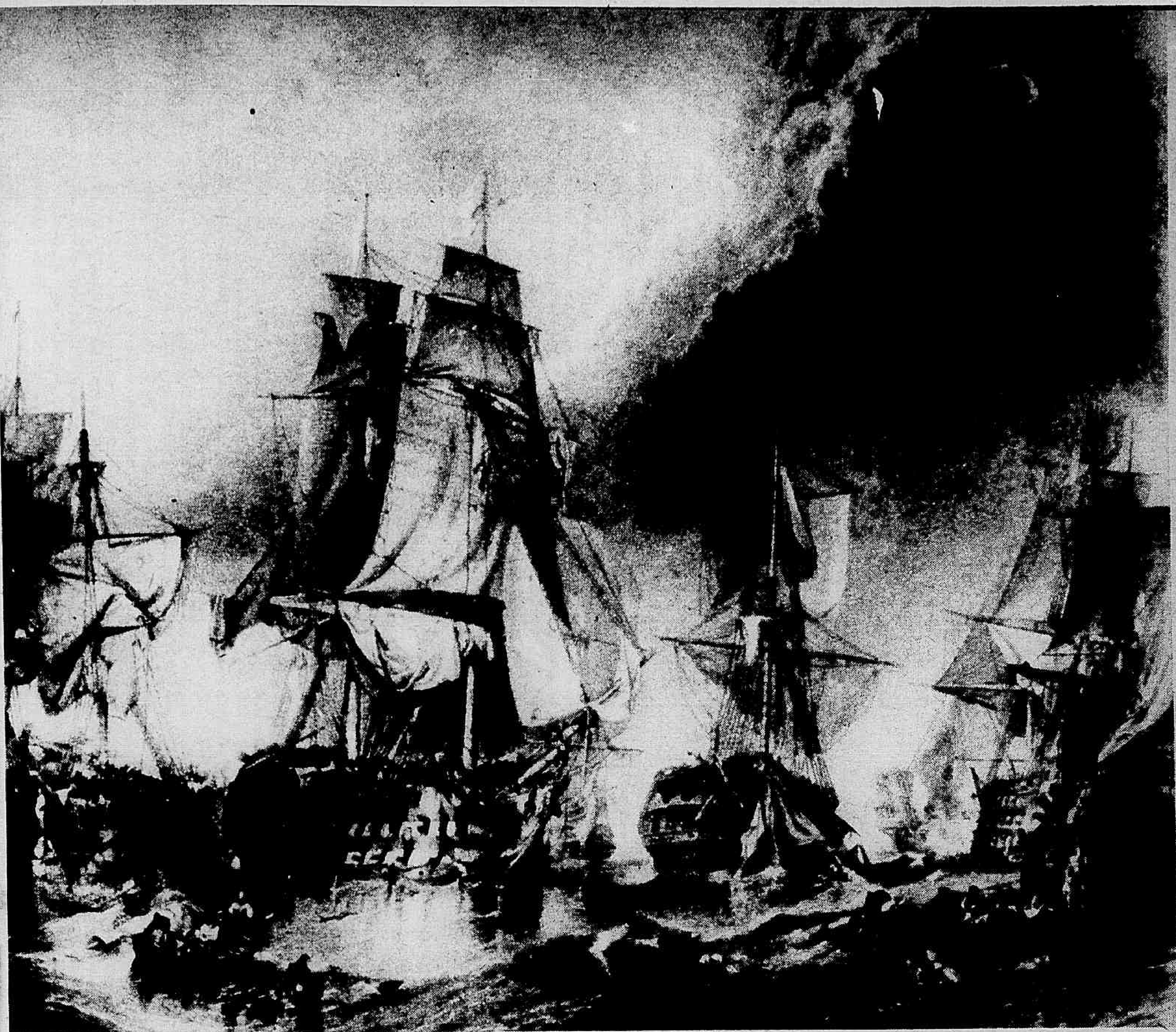
Nelson, planejando seu ataque, em Trafalgar, disse: «Nenhum capitão disse: «Um capitão que não se exponha ao fogo adversário não

— "Você tem o destino do mundo nas suas mãos!" — Foram essas palavras de Napoleão que instigaram Villeneuve a partir, quando, em 1805, levantou âncora para as Índias, com Nelson no seu encalço, temendo pela Jamaica. Hàbilmente, pôde enganar o almirante inglês e apressou-se a voltar para a Europa, alcançando Ferrol no extremo norte da Espanha. Ali contava encontrar o caminho livre, com Nelson a centenas de milhas de distância. Mas, bloqueando a passagem, estava uma esquadra inglêsa sob o comando do almirante Calder, com quinze navios.



NAPOLEÃO IMPACIENTE

Uma neblina espêssa envolvia as fôrças inimigas e a batalha foi indecisa; porém, mesmo assim, os dezoito navios de Villeneuve ficaram sèriamente avariados e êle foi obrigado a ficar em Ferrol para reparar os danos.



poderá ser acusado de êrro se colocar suas naves ao lado do inimigo!» — Villeneuve, com o mesmo ânimo: está no seu pôsto!» — Porém as palavras do almirante francês revelavam, apenas, um secreto desespêro...

— "Temos navios que perdem os mastros a qualquer sôpro mais forte e não resistem a coisa alguma" — escreveu êle ao seu amigo Decrès, o qual teve que concordar com êle.

Neste meio tempo, Napoleão esperava com impaciência, mas confiante. Certamente Nelson teria sido iludido e Villeneuve já estaria próximo.

"Eu mesmo não sei que espécie de precauções a Inglaterra pode tomar para garantir-se do risco terrível que está correndo. É falta de juízo de um povo, sem fortificações ou exército de terra, expor-se ao perigo de ver-se, de repente, frente a frente com um exército de cem mil homens!"

Mas, nesta altura, Nelson começou a desconfiar de que estava sendo iludido. Que se passaria na mente de Villeneuve? E quais as suas intenções? Estaria êle planejando um ataque ao Egito, à Irlanda ou, possivelmente, à própria Inglaterra? Nelson era um estrategista prático, e não tomava a última possibilidade muito a sério; mas, ainda assim, saiu em busca do almirante francês.

DESOBEDIÊNCIA AO IMPERADOR

Sem cessar, Napoleão tentou insuflar seu próprio entusiasmo e otimismo em Villeneuve.

— "Apareça aqui dentro de vinte-e-quatro horas e sua missão estará cumprida."

Ou então avisava:



Almirante Nelson, vencedor de Trafalgar...

— "Não perca tempo, almirante! Traga nossas esquadras até ao Canal e a Inglaterra é nossa!"

As palavras não chegavam a reanimar Villeneuve, o qual acreditava que o elemento surprêsa estava perdido e que Nelson já estava no seu encalço.

Sabia, também, que os navios de Calder estavam nas proximidades e que o almirante Cornwallis com poderosa esquadra estava cruzando Brest.

O bom-senso o avisava de que as ordens de Napoleão estavam baseadas no fato de ignorar o poder e eficiência das fôrças navais inglêsas, e que tudo podia ir ao contrário do que pretendia e esperava antes de alcançar Boulogne.

Assim pensando, deu as costas a Brest, virando para o sul, e partiu para Cadiz.

Sabia que estava desobedecendo ao Imperador, mas não via outra alternativa. O grande pôrto de Cadiz oferecia, pelo menos, maior segurança para a sua esquadra. É interessante conjeturar o que teria acontecido se êle tivesse obedecido às ordens de Napoleão. Haveria, então, uma fraca possibilidade de que pudessem novamente desviar a esquadra britânica e chegar a Boulogne em tempo de permitir ao Imperador invadir a Inglaterra.

Uma luta tremenda seria então certamente travada e, enquanto Napoleão estivesse batalhando em solo inglês, inevitàvelmente os exércitos da Prússia, Áustria e Rússia aproveitariam a oportunidade para invadir a França!

Nessas circunstâncias, o Imperador seria subjugado em 1805, em vez de 10 anos mais tarde! O êxito de Villeneuve, por ironia, teria apressado a destruição de Napoleão!

No momento, porém, Napoleão só podia pensar que seus planos haviam falhado por causa da covardia de Villeneuve...

— "Villeneuve é um poltrão — explodiu, colérico. — É, mesmo, capaz de ser ignominiosamente subornado! Em vez de estar aqui, no Canal, está em Cadiz! Não tem iniciativa; não tem coragem! Faria qualquer sacrifício, isso sim, para salvar a própria pele."

Em vão Decrès tentou justificar o amigo. Imperiosamente, Napoleão o interrompia, dizendo:

— "Peço-lhe que não me fale dêste episódio tão humilhante e dêste homem tão pusilânime!"

Mesmo assim Napoleão hesitou em dispensar os serviços de Villeneuve. Aos 15 de setembro, entretanto, mandou um emissário especial ordenando que deixassem Cadiz e atacassem Malta.

— "Se a extrema covardia de Villeneuve não deixar que êle cumpra esta ordem, então o almirante Rosily tomará o comando da esquadra e êle será enviado à França para justificar o seu procedimento!" — escreveu o Imperador.

DERRADEIRO APÊLO

Recebendo esta ordem, Villeneuve reuniu um conselho de guerra.

Todos os comandantes presentes (tanto franceses quanto espanhóis) declararam que seus vasos de guerra não estavam em condições de arriscar uma batalha contra Nelson.

Depois de ouvi-los, Villeneuve enviou um último apêlo a Napoleão:

— "Não posso crer que seja intenção de Vossa Majestade Imperial expor suas fôrças navais a um perigo tamanho e que



O almirante Pierre Charles de Villeneuve estava estirado no leito, tendo um punhal cravado no coração...

nem mesmo oferece oportunidade de glória..."

O Imperador não respondeu e, dias depois, Villeneuve veio a saber que Rosily já estava a caminho para o substituir!

Logo um homem inferior a êle em experiência!

Esta notícia fêz desaparecer qualquer vestígio de cautela. A esquadra francesa não seria sacrificada sem honra!

— "Desde que o Imperador acredita que a audácia é o único caminho para o êxito — disse Villeneuve — não o desapontarei."

E assim, debaixo de ventania e chuva forte, desatracou do pôrto de Cadiz, fazendo rota para o sul, com destino ao cabo Trafalgar.

Com os seus navios protegidos pela névoa, Nelson esperava exultante, porque ia, agora, enfrentar o mais perigoso de seus adversários.

Ao romper o dia seguinte, quando o vento acalmou, o almirante francês deu

ordem de formar linha de batalha. De ambos os lados os navios astearam suas côres...

Villeneuve havia calculado suas decisões finais com cuidado. E então, com disposição digna do próprio Nelson, declarou:

— "Todo capitão que não estiver em combate não estará no seu pôsto!"

O mundo todo conhece o resultado daquela memorável batalha travada em 1805 e na qual fôrças superiores decidiram o futuro da Europa e do mundo.

Durante quatro horas, Villeneuve e seu navio, o "Bucentauro", estiveram expostos à artilharia de sete vasos-de-guerra inglêses e, um após outro, os mastros se partiram.

Os corpos dos mortos cobriam o tombadilho e os tiros continuavam a soar por cima daquela cena macabra.

O "Bucentauro" começou a afundar. Só então Villeneuve tentou baixar um escaler, para continuar a batalha, comandando outro navio; mas, nesta altura, já todos os outros navios tinham sido afundados.

No fim, para salvar o resto da tripulação, Villeneuve resolveu render-se.

Na Inglaterra foi tratado com cortesia e respeito. O próprio almirante Collingwood, um espírito mordaz, descreveu-o como *"um homem bem educado, em cujas maneiras nada há que denote a arrogância que geralmente, e com exagêro, é atribuida aos franceses."*

Finalmente, Villeneuve foi pôsto em liberdade. Já havia enviado uma carta patética, porém digna a Decrès:

"Nada desejo tanto quanto ter oportunidade de postar-me aos pés de Sua Majestade, para justificar minha conduta ou como a própria vítima que devia ser sacrificada, não pela honra da bandeira, que está salva, mas por aquêles que pereceram em tão ingratas circunstâncias."

ADEUS... ADEUS...

Encerrando-se num modesto quarto de estalagem em Rennes, na Bretanha, esperou.

Semanas se arrastaram e a resposta não vinha. Noite e dia Villeneuve meditava sôbre a própria situação. Tão estranho era a atitude do infeliz almirante que o seu ordenança tomou a precaução de deixar a sua arma descarregada.

Finalmente, a resposta chegou.

O Imperador recusava receber o seu almirante derrotado!

Isto, virtualmente, era uma sentença de morte. Villeneuve reconheceu que só lhe restava dizer adeus à espôsa, que êle não via desde um ano antes e que não tornaria a ver jamais.

— "Meu amor — escreveu êle. — Como receberá você êste golpe? Eu choro por você, mais do que por mim mesmo. Sòzinho, aqui, denunciado pelo Imperador, abandonado pelo seu ministro, que era meu amigo, e sob o pêso tremendo de uma responsabilidade cruel por um desastre que só a mim é atribuído, devo morrer. Só me consola saber que não deixarei filhos para arcar com esta terrível herança e com o pêso da carga indesejável do meu nome."

Depois, num último desabafo:

— "Não nasci para êste destino! Não procurei, não provoquei êste desfecho! Fui levado a êle por fôrças superiores à minha vontade. Odeus... Adeus..."



O PROBLEMA DA MORADIA

A falta de casa e o elevado custo das construções parecem universais, mas um homem engenhoso resolveu o angustioso problema, construindo uma casa dentro de outra.

Leamon, chofer de caminhão, em Baltimore, precisava de uma casa maior para sua família, composta dêle, da espôsa e de duas filhinhas.

Além de ser muito pequena, a casa de madeira em que moravam estava sendo devorada pelos cupins. O sr. Lane não podia, contudo, arranjar outra casa e, assim sendo, resolveu continuar morando na mesma casa e construir outra casa maior... **por cima dela!**

A nova casa já **está** quase pronta e, dentro em pouco, Lane e sua família poderão «habitá-la", depois de desmontar a casa antiga.



NA Venezuela, as cartas de amor, colocadas em envelopes côr-de-rosa, gozam de um desconto especial da tarifa postal.

A FÔRÇA DE UM JURAMENTO

PAUL FÈVAL

— Quer ter a bondade de se explicar, linda máscara?! — pronunciou, em voz firme, o senhor Rohan-Chabot, erguendo-se.

Formara-se um círculo em volta do homenzinho vestido de negro. Peyrolles ocultara-se na segunda fila, mas todo êle era ouvidos.

— Senhor duque — respondeu o interpelado — somos tão bonitos um como o outro: chega de cumprimentos!... O assunto pertence realmente "ao outro mundo"... Trata-se de um morto que, passado vinte anos, ergue a sua pedra tumular, senhor duque!

E interrompeu-se para prosseguir, mudando de tom e dizendo, com ironia:

— Mas quem se recorda aqui, na Côrte, de pessoas mortas há vinte anos?!

— Onde pretende chegar? — perguntou Chaverny.

— Não falo com o senhor marquês! — replicou o corcunda. — O caso ocorreu no ano do seu nascimento; é, portanto, muito moço... Dirijo-me àqueles que já têm cabelos grisalhos!

E mudando de tom, acrescentou:

— Era um homem interessantíssimo: um príncipe nobre, corajoso, rico, feliz, amado; rosto de anjo e figura de herói! Tinha tudo que Deus concede aos seus favoritos, neste mundo...

— Onde as melhores coisas têm o pior destino... — interrompeu Chaverny.

O homenzinho tocou-lhe com o dedo num ombro e disse suavemente:

— Não esqueça, senhor marquês, que os provérbios nem sempre são certos... Há festas que não têm dia seguinte...

Chaverny empalideceu... O corcunda afastou-o com a mão e dirigiu-se para a mesa.

— Falo para aquêles que têm cabelo grisalho — repetiu. — Dirijo-me, por exemplo, ao senhor de la Hunaudaye, que se encontraria agora debaixo da terra, na Flandres, se o homem de quem falo não tivesse aberto a cabeça ao patife que o tinha sob o seu joelho!

O velho barão ficou de bôca aberta e tão profundamente comovido que não conseguiu pronunciar uma só palavra.

— Dirijo-me ao senhor de Marillac, cuja filha, por amor dêle, ingressou num

---

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Estamos no vale do Luron, junto ao castelo de Caylus-Tarrides. Para ali, em 1699, o marquês, viúvo, se retirara com sua filha Aurora. Pouco depois, Felipe de Lorena, duque de Nevers, foi repousar em suas terras, no Jurancon, onde se enamorou de Aurora, havendo quem murmurasse que aquêle amor «avançara muito». Quatro anos depois, Nevers já não habitava no Jurancon, porém outro Felipe ali surgira: Felipe Polyvene de Mântua, príncipe de Gonzaga, com quem o marsuês queria casar a filha, pois Gonzaga era o único herdeiro de Nevers, que era solteiro e possuía uma das maiores fortunas da França. Em uma tarde ao outono de 1699, em uma estalagem próxima ao castelo, se reúnem vários espadachins, contratados por Peyrolles, secretário de Gonzaga, com o fim de atacar e assassinar Nevers, dando, assim, ao príncipe, a fortuna de sua vítima. Entre os «bravos» se encontram Cocardasse e Passepoil, que têm um único ídolo na vida: o jovem cavalheiro Henrique de Lagardère, o maior espadachim de França. Nesse dia, aparece também, junto às muralhas, o cavalheiro Lagardère que, sendo recebido festivamente pelos espadachins, lhes comunica estar de viagem para o exílio, porém que, antes, pretende cruzar a espada com Nevers. Os bandidos dizem ao cavalheiro o que vão fazer e propõem ajudá-lo. Lagardère recusa indignado, expulsando-os do local. Permanece, porém, junto às muralhas e vê chegar dois homens: Gonzaga e Peyrolles. Ouve quando o secretário diz ao príncipe que «tudo estava arranjado, mas que não pudera apoderar-se das fôlhas do registro do casamento, porque tinham sido arrancadas, mas que, morto Nevers, Gonzaga desposaria Aurora, ficando com tôda a fortuna do duque». Peyrolles, então, julgando ser Lagardère um dos capangas, chama-o e lhe dá uma «senha», mandando-o esperar junto à janela da muralha. Quando êles se retiram a janela se abre e surge Aurora que, julgando falar com Nevers, entrega a Lagardère sua filha e o registro de casamento. Pouco depois chega Nevers, a quem o cavalheiro informa o que se passa, prometendo ficar ao seu lado. Trava-se a luta e Gonzaga, vendo as coisas mal paradas, ataca e mata Nevers, pelas costas, covardemente. Mas Lagardère foge com a criança, tendo antes ferido o príncipe numa das mãos. Passam-se os anos. Obrigada pelo pai, Aurora desposara Gonzaga. Êste abre um banco nos jardins de seu palácio, e vende bancas para quem queira especular. Entre os compradores surge um corcunda — Ésopo, que compra a última banca que restava e vê o príncipe contratar os serviços de Cocardasse e Passepoil, que ali apareceram. Gonzaga havia pedido a reunião de um Conselho de Família para, entre outras coisas, apresentar à Aurora a sua filha, Aurora de Nevers. Para isso, Peyrolles havia arranjado uma jovem espanhola, a quem o príncipe convencera ser a filha de Nevers. A espanhola, cujo nome era Flor, declarou que conhecera, na Espanha, uma mocinha da sua idade chamada Aurora, e que a havia visto em Paris, à rua de Chantre. Começada a reunião,

convento; ao senhor duque de Rohan-Chabot, que mandou fechar cuidadòsamente — por causa dêle — a casa onde morava mademoiselle Féron, sua amada; ao senhor de La Vauguyon, cujo ombro, com certeza, ainda conserva a marca daquela formidável estocada...

—Nevers! — exclamaram ao mesmo tempo umas vinte vozes. — Felipe de Nevers!...

O corcunda tirou o chapéu e pronunciou lentamente:

— Felipe de Lorena, duque de Nevers, assassinado junto das muralhas do castelo de Caylus-Tarrides, em 24 de novembro de 1697!

— Assasinado covardemente, pelas costas, segundo consta... — murmurou o senhor de La Vauguyon.

— Numa cilada — acrescentou La Ferté.

— E acusaram, se não estou enganado, o marquês de Caylus-Tarrides, pai da princesa de Gonzaga — acrescentou o senhor de Rohan-Chabot.

— Meu pai falou-me nisso, algumas vêzes — disse Navailles.

— Meu pai era amigo do falecido duque de Nevers — acrescentou Chaverny.

Peyrolles ouvia tudo isto e encolhia-se o mais que podia.

Em voz baixa e profunda, o corcunda continuou:

— Covardemente assassinado, pelas costas, numa cilada; tudo isso é verdade! Porém, o verdadeiro culpado não se chamava Caylus-Tarrides.

— Então, como se chamava? — perguntaram de todos os lados.

O homenzinho de negro não estava disposto a responder, e prosseguiu em tom levemente irônico, no qual se notava, porém, certa amargura:

— O caso fêz escândalo, um escândalo formidável, meus senhores! Durante uma semana só se falou nisso. Na semana seguinte, falou-se menos e ao fim de um mês aquêles que ainda pronunciavam o nome de Nevers eram olhados como se regressassem de muito longe...

— Mas Sua Alteza fêz o impossível! — interrompeu o senhor de Rhoan.

— Sim, sim, bem sei que Sua Alteza era um dos três Felipes e quis vingar o seu melhor amigo. Mas... os meios?... O castelo de Caylus fica no fim do mundo. A noite de 24 de novembro guardou o seu segrêdo. Desnecessário será dizer que o senhor príncipe de Gonzaga... Não está por acaso aqui — disse o corcunda noutro tom — um digno servidor do príncipe, que tem o nome de Peyrolles?

Oriol e Nocé se afastaram para dar vista ao factotum, um pouco desconcertado.

Gonzaga, após hábil discurso, manda entrar Flor, que não é reconhecida por Aurora como sua filha. Para maior assombro de Gonzaga, Aurora anuncia que irá ao baile oferecido pelo Regente de França. Isto porque, uma voz misteriosa repetira a divisa de Nevers — «Aqui estou» — e lhe prometera apresentar-lhe a filha no baile. Terminada a reunião, Peyrolles informa ao príncipe que Lagardère está em Paris, pois Faenza e Saldanha foram mortos pelo «bote de Nevers». Quando Gonzaga ordenava que Cocardasse e Passepoil fôssem ao endereço de Aurora, fornecido, inocentemente, por Flor, surge o corcunda, que se prontifica a falsificar a assinatura de Lagardère num bilhete para Aurora. Faz mais: pede a Gonzaga um salvo-conduto para Lagardère, prometendo, assim, atraí-lo a uma cilada. Em casa, Aurora aguardava a chegada do seu amigo, fazendo anotações em seu «Diário», onde contava o que fôra a sua vida, em companhia de Henrique, desde que começara a ter entendimento das coisas e até onde lhe permitia a memória. Nesse diário conta, entre outras coisas, a viagem que havia feito com Henrique aos fossos de Caylus, quando lhe foi revelado que ali mesmo ela nascera e que êle próprio a recebera das mãos de sua genitora, numa noite trágica. Termina seu manuscrito apelando para essa mãe desconhecida, para que, enfim, aparecesse e que a amasse e também a Henrique. Pouco depois, estando Aurora a sonhar com o seu amado protetor, surge Flor, a ciganinha. Como pôde descobrir onde Aurora morava? Um corcunda a guiara até ali! Conta a sua amiga que dentro de duas horas seria princesa. Seu verdadeiro nome era Nevers. Aurora estremece, mas a ciganinha conta-lhe a revelação que ouvira do sr. de Gonzaga (o que mais assusta Aurora, porque êsse nome estava ligado a certa aventura sofrida por Lagardère, em Pamplona). Depois de D. Cruz, surgem dois emissários com caixas contendo vestidos belíssimos e prendas adoráveis. Acompanhava tudo isso uma carta com a letra de Henrique, convidando-a a vestir-se, fazer-se bela e acompanhar os dois pagens que a esperavam, embaixo, com duas liteiras, sendo uma para ela própria e outra para D. Cruz. Enquanto se veste, chegam dois personagens. Cocardasse e Passepoil, que encontram alguma resistência da parte de Berrichon e sua mãe, que serviam a Lagardère. Mas, dominam a situação, embora de algum lugar, na sala, um rosto os fitava, um rosto muito pálido, o do corcunda. Êste lhes fala como se fôsse o patrão e, apesar de tudo, êles obedecem, conduzindo Aurora até à liteira, que parte para o palácio do Príncipe, onde todos se espantam porque horas a fio o Regente faz esperar as maiores figuras do reino, para receber secretamente o corcunda, que lhe diz ser enviado por Lagardère e conta como ocorreu o assassinato de Nevers. A seguir solicita e consegue do regente um salvo-conduto, prometendo levar a palácio, naquela noite o próprio Lagardère, o vingador de Nevers. Mais tarde, todo de negro, o corcunda se intromete numa brilhante roda de fidalgos, aos quais impressionar com relatos que a todos assombra, parecendo conhecer a vida de todos êles e suas ligações com o falecido duque de Nevers.

— Como eu dizia — continuou o corcunda — o senhor príncipe de Gonzaga, que era o outro dos três Felipes, remexeu o céu e a terra na idéia de vingar o amigo. No entanto, tudo foi inútil... nenhum indício... nenhuma prova! De boa ou má-vontade foi preciso deixar ao tempo — ou melhor, a Deus — o cuidado de encontrar o culpado!...

Peyrolles naquele momento tinha apenas um desejo: esquivar-se para ir prevenir o príncipe.

No entanto, deixou-se ficar para ver até que ponto o corcunda levaria a sua audácia. É que, ao ver ressurgir agora a recordação da noite de 24 de novembro, sentia um pouco a sensação de alguém a quem estrangulam...

O corcunda tinha razão: na Côrte já ninguém se lembrava de Nevers; na Côrte, os mortos há vinte anos, estão vinte vêzes esquecidos. Neste caso, porém, havia uma circunstância excecional: o morto fazia parte de uma espécie de trindade da qual dois membros ainda eram vivos e todo-poderosos: Felipe de Orléans e Felipe de Gonzaga. Por isso, quem examinasse tôdas aquelas fisionomias diria tratar-se de um crime *da véspera*. Se a intenção do corcunda fôra a de ressuscitar a emoção dêsse drama misterioso e longínquo, conseguira-o completamente.

Um silêncio solene seguiu as últimas palavras.

— Quando chegar a hora... e ela há de chegar — prosseguiu o estranho personagem — um homem, um mensageiro do túmulo, um fantasma sairá da terra, *porque Deus assim o quer!* Êsse homem cumpre, embora às vêzes contra vontade, a sua missão fatal, até um dia poder colocar a sua bôca humilde ao nível dos ouvidos de todo-poderoso; então, baixinho ou em voz alta, no momento oportuno, o vingador ouvirá cair das nuvens o nome do assassino...

— Que nome?... — perguntou Rohan-Chabot.

— Nós conhecemos? — interrogaram Chaverny e Navailles.

O corcunda parecia excitar-se com as próprias palavras, e foi em voz entrecortada que prosseguiu:

— Se o conhecem?!... Isso que importa?... Se fôsse aqui pronunciado o nome do assassino, ficariam todos assombrados como se um raio acabasse de cair a nossos pés!

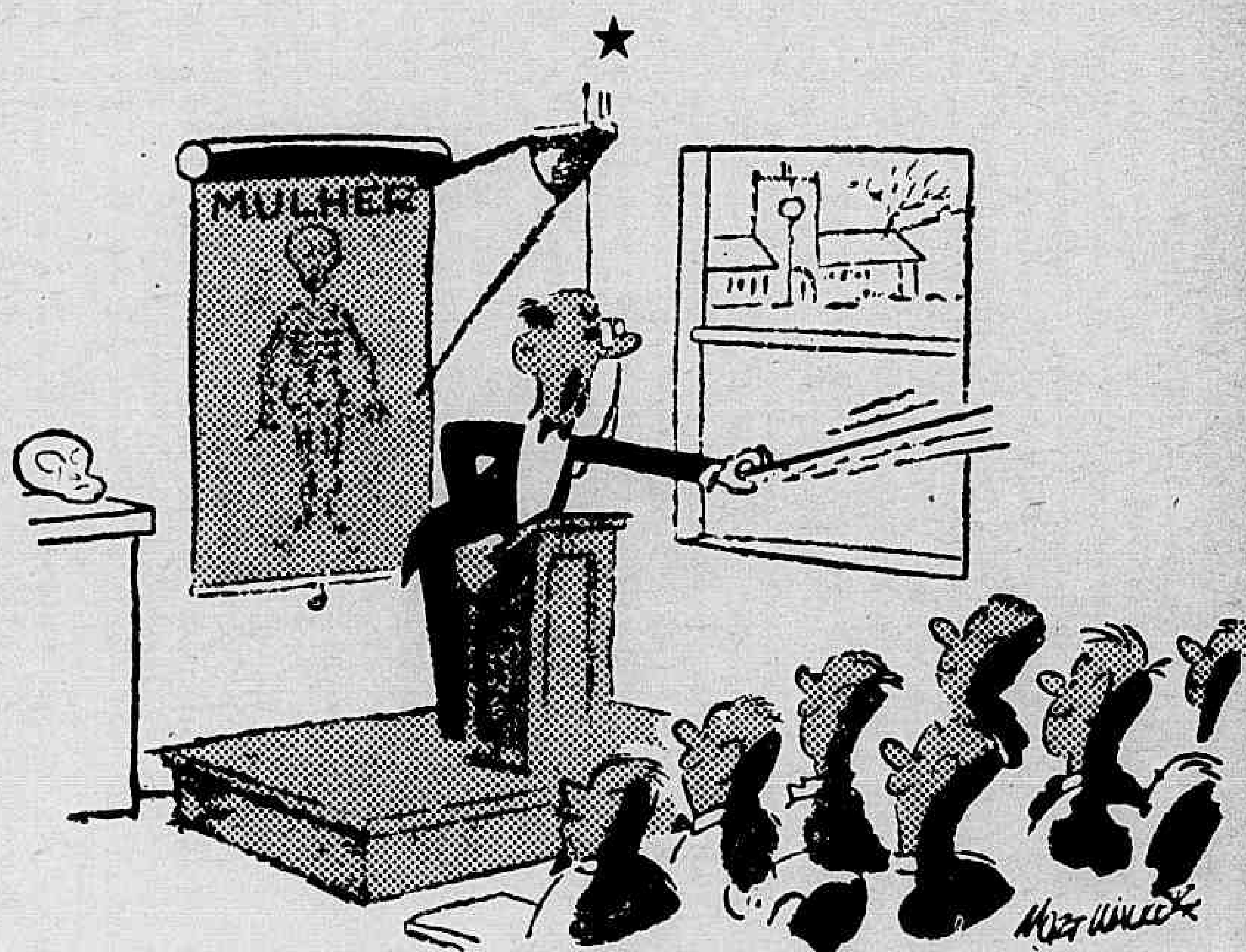
"Muito alto, no primeiro degrau do trono está sentado um homem. Há pouco, uma voz, vinda do céu, disse-lhe: *"Alteza! O assassino está ali!"* e o vingador estremeceu. *"Alteza! O assassino está entre esta multidão deslumbrante!"* e o vingador abriu os olhos para ver as pessoas que passavam debaixo das suas janelas... *"Alteza! O assassino sentou, ontem, à vossa mesa e amanhã há de sentar novamente!"* e o vingador revia na sua memória a lista dos convivas!... *"Alteza! Todos os dias, de manhã e à tarde, o assassino vos estende a sua mão manchada de sangue!"* e o vingador se levantou, dizendo: *"Por Deus! Hei de fazer justiça!..."*

Nesse instante viu-se uma coisa estranha: todos quantos ali se encontravam, grandes e nobres, entreolharam-se, desconfiados!...

— Aqui tem a razão por que, meus senhores — acrescentou o corcunda — o Regente de França esta noite se encontra preocupado e mandou dobrar a guarda do palácio!

Pouco a pouco, os que se encontravam na tenda, foram saindo, profundamente

★



— *Quem foi o engraçadinho que assobiou?*

impressionados. Peyrolles desapareceu por detrás de um tufo florido, em direção ao palácio.

Logo que se encontrou completamente só, o corcunda tirou da algibeira um pergaminho que desdobrou para ler.

O documento começava com estas palavras:

"Luís, pela graça de Deus, rei de França e de Navarra, etc. ..."

E embaixo, via-se a assinatura do rei, do duque de Orléans, seguidas pelas do secretário de Estado Leblanc e do chefe de Polícia, Machault.

— Absolutamente em ordem! — disse o corcunda, depois de o ter lido. — Pela primeira vez, após vinte anos, podemos erguer a cabeça, olhar as pessoas cara a cara e lançar o nosso nome ao rosto dos nossos perseguidores!...

XXXIV

OS DOMINÓS CÔR-DE-ROSA

Aquêle documento era o salvo-conduto, absolutamente em regra, que anulava o decreto que desterrava o cavalheiro de Lagardère, permitindo-lhe regressar à França, podendo circular em todo o reino e deixar território francês com tôda a segurança, em qualquer ocasião e, houvesse o que houvesse.

— Haja o que houver! — repetiu várias vêzes o corcunda. — Sua Alteza pode ter razão de queixa de qualquer outro, mas êste é um homem honesto e cumpridor da sua palavra! Desta forma, Lagardère tem carta branca!... Agora, vamos proporcionar-lhe a sua entrada em cena — e Deus permita que se saia bem!

O corcunda consultou o relógio e levantou-se.

A tenda indiana tinha duas entradas. A alguns passos da segunda havia um pequeno caminho, que conduzia, através dos maciços, ao pavilhão rústico ocupado por Le Bréant, o porteiro e guarda dos jardins. O estranho personagem saiu pela segunda porta...

Entretanto, o príncipe de Gonzaga, cansado de esperar na antecâmara, voltara aos salões onde tinha a sua côrte fiel entre o elemento feminino.

A sua eloquência no tribunal de família era comentada pelas grandes damas cuja opinião geral era que a sua paciência para com a princesa ultrapassava os limites do heroísmo! Para elas, aquêle homem era um apóstolo e um mártir!...

Vinte anos de ternura inesgotável perante um desdém quase ultrajante!

De súbito, o príncipe de Gonzaga, no meio da sua glória, avistou no umbral de uma porta a figura alta de Peyrolles.

Habitualmente, a fisionomia daquele fiel servidor não traduzia alegria, mas naquele momento parecia a tristeza personificada. Estava pálido e com ar assustado, enxugando o suor que lhe umedecia a fronte.

Gonzaga chamou-o. Peyrolles atravessou desajeitadamente o salão e pronunciou algumas palavras ao ouvido de seu amo. Êste, erguendo-se vivamente e com uma presença de espírito que só têm os mais refinados comediantes, disse:

— A senhora princesa de Gonzaga acaba de chegar ao baile!... Vou correr ao seu encontro!

O próprio Peyrolles estava admirado.

— Onde a posso encontrar? — perguntou Gonzaga.

Peyrolles, evidentemente, não sabia coisa alguma porque se inclinou e principiou a andar.

Logo que se encontraram fora do alcance de ouvidos indiscretos, Gonzaga perguntou ao seu factotum o que desejava.

— O corcunda está no baile!...

— Ora adeus!... Isso já eu sabia... Pois não sabes que quem lhe deu o convite fui eu?

— Tem algumas informações a respeito dêle?

— Onde querias que as fôsse buscar?

— Desconfio dêle...

— Então continua a desconfiar... Era só isso o que querias?

— Mas é que êle teve esta noite uma entrevista com o Regente, a qual durou mais de meia hora!

— Com o Regente? — perguntou Gonzaga, surpreendido.

Mas, logo em seguida, retomou a sua calma e acrescentou:

— Se assim foi é porque tinha muitas coisas a dizer a Sua Alteza.

— Muitas! — respondeu Peyrolles. — E por isso, rogo que me escute!

E Peyrolles contou ao príncipe a cena que acabava de desenrolar-se na cabana indiana. Quando terminou, Gonzaga principiou a rir.

— Os corcundas têm muito espírito!... — disse, negligentemente — mas um espírito bizarro e disforme como o seu próprio corpo. Andam sempre a representar comédias inúteis... A não ser que esteja querendo vender-se muito caro!...

— Mas êle vai trair-nos, Monsenhor! — disse Peyrolles com energia.

Gonzaga olhou-o sorrindo, por cima do ombro, e murmurou:

— Nunca poderei fazer nada de ti, Peyrolles! Pois não compreendes que o corcundo está zelando pelos nossos interêsses?

— Não!... Confesso que não percebi!...

— Verdade seja que não gosto muito da sua maneira de proceder — prosseguiu Gonzaga. — No entanto, deu-nos uma idéia excelente!

— Se Monsenhor quisesse dar-me a honra de explicar...

— Antes de mais nada — replicou o príncipe — conta-me o que se passou na rua de Chantre.

— As suas ordens foram pontualmente executadas e só vim para aqui depois de ter visto, com os meus olhos, a liteira se dirigir para Saint-Magloire.

— E dona Cruz?... *Mademoiselle* de Nevers?

— Já deve estar no baile!

— É preciso procurá-la .Tôdas aquelas senhoras a aguardam... Tenho tudo preparado, e ela vai fazer um verdadeiro sucesso. E, agora, voltemos ao corcunda: que disse êle ao Regente?

— Isso... não sei! — respondeu, timidamente, Peyrolles.

— Pois eu sei! Ou antes: adivinho... O que êle disse foi isto: *"O assassino de Nevers vive!"*

— Silêncio! — pediu, involuntàriamente, Peyrolles, estremecendo dos pés à cabeça.

— E fêz muito bem! — prosseguiu o príncipe sem se comover. — O assassino de Nevers existe, e que interêsse posso eu ter em ocultá-lo, eu, o marido da sua viúva, o juiz natural, o legítimo vingador?... O assassino de Nevers, vive! Gostaria que neste momento estivesse aqui a Côrte inteira para me ouvir!...

Peyrolles suava por todos os poros.

— ... E, visto que êle vive, *que existe*, havemos de o encontrar! — continuou Gonzaga, olhando para Peyrolles, que tremia. — Percebes, agora? — terminou o príncipe, olhando-o bem de frente.

— Percebo, Monsenhor. Isso é o que se chama brincar com o fogo!

— Ora! Palavra de honra que a idéia do corcunda é magnífica!... O diabo do homem tem espírito... Mas porque será que êle vem meter-se em assuntos que não lhe dizem respeito?... Bem; isso fica para depois... Por agora devo dizer-te

☆



— Empresta-me depressa o binóculo, Eleutério! Parece que vi a Maria com o mesmo chapéu do ano passado!

apenas que pessoas dotadas de tanta inteligência estão destinadas a morte precoce!...

Peyrolles ergueu vivamente a cabeça. Tinham deixado de lhe falar em chinês...

— Para esta noite?... — murmurou.

Naquele momento, Peyrolles e o príncipe, que tinham continuado a caminhar em direção ao jardim, chegavam a uma arcada, de onde se avistava a estátua do deus Mississipi.

Vindos do lado oposto e caminhando quase na sua direção, avançavam uma senhora em rigoroso vestuário de côrte, sôbre o qual vestia um dominó negro e com máscara no rosto, caminhando pelo braço de um respeitável cavalheiro de cabelos brancos.

No instante de transpor a arcada, Gonzaga afastou Peyrolles, obrigando-o a desaparecer na sombra. Entretanto, a mulher mascarada e o velho passaram...

— Reconheceste? — perguntou o príncipe.

— Não... — respondeu o factotum.

— Meu caro presidente — dizia naquele momento a mulher mascarada — não é preciso acompanhar-me mais longe...

— A senhora princesa ainda necessitará dos meus serviços esta noite? — perguntou o velho.

— Daqui a uma hora tornar-me-á a encontrar neste local.

— É o presidente de Lamoignon! — murmurou Peyrolles.

O presidente cumprimentou a sua companheira e perdeu-se numa álea lateral.

Gonzaga disse:

— A princesa tem o ar de quem não encontrou o que procura... Não a percamos de vista!

A multidão estava novamente febril. Anunciava-se a entrada do Regente e de Law, o segundo personagem do reino. O pequeno rei — Luís XIV — ainda não contava...

— Monsenhor não me deu a honra de uma resposta — insistiu Peyrolles. — O caso do corcunda é para esta noite?

— Ah! Êle te amedronta, hein?... Pois bem: ainda não é para esta noite. Esta noite seguiremos o caminho que êle nos indicou... Vê se percebes... Esta noite, se êle cumprir a sua promessa — e cumpre-a, com certeza! — também nós cumpriremos a que êle prometeu ao Regente em nosso nome: um homem, o terrível inimigo de tôda a nossa vida, aquêle que te faz tremer como uma mulher, deve vir ao baile!...

— Lagardère! — murmurou Peyrolles.

— Então, na presença de tôda a multidão, vagamente comovida e que parece esperar qualquer coisa de inseperado antes do fim da noite, arrancar-lhe-emos a máscara e diremos: *eis o assassino de Nevers!...*



— Viste? — perguntou Navailles.

— Palavra de honra que parece a princesa! — respondeu Gironne.

— Sòzinha? No meio de tôda esta multidão, sem cavalheiro, nem pajem?... — comentou Choisy.

— Reparem que está à procura de alguém...

— Por Deus!... Ah! Lá vai a linda deusa! — exclamou Chaverny, despertando da sua melancolia.

— Onde?... Aquêle dominó côr-de-rosa?

— Ora!... É *mademoiselle* de Clermont que anda à minha procura — disse Nocé.

— O vaidoso!... — exclamou Chaverny. — Pois não vês que é a marechala de Tessé que anda à minha procura, enquanto o marido corre atrás do Czar?

— Cinqüenta luíses em como é *mademoiselle* de Clermont!

— Cinqüenta em como é a marechala!

— Vamos perguntar-lhe!

E os dois loucos se precipitaram para alcançar o dominó, quando, de súbito, viram que era seguido por dois espadachins, de mão no punho da espada e nariz no ar.

— Irra! — disseram ambos ao mesmo tempo. — Nem uma, nem outra... Trata-se de qualquer aventura!...

Os nossos conhecidos jogadores se tinham reunido não longe do lago, depois de haver comido alguns doces e provado os licores, o que lhes deu uma disposição melhor.

— Meus senhores — disse Chaverny, voltando para junto dos amigos. — Não se trata de marechala, de *mademoiselle* de Clermont, nem de qualquer pessoa do nosso conhecimento. É uma beleza maravilhosa e absolutamente nova no nosso meio. Uma burguezinha não teria aquêle porte altivo de rainha; uma provinciana nunca poderia ter aquela graça encantadora; uma dama da Côrte não conseguiria aquela expressão de encantador embaraço... Vou fazer uma proposta!

— Venha ela! — exclamaram de todos os lados.

— Pois bem! Não é direito que semelhante tesouro pertença a pessoa que não faça parte do nosso grupo!

— De acôrdo!... — exclamaram alguns.

— É uma injustiça! — concordaram outros.

— Portanto, proponho — concluiu Chaverny — que a linda deusa não encontre a pessoa a quem procura!

— Bravo! E qual de nós é que ela encontrará? — perguntou Navailles.

— Eu!... Eu!... Eu!... — exclamaram todos ao mesmo tempo.

Chaverny, com um gesto magistral, pediu silêncio.

— Meus senhores — disse êle. — Êsses debates ainda são prematuros. Logo que tenhamos conseguido arrancar a beldade aos seus guardas, jogá-la-emos lealmente aos dados!

Uma opinião tão douta teve imediatamente a aprovação geral.

— Ao assalto! — exclamou Navailles.

— Um instante, meus senhores! — interrompeu novamente o marquês. — Reclamo a honra de dirigir a expedição.

— Concedido!... Concedido!...

Chaverny olhou em redor.

— A questão — disse — é não fazer barulho. O jardim está cheio de guardas e seria uma tristeza sermos postos fora antes da ceia... É necessário, portanto, usarmos de astúcia. Ora, aquêles que têm boa vista, não descobrem ao longe, em qualquer ponto do horizonte, um dominó côr-de-rosa?!...

— Olha! Aqui vai um... dois... três... quatro... — disseram no grupo.

— Não é isso... Um dominó côr-de-rosa que seja conhecido!

— Ali vai *mademoiselle* Desbois! — anunciou Navailles.

— E ali, Cidalise! — disse Taranne.

— Como só precisamos de um, escolho Cidalise, que é pouco mais ou menos da altura da nossa bela desconhecida. Tragam cá Cidalise!

Dali a momentos levaram o dominó em questão a Chaverny.

— Meu amor — disse-lhe o marquês. — Oriol, que é agora fidalgo, promete cem pistolas se nos servires como deve ser!... Trata-se de despistar dois cães de guarda...

— E vamos rir um pouco?

— A mais não poder! — responleu Chaverny.

Oriol não protestou contra a promessa das cem pistolas, porque tinham dito que êle era fidalgo.

Cidalise não se fêz rogada:

— Aceito!...

As instruções não levaram muito tempo... Momentos depois já ela deslizava de grupo em grupo atingindo o seu pôsto, que era entre os nossos dois mestres-de-armas e Aurora.

Ao mesmo tempo, o *general* Chaverny manobrava de forma a chamar a atenção de Cocardasse e de Passepoil.

Cocardasse foi o primeiro a receber um forte encontrão. Soltou uma praga e





levou a mão à espada, mas Passepoil disse-lhe ao ouvido:

— Marchemos direitinhos!

Cocardasse refreou o entusiasmo e dali a momentos coube a vez a Passepoil.

— Toca a andar, mas... direitinhos! — aconselhou Cocardasse, por seu turno, ao ver brilharem os olhos do amigo.

Dali a instantes alguém se atravessou no caminho do gascão, enquanto outro desastrado ia fazendo tropeçar o normando.

— Marchemos direitinhos!...

Mas as orelhas dos nossos dois heróis estavam vermelhas como sangue.

— À quarta vez parece que vou zangarme! — murmurou Cocardasse.

Passepoil respirava forte como uma foca. Nada respondeu, mas quando Taranne voltou à carga, recebeu uma bofetada colossal.

Cocardasse soltou um suspiro de alívio... não fôra êle o primeiro e com um sôco, apenas, fêz Gironne e o inocente Oriol rolarem na poeira do jardim.

Aquilo, porém, foi obra de um momento. Chaverny em pessoa conseguiu desnortear Aurora. Cocardasse e Passepoil, logo que puseram os assaltantes em fuga, olharam em frente e, com grande alívio, viram o dominó côr-de-rosa no mesmo lugar... Era Cidalise que ganhara as cem pistolas!

Os dois espadachins, satisfeitos por saírem impunes da refrega; principiaram a vigiar Cidalise, repetindo, triunfantes:

— Marchemos direitinhos!...

Entretanto, Aurora, desorientada e não vendo os seus dois protetores, fôra obrigada a seguir os movimentos dos que a rodeavam. Êstes, fingiam ceder ao impulso da multidão e, insensìvelmente, foram-na arrastando em direção ao bosquezinho situado perto da estátua de Diana, e junto da qual se elevava o pavilhão de mestre Le Bréant.

A multidão preferia as grandes avenidas... O local estava quase deserto.

Chaverny, logo que lá chegou, levou a mão à máscara. Aurora soltou um grito, pois acabara de reconhecer nêle o rapaz que vira em Madrid.

Ao grito da jovem, a porta do pavilhão abriu-se. Um homem alto, mascarado, inteiramente escondido sob um amplo dominó prêto, apareceu no limiar, de espada na mão.

— Não se assuste, linda senhora! — disse-lhe o marquês. — Somos seus humildes admiradores!...

E dizendo isto, procurou passar o braço em redor da cintura de Aurora, que gritou por socorro. Não conseguiu, porém, fazê-lo mais do que uma vez, porque Albret, que deslizara para detrás dela, lhe colocou sôbre a bôca um lenço de sêda. No entanto, uma vez fôra o bastante.

O dominó prêto passou a espada para a mão esquerda. Com a direita pegou em Chaverny pela nuca e fê-lo estatelar-se a dez passos de distância. Albret teve o mesmo destino.

Imediatamente, dez espadas saíram das bainhas. O dominó pegando na sua com a mão direita, com duas estocadas desarmou Gironne e Nocé, que estavam à frente do grupo. Oriol, vendo isto, não disse uma nem duas e principiou a fugir, gritando por socorro.

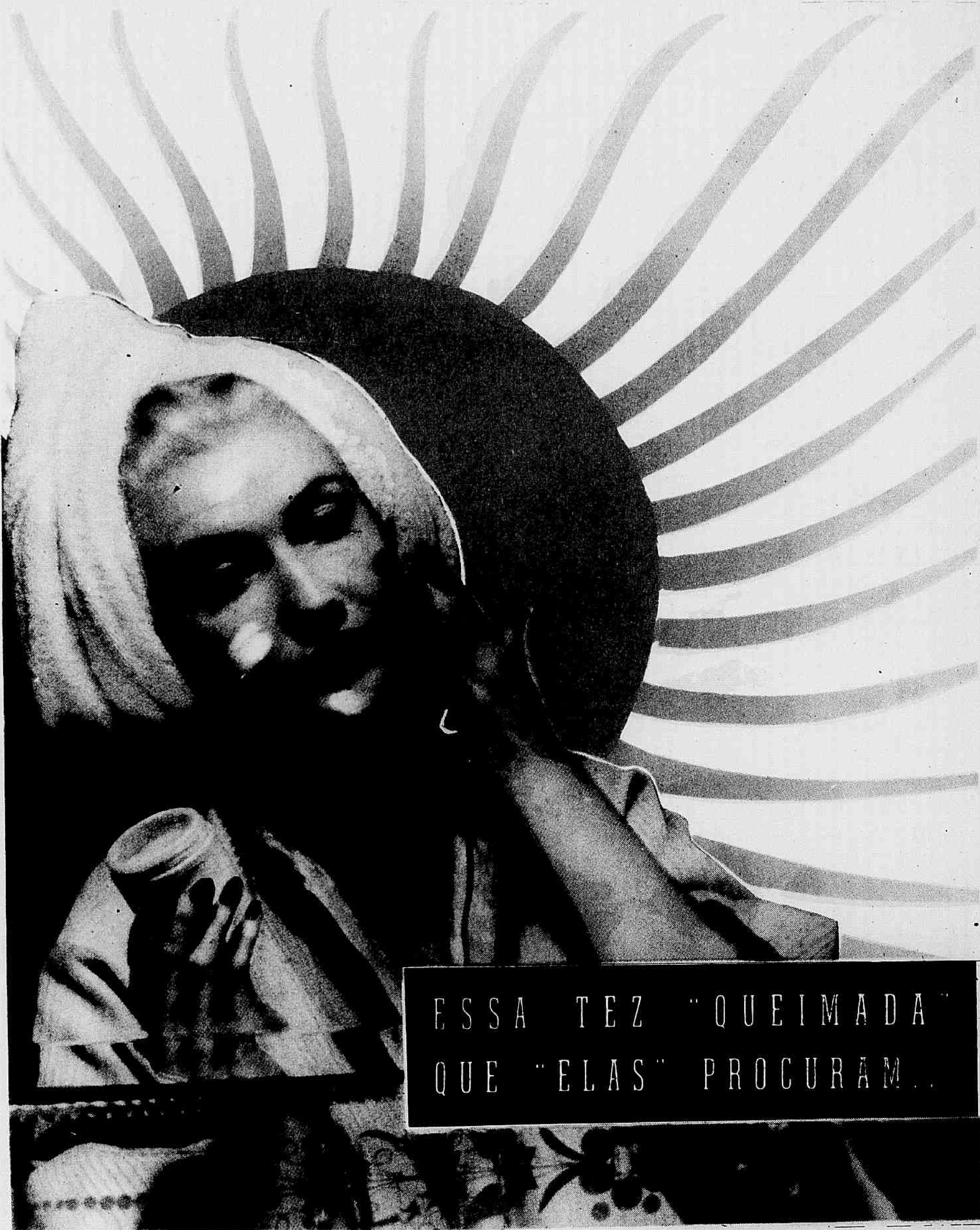
Montaubert e Choisy carregaram: o primeiro caiu de joelhos, com um formidável golpe na orelha e Choisy, menos feliz, recebeu uma cutilada em pleno rosto.

Entretanto, chegaram os guardas franceses, atraídos pelo ruído e os nossos aventureiros, mais ou menos contusos, dispersaram-se ràpidamente. O dominó prêto e a jovem tinham desaparecido como por encanto... Os guardas ao chegarem ao local da luta ouviram apenas a porta de mestre Le Bréant fechar-se...

— Com os demônios! — exclamou Chaverny, ao encontrar-se de novo com Navailles no meio da multidão. — Mas que chuva de estocadas!... Muito gostava eu de tornar a encontrar aquêle senhor!... Quanto mais não fôsse para o cumprimentar pela sua agilidade!

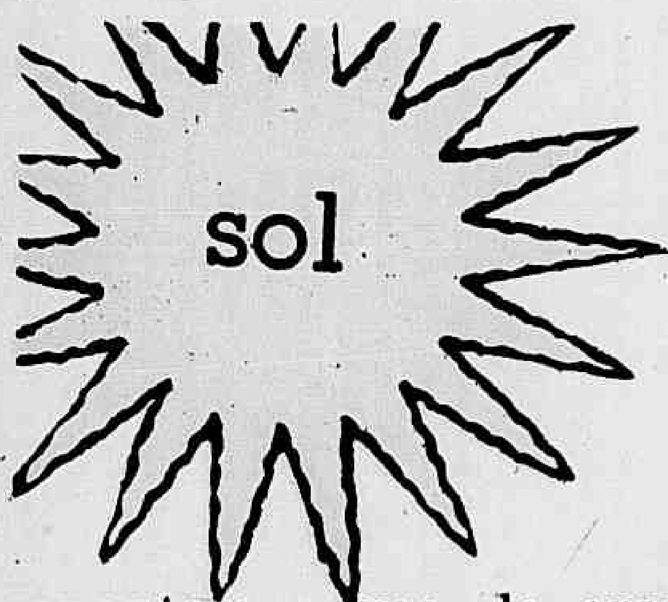
Gironne e Nocé chegaram depois, de cabeça baixa. Choisy estava a um canto, com o lenço sôbre o rosto; Montaubert escondia a orelha ferida o melhor que podia. Cinco ou seis dos outros procuravam dissimular também umas esfoladelas mais ou menos aparentes. Só Oriol, o bravo e heróico Oriol conseguira sair intacto!...

(Cont. no próximo número)



ESSA TEZ "QUEIMADA" QUE "ELAS" PROCURAM...

MAIS, muito mais importante que o sol, é necessário considerar o vento, a água salgada e alguns outros cuidados. Em geral, mesmo aquelas que nasceram e sempre viveram nas regiões de sol mais constante e mais forte, desconhecem o que está certo e o que não convém a respeito dos banhos solares — e em geral, também, têm pele feia e fatigada. Uma loura natural pode muito bem escurecer a pele, tôda por igual e descer, mesmo, aos tons mais escuros. Há, naturalmente, várias teorias a respeito, tôdas conhecidas, mas seguidas erradamente. Por isso vamos aqui apontar o melhor processo, seguros de que, sendo seguido com atenção, o resultado será bastante satisfatório, neste verão. O indispensável, antes de tudo, é conhecer a capacidade da própria pele. Isto é importante, a fim de saber *que*



quantidade e *que qualidade* de Sol devemos procurar, de cada vez. Se se trata de uma loura natural e de pele *clara-rosada*, muitos médicos apontam o uso de cremes e óleos. Não concordamos. Apenas aceitamos essa indicação quando se fica com o corpo também exposto ao vento, num veloz passeio de lancha. Isto porque, nessa circunstância a pele fica exposta ao sol, ao vento e ao sal, que concorrem, todos, para queimar a pele. Nas demais ocasiões é suficiente recorrer ao creme próprio para "alimentar" a pele, usado geralmente para a hora de dormir. Um banho de sol normal, no dia imediato, não exigirá uma aplicação adicional.

Os especialistas têm razão, sem dúvida, quando dizem que se tome banho de sol *com vagar*. Na verdade, convém começar com vinte minutos para a frente e para as costas, num total de quarenta, no primeiro dia. Nos subseqüentes é possível elevar o total para cinqüenta minutos ou mesmo uma hora. Dizem os médicos que isso é demasiado para as louras, sendo mais aconselhável para as morenas. Por isso será sempre melhor *cortar* um pouco dêsse tempo de exposição, dado que há peles menos resistentes do que as outras. As pessoas que já tenham adquirido um forte "queimado" poderão ficar mais tempo... desde que se movimentem, que caminhem, a fim de reduzir ao mínimo o perigo das queimaduras.



Já as louras *bem claras* deverão tomar maior cautela com o sol. É preciso examinar os resultados, à noite. Se a pele se apresenta empolada ou rachada poderá continuar na manhã seguinte, porém por ligeiros instantes apenas. No caso de não haver vestígio de início de queimadura, recomeçar tranqüilamente, sem receio, pelo mesmo prazo inicial.

Êste é o método aconselhável para as *ruivas* também. Exceto em raros casos, não sofrerão qualquer prejuízo com essa experiência. O teste é indispensável logo após o primeiro dia, pois há peles que não resistem um pouquinho sequer ao sol. Neste caso, convém desistir de uma vez, sem o que a pessoa correrá o risco de empoladuras perigosas, algumas provocando o envenenamento do próprio sangue.

Para as morenas, os banhos de sol constituem coisa mais simples. É claro, deverão ter as mesmas cautelas iniciais. Mas, em geral, após os primeiros cinco ou seis dias, já o "queimado" está bem estabelecido, pois que têm elas o generoso auxílio pigmentário, que reage, ràpidamente, aos raios ultravioleta do sol. Se uma pessoa sofreu perigosas queimaduras alguma vez, deverá ter o máximo cuidado, para o futuro.

Em caso contrário, poderá estar mais descansada — mas sempre atenta aos resultados dos primeiros dias, em cada temporada.

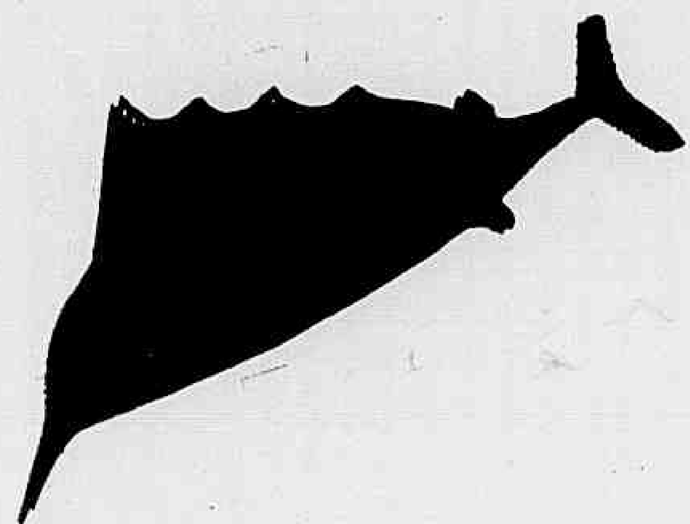
Para os primeiros, aqui estão alguns conselhos do médico:

— Permanecer fora dos raios diretos do sol, durante alguns dias, ao abrigo de um guarda-sol ou, pelo menos, manter livre de sol as partes já uma vez queimadas perigosamente.

— Evitar roupas de tecido áspero ou que fiquem muito justas sôbre as partes queimadas.

— Beber laranjadas ou limonadas várias vêzes por dia. Tomar uma aspirina, ao deitar, a fim de dormir melhor.

— Uma loção à base de calamina sôbre as partes afetadas.



— Depois que as queimaduras tenham melhorado e esvaziado as bôlhas eventualmente formadas, usar





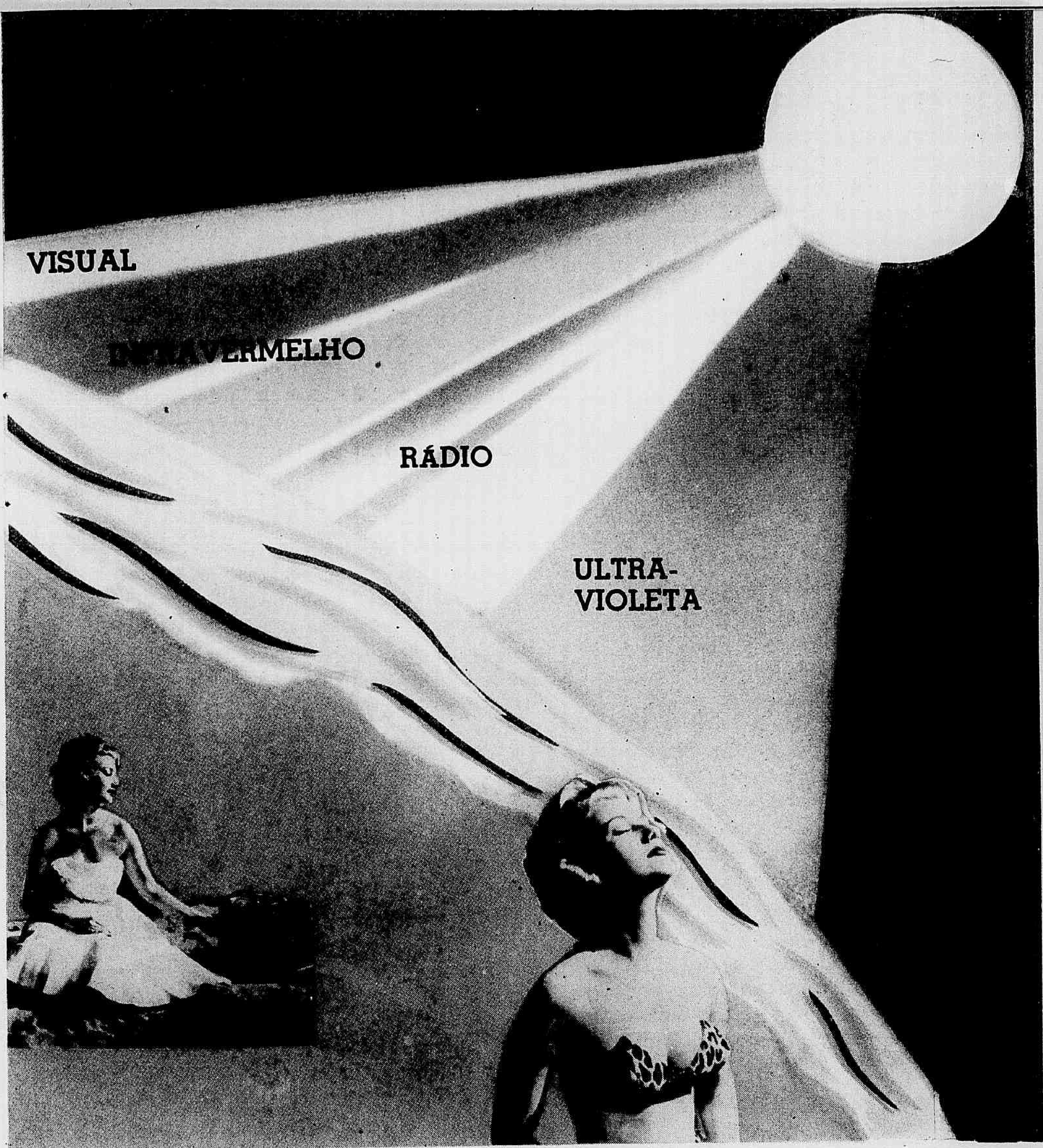
DIFERENTES RAIOS — COM RESULTADOS DIFERENTES

O sol nos afeta de diferentes formas. Suas ondas de rádio causam interferência com os aparelhos portáteis de rádio, quando ficam expostos ao sol. Os raios visuais provêm a luz que nos permite ver. Os raios ultravioleta penetram na pele até a profundidade de 25 milímetros, provocando vitamina D na superfície da pele e promovendo maior resistência às infecções. Aliados aos cálidos raios infravermelho, dão o tom queimado (ou queimam realmente) à pele. Certos cremes ou loções podem cortar boa quantidade dos raios ultravioleta, mas não os infravermelho, permitindo assim um queimado agradável e sem risco.

um creme à base de salamina ou zinco e creme de linhaça.

Convém não esquecer: pernas e braços não sofrem tanto com essa exposição ao sol como o rosto. Por isso não percam a oportunidade para iniciar um bonito queimado de sol, exibindo pernas e braços nos parques e jardins, antes de iniciadas as exposições do resto do corpo.

Se, após um longo banho de sol, nos sentimos fatigados e desanimados, isto significa que o corpo, muito provàvelmente, perdeu muito sal e muita água, por intermédio da transpiração. Devemos, em tal caso, beber maior quantidade de líquidos e também maior quantidade de sal nos alimentos. Êste último poderá ser ingerido numa quantidade de aproximadamente duas colheres-de-chá, por dia. Os que não apreciam a comida muito salgada, poderão adotar o costume dos norte-americanos e canadenses, que ingerem o sal com um copo d'água ou de cerveja, pela manhã. O leitor, após essa experiência, ficará surpreendido



com os excelentes resultados que por certo alcançará.

E a respeito de óculos para o sol?

As mulheres devem evitar o seu uso, quando estendidas na areia, de frente para o sol (nos períodos mais avançados da temporada). Sem o que ficarão com um círculo embranquiçado em redor dos olhos, o que para muitos poderá parecer que não soube usar muito bem o *make-up*. Mas devem usar óculos, quando passeiam sob sol forte. Muitas semicerram os olhos, quando estão sob o sol direto e isso causa rugas muito feias.

A escolha dos óculos deve ser cuidadosa. O colorido das lentes não tem grande importância, segundo afirmam os técnicos, mas o grau de filtragem ou de "sombra" sim, é importante. Também a forma é importante, devendo ser preferida a chamada "olhos de gato", que, além de mais decorativa, é mais efetivamente protetora, segundo opinam os médicos.

Homens e mulheres reagem de maneira diferente sob o sol forte. As mu-

lheres, em geral, suportam melhor. Isto porque, quase sempre, as mulheres começam a suar quando a temperatura atinge a quarenta graus; já o homem sua antes mesmo de atingir os trinta-e-cinco. A ação refrescante do suir é tão efetiva que no ar sêco muitas pessoas podem suportar temperaturas suficientemente altas para assar um bife!

Os homens não gostam muito da idéia de usar óleos e cremes especiais para ajudar o queimado, protegendo a pele. Algumas mulheres também não usam êsses protetores e, na verdade, só devem ser usados pelas que têm pele muito clara e frágil. Para todos êles aconselhamos o uso de um óleo realmente superior ou... nenhum, pois há pessoas que empregam uma mistura de oliva e vinagre, surgindo na praia cheirando a salada.

Outro detalhe importante é o do cuidado dos pés. Quem já queimou alguma vez a planta dos pés, jamais pôde esquecer. O que adormece na praia fica com os pés naturalmente imóveis e, assim, formando um excelente alvo para o sol.

O principal, em tudo, é ser cauteloso. É preciso perder um pouco do entusiasmo pelos banhos solares, conforme o desejo que nos assalta, no início do verão. Quando se precavém contra êsses exageros, o indivíduo consegue fazer, realmente, uma excelente temporada de praia.

NÃO ESQUECER O QUE PRESCREVEM OS MÉDICOS

O banho de sol é uma prática muito antiga e salutar, embora podendo constituir uma "faca de dois gumes". Os raios ultra-violeta do Sol produzem vitamina D, na pele. Matam grandes quantidades de germes na superfície da pele e aumentam a resistência de todo o corpo contra as infecções e muitas enfermidades. O saber tomar banhos de sol, porém, é o que mais importa.

*
* *

Escurecer depressa e o menos dolorosamente possível é fácil se o indivíduo consegue evitar grande parte dos raios ultravioleta, mas não os infravermelhos... com a ajuda de óleo especial. Uma boa fórmula? Ei-la: 10 por cento de salicilato de metila; 50 por cento de óleo de sésamo: 40 por cento de parafina líquida.

*
* *

Deve ser combatida essa sonolência que nos invade, quando repousamos na praia. Principalmente, não devemos dormir descobertos, sob sol quente. Do contrário sofreremos de queimaduras graves, empoladuras e, ainda, de dor de cabeça.

*
* *

Ao subir montanhas, não esquecer que o Sol das alturas é mais forte que o das

O QUE É PRECISO EVITAR

Não apanhar muito sol se não estiver pousem ao sol, mas não durmam! E dentro d'água se êle não quiser tomar



praias. Não porque o indivíduo esteja mais perto do astro, mas, simplesmente, porque entre êle e os raios solares há menor quantidade de poeira, que é boa capa protetora contra os mesmos.

*
* *

Não tomar banho de sol, quando se tenha um pouco de fèbre ou sofrendo de qualquer indisposição; quando o indivíduo tiver ingerido sulfas ou outras drogas que produzem maior sensibilidade à luz solar; quando já tiver a pele empolada por queimaduras ou exageradamente vermelha. E, principalmente, não tomar banho de sol... se o indivíduo se mostrar alérgico aos raios solares. Ao contrário do que geralmente se acredita, muita gente é alérgica ao sol. Têm excessiva reação da pele, que sofre mais que outra qualquer, surgindo mesmo eczemas. Outros dão para espirrar interminàvelmente e seus olhos entram a lacrimejar desagradàvelmente.

*
* *

Todos, porém, poderão tomar banhos de sol com o uso de loções ou óleos realmente protetores. Alguns dêsses produtos que contenham ácidos tânicos, protegem realmente, mesmo que o indivíduo se banhe no mar repetidas vêzes... desde que não se enxugue com toalhas, mas apenas com o próprio ar e o sol. Aplicar êsse óleo protetor duas ou três vêzes ao dia. Êsses cremes poderão conter qualquer dos seguintes produtos: cinco por cento de ácido tânico; cinco por cento de hidroclorido quinino; dez por cento de ácido paraaminobenzóico; dez por cento de salol.

*
* *

A visão noturna de qualquer indivíduo pode ser reduzida pelo muito sol que tenha apanhado durante o dia. Por isso é aconselhável o uso de óculos contra o sol, principalmente se o indivíduo dirige automóvel. Convém usá-los, também, se o indivíduo é alérgico ao sol, se deseja evitar rugas ou se apenas se sentir inconfortável ao sol.

*
* *

Óleos naturais costumam secar sôbre a pele e os cabelos, quando expostos ao ar e ao sol. Não resistem nada ao contato com a água do mar. Por isso convém usar uma loção oleosa ou mesmo os cremes gordurosos, usados para tratamento da pele. As mulheres também poderão adotar os cremes de amêndoas, próprios para evitar rachaduras dos lábios, pois tornam a pele mais elástica e, portanto mais resistentes ao sol.

*
* *

Nadar sob sol forte é agradável, mas não obriguem a isso as crianças. Esperem até que elas próprias queiram nadar, evitando forçá-las a isso. Não tomar banho de mar e, principalmente, não nadar até que tenham passado duas horas depois da última refeição e o indivíduo se sinta com o estômago livre de qualquer pêso.

Nadar com o corpo frio pode provocar infecção do ouvido médio.

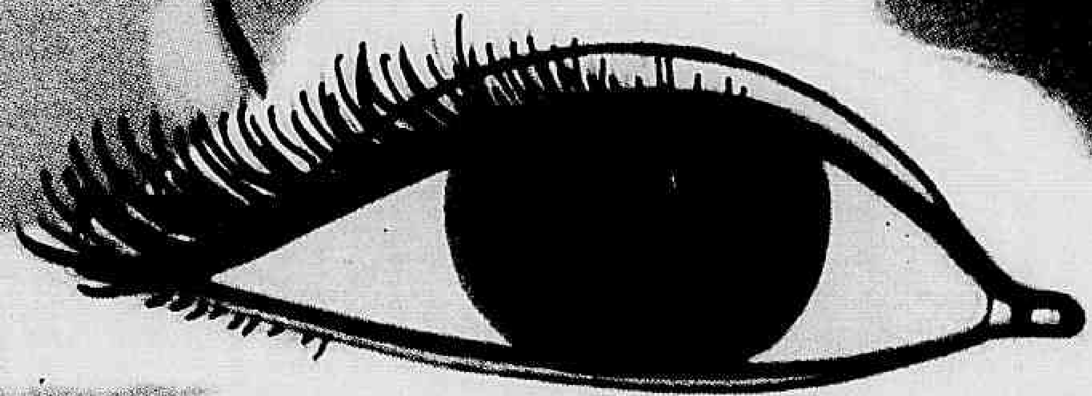
Convém apanhar um pouco de sol, antes de nadar. Ir para a água com pés frios é arriscado, pois em geral isso provoca ataques de câibras.

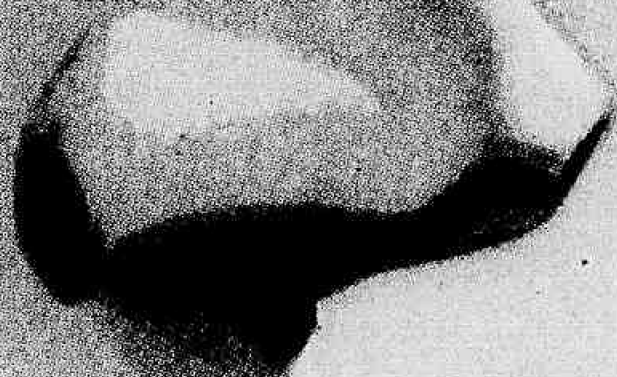
ACIMA DE TUDO

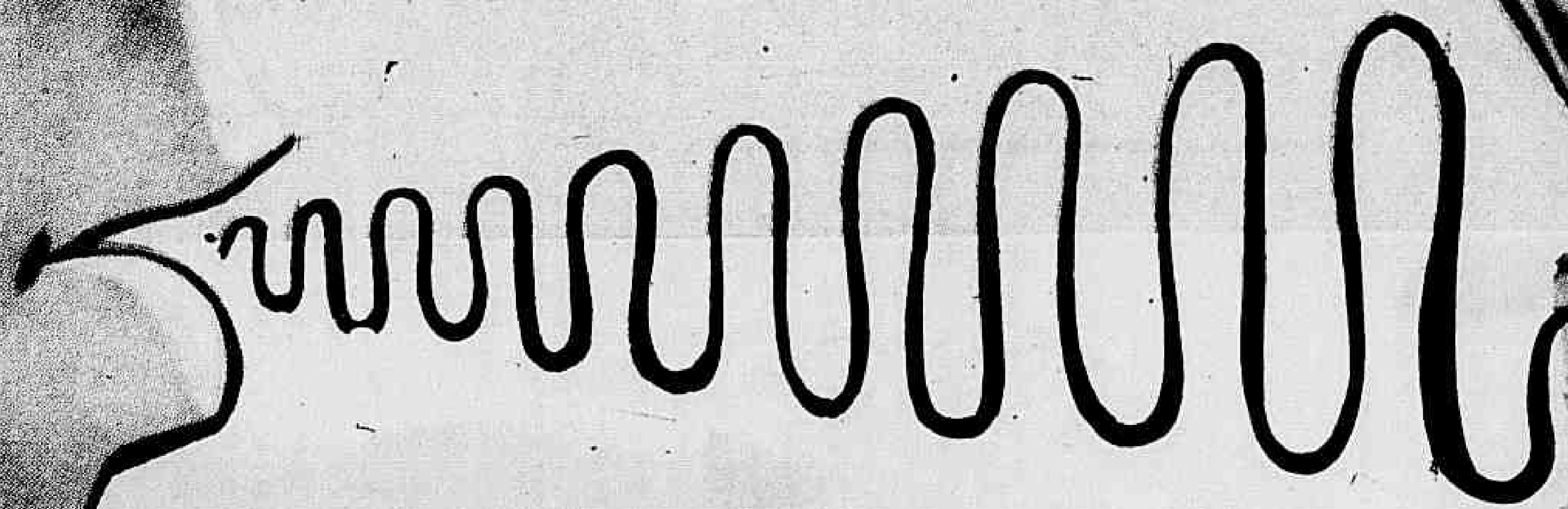


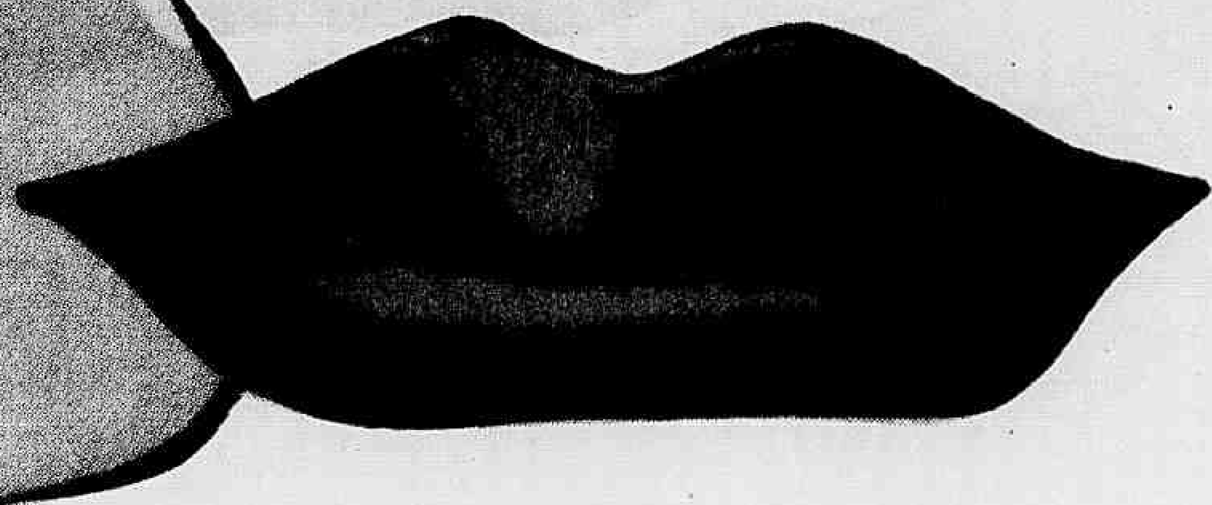
OS CINCO SENTIDOS

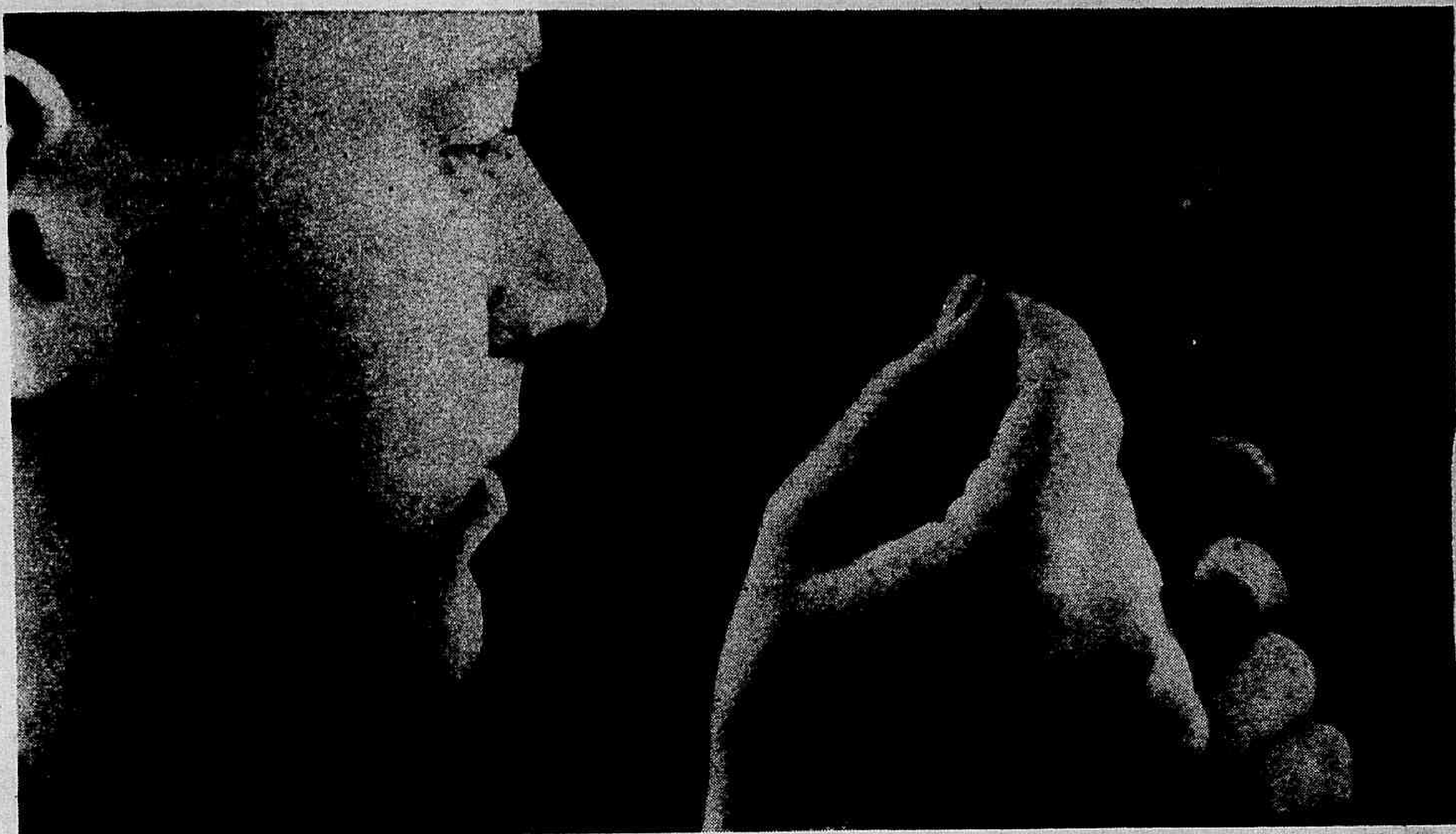


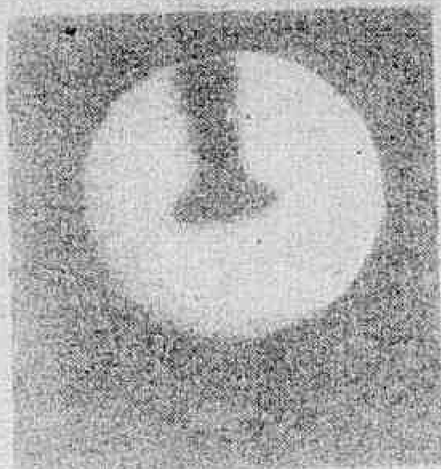












OLHEM através de um furo pouco maior que a cabeça de um alfinête, aberto num cartão, enfrentando uma luz colocada a uns vinte centímetros de distância. A seguir levantem um alfinête até que a cabeça do mesmo fique exatamente entre o ôlho e o orifício. Verá, então, o alfinête, como uma sombra, na posição indicada no clichê menor, à esquerda.



O VERDE É A ÚLTIMA CÔR A DESAPARECER

(Sob luz turva ou fraca, certas côres parecem mais brilhantes)

Quando a luz enfraquece, a sensibilidade do ôlho humano às côres se transforma. Isso é devido ao «efeito de Purkinje» ou seja: as côres estampadas num papel parecem mudar quando a luz enfraquece. O vermelho é o primeiro a desaparecer, enquanto o azul e os violetas surgem relativamente mais brilhantes que sob a luz do dia. O verde é a última côr a desaparecer. Quando a luz enfraquece além de um limite, tôdas as côres desaparecem. Façam a experiência com a luz de uma lanterna elétrica, cobrindo a lente com pano ou papel, até que só com esfôrço possam ver os objetos num quarto escurecido. Sob a luz fraca, o verde e o azul surgem mais brilhantes do que o normal, enquanto o vermelho e o amarelo escurecem.



QUANDO O VERMELHO É VERDE

(A tinta vermelha pode, algumas vêzes, mudar para verde diante dos nossos olhos)

Alguns filmes ou metais ou, ainda, soluções de anilina, mudam misteriosamente de côr, dependendo para tanto da maneira como são observados. No caso acima a culpa é da falta de substância e não da nossa vista. Não obstante a tinta vermelha fabricada para certas tinturas pode parecer verde. Deitem algumas gôtas no fundo de um copo e olhem através do mesmo. É realmente vermelho. A seguir segurem o copo de modo que a luz reflita de sua superfície para o ôlho. Então a tinta é verde. Êsse estranho efeito é devido à reflexão seletiva da luz na superfície.



CALCULAR COM UM SÓ ÔLHO

(São necessários dois olhos para julgarmos a profundidade. Experimentemos, porém, com um só ôlho...)

A prova parece fácil, mas os resultados são surpreendentes. Fechem um ôlho, conservando dois lápis, um em cada mão e, aproximando-os, procurem tocar as duas pontas. Com as duas vistas é fácil. Com uma só a tarefa se torna árdua, porque a nossa capacidade de julgar a profundidade ou a distância de cada objeto se torna dificuldade pela impossibilidade de julgar os diferentes ângulos. Os objetos aparecem em três dimensões porque com dois olhos vemos parcialmente em redor dêles Quando se fecha um ôlho, os objetos parecem achatados e num mesmo plano.

LEVANTAR IGUALMENTE DOIS COPOS



Antes de tentarmos levantar seja o que fôr, inconscientemente, calculamos seu pêso e preparamos os músculos para essa tarefa. Se nosso cálculo é errado, nossas reações são grotescas. Podemos experimentar isso com uma pessoa que desconheça, por exemplo o pêso da balsa, madeira ultraleve ou um pequeno frasco de mercúrio, que parecerá a mesma pessoa como soldado à mesa. Tentemos, também, um pequeno truque com um amigo, à mesa do jantar. Coloquemos dois copos, cobertos com guardanapos, à distância de comprimento de braço diante do mesmo. A um sinal, pediremos que segure um copo em cada mão, levantando-o ràpidamente e igualmente. Para assombro seu, um copo será levantado com rapidez, enquanto o outro será erguido com mais vagar. Isto porque o segundo lhe paracerá extraordinàriamente pesado — porque nêle foi, às escondidas, colocado açúcar, miolo de pão ou areia. Isto porque os músculos respondem ordinàriamente às sugestões do cérebro, criando reações realmente divertidas.

DUAS BOLAS... OU UMA SÓ?



Os olhos dirão que se trata de uma só, mas o tato dirá que são duas

Quem pode jurar pelo que sente com os dedos? Quem pensar afirmativamente poderá tentar uma boa experiência, rolando uma pequena bola de vidro ou simplesmente de miolo de pão, entre as pontas do médio e do indicador, cruzados, conforme indica a gravura. Rolando a bola, esta toca primeiro um dedo, depois outro. Embora se saiba que se trata de uma única bola, os sentidos se esforçam desesperadamente para nos dizer que são duas. Aristóteles, o grande cientista e filósofo grego, fêz essa demonstração 300 anos antes de Cristo. É realmente assombroso. Quando os dedos estão cruzados, o senso estimuli chega ao cérebro por caminhos estranhos — e o pensamento fica confundido.

QUANDO O SABOR PODE SER OLFATO



A vovó sabia o que fazia, quando fechava, com os dedos, o nariz de mamãe, para obrigá-la a engolir o óleo de rícino. A Ciência reconhece hoje que o sabor de muitos artigos alimentares e medicinais é causado em grande parte pelo cheiro. Na realidade, o sabor, uma sensação quìmicamente iniciada e que se origina nos botões sensoriais da língua, distingue apenas quatro coisas — açúcar, ácido, sal e amargo. O sabor de «roast-beef» ou couve, salmão ou abacaxi é inteiramente devido ao aroma. Eis porque os pratos mais apetitosos se tornam sem sabor, se estamos resfriados e com as narinas entupidas. Podemos fazer a experiência... comendo maçã e cheirando uma pêra, porque esta, com seu perfume mais forte, cederá seu sabor à maçã.



NÃO DEVEMOS ACREDITAR MUITO EM NOSSOS OUVIDOS

(Quando o som atinge ambos os ouvidos com a mesma intensidade, o sentido direcional pode ser prejudicado, como demonstra o indivíduo de olhos vendados)

Sem a ajuda dos olhos ou de um prévio conhecimento, não podemos acreditar em nossos ouvidos, para saber de onde nos chega determinado som. Os ventríloquos ganham a vida aproveitando-se dessa humana deficiência auditiva. Quando "falam" dirigem a nossa atenção simplesmente para a direção de onde quer que julguemos que a voz nos chega. O olhar e a imaginação fazem o resto. Quando julgamos corretamente a direção de um som, é porque o ouvido mais próximo da fonte recebe mais forte impressão. Quando o som nos chega aos dois ouvidos com igual intensidade, ficamos indecisos. Como experiência, estalem os dedos, gentilmente, a um metro bem à frente, ou às costas de uma pessoa com os olhos vendados. Ela não poderá indicar com segurança onde se encontra a fonte.



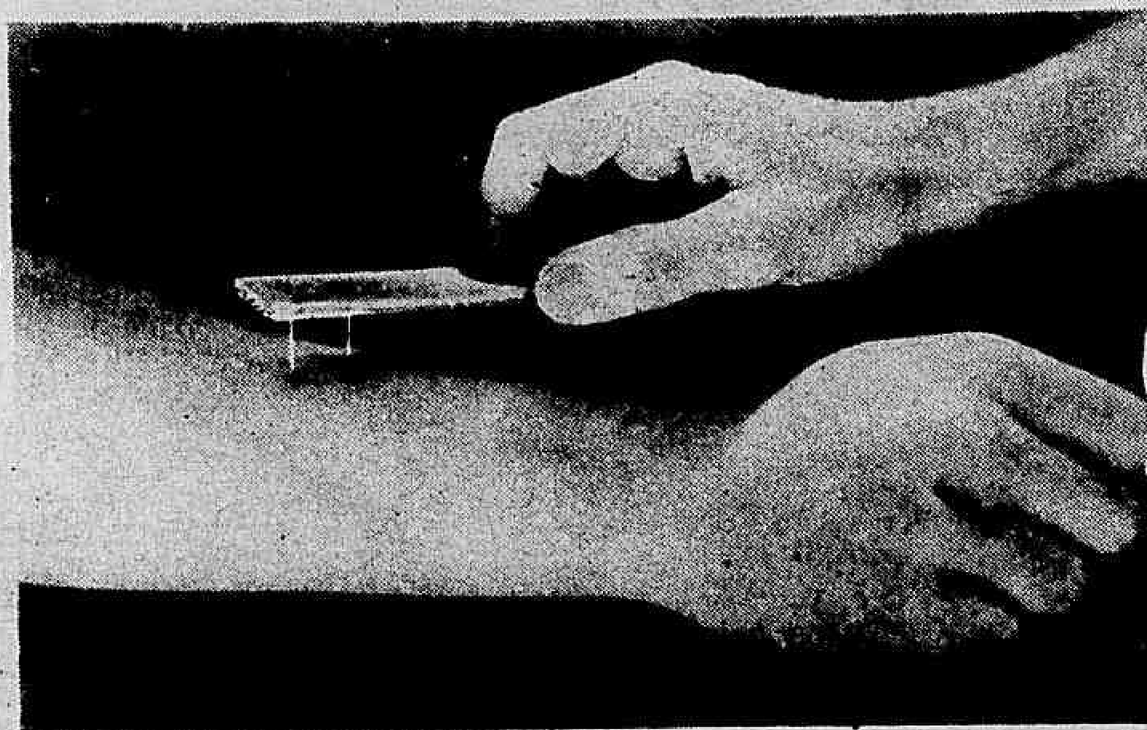
ESCOVE O SEU AMIGO...

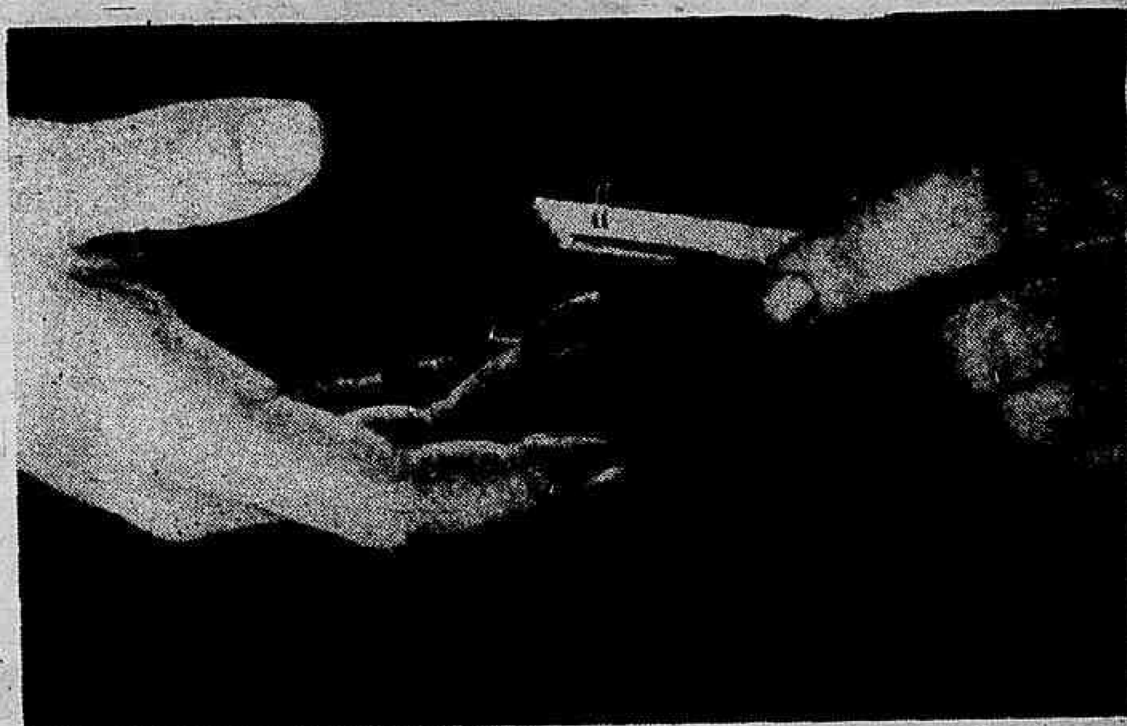
(O ruído do escovar pode criar uma ilusão sensorial...)

Eis outro truque surpreendente. Para provar que os sentidos de uma pessoa podem enganá-la, o leitor escovará a si próprio, primeiro, diante de um amigo e, a seguir, dirá que vai escová-lo também. O truque tem que ser bem executado, para obter resultado. Mostre a escôva ao amigo, faça-o voltar-se de costas e então passe levemente os dedos sôbre os seus ombros, ao mesmo tempo que escova a si mesmo. A sensação dos dedos, passados lentamente e o som da escôva... somados à imaginação e à lembrança de outras escovadelas, tudo se combinará para dar ao amigo a impressão de que está sendo gentilmente escovado.

A SENSAÇÃO DE TOQUE

Dois alfinêtes, largamente espaçados, podem parecer um só, quando calcados sôbre o braço. Entretanto, colocados mais estreitamente, parecem mesmo dois, se tocados com a ponta de um dedo.





Nossa sensibilidade ao contato varia de uma parte para outra do corpo, porque os nossos nervos terminais estão desigualmente distribuídos pela superfície do corpo. Na ponta dos dedos, onde é necessária grande sensibilidade, estão bastante concentrados.

Mas, nas costas das mãos e outras partes do corpo, onde a sensibilidade não é tão necessária, são bem mais raros.

Os dois exemplos das gravuras provam isso com grande clareza.

Com a ponta da língua essa distinção é ainda mais fácil.



A HERANÇA

Por JOHN D. WEAVER

MISS MARTA ERA PERITA EM ESTRÊLAS DE CINEMA. SABIA TODOS OS DETALHES FASCINANTES DA VIDA DE CADA ARTISTA. AGORA, DE REPENTE, SUA VIDA SE TORNAVA EXCITANTE COMO A DÊLES.







INESPERADA

Tradução de SYLVIA JAMBEIRO

ENQUANTO todo mundo, na cidadezinha, estava imaginando o que miss Marta ia fazer *com todo aquêle dinheiro*, ela estava preocupada com o fato de Mickey Rooney não conseguir encontrar a felicidade. Êle era o *prisioneiro da própria fortuna* — pensou ela, baseando-se, para isso, nos comentários da cronista Pamela Pruitt, que, num artigo intitulado "Mickey enfrenta a vida", expusera o problema e dera muita *saída* à revista "No Mundo do Cinema".

— Com certeza ela vai viajar — pensavam todos, pois isso é o que geralmente fazem as pessoas que se vêem, de repente, de posse de uma grande fortuna e, especialmente se, como ela, passaram vinte anos, quase seguidos, no quarto de uma enfêrma a atendê-la.

— O que Mickey precisa é de uma pequena compreensiva — disse miss Marta para Mr. Barnett, que era o dono do ponto de revistas e jornais que ficava entre o All-Nite Café e as lojas de miudezas para presentes. Mr. Barnett entregou a ela o novo número de "Tela de Prata", com um retrato de Cary Grant na capa. Êle não queria perder a freguesa certa, que era miss Marta; nos últimos vinte anos ela vinha comprando — e pagando com pontualidade — tôdas as revistas sôbre cinema.

— Cary está magrinho — comentou miss Marta, enquanto mr. Barnett contava o trôco. — Tenho a impressão de que êle nunca conseguiu ficar completamente curado daquela icterícia que apanhou na Inglaterra. Êle voltou a trabalhar ainda convalescente, coitado!

Colocou o trôco numa carteirinha de couro e guardou-a na bôlsa, enquanto acrescentava, num muchocho:

— Betsy não devia esquecer de fazê-lo tomar coalhada!

Era difícil quebrar a rotina de hábitos adquiridos em tantos anos, mas, enquanto andava pela rua principal, miss Marta tentou afrouxar o passo. Forçou a si mesma umas paradas diante das vitrinas das lojas de modas, examinou vagarosamente vestidos de verão e parou para ver, nas perfumarias, loções e óleos para bronzear. Fêz o possível para se convencer de que ninguém estava esperando por ela junto à janela, esperando para perguntar se era preciso demorar tanto tempo só para comprar uma revista no ponto da esquina.

Agora — e para sempre — ela estava livre da obrigação de justificar suas demoras na rua, de ter que escolher suas horas de leitura de acôrdo com o horário da *sesta* de mrs. Caskie e de ter que ler sempre com a cabeça pendida para um lado, a fim de ouvir o menor gemido ou chamado da inválida.

— Se eu fôsse ela — diziam muitos — metia-me num navio e partia para qualquer lugar!

O dinheiro, para a maioria das pessoas daquela cidade, significava uma fuga da vida rotineira, imposta pela ausência de dinheiro.

Miss Marta parou em frente de um cinema para olhar os cartazes de propaganda do novo filme de Gary Cooper. Esperava, ardentemente, que Gary e a espôsa houvessem feito as pazes. A cronista Pamela Pruitt fizera ampla reportagem e entrevistara os dois.

"As pessoas reservadas, como Gary, sentem as coisas mais do que as outras" — pensava ela quando, de repente, lembrou-se de que agora era livre e poderia ir ao cinema na "matinée" ou a qualquer hora que lhe aprouvesse. Na verdade, poderia mesmo ir àquele cinema à tarde e a outro qualquer à noite. Poderia também, se quisesse, jantar no restaurante. Agora poderia fazer *tudo* o que bem entendesse!

— Ela merecia a fortuna, com justiça! — diziam todos; mas, no íntimo, não podiam evitar uma invejazinha e uma vontade triste e secreta de estar no lugar dela.

— Tomara que êle seja feliz com Ava — murmurou miss Marta, passando por um cinema que estava levando um filme de Frank Sinatra. — Depois do escândalo de Ingrid Bergman, o divórcio dos Sinatras foi a coisa mais impressionante que já houve!

Ela era do partido de Nancy e das crianças — tão engraçadinhas... E ficaram tanto tempo casados! O mesmo já vinha ameaçando Kirk Douglas e a espôsa.

Às vêzes, miss Marta ficava imaginando o que se passava na cabeça dêstes casais novos, que vêm do nada, juntos, lutando — Kirk começou como garção em New York — e que, depois que chegam à fama, só pensam em separação. É realmente triste!

— Espero que ela saiba gastar bem esta fortuna — repetia sempre Caroline Ransom, depois que soube do testamento que tornava miss Marta herdeira de mrs. Caskie. Quanto a Arthur, atribuía essa atitude da espôsa ao seu estado interessante.

— Durante vinte anos ela não saiu do lado da enfêrma — dizia Caroline. — Tem, agora, o direito de divertir-se e descansar.

Caroline era sobrinha de miss Marta e único parente vivo; portanto, era, também, a sua única herdeira, e Arthur ficava aflito só de pensar que a fortuna inesperada da tia de sua espôsa fôsse esbanjada em vez de aplicada acertadamente, *para aumentar*. Êle próprio já tinha algumas *sugestões*, mas Caroline proibira-o de transmiti-las à tia Marta.

Arthur recostou-se mais cômodamente na velha poltrona — que êles tinham pensado em forrar de novo quando ficou confirmada a notícia do estado de Caroline. Assim, a poltrona (como a idéia de comprar um novo automóvel) foi relegada a um plano de segunda importância, em face daquela emergência...

— Acho que ela devia ir a Hollywood — falou Caroline. — Aposto que ela ia adorar ver, *de perto*, todos os artistas favoritos!

— Como é que ela *iria ver* todos os astros de cinema? Êles não ficam em exposição em jaulas!

— As pessoas que vão lá sempre vêem alguns, nos restaurantes, nas lojas...

— Earl e a espôsa não viram um só, sequer, quando lá estiveram.

— Viram sim! Viram Shelley Winters.

— Saindo de uma farmácia...

— Pelo menos *viram*, e é o que interessa!

— Ora, não se gasta uma fortuna só para ver Shelley Winters saindo de uma farmácia! — replicou Arthur, irritado. Então, Caroline disse que êle não precisava gritar e êle, furioso, disse que não estava gritando e a discussão foi em crescendo.

Miss Marta não se preocupara com mandar reformar o seu quarto, na pensão de Mrs. Lawson, porque não sabia bem quanto tempo ainda ficaria ali e, mesmo, achava que tudo estava bem como era.

Como a maioria das pessoas, ùltimamente, mrs. Lawson se mostrava muito prestimosa e Arthur passou a tarde de sábado ajudando na mudança para um quarto melhor. Caroline quis ajudar, porém miss Marta não permitiu, vendo-a naquele estado delicado.

Formavam um lindo par — pensou miss Marta. — Guardara o retrato de casamento de Caroline e outro mais da recepção, num porta-retratos que colocara sôbre a mesinha, onde guardava as revistas. Esperava que Caroline tivesse juízo e fôsse cuidadosa. Ia emprestar, para que ela lesse, a reportagem sôbre Jeanne Crain — tão bonitinha! — e o lindo bebêzinho que é Janine. Se não lhe falhava a memória, esta reportagem saíra na revista "Segredos da Terra do Cinema" e estava na página seguinte às duas que traziam retratos Allan Ladd com a família.

Devia ser agradável para Allan, depois de sair da frente dos refletores de filmagens, ir para o seu *rancho* tranqüilo e brincar com os filhos, David e Alana; e, além disso, Sua era tão habilidosa em fazer doces. Mas era preciso não chegar tarde para o jantar! — lembrou miss Marta a si mesma, pois conhecia bem o capricho de Arthur querendo jantar às seis e meia pontualmente.

Havia, contudo, tempo para ler a reportagem de Armand Dútreau sôbre Bill Holden e seu novo filme "A luz que não se apaga". Ela era fã de Bill e ficava furiosa quando o via em papéis antipáticos ou como naquele filme em que o deixavam morto dentro de uma piscina; enfim, vida de artista era assim mesmo!

Agora, ela não ia realmente ler; ia só folhear, olhando as fotografias. Ficou encantada com os retratos da casa de Bill Holden, em Toluca Lake. Parou mais demoradamente, olhando um retrato de Jane Wyman com a legenda "Estou sòzinha" e ficou admirada de ver como Maureen e Michael haviam crescido desde a última reportagem de Pamela Pruitt.

Na página seguinte uma fotografia e as palavras "O novo Robert Taylor" — que aliás lhe pareceu muito fatigado. A cronista contava que êle se atirava com ardor ao trabalho, tentando esquecer. Miss Marta virou a página e olhou um bom retrato colorido de Ingrid Bergman e o novo filhinho — um garotinho gorducho e simpático. Agora, já Ingrid tivera gêmeos! Mrs. Caskie, que Deus a tenha em bom lugar, dizia que nada tinha a ver



com a vida de Ingrid, mas miss Marta replicava que deviam lembrar-se de que o caso interessava porque, afinal, aquêle país fôra descoberto por um italiano!

— Oh! Vou chegar atrasada! — falou miss Marta, repentinamente.

E chegou mesmo; porém Caroline e Arthur foram muito amáveis e não reclamaram.

— Podemos fritar as costeletas na hora! — respondeu Caroline.

E miss Marta desejou que os jovens esposos não tivessem gasto muito, pois precisariam de tôda economia por causa do futuro bebê...

— Que tal um aperitivo? — perguntou Arthur, surpreendendo miss Marta.

Ela sabia que êles sempre tomavam alguma coisa antes do jantar, mas, em geral, quando ela chegava já tinham tomado. E ela vinha poucas vêzes, porque quase não conseguia sair à noite.

— Não sei se devo...

Ela não estava muito familiarizada com bebidas, com os nomes de coquetéis... Bebidas sempre lembravam a ela o *pobre* Barrymore...

— Que costumam vocês tomar?

— Um *Old Fashioned* — respondeu Arthur.

Miss Marta replicou que era ótima idéia. Parecia confortador. Depois sorriu e voltou-se para Caroline, perguntando:

— E como vamos passando, querida?

E, ao dizer estas palavras formais, viu-se transportada de volta ao quarto da enfêrma e revoltou-se contra si mesma, fazendo tenção de modificar de vez aquelas atitudes de enfermeira profissional. Devia ser desagradável para os outros também, como se ela fôsse aplicar o termômetro ou uma injeção.

— Isto é bom para dar fôrças — disse Arthur, entregando o copinho de coquetel.

Miss Marta achou que esta era uma maneira interessante de referir-se à bebida, mas Caroline não mostrou muito entusiasmo. O "drink" estava num copo de fundo grosso e parecia *ponche*, mas não era *ponche* — e *esquentava!*

— Está delicioso — disse miss Marta.

Seguiu-se um dêstes momentos de silêncio, em que todos sorriem, cerimoniosamente, uns para os outros.

Miss Marta perguntou se já haviam escolhido um nome para o futuro bebê e Caroline disse que não, ainda não, e passou um pratinho de sanduíches. Arthur acendeu outro cigarro. O silêncio voltou, acompanhado dos sorrisos de cerimônia.

— Pensamos em "Linda", se fôr menina — disse Caroline.

Miss Marta pareceu satisfeita, e acrescentou:

— É mesmo um nome muito bonito, mas não me têm agradado os últimos papéis que ela tem feito.

E como Caroline não parecesse compreender, Arthur esclareceu:

— Linda Darnell... é a quem ela se refere!

— Oh!

— Ouvi dizer, entretanto, que ela vai ter um bom papel no novo filme passado numa ilha nativa — continuou miss Marta. Arthur preparou outro "drink" para si mesmo, enquanto Caroline e miss Marta sorriam apenas.

Caroline brincava nervosamente com a medalha que tinha ao pescoço e miss Marta notou, notou e compreendeu. Então esperou, até que Arthur voltasse à sala, se acomodasse na poltrona e acendesse outro cigarro. Sorriu docemente e perguntou, com naturalidade:

— Vocês não fazem perguntas sôbre a fortuna?

Foi preciso, então, que ela ajudasse Caroline a bater nas costas de Arthur, que se engasgara com a surprêsa e quando finalmente, êle parou de tossir, vermelho e cansado, continuou:

— Na verdade ainda não recebi, mas mr. Fields disse que é um belo testamento, muito bem redigido e que não traz complicação alguma para resolver; foi êle quem assinou, como testemunha. Lembro-me bem do dia em que êle me visitou para informar.

O jovem casal parecia pouco a vontade e não muito interessado naquele detalhe, mas ela recordava bem que mr. Fields, depois de terminar a sua missão, fôra para o *living-room* e tomara uma xícara de café em sua companhia. Ela tinha pão de minuto, naquela tarde, e êle, sendo viúvo e sempre fazendo refeições em restaurantes, soube apreciar, comendo bastante. Aquêle havia sido um dos dias em que mrs. Caskie passara melhor, coitada...

— Que foi mesmo que a senhora estava dizendo? — perguntou Arthur, pigarreando.

— Oh! Sim... Era sôbre o testamento (Miss Marta ficou preocupada com o pigarro de Arthur; excesso de fumo, talvez). Mr. Field disse que há apenas umas taxas a pagar...

— Ainda bem... — começou Arthur; porém não prosseguiu, pois Caroline o fitava com expressão zangada.

— Já pensou em viajar? — perguntou Caroline. — Hollywood...?

— Sim; já pensei nisso.

— Earl e a espôsa acharam formidável, quando lá estiveram.

— É; mas chove o inverno todo! — disse Arthur.

Voltou-se um pouco, na poltrona, de modo a não fitar a espôsa de frente, e continuou:

— E ainda tem o tal "smog", neblina e fumaça misturados...

Mais tarde, quando Arthur voltou, depois de acompanhar tia Marta até a casa, Caroline estava esperando, à porta.

— Ótimo! Você só faltou assaltar a bôlsa dela! — começou a dizer, furiosa. — Bonito papel!

Arthur disse então que estava cansado e que ia para a cama, pois tinha que acordar cedo, no dia seguinte. Caroline perguntou se, por acaso, também ela não estava cansada, e êle replicou que não quisera dizer isso, logo subindo as escadas, seguido por ela, falando sempre.

Enquanto isso, Miss Marta pensava: *Que belo casal! E ela precisava escolher um presente para o futuro "nenêm", talvez um cobertor... O difícil era a côr; se azul ou rosa...*

Fazia votos de que êles não estivessem esperando mais do que um presente, pois, naturalmente, depois que recebesse a herança, compraria algo mais; talvez um jôgo de garfo, colher e faca, de prata; sim, era uma bela idéia... e acrescentou, também, o copinho de prata. Esta era a primeira vez em que fazia planos extravagante com o dinheiro.



Arthur sentou na beira da cama, acariciando a cabeça da espôsa, que parou, então, de soluçar.

— Mas, querida, naturalmente que eu estou louco para que venha o bebê; quero que seja menina para usar laços nas trancinhas e vestidinho engomado.

— E... e... se fôr menino?

— Os meninos também são formidáveis!

— Mas as meninas são mais fáceis de vestir; posso costurar para ela.

— Se fôr menino também daremos jeito.

Arthur estava sorrindo, quando disse isso, mas Caroline nem reparou. E, desesperada, esmurrou o travesseiro, gritando:

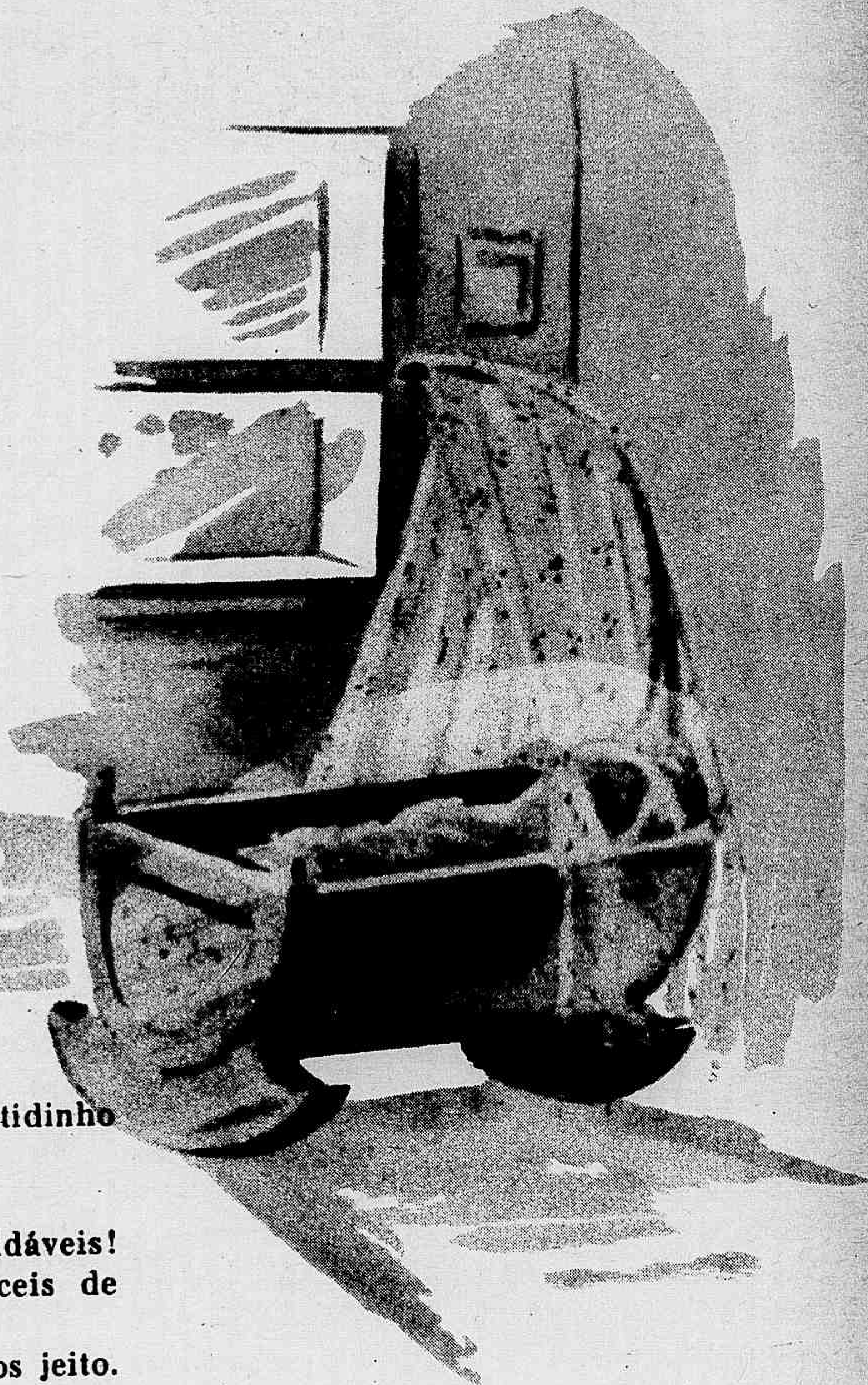
— Dinheiro, dinheiro; você não pensa noutra coisa!

Arthur começou a contar até dez... de dois em dois...

O jovem mr. Carson, que se parecia um pouco com Jommy Stewart, procurou miss Marta na manhã seguinte. Explicou que viera porque talvez ela não tivesse pensado em fazer um seguro contra fogo e contra roubo, depois que saíra dos serviços de mrs. Caskie.

— É verdade; nem me lembrei — confessou ela.

(*Cont. na pág.* 80)





Os males dos

MUITAS vêzes procuramos o médico para lhe dizer, acabunhados: — Doutor... Devo ter alguma coisa no estômago... ou no coração, talvez.

— Sente alguma coisa?

— Não se trata, exatamente, de dor; mas sinto assim como uma sensação de queimadura. Também costumo despertar, à noite, com uma angústia dolorosa, como se sufocasse...

— O senhor digere bem?

— Depois das refeições, sinto-me como cheio de ar, na região da cintura. Mas não como exageradamente... Ao contrário! Sinto, cada vez mais, menor vontade de comer. Em compensação tenho muita sêde .Durante o dia sinto necessidade de absorver grandes copos de líquidos, seja água, cerveja ou outra qualquer coisa.

— Sente náuseas ou cãibras?

— Raramente.

— Emagreceu?

— Não me pesei, ùltimamente; mas tenho quase a certeza... Noto pela minha roupa.

A GASTRITE DOS FUMANTES

O médico anota escrupulosamente essas respostas sôbre um fichário. Evidentemente, pode tratar-se, segundo os sintomas indicados pelo doente, de uma aerofagia ou de perturbações hepáticas. Uma digestão pesada e difícil pode indicar a dispepsia, uma gastrite, uma úlcera...

Mas o contrôle radiológico não revela úlcera. Nessas condições, o caso fica esclarecido. O estômago tem perturbações de seus movimentos; contém, em particular, uma quantidade exagerada do lí-

quido residual *em jejum*. Um exame do interior do esôfago (oesofagoscopia) é, geralmente, mal suportado. Ocorre, muitas vêzes, que a anestesia se mostra pouco eficaz e a introdução do tubo no esôfago provoca grandes espasmos e náuseas. Apesar disso, o exame permite descobrir lesões na região alto do estômago, acompanhadas de uma inflamação do esôfago. Tais ulcerações são superficiais, mas cobertas por depósitos malodorantes, de côr amarela. *Êsse estado "inflamado" do estômago é uma gastrite.* — No correr do seu estudo clínico, o médico anotou: salivação abundante, odor de hálito do enfêrmo, intolerância do estômago à insuflação do ar.

Os dentes apresentam também alterações: o esmalte perdeu todo o brilho, mostrando-se coberto por placas marrons. O médico encara o enfêrmo e faz uma

do estomago Fumantes

pergunta aparentemente banal: — *O senhor fuma?*

INTOLERÂNCIA E TABAGISMO

— Sim, doutor. Fumo, porém, o que os outros fumam...

— Não é necessário estar intoxicado e ter atingido um estado de tabagismo agudo para sofrer de perturbações digestivas, devidas à ação nefasta do fumo...

A *tolerância* é, realmente, muito variável, segundo os indivíduos e a qualidade do fumo. Alguns se acostumam a rações muito fortes e parecem resistir mais fàcilmente ao veneno. Estão, de alguma forma, imunizados, como ocorre com os alcoólicos. No entanto, a tez bronzeada e esticada, os olhos injetados, indicam que são intoxicados. Outros reagem a doses modestas. Isto porque seu fígado não é capaz de assegurar sua função de destruídor de tóxicos.

Os fumantes moderados ficam quase escandalizados quando são censurados pelos poucos cigarros que fumam. Mas talvez usem êles uma qualidade de fumo que lhes seja particularmente nociva.

— Devo salientar, doutor, que não trago a fumaça...

— Isto não faz grande diferença...

O FUMO TÓXICO — A FUMAÇA TAMBÉM

A nicotina é um produto tóxico, cuja ação nefasta se faz sentir sôbre os aparelhos circulatório e respiratório.

A nicotina existe, em dose mais ou menos forte (segundo a maneira de preparar) no fumo. Embora em dose modesta, é encontrada na fumaça de um cachimbo ou de um cigarro. Quanto à própria fumaça do tabaco, é igualmente nociva, porque contém todos os corpos tóxicos, alcatrões e, principalmente, óxido de carbono.

A inalação da fumaça provoca a hipertensão e a hiperglicemia, isto é: uma elevação da dose de açúcar no sangue.

No domínio digestivo, provoca uma secreção gástrica aumentada e uma acentuada diminuição das qualidades dêsse mesmo suco gástrico; enfim, um exagêro da motricidade do estômago e do intestino, a qual muitas vêzes redunda justamente no contrário, isto é: na *atonia*.

E a prova disso é que os que estão expostos à impregnação da fumaça nas salas confinadas e insuficientemente arejadas podem intoxicar-se sem ser exatamente fumantes.

OS SINTOMAS DE QUE DEVEMOS DESCONFIAR

Grandes fumantes ou fumantes parcimoniosos devem desconfiar:

— Se são atacados de sêde durante o dia;

— Se pigarreiam ao despertar e salivam exageradamente;

— Se perdem pêso e apetite;

— Se o cigarro da manhã tem efeito laxativo;

— Se têm excesso de gases no estômago e nos intestinos, após as refeições, como se fôssem atacados de aerofagia;

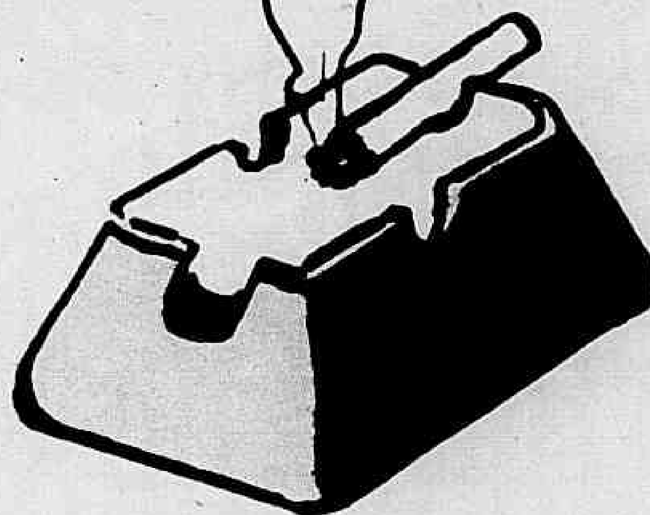
— Se sofrem de sensações de queimaduras; se sentem necessidade de urinar depois de meia-noite e se são assaltados por angústias que parecem provir do coração.

São sinais iniludíveis de que o fumo provoca perturbações gástricas e intestinais.

NÃO. NÃO É GRAVE

— E isso é grave, doutor? Que devo fazer?

— A dispepsia e a gastrite podem ser curadas fàcilmente, quando enfrentadas em tempo, da mesma forma que as lesões ulcerosas superficiais. É suficiente, em geral, diminuir a ração de cigarros ou, se possível, deixar de fumar, para que essas perturbações desapareçam. Com uma alimentação simplesmente normal, o enfêrmo recupera depressa o seu pêso. Ao fim de dois meses de interrupção do uso do fumo é muito raro que um novo exame não revele a cura total das ulcerações. De qualquer maneira, uma dispepsia provocada pelo tabagismo pode atrapalhar o próprio médico no tratamento e vigilância de uma úlcera do estômago.



As perturbações digestivas nem sempre são causadas pelo fumo; mas um fumante deve sempre ter em mente que o fumo pode ser incriminado e mesmo justificar suas constantes visitas ao médico.

Recomendamos o emprêgo de piteiras, conservadas sempre muito limpas e munidas, se possível, de filtros absorventes dos venenos contidos tanto no fumo quanto na fumaça.

Os fumos desnicotinizados não chegam para tranqüilizar, porque, para sua preparação, os fabricantes utilizam a trichorethylena, da qual podem ficar restos. Convém desconfiar, igualmente, dos preparados, de amador ou dos "fumos" chamados sucedâneos. Na Europa, seu emprêgo, durante a ocupação nazista, provocou numerosas perturbações graves entre os que os usavam.

Quanto aos casos graves, tais como o câncer digestivo e o papel da intoxicação tabágica sôbre a sua evolução, até o presente são fatos que não podem, absolutamente, ser confirmados. Mas parece provável que a irritação provocada pelo fumo entre os indivíduos predispostos ajuda o desencadeamento do mal.

* *

OS dois átomos mais pesados, entre os conhecidos, foram manufaturados no Laboratório de Radiação da Universidade da Califórnia, em Bekerley. São êles, o **berkelium** 245 e o **californium** 246. O novo isótopo de **berkelium** tem vida por apenas cinco dias. O novo isótopo de **californium** tem vida por 35 horas.

*

OS vulcanologistas indicam a existência de 500 crateras vulcânicas em atividade em todo o mundo —6 ativas em virtude de erupções registradas na história. Três quartos partes (ou mais) dêsse total se encontram na zona do Pacífico, que representa cêrca de metade do mundo, segundo os dados fornecidos pela **National Geographic Society**. Cêrca de de quarenta se encontram no Alasca e no Hawaii.

*

QUANDO Darwin e Einstein proclamam teorias que modificam nossas idéias, isto é um triunfo para a Ciência. Não podemos dizer que se trata de outra derrota da Ciência, pelo fato de abandonarmos velhas teorias. Devemos reconhecer, simplesmente, que a Ciência atingiu novo plano, **mais alto**. — **Alfred North Withehead**.



Essa máquina registra as palavras dos mortos. Miss Dale escreve sob o ditado de um sacerdote da Atlântida.

FALAM OS MORTOS PELA BÔCA DOS VIVOS?

"SIM! Não apenas hoje, mas em todos os tempos, os mortos falaram aos vivos. E assim continuarão!" — Isto é o que afirma o escritor e jornalista Gérard Devile, num dos semanários parisienses de maior circulação.

Desejando — como sempre temos feito — permanecer absolutamente neutros nesse assunto, justamente porque nos falta uma real convicção e, nessas condições, não temos o direito de opinar, vamos, simplesmente, deixar a palavra com o ilustre colega francês, certo de que, de qualquer maneira, o assunto interessará aos nossos leitores, mais como um estudo do que mesmo como uma opinião.

A verdade é que, na atualidade, não é mais possível erguer os ombros e sorrir diante de certas manifestações misteriosas. E, se não foi possível explicar de que maneira ocorrem, ao menos foi verificada a sua autenticidade. Sábios e até detectives assistiram algumas sessões no correr das quais os que "haviam partido para um mundo melhor" entraram em comunicação — de acôrdo com a *interpretação* ou a *afirmativa* dos presentes, porquanto se ocorrências estranhas realmente foram registradas... não ficou provado que tais fenômenos eram provocados por atos do "além" ou que tivessem *outra procedência ignorada*.

Quanto ao fato dos fenômenos, pròpriamente, não pode haver mais dúvida e, para tanto, foram utilizados todos os recursos de que a ciência dispõe para revelar a fraude, mesmo na escuridão mais completa (particularmente os raios infra-vermelhos), ficando assim provado que não havia qualquer truque.

Nosso colega Deville, entretanto, é mais positivo:

"Mau grado um ceticismo muito compreensível, forçoso é curvar a cabeça diante de tais conclusões. De outro modo, quem dentre nós pode dizer, com absoluta certeza, que amanhã não será escolhido para receber uma dessas estranhas mensagens que nos chegam do Além?

E aponta o que considera fatos; entre os quais vamos descrever alguns.

Para começar, citaremos o caso de uma escritora inglêsa, bastante conhecida, miss Frances Dale, de quarenta anos, que se especializara em livros infantis e de culinária, quando, repentinamente, entrou a escrever uma obra... sôbre a Atlântida!

— "Não sou espírita — declarou ela — e jamais acreditei nessas histórias de mesas rodopiantes. Mas sei uma coisa, pelo menos: que o volume que acabo de publicar foi inteiramente ditado por um grande sacerdote que viveu há nove milhões de anos..."

Frances Dale está de tal forma persuadida do que diz que recusa receber direitos de autor por essa obra, que, aliás, assinou com um pseudônimo. Vamos deixar que ela própria conte a sua espantosa história:

— "Estava em casa, diante da minha máquina de escrever e preparava-me para escrever um conto para crianças, quando ouvi uma voz que me ordenava:

— "Escreva o que vou ditar!"

"Era uma voz clara e distinta. Era a voz de um homem que disse chamar-se Armartus e ser Grande Sacerdote da Atlântida! Segundo declarou a seguir, tinha uma mensagem de capital importância a transmitir ao mundo atual, para alertá-lo contra o perigo que ameaça nossa civilização.

— "Comecei a escrever automàticamente. Em geral, escrevo 40 palavras por minuto, mas, sob o ditado, notei que podia escrever cêrca de 90. Podem acreditar: as 7 500 palavras do último capítulo foram escritas por mim, sem interrupção, em oitenta minutos! Devo acrescentar que estava tão fatigada que perdi os sentidos..."

Quando dizem a miss Dale que ela apenas serve de *porta-palavras* para um espírito, ela afirma que Armartus é um personagem vivo... embora no Além. Fala um inglês perfeito, embora *ligeiramente empolado* "e, não fôsse a dificuldade que o Grande Sacerdote tem de pronunciar os *r* — diz miss Dale — ninguém diria que se trata de um estrangeiro".

Afirma, igualmente, que tanto se familiarizou com Armartus que algumas vêzes ousa mandá-lo "passear"...

— "Se lhe desse ouvidos — declarou ela — eu trabalharia como um forçado."

Quando seu trabalho começa a ser um tanto mais reticente, o Grande Sacerdote se mostra queixoso, embora com palavras gentis e, finalmente, ela recomeça a trabalhar febrilmente.

— "Algumas vêzes — diz ainda miss Dale — estou ocupada, cortando batatas ou simplesmente tomando chá com algumas amigas e sou obrigada a tudo abandonar. Já hoje minhas relações estão habituadas a essas intervenções inopinadas de Armartus e deixam-me só, logo que lhes digo que êle acaba de aparecer.

Explica, ainda, que ignora tudo o que se relaciona com a questão da Atlântida de que trata a sua última obra (duas outras já estão no prelo) e acrescenta que o livro ditado pelo Grande Sacerdote é muitíssimo superior a tudo quanto ela própria já escreveu até ao presente. Por isso mesmo, a única remuneração que consente em receber por êsse trabalho é a que qualquer escritor pagaria a uma dactilógrafa...

Não se trata, no caso acima, de um *pastiche*, como muitos que por aí existem entre vivos e entre vivos e mortos. O caso tão ruidoso de Chico Xavier, de São Leopoldo, se surpreendeu e entusiasmou a muitos, também acabou de desiludir uma quantidade talvez maior de observadores, que estranham, acima de tudo, que Humberto de Campos, em suas estreitas relações com o grande médium não tivesse feito qualquer referência às suas Memórias, mais recentemente publicadas.

Mas, os mortos que têm mensagens para fazer chegar aos vivos não são todos tão antigos como o correspondente de miss Frances Dale. Indivíduos desaparecidos ainda na última guerra escolheram como *porta-palavras* uma outra mulher: Estelle Roberts, considerada um dos médiuns mais extraordinários da Grã-Bretanha.

Lord Dowding, que foi o grande chefe da *caçada aérea*, durante a célebre e dolorosa Batalha da Inglaterra, foi convocado para uma dessas sessões, a fim de poder autenticar a identidade dos correspondentes. Assistia, igualmente, a essas experiências um dos mais célebres psiquiatras do mundo atual: Maurice Barbanell.

Conta-nos êle como quatro combatentes: um pilôto de bombardeiros, abatido sôbre Hamburgo, um outro pilôto, cujo avião caiu na Mancha, um aviador morto em Creta e um membro da equipagem de um submarino desaparecido ao largo de Malta, falaram pela bôca de Estelle Roberts, para tranqüilizar seus parentes.

O primeiro a tomar a palavra, começou com um chamado alegre:

— *Hello, mamãe! Está me ouvindo bem?*

A seguir, contou sua história, terminando com estas palavras:

— "Não chore, *pois estou perfeitamente vivo!*"

Lord Dowding, que reconheceu todos os detalhes da ação em que o pilôto desapareceu, desejou — mesmo assim — ter uma indicação suplementar quanto a sua identidade e indagou qual era o seu apelido, entre os membros da esquadrilha:

— Oh! Chamavam-me de "Pés de Gigante" — replicou a voz.

Era verdade e poucas pessoas, fora do círculo de seus colegas, conheciam êsse detalhe.

O marinheiro, sepultado com seu submarino, disse a sua mãe que não lamentava a própria sorte, pois que "*sua nova vida era magnífica*", principalmente depois que havia encontrado "*Papai*".

De fato, seu pai morreu alguns meses depois dêle. Dirigiu-se, a seguir, a lord Dowding, para anunciar que via constantemente um correspondente de guerra, morto no curso da campanha da Itália.

— Transmita-lhe minhas saudações — disse lord Dowding. — Era, realmente, um magnífico oficial.

Imediatamente, a voz retificou:

— O senhor quer dizer "é" um magnífico oficial.



Chico Xavier, de São Leopoldo.

O terceiro aviador, o que tombara com o seu aparelho sôbre Hamburgo, explicou assim o acidente ao seu chefe:

— "O aparelho estava mal, conforme eu prevenira, antes de alçar vôo, não querendo, com isso, fazer qualquer censura aos meus superiores. Naquela hora era necessário usar todos os aparelhos, pois que não tínhamos muitos. Êle se manteve bem durante nove horas. Afinal, pude cumprir a minha missão. Era tudo o que desejava.

Seu pai, nesse momento, não pôde conter um soluço, e a voz prosseguiu:

— Meu pai... Não deve olhar para trás, mas sim para o futuro. Há milhares como

nós. E todos, aqui, deixamos na terra os entes mais queridos. Mas, acima de tudo, não deve chorar. Enquanto você pensar em mim, como se eu estivesse vivo, minha nova vida será esplêndida!

O quarto desaparecido se apresentou, dizendo:

— Aqui "Ôlho de Gato" (era o apelido que lhe haviam dado, pois era especialista em vôos noturnos). Recorda-se de mim, chefe?

Lord Dowding respondeu:

— Certamente que recordo.

O pilôto continuou, dirigindo-se ora a sua espôsa, para lhe dizer que o filhinho, morto alguns meses antes o encarregara de beijá-la, ora a um de seus amigos presentes, para comentar alguns livros de filosofia, sôbre os quais haviam discutido longamente, *antes*, acrescentando:

— Quero que você saiba. A morte não é o fim de tudo.. Ao contrário!

Sempre falando para êsse amigo, explicou porque sua última carta ficara inacabada:

— "Pretendia continuá-la ao retornar da missão, embora eu tivesse, então, o pressentimento do que ia acontecer comigo..."

O amigo perguntou, então, o que acontecera.

— Muito simples — disse o pilôto. — *Bebi da taça...*

Não é possível deixar de, aproximar essas experiências da estranha aventura que ocorreu com mme. Garrett, médium, que, dois dias após o acidente do famoso dirigível norte-americano "R-101", ouviu a voz do comandante do mesmo contar-lhe, ponto por ponto, como se desenrolara a catástrofe, tudo entremeado de têrmos técnicos e indicando mesmo as causas exatas que a haviam motivado.

Diante de tais fatos — conclui Gérard Deville — "os eternos céticos erguerão uma vez mais os ombros... até ao dia, talvez, em que a ciência racionalista possa explicar, finalmente, os mistérios do Além. Então, forçosamente, terão que acreditar, como já hoje acreditam, na televisão e na desintegração do átomo."

E o leitor? Que opina a respeito?



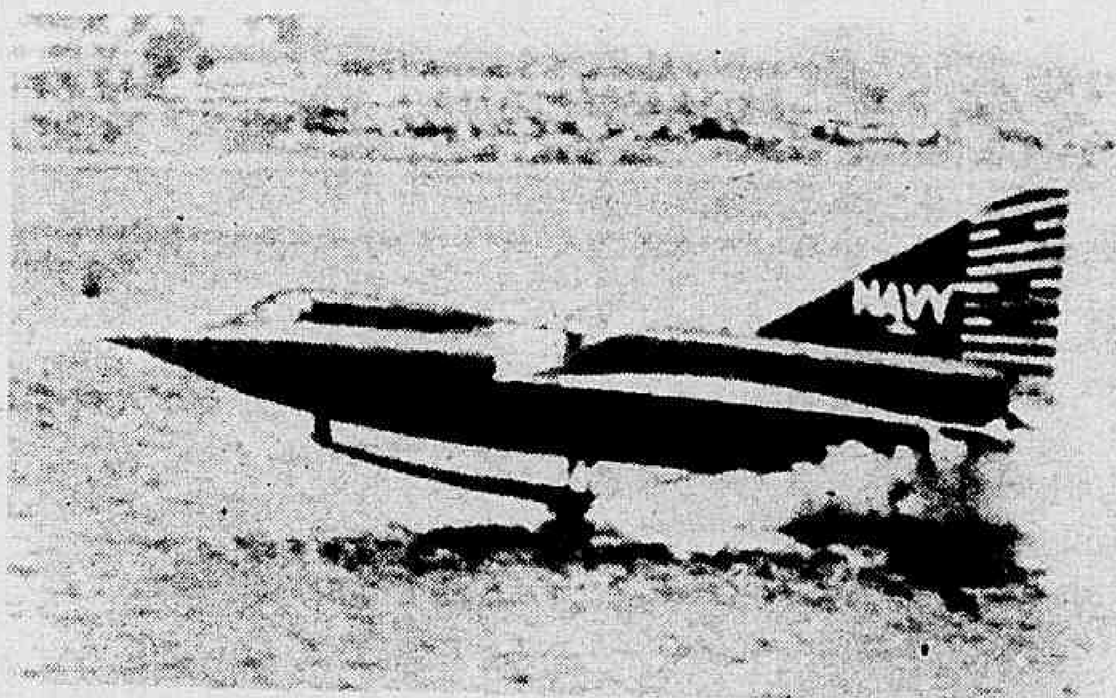
FORA COM OS GATOS!

Miss Gertrude Charny, de Edimburgo, Inglaterra, presidente da Sociedade Amigos dos Pássaros, solicitou à câmara local que fôsse estabelecida uma taxa de 5 libras anuais para todo aquêle que tivesse um gato em sua residência. Indo além, em sua aversão aos felinos, lembrou também a necessidade de caçar e matar os gatos vadios que invadem os jardins públicos para atacar os pássaros.



FUGIA do assunto como se passasse, em saltinhos, sôbre os charcos da conversação. — **Maud Merrit**

O RETRATO DE UM SEGRÊDO



O primeiro hidravião impulsionado a reação realizou prova feliz sôbre a baía de San Diego, na Califórnia. Êsse protótipo foi batizado com o nome verdadeiramente alegórico de «Dardo do Mar" e a fotografia é a primeira notícia que sôbre o aparelho saiu das Fôrças Armadas norte-americanas. Isso quer dizer que a idéia, fabricação e características são guardadas como segrêdo de guerra. A única declaração feita à imprensa (à qual o modêlo não foi apresentado de perto) foi que a construção em série começaria imediatamente.

DESLIGUE, POR FAVOR!

Um residente de Michigan quer que o prefeito autorize a Cia. Telefônica local a interromper qualquer ligação telefônica, quando se tratar de atender a um chamado urgente. Para tanto cita alguns casos espantosos, entre êles o de um cidadão que, por recusar interromper uma conversa com a namorada, impediu que os bombeiros fôssem chamados com a devida urgência e o resultado foi a perda total da própria casa em que usava o aparelho!



ADULAÇAO: Um insulto envôlto em papel de sêda. — **Irish Digest**

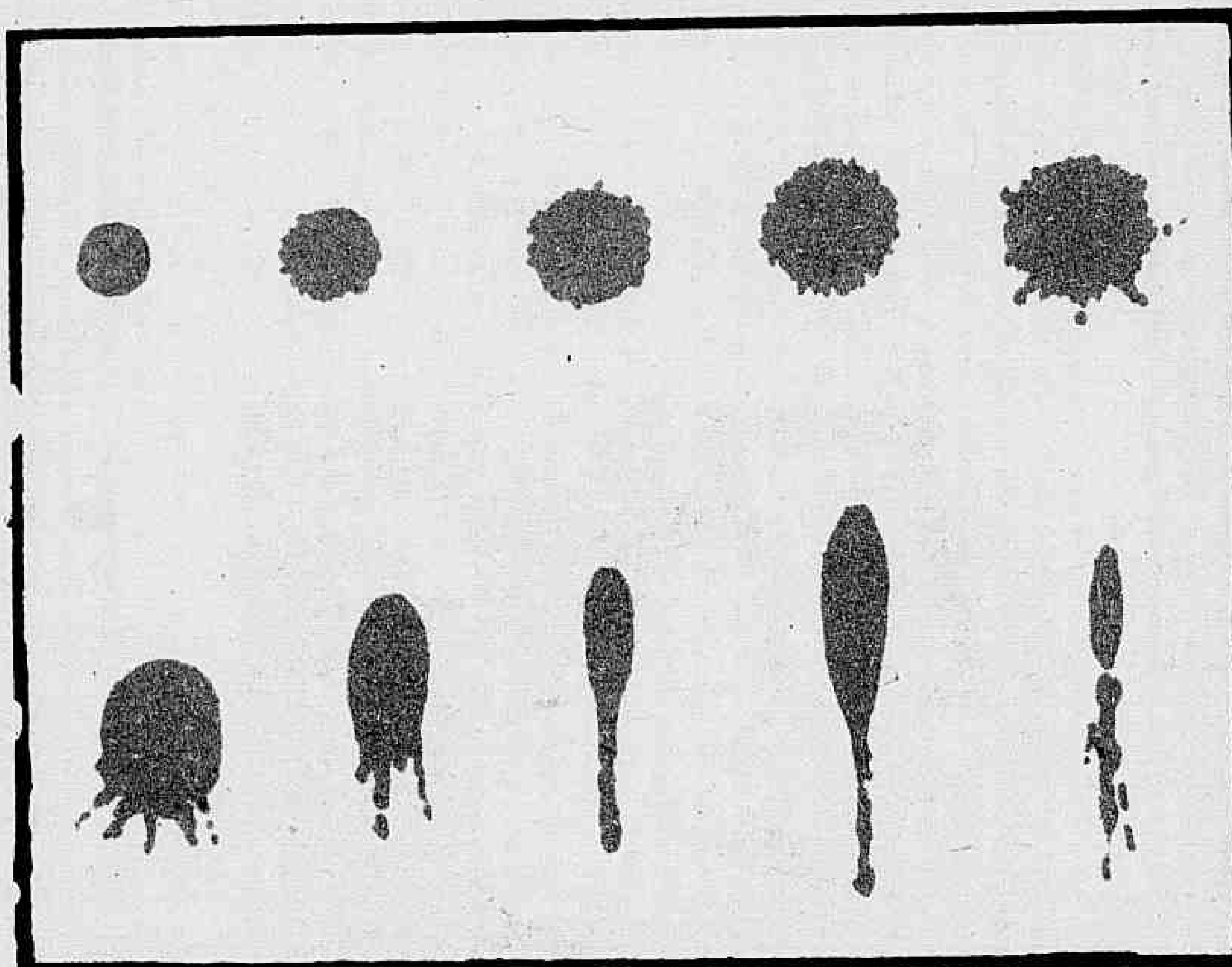
A CIÊNCIA CONTRA O CRIME

Isto é SANGUE humano?

EM todos os casos de assassinato, os detectives e os técnicos descobrem traços de sangue. São êles elementos particularmente esclarecedores, que "contam" para um observador hábil, as circunstâncias do drama.

As *gôtas isoladas* indicam, com exatidão, por sua forma e suas particularidades, as condições que presidiram a sua formação. Quando uma gôta de sangue cai perpendicularmente, o traço produzido é sempre de forma circular. Se a altura da queda é fraca, os bordos da mancha são perfeitamente regulares; mas, tão logo essa altura de queda passa dos dez ou doze centímetros, a mancha se mostra cercada de ligeiros "dentes" irradiantes.

Quanto maior fôr a altura da queda, mais acentuados serão êsses dentes. Quando a altura da queda atinge a 1m,50, observa-se, em redor da marca pròpriamente dita, uma série de minúsculas gotículas dispersadas em círculo até uma distância de 30 a 40 centímetros.



A forma de uma gôta de sangue indica o ângulo e a altura da queda. As gôtas de cima caíram perpendicularmente, enquanto as que são vistas na foto em baixo caíram obliquamente, vindo de mais ou menos longe.

Se uma gôta de sangue cai obliquamente, por projeção, sôbre uma superfície qualquer, a mancha não é mais circular, mas alongada, em forma de cometa ou de lágrima. A ponta dessa lágrima indica a direção seguida, sendo seu alongamento proporcionado à velocidade de projeção. Quando a quantidade de sangue é considerável, pode formar-se uma poça, que se espalha, seguindo as frágeis declividades do solo. O fato já era conhecido por Gaboriau, pioneiro do romance policial, que nos apresenta "Monsieur Lecoq" em busca de vestígios de sangue numa sala em *que o soalho tinha sido lavado*. Lecoq apanha uma garrafa com água, cujo conteúdo derrama no centro da sala.

O líquido escorre, alastrando-se, segundo a declividade, até junto da parede; o detective, a seguir, tem apenas que raspar ligeiramente o rodapé junto da tábua do soalho para encontrar, nas ranhuras da madeira, uma poeira sangrenta. A presença de manchas de sangue sôbre as vestimentas de um indivíduo suspeito constitui uma carga policial considerável; isto porque é raro que um assassino não se dê pressa de fazer desaparecer as marcas de sangue que possa portar.

Esta precaução, porém, pode ser aplicada, apenas, sôbre as marcas *visíveis*; por isso mesmo as gotículas extra-finas são particularmente importantes, pois que escapam, fàcilmente, a uma limpeza. Se são encontradas, o suspeito não poderá pretender que tenha sangrado do nariz, pois que uma hemorragia nasal não pode produzir gotículas tão finas. Enquanto as manchas são frescas, o exame a ôlho permite, em geral, reconhecê-las; mas,

com o tempo, a mancha de sangue se torna marrom-escuro, côr de ferrugem, muito difícil de distinguir.

É preciso, em tal caso, recorrer a métodos que permitam reconhecê-las, mesmo em quantidade extremamente fraca, como é o caso depois de uma limpeza com água.

Eis um método muito empregado e extraordinàriamente sensível: — deixa-se cair, sôbre a mancha suspeita, uma gôta de um composto de benzidina e água oxigenada: a mancha imediatamente fica azul (se realmente contém a hemoglobina do sangue).



Lecoq encontrava o sangue invisível derramando um pouco d'água sôbre o soalho.

Pràticamente, procedem da seguinte maneira: sôbre uma lâmina de vidro é colocada uma fôlha dupla de papel-filtro. Sôbre êste depositam alguns fragmentos da mancha suspeita, obtidas por meio de raspagem e sôbre êles é deitada uma gôta de composição indicada pouco acima. Se se trata, realmente, de sangue, uma mancha estriada de azul logo é formada sôbre o papel.

Quando se trata de mancha muito antiga, é bastante umedecê-la, prèviamente, com pyridina. A reação, neste caso, é perfeitamente visível; isso mesmo ocorre com gotículas petrificadas e sanguíneas, retiradas das múmias embalsamadas há mais de 5 000 anos!



O criminoso procura, antes de tudo, lavar as manchas de sangue do local do crime.

Um tecido pode ter sido lavado, fervido, enxaguado. Uma simples gôta de bendizina revelará, infalìvelmente, a "reação azul" característica; se o sangue fica impregnado de terra, lama, etc., a bendizina indicará com a mesma facilidade a sua presença.

A questão de saber se o sangue é de origem humana é capital para um inquérito. Quando o sangue é fresco, é possível medir a dimensão dos glóbulos vermelhos, pois que os do homem são maiores que os da maior parte dos animais. Aqui estão algumas dimensões em milímetros: — Homem: 0,0069 a 0,0077; cão: 0,0066 a 0,0073; coelho: 0,0060 a 0,0069; gato: 0,0058 a 0,0065.

Quando os glóbulos são deformados — ou quando se trata de mancha antiga e sêca, utilizam os cristais de hemina. Êsse corpo, contido na hemoglobina do sangue, cristaliza em cristais losangueados, muito diferentes segundo os animais.

Procedem da maneira seguinte: — a amostra de sangue é colocada num tubo de ensaio. A êle juntam uma pequena quantidade de sal de cozinha e uma gôta de ácido acético; a seguir, suspendem um fio de algodão, formando mecha, no líquido, esquentando-se lentamente. O fio se imbebe, por capilaridade, de um líquido claro, que, ao esfriar, forma no alto grandes cristais de hemina.

Nos principais laboratórios técnicos de pesquisas policiais de quase todos os países, inclusive o Brasil, grande tem sido o progresso por meio dos *testes animais*, para identificação do sangue humano. Os mais simples estão baseados sôbre a anafilaxia, que é o contrário da imunidade. Se sen-

sibilizam uma cobaia, injetando-lhe sangue humano, o animal será fulminado por uma nova injeção, feita vinte dias mais tarde, com o produto de lavagem de uma mancha... se a mesma foi feita com sangue humano. Para identificar o sangue humano por intermédio de um coelho "preparado", começam por fazer coagular sangue humano, cujo resíduo, formando um "serum" amarelado, é injetado nas veias do animal.

Recolhe-se o sangue do coelho e coagulam-no, por sua vez, de modo a separar, por meio de filtragem, o " serum " anti-humano assim obtido.



Um coelho muito ajuda às autoridades a resolver um difícil enigma policial

Para identificar a mancha, raspam os seus fragmentos, que a seguir são dissolvidos numa solução de água salgada a 9 por cento, esquentada a 37 graus.

Nessa solução, deixam cair algumas gôtas do serum "anti-humano". Se a mancha é de origem humana, produz-se um precipitado b r a n c o, anular, na altura do nível, em redor do tubo. Se nada disso ocorre, não se trata de sangue humano.



A voz do sangue também é ouvida para os casos de pesquisa da paternidade.

O SEU SANGUE, LEITOR... O DÊLE... O NOSSO...

O problema se apresenta particularmente difícil, quando se trata de identiifcar a pessoa da qual provém o sangue. Em 1900, o dr. Karl Landsteiner, do Instituto Rockefeller, estabeleceu que o sangue humano pode ser classificado, segundo suas *propriedades aglutinantes*, em quatro grupos, aos quais chamou AB, A, B e Zero. Essa classificação permite praticar com absoluta segurança as transfusões de sangue entre pessoas diferentes, sem o risco de coagulação catastrófica no "recebedor".

Hoje, êsse teste é utilizado para a pesquisa da paternidade e, de um certo modo, para os inquéritos policiais. O método de identificação dos criminosos por grupos sanguíneos, entretanto, é perigoso, na opinião de certos criminalistas europeus.

Entre os diferentes tipos de sangue há um considerado bastante raro. É o do tipo Zero e sôbre êle publicamos, há tempos, um conto, cuja trama, originalíssima, estava baseada justamente sôbre essa raridade sanguínea, relatando a vida de um velhote excêntrico que acabou atropelado e, embora ferido sem gravidade, havia perdido muito sangue, havendo necessidade urgente de sofrer uma transfusão. Só um hospital, após aflitiva busca, pôde fornecer o sangue Zero, que acabou salvando a vida do pobre homem.

Verificava-se, m a i s tarde, que o sangue oferecido pelo hospital fôra ao mesmo doado... pela própria vítima de agora, que o vendia regularmente, a fim de obter dinheiro p a r a comer.

Armazenara sangue, portanto, para si próprio!

O BEBÊ ASFIXIADO

As mesmas críticas não se aplicam, evidentemente, às identificações pelo sangue

viciado, que êsse vício provenha de uma enfermidade ou de uma substância estranha. Assim é que, no sangue de uma pessoa intoxicada pelo óxido de carbono, o espectroscópio mostra as duas raias marrons, características do sangue, nìtidamente deslocadas do lado verde.

Uma mulher foi encontrada em seu leito, em companhia do filho pequeno, asfixiada pelo gás de iluminação. A análise do sangue da mãe mostrou as raias espectroscópicas em seu lugar normal: ela não havia respirado o gás! O sangue da criança, ao contrário, revelava a presença do óxido de carbono. Portanto, ela, sim, tinha sido intoxicada!



A verdade era a seguinte: a mulher fôra asfixiada pelo marido, com a ajuda do travesseiro, que depois fugira tendo o cuidado de abrir o bico de gás para fazer a polícia acreditar num acidente. A pobre criança, abandonada, morrera asfixiada pelo gás. Êsse e outros muitos mistérios policiais foram desvendados graças aos exames viscerais ou simplesmente das impressões digitais e outros vestígios de sangue encontrados aqui e ali, no palco de uma tragédia: porque, se para a revelação da paternidade e da distinção dos criminosos por grupos sanguíneos ainda não pode, com exatidão, ter a ajuda da *voz do sangue*, êste pode, realmente, poder *falar*, decisivamente e a sua voz acusadora testemunhar, com precisão, desmanchando os truques e as precauções dos mais hábeis criminosos.

★ ★

CONSELHOS DE UMA QUITUTEIRA



GRACIELA ELIZALDE

A galinha é um dos pratos favoritos em nossa casa e, por isso, estamos sempre descobrindo novos meios de prepará-la e servi-la. Sempre, contudo, pratos quentes.

Há dias, encontrei uma receita bem original. Queria preparar um prato frio e principalmente estava desejosa de servir aos meus convidados algo de pouco comum, ao mesmo tempo decorativo e gostoso. Bem antes do dia da festa, comecei a consultar minhas receitas e livros de cozinha, até encontrar uma receita que me satisfizesse e que apresento às minhas leitoras. Segui cuidadosamente as instruções e o sucesso alcançado foi completo. Os convidados não pouparam elogios e minha família constantemente reclama que a receita seja repetida.

BÔLO GELADO DE GALINHA

2 gemas de ôvo bem batidas; 1 xícara de caldo de galinha; 1/2 colherinha de sal; 1/4 de xícara de pimenta em pó; 1 colher de gelatina sem sabor; 1/4 de xícara de água; 1 1/4 de xícaras de pedaços pequenos de galinha cozida; 1/3 de xícara de amêndoas tostadas e cortadas em tiras; 1 colherinha de rabanete; 1/2 colherinha de môlho inglês; 1 1/4 de xícaras de creme de leite batido; colorante amarelo; agriões; alface; fatias de pepino; azeitonas.

Mistura-se as gemas de ôvo, caldo de galinha, sal e pimenta. Cozinha-se a fogo lento, mexendo-se constantemente até que a massa fique macia e tome consistência (cêrca de 15 minutos).

Põe-se a gelatina de môlho durante cinco minutos e dissolve-se na mistura quente. Deixa-se esfriar até adquirir consistência espêssa. Ajunta-se a galinha, as amêndoas, o rabanete e o môlho inglês.

Bate-se o creme de leite e coloca-se o mesmo sôbre a massa de galinha, com a quantidade de colorante suficiente para dar um tom amarelo discreto.

Coloca-se a massa numa fôrma que deve ter sido prèviamente enxaguada com água fria. Coloca-se no refrigerador, durante cêrca de duas horas e meia.

Tira-se da fôrma com uma faca bem amolada e enfeita-se com agriões, azeitonas, alface e pepino.



O espectro de Lincoln

FAMILIARES dos dramáticos debates do pretório, entre hábeis juristas, assistem a um *show* apresentado por uma dupla de sutis advogados, em Illinois, no recuado ano de 1869, um dos mais característicos na história da jurisprudência.

Uma rica viúva de nome Samantha Grier entrara em julgamento em Waukegan, sob acusação de haver atacado brutalmente a jovem e bonita professôra Eleanor Comstock. O motivo da agressão fôra òbviamente o ciúme, a agredida tendo roubado o noivo da agressora.

A evidência contra a acusada era definitiva sob conclusivo ponto-de-vista; o macête, usado no crime, era reconhecido como propriedade da criminosa e, além do mais, tôdas as testemunhas de vista identificavam-na como a manejadora do instrumento fatal, que liquidara, num segundo, a vida da pobre professôra. O júri compareceu prontamente e disposto a condenar mrs. Grier. Entretanto, até ali, ninguém havia tomado em consideração os advogados de defesa, Leonard Swett e Isaac Arnold.

Ambos, Swett e Arnold, tinham sido íntimos amigos de Abraham Lincoln, que, na época do julgamento de mrs. Grier, era morto havia já cêrca de quatro anos, e desfrutava de maior respeito em Waukegan, onde contava com mais devotados amigos do que em muitas outras comunidades do Norte. Swett, um homem de seus 50 anos pouco mais ou menos, tinha sido um dos confidentes da Casa Branca, durante o govêrno de Lincoln, pois tinha executado inúmeras missões confidenciais para o grande presidente. A mais notável recomendação a respeito de Leonard Swett era, porém, a sua espantosa semelhança física com Lincoln. Era alto, esguio, circunspecto e usava, igualmente, o mesmo corte da barba presidencial.

A testemunha de defesa, oferecida pelos patronos da acusada, era não sòmente fraca como, também, um ultraje a qualquer inteligência mediana.

A defesa era um alibi.

A parada de testemunhas de mrs. Grier não pôde resistir ao fogo cruzado do interrogatório promotorial.

Então teve comêço o *show*. O veterano Arnold se ergueu para iniciar a sua oratória. Ignorava totalmente a evidência do julgamento, e em vez disso, lançou-se ao elogio do seu camarada de banca, Leonard Swett. "Um ataque do promotor contra as testemunhas de defesa — declara mr. Arnold — era um ataque a mr. Swett e um ataque a mr. Swett era um ataque a Lincoln".

Com isso quase reacende a Guerra Civil no processo.

A êsse tempo, Swett, sentado em seu lugar, com a cabeça tristemente vergada ante *a "irreverência dos insultos"* demonstrava o maior acabrunhamento, cada vez que Arnold fazia uma pausa oportuna para permitir aos jurados relancear uma olhadela sôbre mr. Swett. E cada vez que assim faziam parecia-lhes sentir *a*

presença espectral do homem que pertencia ao passado e que voltava ali para assistir ao julgamento do pequeno tribunal de justiça de Illinois!

Por fim, Arnold, profundamente comovido, não pôde prosseguir, simplesmente porque mr. Swett, ou mr. Lincoln, *ou ambos*, tinham sido cruelmente ofendidos pelo promotor. E abandonando teatralmente a tribuna deixou-se cair sentado na cadeira, sacou um lenço do bôlso e desandou a chorar.

Agora era a vez de mr. Swett. Levanta-se, cruza as mãos nas costas e sorri desalentadamente aos jurados. Era perfeitamente óbvio para o promotor, que estivera a roer as unhas durante todo o tempo em que Arnold perorava, que mr. Swett iria, a seu turno, ignorar também a evidência do crime.

Swett foi modesto, afirmando que não merecia as elogiosas palavras que mr. Arnold tão carinhosamente dissera a seu respeito.

Mas o que mr. Arnold havia dito sôbre Lincoln, ah, isso sim era alguma coisa de maior significação! A seguir, mr. Swett falou outra vez sôbre Lincoln e de novo reacendeu a Guerra Civil.

Swett, um consumado ator, representando sua obra-prima de emoção para os doze crédulos homens do conselho de sentença, parava, de vez em quando, tal como o *Grande Emancipador* costumava fazer, para prender a atenção dos jurados sôbre cenas da Casa Branca, entremeadas de algumas anedotas tão oportunas quanto fascinantes. Ao aproximar-se o término da sua original defesa, mr. Swett revelou, em aditamento, que tinham partido dêle algumas das mais importantes decisões de mr. Lincoln, no curso da Guerra Civil.

A acusada, mr. Grier tinha sido completamente esquecida. Contudo, alcançou uma absolvição por 8 a 4 e, eventualmente, a acusação contra ela veio a ser desclassificada porque, como afirmou muito simplesmente um dos jurados: "Mr. Lincoln estava realmente presente ali na sala do júri e nós sabíamos muito bem que um homem justo como êle não intercederia por uma mulher que fôsse efetivamente culpada!"

SUGESTÕES

O ano que passou registrou uma centena de sugestões, enviadas por diferentes pessoas aos diferentes departamentos de serviço público nos diversos países do mundo.



Enviadas por pessoas de diferentes condições sociais, apontavam esta ou aquela providência, segundo o hábito e as necessidades de cada uma e muitas delas merecem ser mencionadas. Ei-las:

Ar fresco e limpeza — Um estudante parisiense enviou carta ao Conselho Municipal da «Cidade Luz» sugerindo que os «táxis» (Oh, os táxis de Paris!) assim como as cabines de telefone público **fôssem** mais arejados e, principalmente, escovados e lavados ao menos uma vez por ano.

Rótulo Importante — Um partidário da lei sêca, de Chicago, sugeriu que a saúde pública tornasse obrigatório nas garrafas de «whisky» e outras bebidas, um rótulo **a mais**... representando **uma caveira e duas tíbias**, para significar «veneno».

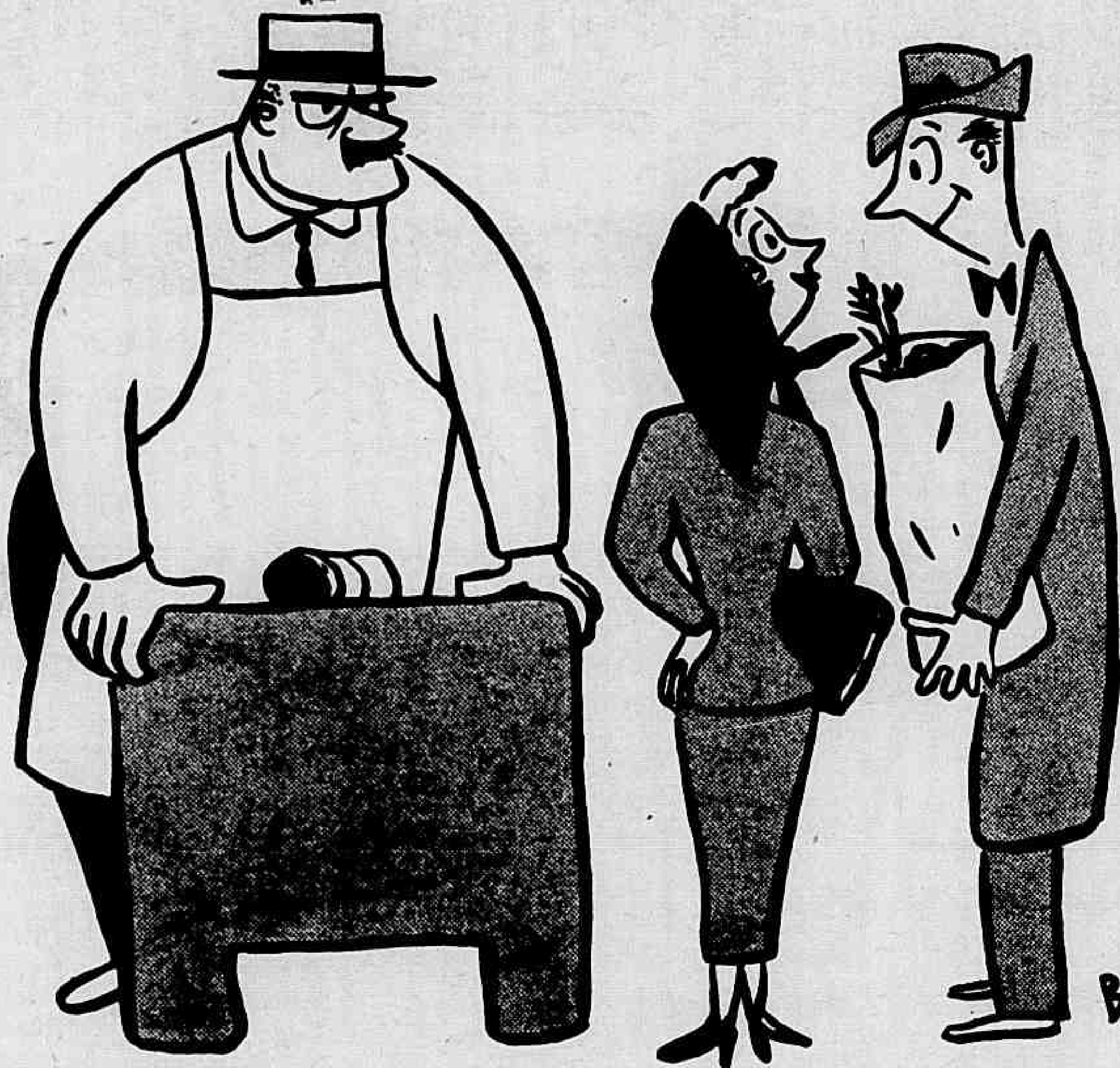
Atraso ou Falta de Educação? — Um senador norte-americano, Roland Libonatti, de Illinois, apresentou projeto de lei (revogado) tornando obrigatório o estabelecimento de um «cuspidor» em cada quarto de hotel no seu Estado.

O fato do foguete, que poderia constituir o símbolo da aspiração humana na tentativa de atingir as estrêlas, constituir-se em uma das armas que ameaçam destruir a nossa civilização, é uma das mais trágicas ironias da nossa idade. — **Arthur C. Clarke**

A inteligência, por si só, não é capaz de engendrar a Ciência. É, porém, fator indispensável em sua criação. A Ciência, por seu turno, fortifica a inteligência. — **Alexis Carrel**

COMO o filósofo, o sábio não deve dar maior importância ao registro da série de ocorrências no tempo, que decidir sôbre o valor das diversas interpretações dêsses fenômenos. — **Stephen Toulmin**

A BOA RESPOSTA DO MÊS



HÁ muito tempo, quando ainda era possível comprar boa carne sem haver necessidade de empenhar as jóias da família, uma jovem espôsa se apresentou num movimentado açougue de Los Angeles em companhia do marido.

Tornou-se evidente que ela havia estudado caprichosamente todos os livros de culinária, a fim de honrar o seu lar e que estava aproveitando a oportunidade para fazer "cartaz" junto do espôso.

Assim, obrigou o açougueiro a pesar muito acertadamente cada qualidade de carne, dizendo-lhe, ao mesmo tempo, como pretendia preparar os quitutes e cozinhá-los. A seguir, calcou com a ponta dos dedos cada pedaço, indicando ao comerciante como deveria cortar. A êsse tempo o açougue estava cheio de fregueses impacientes. O açougueiro, porém, atendia a todos os detalhes e exigências da jovem compradora. Finalmente, após prolongada inspeção, a compradora declarou-se satisfeita. Então, o açougueiro, pela primeira vez abriu a bôca:

— E agora, madama — disse êle muito sério — posso preparar o môlho?

OS PEIXES NÃO SÃO MUDOS

DOZE estudantes de zoologia, de Berlim, conduzem atualmente pesquisas cuja útilidade talvez possa escapar ao comum dos mortais, mas que bem podem, na verdade, revolucionar a ciência: procuram provar que os peixes têm uma linguagem...

Tôdas as noites, êles se curvam sôbre aquários equipados de hidrofones ultra-sensíveis, ligados a aparelhos registradores e então anotam cuidadosamente suas observações.

— Por que trabalham sòmente à noite? — perguntará o leitor.

A resposta é simples: apenas porque, à noite, a atmosfera da cidade é mais calma que durante o dia.

— O ruído é o nosso inimigo número um — dizem êles. — Um trem que passa a um quilômetro de nosso laboratório, um automóvel que marcha a 300 metros ou mesmo um transeunte, caminhando na rua, perturbam os nossos registros.

A idéia dêsse estudo surgiu quando um dos estudantes contemplava uma família de carpas. Tendo notado que os pais reuniam a prole em seu redor num segundo e que tôda a família executava com êle um conjunto perfeito, com voltas e recuos impecáveis, concluiu que êsses fenômenos não poderiam ser devidos a outra coisa senão a uma ordem dada pelo pai ou pela mãe.

Já agora essas pesquisas, realizadas com diferentes espécies, conduziram os estudantes às seguintes verificações: 1º: os peixes não são mudos; 2º: quando alguns dêles combatem entre si, emitem sons ritmados e que, talvez, caso pudessem ser traduzidos por nós, a censura impediria a sua publicação; 3º: fazem ruído quando comem. Os doze zoologistas berlinenses prosseguem em seus estudos. Esperam conseguir provar que os peixes falam e, mesmo, organizar uma espécie de dicionário da linguagem dos peixes.

ATENÇÃO AO

A estrada pouco larga e escura, à frente dos faróis, subiu ligeiramente, perdendo-se na noite, enquanto o pé de Tucker continuava firme sôbre o acelerador. Seu olhar cruel consultava incessantemente um e outro bordo do caminho, enquanto seus lábios se cerravam muito apertados.

Nenhum sinal, nenhum pontinho de luz ferindo a massa negra que parecia comprimir o caminho, os contornos das colinas e o horizonte indeciso, a poucas dezenas de metros além dos faróis. Inferno de lugar! Nenhum sinal de civilização ou mesmo de vida em muitas milhas em redor. Por um lado, isto até era bom...

Quando um homem sai apressadamente de uma grande cidade, com uma valise cheia de dinheiro e deixando atrás de si um cofre arrombado e um corpo sem vida, mas ainda quente, junto dêle, prefere lugares assim, inteiramente vazios e quietos. Pelo menos, até que se sinta fora do alcance da polícia.

As duas lanças de luz vararam repentinamente um pouco mais a espêssa massa da noite, refletindo aqui e ali sôbre o esverdeado dos olhos de algum animal assustado. Muito mais acima, uma miniatura de cidade, um oásis de luzes na escuridão: um pôsto de gasolina.

Automàticamente, o olhar de Tucker procurou o indicador do painel. Tinha só um quarto de tanque. Rolou o charuto apagado, de um para outro canto da bôca, indeciso. Seria melhor parar? Além dessa estrada, além dessas colinas ondulantes, teria que percorrer umas oito milhas, no mínimo, através de uma região inteiramente deserta, antes de alcançar a fronteira.

Lançou um rápido olhar para o espelho, a fim de consultar a estrada à sua retaguarda. Nada viu, além da escuridão, fechando a estrada. Nada. Nenhum pontinho de luz.

Já fugira, assim, muitas vêzes, pelas estradas. Desta vez agira mesmo com muita sorte e incrível rapidez. Dificilmente qualquer sinal de alerta teria chegado até ali. E mesmo que tivesse chegado... O pesado revólver 38 ali estava, confortàvelmente encostado ao seu peito, por dentro do paletó. Matar um ou matar uma dúzia não tinha diferença para êle.

O mau era não ter tido tempo para apagar os vestígios e marcas digitais naquele armazém, que assaltara poucas horas antes, na cidade. Uma coisa inevitável, como muitas outras...

DIMINUIU a marcha, manobrou com dificuldade e entrou silenciosamente no pequeno recinto iluminado, onde se destacava o letreiro:

"PÔSTO DO JACK"

Tucker olhou para o letreiro, feito por mãos inexperientes, e também para o aviso complementar, desenhado aparentemente ainda com maior dificuldade:

"Desligue o motor e apague o cigarro. Gasolina explode!"

Seu olhar descansado passeou lentamente por todo o conjunto do pôsto de gasolina, desde o pequeno tanque, cheio d'água, para testar câmara de ar, até à velha caixa-registradora, no interior do pavilhão, não distante da porta. Um velhote, meio curvado para a frente e para o lado direito, como se sofresse de reumatismo, caminhou, sem pressa, na di-

LETREIRO!



reção do automóvel, bocejando e coçando vigorosamente o rosto marcado pelas rugas, que a barba crescida acentuava. Sua fisionomia não parecia satisfeita, quando se dirigiu a Tucker com ares de bedel de escola pública:

— O senhor não leu o aviso?

Sua voz parecia gasta como todo o seu corpo.

— Se é gasolina que deseja, não posso servi-lo enquanto estiver com o motor ligado!

Ao falar, o velhote se aproximara examinando o automóvel e o próprio Tucker. Repentinamente, parou e seu rosto empalideceu, ao mesmo tempo que encarava francamente o cliente.

— O... o senhor vai querer gasolina, não é mesmo?

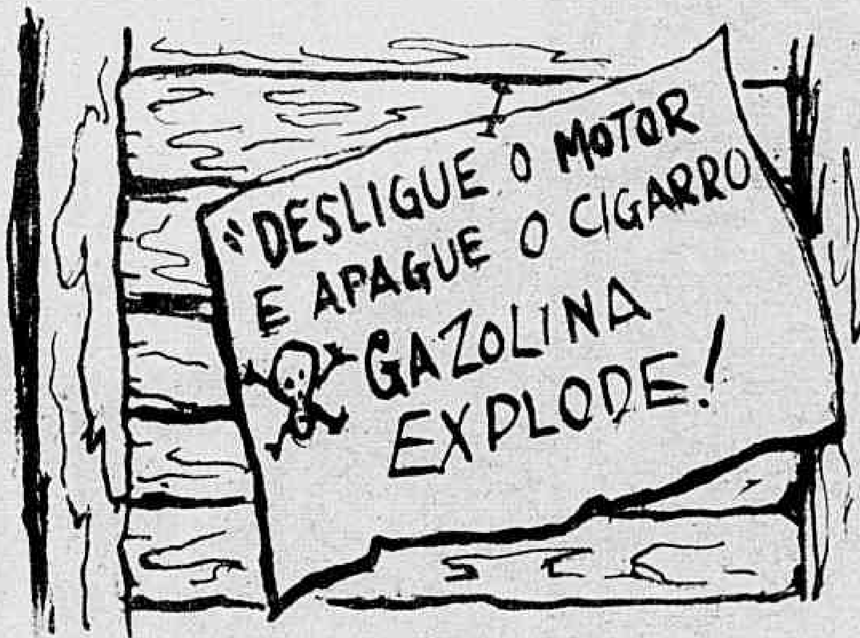
Tucker estava de pé diante dêle, parecendo feito de pedra, frio e imóvel. Seus pensamentos, agora, eram rápidos e tumultuosos. Aquela expressão do velhote... A mudança repentina que nêle se operara...

— Encha o tanque e ponha mais cinco litros numa lata.

Não fêz, porém, o menor movimento para desligar o motor. Apenas voltou a cabeça e sondou o estrada negra, nas duas direções. Nada, felizmente.

Mas, por que o velhote não se mexia? Ficaria assim, amedrontado, diante de todos os fregueses?

Os lábios de Tucker tornaram a fechar-se apertadamente, enquanto refletia. Um velhote bastante miserável... como a sua caixa-registradora. Nela poderia ter, talvez, uns doze dólares... Instintivamente, calcou com a ponta dos dedos a valise negra, que tinha sôbre o banco. Ali, ao menos, havia uma verdadeira *bolada*. E a fronteira estava a curta distância...



Repentinamente, saltou para fora do automóvel.

— Então? Por que não começa a deitar a gasolina? Vamos com isso!

— O motor, *mister*. É preciso desligá-lo.

Com o polegar indicou o letreiro.

— Gasolina explode, como o senhor sabe. Não quero me arriscar...

Tucker sorriu. O pobre velhote tinha razão de estar assustado. Deu volta à chave do motor e afastou-se um pouco do veículo.

TINHA as pernas doloridas e com cãibras. Tratou de esticá-las, enquanto bocejava e fazia ginástica com os braços. O ruído da bomba despertou sua atenção. Era o único som naquele imenso deserto... ou não?

Do interior do pôsto chegou-lhe aos ouvidos um ruído de sereia. Êste logo cessou, enquanto uma voz apressada dizia:

"KMA, sete, oito, oito. Três milhas acima da junção de Taraval. Sinal de estrada de ferro derrubado. Possível dois, nove, nove. KMA, sete, oito, oito."

A gasolina espalhou um pouco sôbre os bordos sujos do bujão, quando o velhote falhou na pontaria do tanque aberto. Conservava, porém, a cabeça abaixada, sem um olhar para Tucker.

— É o rádio da polícia, eh? — perguntou Tucker.

Aproximou-se, com os sapatos rinchando sôbre a areia do solo.

— Ouviu alguma coisa interessante, nestas últimas horas?

O velhote fêz sinal negativa, com a cabeça, porém, agora, mais atento com a bomba, porque a gasolina voltava a derramar sôbre a bôca do bujão.

— Não sei... Estive dormindo... mais do que devia.

Tucker riu novamente, porém, agora, com vagar, observando o jeito do velhote, cujo rosto estava mais pálido e cujas mãos tremiam.

— Gostaria de saber porque você ficou meio sem jeito, quando me viu de perto... Teriam êles feito alguma... descrição pelo rádio?

O pobre homem, com evidente esfôrço, voltou-se na direção do desconhecido e seus olhos, agora, não mais escondiam o mêdo *do que estava para acontecer*. Mesmo assim, ainda tentou um rodeio.

— Eu... De que está o senhor falando?

A pobre língua, sêca, mal podia articular as palavras.

— Não sei que descrição é essa de que fala, *mister*. Como já disse, estive dormindo. Aconteceu alguma coisa?

MAS nada adiantou com isso. Tucker, agora, retirava o acendedor de prata do pequeno bôlso da calça e fazia-o funcionar, sustentando a pequenina chama amarela sob a extremidade do charuto, até que ficasse bastante rubra. Exalou a fumaça e tornou a fechar o acendedor. Enquanto isso o olhar do velhote se enchia de terror.

— Pelo amor de Deus! Não acenda o charuto enquanto deito gasolina! Gasolina explode! Então, não sabe?

— Não diga asneira! — replicou Tucker, enquanto um brilho mau marcava seu olhar. — Para onde você vai há sempre muito fogo...

Ouvindo-o, o pobre homem estremeceu violentamente. Parara de deitar a gasolina no tanque. Mas continuava com a extremidade da bomba voltada para a bôca do tanque, sem olhar para Tucker.

— Assim não deito a gasolina — disse êle. — Não posso deitar a gasolina.

— Você vai deitar, sim... e muito direitinho! — afirmou Tucker, que retirara a arma do coldre e com ela brincava na palma da mão. — Com isto, velho miserável e mentiroso, poderei rolar até além da fronteira, onde ninguém me pegará.

O velhote, com gesto lento, muito lento, começou a retirar a extremidade da bomba do interior da bôca do tanque. Seus ombros tremiam violentamente. Olhava fixamente para o revólver, como se estivesse hipnotizado pelo brilho do aço ferido pela luz do pôsto. Repentinamente falou:

— Ouvi, sim, todos os avisos da polícia nestas três últimas horas — falou, com voz pausada e estranha. — Êles já o cercaram até muito acima de Millvile... umas sessenta milhas em redor.

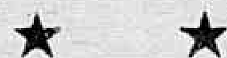
Levantou a cabeça e seu olhar estudou atentamente a má cara de Tucker, fixando-se, finalmente, na ponta do seu charuto, muito rubra.

— Sei que arrombou um cofre, na cidade, e matou um homem... um vigia.

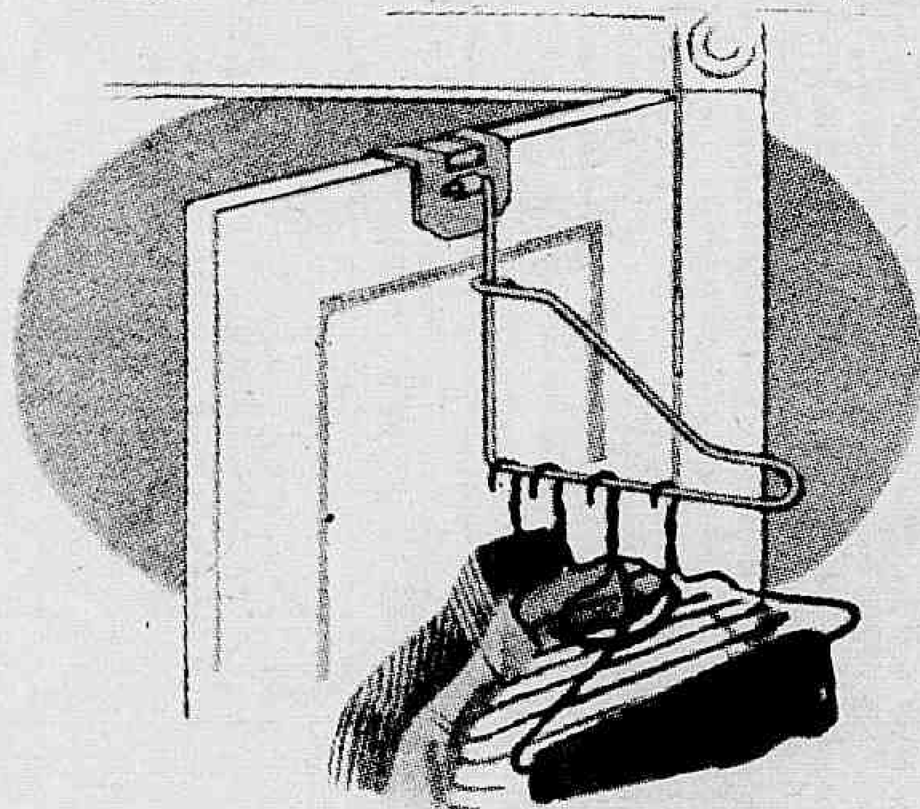
E, repentinamente, seus velhos dedos enrugados se crisparam sôbre a alça da bomba. No mesmo instante um grosso jacto de gasolina se projetou contra o charuto aceso e o rosto de Tucker.

Foi como se o mundo se dissolvesse num formidável esguicho de chamas alaranjadas e de insuportável calor, enquanto Tucker rolava pelo chão, com o rosto queimado, as roupas em chamas, formando uma pira macabra. E, ali, nos estertores de rápida e cruel agonia, como a inexorável voz do próprio satan, ouviu a voz estridente, gritando:

— Devia ter obedecido ao letreiro, *mister*... *Gasolina explode!*



RECURSOS CASEIROS



PARA resolver a falta de espaço, temos aqui um bom recurso. Na porta mais próxima do local em que se passa a roupa a ferro, colocar o «braço» de ferro, segundo indica o desenho. Nêle são pendurados os cabides, nos quais vão sendo suspensos os vestidos e demais peças, à proporção que vão sendo passados, para ser, mais tarde, removidos para os locais definitivos. A alça em que é fixado o «braço» pode ser permanente, prendendo-se com parafusos.



SÓ por intermédio do indivíduo a evolução humana atinge seus pontos mais elevados e variados. Cada vez que nos extasiamos com um morrer do sol ou com uma sinfonia; que sentimos satisfação por uma obra realizada ou nos entregamos a uma atividade disciplinada, como o esporte, significa que outra das possibilidades da evolução está frutificando.

— **Julian Huxley**

Bel-Air

UM PRODUTO FLEXSO



PARA
CRIANÇAS
20/27
CR$ 50,00

PARA
MENINAS
28/32
CR$ 75,00





LUVAS PARA OS PÉS

CREAÇÃO DE MISTER JAMES



PARA
SENHORAS
33/39
CR$ 95,00

Côres Lindissimas!
CANARIO - VERDE
VERMELHO - BRANCO
ETC. ETC.

insinuante

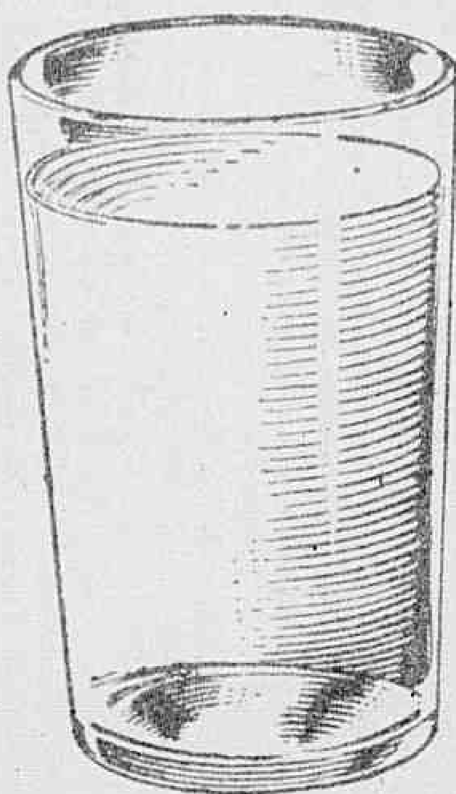
É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMERICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO COM AGUA GELADINHA SEMPRE AS SUAS ORDENS.

AT. SZMOG/.

CARIOCA 46-48
SETEMBRO 99-201

Remetemos para todo o Brasil.
Porte por par. 5 cruzeiros.
Não fazemos reembôlso postal.

CUIDADO! BEBER ÁGUA



PÓDE MATAR!

A importância de beber água, a fim de atender às necessidades humanas ou, falando mais claramente, para "matar a sêde", como geralmente se diz, pode ser grosseiramente exagerada. Em absoluto, não é verdade que a água ajuda o indivíduo a dormir melhor, cura resfriados ou emagrece. Também não é verdade que o indivíduo deve beber no mínimo oito copos de água, diàriamente. Finalmente, não é verdade que o indivíduo seja beneficiado ingerindo águas minerais. É verdade, sim, que a ingestão de *muita água* causa insônia, severas cólicas intestinais e dores lombares. Também é certo que a água, ingerida em momento impróprio, pode intoxicar e até mesmo causar a morte.

Os resultados de recentes e profundos estudos, realizados por competentes técnicos, provaram que, *sem a menor dúvida*, a água está muito longe de ser a panacéia, conforme durante muitos anos foi considerada.

Realmente *não podemos viver sem ela*, mas por certo podemos viver com mais saúde sem tentar encharcar o corpo com ela. Os brasileiros consomem enormes quantidades de água não apenas na própria alimentação diária e principalmente em xícaras e xícaras de café, como em refrigerantes e outros líquidos, durante as refeições. Anualmente, bebemos laranjadas, cajuadas, etc., o suficiente para fazer flutuar todos os navios do mundo, sem esquecer as sopas, os vegetais e outras formas de água, numa infinita variedade.

E o interessante é que bebemos tudo isso, convencidos de que "faz muito bem". No entanto, segundo as conclusões a que chegaram os médicos, nada disso é verdade! Êsses verdadeiros rios de água alteram todo o nosso sistema nervoso e o nosso estado mental, encharcam a bexiga, alojando-se nos tecidos do corpo, provocando fadiga do coração e aumentando pêso imprestável e que apenas exige desgaste de energias.

Então, o indivíduo se queixa de desânimo, perda de vivacidade, de aumento de pêso "embora coma como um passarinho".

Em geral, não necessita de outra coisa, para encontrar alívio, senão de *afastar-se do filtro da casa!* Só com isso perderão tranqüilamente meio quilo por semana.



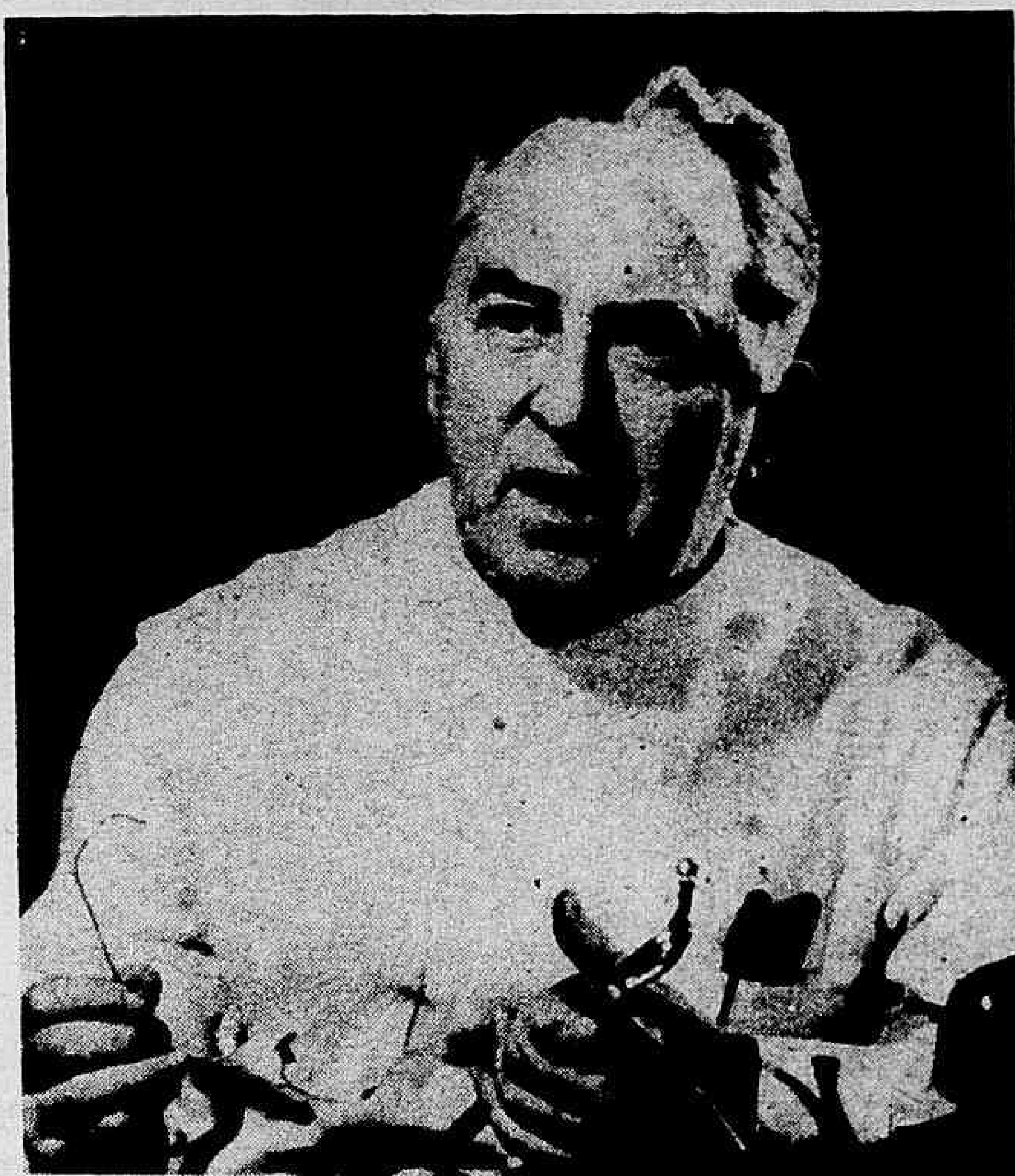
Convém ingerir tabletes de sal nos dias cálidos, o que evitará as tonteiras e também as câibras.

REALMENTE, A ÁGUA — QUANDO BEBIDA EM MOMENTO IMPRÓPRIO — PODE NÃO APENAS "EMBRIAGAR" COMO ATÉ MESMO CAUSAR A MORTE!

EMBORA pareça mentira, o beber água pode causar grandes estragos em todo o corpo, principalmente no verão, quando sentimos maior calor e suamos.

Os que vivem no deserto, nas áreas pouco favorecidas pela presença de água e sob fortíssimo calor, sabem muito bem; e, quando encontram alguém em lamentável estado, por estar dirigindo automóvel muitas horas, sob sol abrasador, dão-lhe água, é verdade, porém *em pequeníssimas quantidades*, embora os sedentos peçam mais. Sabem, por experiência, que grandes quantidades de água, *em certas ocasiões* (como a que acima descrevemos) podem até matar um indivíduo.

Entretanto, em regiões mais favorecidas pelo clima, as pessoas não estão familiarizadas com êsse perigo. Por exemplo, em certo dia de fortíssimo calor, longa fila se formou diante de um pôsto de "pronto-socorro", instalado por uma fábrica de material bélico, em Long Island, Estados Unidos; eram indivíduos que se queixavam de tonteiras, cãibras, dormência e terrível dor de cabeça. A enfermeira examinou um por um e, não podendo encontrar nada de anormal nos queixosos, apelou para o médico.



Os médicos dizem, hoje, que a água bebida com os alimentos aumenta o pêso do indivíduo: se deseja emagrecer beba o mínimo possível.

Quando êste chegou e ouviu da enfermeira a confissão de que nada pudera encontrar que justificasse as queixas dos infelizes, sua primeira pergunta foi esta:

— *Beberam muita água?*

Todos admitiram que assim tinham feito, realmente, e o médico anunciou que todos tinham atingido um estado próximo da intoxicação... devido à ingestão de uma bebida não alcoólica!

Êste fenômeno é causado pelo fato de, por ocasião de elevada temperatura, o corpo perder grande quantidade de sal, com a transpiração. Nessas condições, se o indivíduo trata de substituir a água, *sem fazer o mesmo com o sal*, a balança de água-e-sal do corpo fica inteiramente arruinada e o corpo todo paga pelo êrro. As cãibras e tonteiras são os primeiros sinais de alarma de que *alguma coisa está errada!*

Muitas pessoas têm morrido devido a êsse desequilíbrio de água e sal. O choque dessa composição dràsticamente alterada pode abalar tremendamente os sistemas nervoso e orgânico até um limite sem remédio.

OS que insistem em beber grandes copos de água durante as refeições dirão, talvez, que isso irriga o estômago e auxilia a digestão. Nada, entretanto, mais errôneo. Os médicos descobriram que, se o indivíduo encharca os alimentos que ingere com enormes quantidades de água, pròvàvelmente a digestão não será feita como é preferível. Da mesma forma, a água dilui a secreção das glândulas salivares, forçando o estômago a um maior trabalho, na tentativa de digerir açúcares e féculas para sua assimilação no sistema sanguíneo. Mas, agindo mais erradamente ainda, muitos indivíduos insistem em beber água gelada e mesmo com cubos de gêlo flutuando no interior dos copos... até no inverno! A baixa temperatura dessa água contrai os vasos sanguíneos no interior do estômago e acabam anulando o mecanismo digestivo até que a água gelada tenha tomado a temperatura normal do corpo.

O resultado é deplorável, pois força o corpo a um dispêndio exagerado de calorias, que vão faltar para tôdas as

demais ações do indivíduo. Ficam, assim, explicados os sintomas de desânimo, inapetência, sensação de pêso nos braços e pernas, irritabilidade e fraqueza geral de que tanto ouvimos falar.

O indivíduo que bebe água constantemente, está sempre sedento... *por que não sabe beber o líquido,* que, antes de reconfortar, passa a ser um elemento prejudicial a todo o organismo.

O "sedento" é, em geral, um *viciado*. Bebe *porque tem necessidade de sentir o estômago cheio de água,* como que "esticado", e essa sensação de estômago cheio passa a constituir um vício difícil de ser combatido, pois só assim o indivíduo se considera em bom estado... embora a sêde continue a martirizá-lo.

Para êsses "sedentos" incuráveis aconselhamos o seguinte tratamento:

Se está com sêde, em vez de beber água gelada e aos grandes goles, prefira água fresca, que beberá... *às colheradas*.

Quase podemos apostar que, antes de beber um quarto do copo, estará plenamente confortado.

Porque o essencial, nessas horas de grandes calores, é refrescar a bôca e a garganta e não encharcar o estômago, o que serve, apenas, para prejudicar, como já dissemos, tôdas as demais partes do corpo, sobrecarregadas com exaustivo trabalho de eliminação.

O calor e energia e se grande porção de calor tem que ser usada, a fim de contrabalançar a temperatura do gêlo ou da água gelada no estômago, equilibrando novamente a temperatura, isso significa que boa quantidade de energia foi perdida.

Essa é uma das razões porque nos sentimos fatigados e com sono durante os mêses de verão. Porque consumimos grande quantidade de água durante o dia

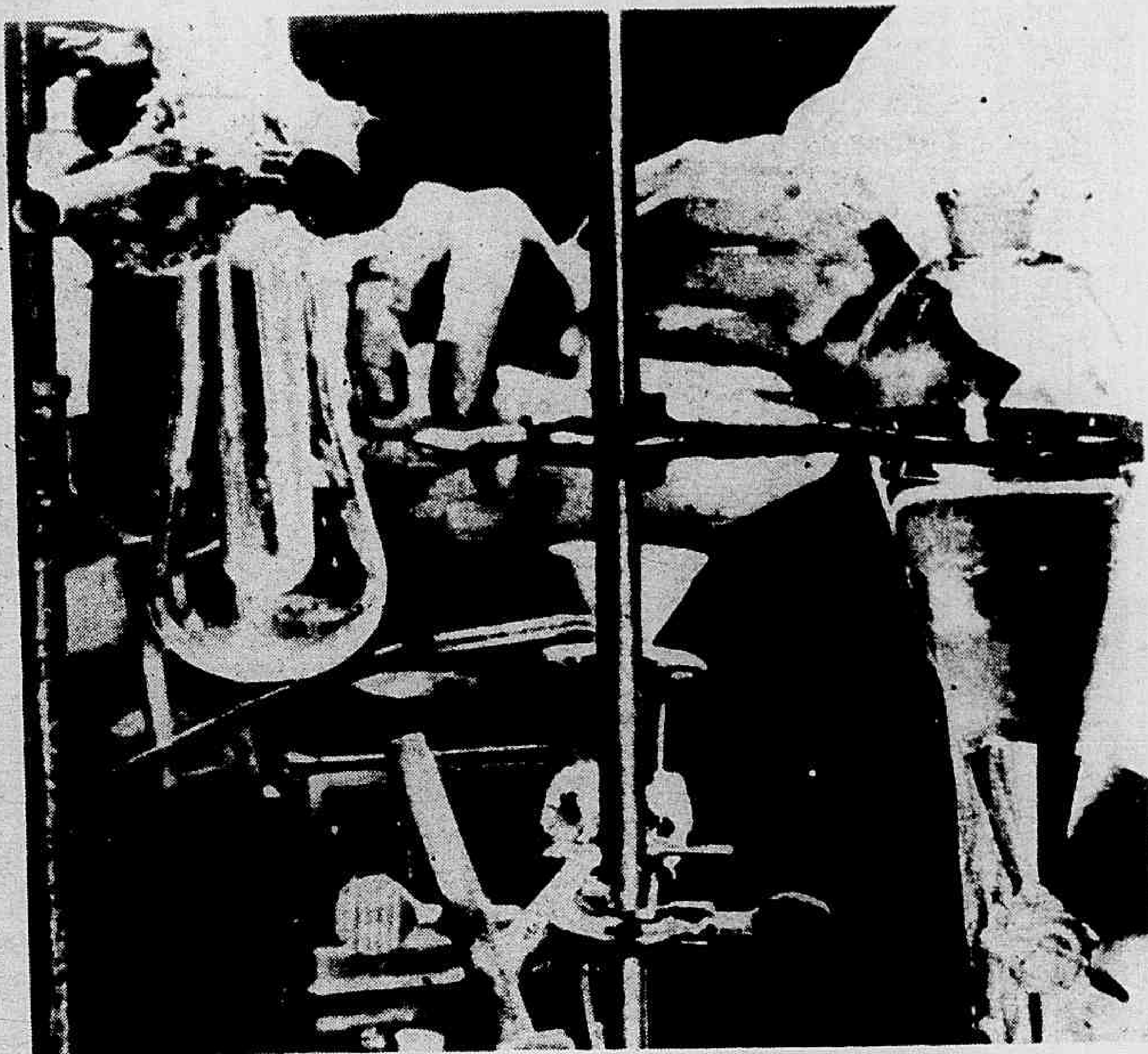


Photo by Ewing Galloway

para matar a sêde e obter um enganador "confôrto".

O corpo, entretanto, teve que trabalhar o dia todo e *queimar* maior quantidade de energia para aquecer tôda essa água.

Como prova mais clara do que afirmamos, podemos citar os grandes lutadores do ringue e outros indivíduos dedicados a atividades atléticas, os quais não bebem água quando entregues a alguma competição. Simplesmente enxaguam a bôca, a fim de lavar o excesso



A água contendo fluorina previne a cárie dentária, mas, em geral, o indivíduo não é, de maneira alguma, beneficiado por outros minerais.

de saliva, porém jamais deixam que uma só gôta desça ao seu estômago. Isto, porque sabem que vão necessitar de tôda a energia para a prática do esporte... e que a água ingerida provocará cãibras dado que o sangue, transmissor de energia, não poderá cuidar ao mesmo tempo do estômago e dos músculos.

★

A crença de que a água é excelente para a pele *porque limpa as impurezas do corpo* é outro "conto da carochinha", hoje desaprovado pelos exames de laboratórios.

De fato, competentes dermatologistas nos dirão que o excesso de água se aloja na pele e, em vez de lavá-la das impurezas, ao contrário, serve apenas para intensificar os males que a afligem.

★ ★

VOCÊ TEM BOM FARO?

DE cada grupo de dez pessoas, a quem perguntaram: «Entre o café, a cânfora e o alho, qual o que tem cheiro mais forte?" — seis responderam que era a cânfora e quatro optaram pelo alho. Nem uma sequer designou o café e, no entanto, é êle o que ocupa, sem sombra de dúvida, o primeiro lugar ou, pelo menos, é o que produz a mais forte reação sôbre os nossos centros cerebrais.

Tal a revelação que quatro cientistas de Rochester, Estados Unidos, acabam de fazer, numa das sessões do III Congresso Internacional de Electroencefalografia (ciência que, como todos sabem, consiste em registrar as ondas do cérebro).

Segundo o relatório dêsses médicos (que registraram sôbre centenas de pacientes as reações particulares do centro ao qual chega o nervo olfativo), os odores provocam em nosso cérebro efeitos que podem ser classificados em três categorias.

A reação mais forte é acusada quando o nariz do paciente é excitado pelos odores seguintes: café, valeriana, lilás, benzina, menta verde, lavanda e limão. A essência de terebentina, o alho, a cânfora e a canela produzem efeito menor. Finalmente, a reação é apenas perceptível com a acetona e o álcool.

Outro fato importante (e que explica as asfixias devidas ao escapamento do gás, por exemplo): quando o paciente dorme, seu cérebro não reage, pràticamente, aos odores, mesmo os mais fortes.

★

O DEPUTADO E A GOVERNANTA

NEM só no nosso Parlamento as sessões apresentam notas cômicas. Recentemente, no correr de uma discussão terrível, que lançavam, tumultuosamente, uns contra os outros, os representantes governistas e os da oposição, no parlamento norueguês, a sra. Gurid Almeningen gritou para o seu adversário:

— Quando penso que Vossa Excelência era um menino bem educado há 44 anos!

Diante da surprêsa e, da emoção de todos os presentes, a sra. Almeningen explicou aos seus pares que outrora ela própria tinha sido a governanta de seu colega.

POR TRÁS DA PORTA AMARELA

Romance de VALENTIM WILLIAMS

Absorvida, como estava, não ouviu quando alguém abriu a porta.

Rodney entrou. Imediatamente avistou Aline, curvada sôbre o livro, no sofá.

— Olá! Você estava aqui! E eu que a procurei por tôda a casa...

Ela estremeceu, levantando a cabeça.

— Oh! É você, Rod?

Êle se aproximou, indagando:

— Que está lendo? Ainda as Memórias?

Um rápido olhar lançado sôbre um ombro de Aline logo o esclareceu, porque deixou escapar entre os dentes uma exclamação:

— Irra! As cartas de George?

Ela plantou as duas mãos sôbre a página que lia, antes de dizer:

— Venha sentar aqui, ao meu lado, Rod, e ouça-me com atenção. Estou a ponto de encontrar um detalhe muito interessante...

Êle, rindo alegremente, obedeceu.

— Duvido muito — disse Rod, abrindo a cigarreira. — George foi o pior homem de que tenho notícia!

Riscou um fósforo contra a sola do sapato e ficou contemplando Aline, que prosseguia em sua leitura. Admirava o tom dos seus cabelos, a curva graciosa do rosto. Ela, porém, não tardou a levantar a cabeça.

— Rod, você já leu estas cartas?

— Humm... Apenas alguns trechos. Sempre tive a intenção de ler tudo, direitinho, mas você sabe como essas coisas vão sendo adiadas. Acredito mesmo que nesta casa ninguém, salvo Murchie, tenha lido tôdas elas.

— Murchie... — repetiu Aline, com ligeiro tremor na voz.

— Sim. Murchie é grande autoridade sôbre tudo o que se relaciona com Frant House. Mas... que tem você? Que significa êsse arzinho de mistério?

RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA

Miss Innesmore, Aline Innesmore, norte-americana, em visita a amigos em Londres, Sir Charles Rossway e lady Julia Rossway, vive com êles na majestosa e aristocrática mansão de Mayfair, conhecida por Frant House, onde também vivem os filhos do casal, Sholto, atualmente numa propriedade da Kenia, na África Oriental; Geraldine (Gerry), espôsa de Sholto e que não quis ficar ao lado do marido nas terras estranhas, e Rodney, o filho mais moço, solteiro. Num anexo de Frant House vive Barrasford Swete, solteirão, que alugou êsse apartamento a seus velhos amigos Rossway. Entre Sholto e Gerry a situação estava esfriando bastante, com grande desgôsto da lady Julia, que via também, com grande desagrado, as relações, exageradamente cordiais, entre Swete e sua nora, Gerry. À tarde, preparando-se para a grande recepção desta noite, no palácio real, onde seria apresentada à côrte, por lady Julia, Aline recebe um recado de Swete e, visitando-o, verifica que êle sofreu um acidente, ferindo-se num pé, o que o impediria de ir, à noite, apreciar a sua «toilette» de côrte, na casa dos Rossway. Aline promete-lhe, então, que, ao regressar de Buckingham Palace, iria visitá-lo, em companhia de Gerry, para que êle pudesse ver como era lindo o seu vestido. Tudo corre conforme o combinado, tendo apenas Gerry faltado ao encontro, por se haver aborrecido com Rodney que, em nome de lady Julia, pedira-lhe, e quase exigira, que deixasse de visitar Swete. Mesmo assim, Aline despede-se de lady Julia, que se prepara para dormir e sai para tirar fotografias e, em seguida, visitar Swete, embora ligeiramente, para cumprir a sua promessa. Ao chegar, porém, ao patamar superior, encontra a porta fechada e nota que a luz que vira brilhar, ao saltar do automóvel, se extinguira, reinando agora completa escuridão no interior do apartamento. Desce, decidida a voltar diretamente para casa, quando verifica, juntamente com o «chauffeur», que a barra do seu vestido está empapada de sangue, assim como os sapatos. Nesse instante, surge Rodney, que também regressava para casa e, ao ver o que ocorria, sobe com o «chauffeur», derrubam a porta e encontram Barry inanimado ou morto, banhado em sangue. Na sua mão direita está um revólver. Rodney manda o «chauffeur» chamar o dr. Pargetter, médico da família, e procura acalmar Aline, que julga ter visto alguém sair do apartamento, perdendo-se logo no «fog». O dr. Pargetter aumenta o alarma declarando que aquilo não fôra suicídio, mas assassinato, pois a pistola não está descarregada e o seu calibre não era o mesmo da arma com que Swete fôra assassinado. Rodney diz a Aline que esconda a sua visita ao apartamento, pois êle dirá à polícia que tinham ido juntos, visitar Swete. Isto a livraria de aborrecimentos futuros. Pouco depois, surge um policial que, avisado pelo «chauffeur», vinha colhêr detalhes e, pouco depois, surge o próprio inspetor Manderton, com o legista e o técnico de impressões digitais. Manderton, o inspetor-chefe, interroga os criados, o médico, rebusca a casa inteira, auxiliado por Dene, um jovem policial, especialmente encarregado das impressões digitais e que encontra pó-de-arroz diante do grande espelho da lareira. Tudo isso assusta cada vez mais Aline, que pensa apenas em Gerry. Pouco depois, Manderton interroga lady Julia e esta, com superioridade e sorrindo, não deixa o detective tomar pé. O mesmo não acontece

Como resposta, ela passou o livro para as mãos de Rodney.

— Leia, por favor... — disse, passando a ponta da unha sôbre uma passagem.

Rodney leu:

"Quando voltei do teatro, com sir Henry Dove e mr. Hemingway, o velho Marcos, que nos abriu a porta, anunciou como os escudeiros do xerife tinham vindo procurá-lo por causa das dívidas não pagas a Mr. Dobie. Marcos e os demais servidores de meu tio tinham sabido parlamentar longamente com os escudeiros e, assim, quando êstes penetraram, de viva fôrça, na sala de jantar, encontraram a gaiola vazia Ficaram muito surpreendidos e aborrecidos. Sem dúvida tinham desconfiado de Marcos e dos demais servidores, suspeitando de que estivessem de conivência com o sr. conde. Mas a verdade é que haviam mandado guardar tôdas as saídas do pátio, enquanto êles próprios atacavam a porta principal. Só lhes restava rebuscar a casa tôda, a fim de procurar alguma saída secreta, que não puderam descobrir. Se essa saída existe, nem eu nem outra qualquer pessoa em Frant House, salvo talvez meu tio, conhecemos. Êsse golpe de meu tio (que não era o primeiro) contra os escudeiros nos fêz rir prolongadamente. Sir Henry jurava que o Maligno em pessoa havia escamoteado Phil, o Louco. Mais tarde, à hora do Pôrto, falamos sôbre a possibilidade de uma passagem secreta, conhecida ùnicamente por meu tio, que a mandara construir justamente para escapar das importunas visitas daqueles *gentlemen;* assim pudera êle chegar à carruagem que o aguardava na praça..."

Rodney olhou para Aline. Esta, porém, sem lhe dar tempo para falar, voltou mais algumas páginas. Com a ponta de um dedo, percorreu várias linhas, finalmente, detendo-se.

E Rodney leu o que se segue:

"Recebi hoje, por navio de Dovres, um recado de meu tio. Há três dias que êle partiu para Calais, a bordo do "Margate Hoy". Após algumas ligeiras instruções, relativamente a seus negócios, passou a escrever em tom mais descuidado, para dizer: Caso Tom, o Gorducho (é o apelido dado ao chefe dos escudeiros) volte a bater à minha porta, diga-lhe que antes de prender Phil, o Louco, terá primeiro que fazer ruflar o tambor do campo de tênis com uma boa jogada. Só êle poderá

---

com Gerry, que se rebela contra a insistência com que o inspetor deseja saber detalhes e responde com altivez, irritando o policial, que, por sua vez, teima em apanhá-la em contradição. Quem mais se preocupa com a situação de Gerry é Aline. Para refletir melhor sôbre os fatos, recolhe-se ao «court» de tênis, onde é surpreendida pelo assistente de Manderton, que com ela conversa banalidades, embora, no fundo, quisesse sondar seus pensamentos. Quando vai mostrar uma curiosa «berlinda» do século XVII, que ali é guardada, recua e, com uma desculpa, despede o policial. Surge Rod e Aline faz uma trágica revelação. No interior da berlinda há um revólver, escondido sob uma almofada. Interrogam Larking, que se perturba, mas afirma ignorar a quem pertence a arma. A seguir, surge Gerry. Ao ver a arma, declara que lhe pertence. Fôra um presente de Sholto. E essa arma só podia ter sido roubada, na véspera, na gaveta de Gerry? Rod declara que vai entregar o revólver do seu «boudoir», onde a guardava. Quem sabia da existência da arma? Quem a tirara do quarto a Chass e fará o que êste resolver que se faça. Depois do almôço, Aline e Rod vão a um jardim público, onde tratam de elucidar os próprios movimentos da véspera e chegam à conclusão de que possuem bons alibis. Os outros procurariam saber depois. Quanto a Gerry, seus passos pareciam bem esclarecidos. Rod informa nesse momento que, por conta própria, telegrafara a Sholto, em Nápoles, pedindo o seu imediato regresso. Decidem, a seguir, interrogar o velho Larking, que, para êles, além de Murchie, é o único que não tem os movimentos bem esclarecidos. O secretário revela realmente os seus passos, havendo apenas um pequeno lapso em que retornou, sem testemunhas, a Frant House. Mas, seu relato piora a situação de Larking, que saiu misteriosamente, de casa. Depois, rebuscando na copa, encontram um boné pertencente a sir Charles, escondido numa gaveta. Aline afirma que êsse boné é igual ao que viu na cabeça do vulto misterioso, que saíra furtivamente, na véspera, da casa de Barry. Voltam ao escritório, onde Rod esconde o revólver na gaveta da mesa da máquina e, retirando-se por alguns instantes, retorna quando chegava sir Charles. Contam ao baronete o que ocorreu e quando vão exibir a arma esta já desaparecera da gaveta. Sir Charles furioso, vai interrogar Gerry. Nada adianta com isso. Também Murch ignora tudo sôbre a arma. Sir Charles pede para que escondam o caso de lady Julia e todos acreditam na culpabilidade (ou cumplicidade) de Larking, que desapareceu de casa. Sir Charles tudo relata a Manderton, que se mostra reservado e retira-se para lançar seus homens no encalço do mordomo. Na mesma noite, procurando um livro, altas horas da noite, para entreter sua insônia, Aline vai ao «court» de tênis e, após apanhar o que desejava, auxiliada pela luz de uma vela, nota que o tambor do paredão... desapareceu. Cheia de mêdo, foge e esbarra com Rod, no corredor do «hall». Êste ouve sua história e volta para verificar o fato. O tambor lá estava novamente no lugar de sempre. Ligando êsse fato ao que lera, certa vez nas Memórias de Phil, o Louco, Aline corre à biblioteca, a fim de reler as famosas cartas, não antes de surpreender o jovem Dene, agachado, no «court», examinando a muralha e que, ao vê-la vem aconselhar a norte-americana a deixar quanto antes aquela casa. Impressionada, Aline começa a reler as cartas.

resolver o problema! E, com isso, meu caro sobrinho, deixo-te com a tua imaginação. — O que significa (se é que significa alguma coisa) que o tambor, sendo apenas uma imagem pintada na parede, meu tio continuará livre dos escudeiros neste mundo."

— É inútil ir adiante — disse Aline, vendo que Rodney voltava a página. Já li o resto. Nada encontrei que nos interessasse.

Falava com exaltação. Parecia entusiasmada com o seu "achado". Porém, ao olhar para seu companheiro, seu entusiasmo desapareceu. Uma mudança repentina se operara em Rodney. Havia, ainda há pouco, algo de afetuoso em seu olhar. Agora, seus olhos se haviam velado e o rosto apresentava uma expressão triste e distraída. Talvez censurasse a sua liberdade de haver esmiuçado êsses segredos? Porém, logo ficou tranqüila. Tinha sòmente que explicar-se para ser compreendida. Logo que lhe disse as razões do seu ato...

Chegou-se mais para junto dêle e, sublinhando com a unha uma das últimas passagens da carta: *"Antes de prender Phil, o Louco"* -- leu, com voz pausada, destacando as sílabas — *"terá, primeiro que fazer ruflar o tambor..."*

— Isto é o que chamam de "linguagem secreta". "E, com isto, meu caro sobrinho deixo-te com a tua imaginação" -- declarou Phil, o Louco. Aqui, segundo creio está a chave do mistério, o segrêdo da saída secreta de que falam as outras cartas.

Baixou a voz, antes de prosseguir:

— Suponhamos, Rod, que exista, realmente, na parede do campo de tênis, uma passagem dêsse gênero?

Êle não se dignou a responder. Frio, calado, sugava o cigarro. Mas, apesar de que havia de penoso, para ela, nesse silêncio, Aline continuou:

— Isto talvez explicasse *porque ninguém ninguém viu Larking entrar no apartamento de Barry...* Dene, aliás, alvitrou a possibilidade de uma passagem...

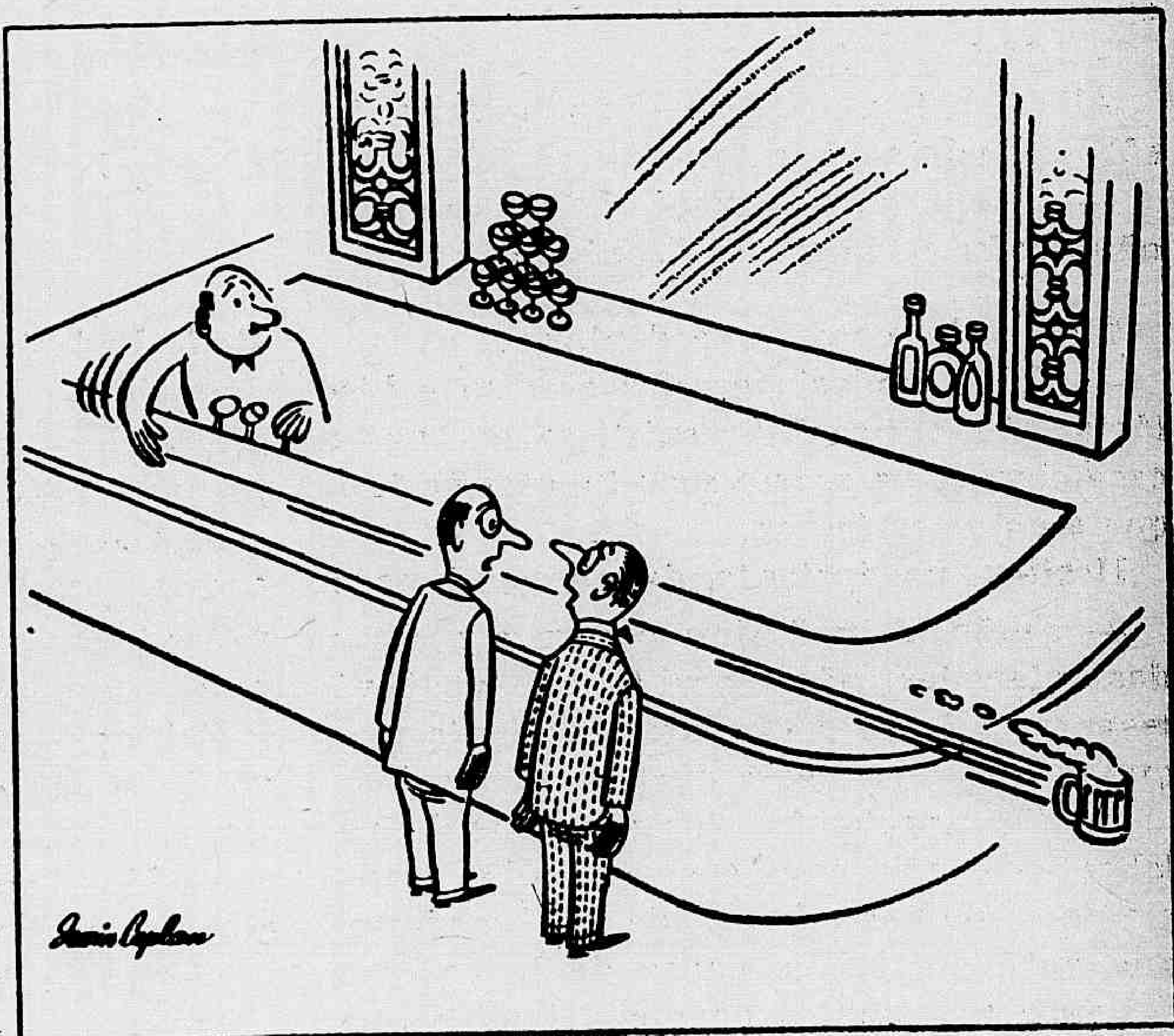
— Dene? — repetiu êle, como se tal nome não encontrasse em sua mente qualquer relação.

— O assistente de Manderton. Surpreendi-o, há poucos instantes, no *court*, agachado, sondando a muralha.

Rodney se voltou, vivamente, e em seus olhos Aline leu uma interrogação.

— É apenas uma hipótese... — disse ela, vivamente. — E, aliás, êle não parece ligar grande importância a êsse detalhe. Mas, enquanto falava comigo, lembrei-me, repentinamente, de haver lido em algum trecho destas cartas, que Phil, o Louco, para fugir dos credores, mandara construir uma passagem secreta, só por êle próprio conhecida. Então, corri, a fim de vir consultar as cartas. Encontrei o que desejava, mas não me satisfiz. Continuei procurando até encontrar outra, que não conhecia ainda, a segunda que acabo de mostrar — e a mais enigmática! Rod! Se o tambor guarda, realmente, a chave do mistério, não será isso uma





— *Pensei que era para você!*

explicação para o que aconteceu, ontem à noite, no *court* de tênis?

Êle não fêz um movimento, conservando-se de cabeça baixa e mudo.

— Você acredita que eu tenha sonhado? — continuou ela, arquejante. — Não, Rod! A coisa é perfeitamente clara, clara em todos os detalhes! O tambor lá estava e, pouco depois, desaparecia, ficando a parede lisa. Então, quando voltei com você, lá estava êle, outra vez! E também vi uma sombra, uma sombra humana, passar colada à parede. Tenho a certeza. Não é a prova de que *alguém usava a passagem secreta?*

Rodney desviou o olhar, porém Aline notou que êle a observava com o canto dos olhos.

— Você falou alguma coisa com Dene?

— Claro que não falei! — replicou ela, indignada. — Não combinamos, você e eu, que tentaríamos esclarecer, juntos, todo o mistério?

Êle riu, com riso forçado, batendo-lhe amistosamente num ombro.

— Não haverá em tudo isso um pouquinho de nervosismo de sua parte, Aline? Como todos os desta casa, você está desorientada, nervosa... E quando os nervos ficam abalados...

— Então, você acredita que eu tenha sonhado, simplesmente?

— Creio, de fato!

Alina bateu, com a mão espalmada, sôbre a página aberta.

— E isto? Que diz você? Isto, ao menos, não confirmaria o meu "sonho"?

Êle sorriu, com ar desdenhoso.

— Como poderia eu dar crédito a histórias tão antigas? Se existisse em nossa casa alguma passagem secreta, com certeza que a conheceríamos.

Hesitou, um instante, depois continuou:

— Então, Aline? Mesmo com a melhor das intenções, não acredito que você vá levantar a lebre a propósito de fantasmas que percorriam a casa durante a noite?

— Não pretendo levantar nenhuma lebre! — replicou ela, corando fortemente. — Mas, desagrada-me, confesso, que você me julgue capaz de bater com a língua nos dentes com o primeiro que aparecer...

— Não se trata disso. Você é nossa convidada, Aline... e nos sentimos de algum modo responsáveis perante a sua família na América do Norte. Tenho pensado muito e não quero correr o risco de ver você metida em complicações...

— Não estou implicada nesse drama, desde o primeiro minuto?

— Sim. Pela fatalidade das coisas! Mas nosso dever é o de tirá-la de tôda complicação.

— Nesse caso, que resta de nosso pacto? Não havíamos combinado revelar, um ao outro, tudo o que soubéssemos? Agora noto que você deseja desfazer a combinação.

— Por que diz isso?

— É evidente! Você descobriu alguma coisa e não deseja que eu saiba. Qualquer um notará que você não deseja que o assassino de Barry seja descoberto.

Aline viu que Rodney estremecia. Mesmo assim, êle ainda tentou dizer alguma coisa:

— Mas, que idéia...

— Eu não retirarei minha palavra, Rod! Sou melhor jogadora que você e vou dar a prova disso: saiba que Dene me aconselhou a deixar esta casa.

— Aconselhou? Por quê?

— Porque grandes aborrecimentos se aproximam.

— Quem lhe disse tal coisa? — perguntou êle, com voz rouca.

— Dene.

— Dene! Sempre êsse "seu" Dene!

— Ah! Como dói ver você nesse estado, Rod! Poderia, ao menos, saber a causa?

Êle jogou o cigarro no fundo da lareira, afastou algumas cinzas do paletó e, como Aline se levantara, fêz o mesmo.

— Meu estado não deve influir em seu ânimo, Aline — respondeu êle, em tom fatigado. — Confesso, apenas, que tôdas essas manobras da polícia me aborrecem.

Foi colocar no devido lugar os dois volumes das cartas e, a seguir, consultou seu relógio.

— Já é hora de almoçar. Temos que almoçar mais cedo, hoje, por motivo do inquérito... Você vem comigo?

Abriu a porta diante dela, que passou, de lábios cerrados e cabeça erguida. Ela

lhe fizera uma oferta e êle recusara. No entanto, em seu íntimo, ela prometia a si mesma não abandonar suas pesquisas no *court*, mesmo que tivesse que o fazer sòzinha. Não que a emprêsa lhe agradasse, pois tremia menos diante das dificuldades que, mesmo, *do que poderia acabar descobrindo*.

Indagava a si própria a que pensamento correspondera aquêle súbito franzir de fronte, que modificara a expressão de Rodney. Que poderia êle temer do final dêsse seu inquérito?

Enquanto com êle descia para a sala de jantar, recordou que jamais êle lhe contara a respeito dos seus movimentos na noite do crime. Que fazia Rod, afinal, na vizinhança das antigas estrebarias, e de onde surgira diante dela? Recordou-se do misterioso vulto, com chapéu de fêltro, que tinham visto rondar sob as janelas de Barry. Rodney usava um chapéu do mesmo gênero e, também êle, era magro e alto como o desconhecido. Apressando-se a declarar que ia visitar Barry juntamente com ela, teria obedecido ao desejo de preservar sua reputação de moça solteira? Ou não pretenderia, antes, desviar as suspeitas de seus próprios movimentos e, ao mesmo tempo, obrigá-la ao silêncio, prendendo-a por meio de uma mentira?

Capítulo XXV

MANDERTIN MARCA PONTOS

Numa sala tranqüila, com janelas abertas sôbre o curso majestoso do Tâmisa, um senhor, cujo exterior, por sua correção especial, revelava o militar reformado, estudava, de lente na mão, uma coleção de documentos. Através das janelas abertas chegava-lhe o rumor das ruas, o qual foi repentinamente dominado pelo carrilhão de Westminster anunciando quatro horas.

Uma secretária muito jovem se esgueirou silenciosamente até junto dêle. Vestia-se com sóbria elegância e tinha voz muito doce. Trazia nas mãos uma xícara de chá, que depositou sôbre a mesa.

— O inspetor Manderton, sir Ernest — anunciou ela.

Sem levantar a cabeça, o homem fêz um ligeiro sinal com a mão.

— Queira introduzi-lo, miss Widling.

A atitude de Manderton relativamente a uma autoridade superior muito lembrava a do antigo combatente diante do oficial de estado maior; sob uma reserva extremamente respeitosa, mal podia esconder o sentimento de ser útil em qualquer coisa. Foi, portanto, armado por seu ar mais tolo que o inspetor entrou no gabinete do diretor-geral adjunto, aguardando ser recebido.

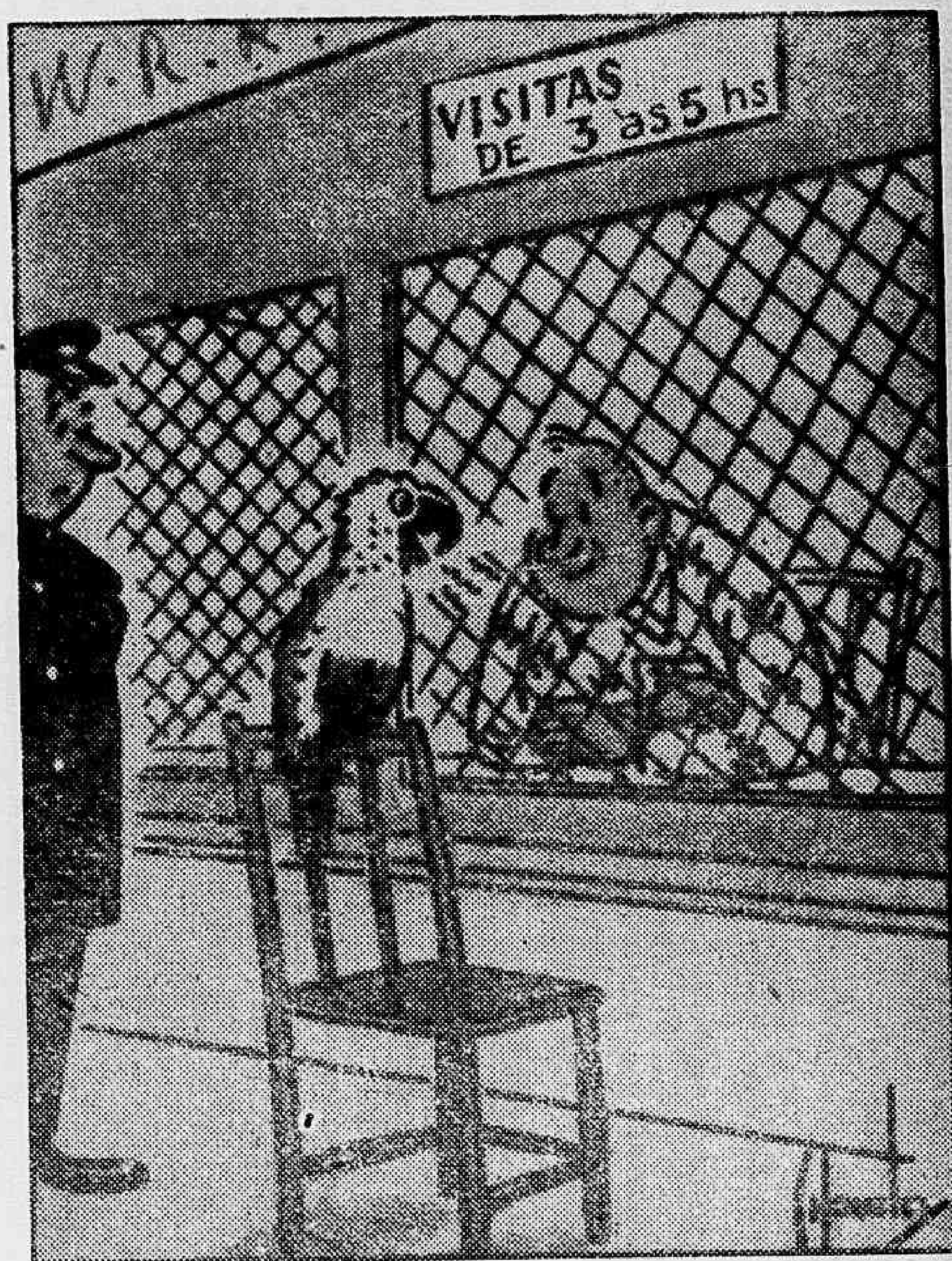
— Ei-lo, enfim, inspetor! — exclamou sir Ernest. — Venha sentar nesta poltrona, ao meu lado, pois temos muito que conversar... A audiência já terminou?

— Sim, senhor — respondeu Manderton, sentando-se.

— Tudo *pró-forma*, suponho?

— De fato, senhor. O irmão de Swete, vindo de Swanage, o identificou. A seguir, o doutor descreveu o ferimento e determinou a causa da morte. Finalmente, o jovem Rossway declarou haver descoberto o cadáver. As pesquisas continuam. Tudo foi adiado...





O comissário se inclinou. Depois, empurrando sôbre a mesa o *dossier* para o seu subordinado, prosseguiu:

— Falemos um pouco dêsse tal Larking. Segundo verifiquei, êle já estêve entre nossas mãos...?

— Exatamente. Condenado a doze meses de trabalhos forçados pelo tribunal de Winchester, em 1898.

— Não tinha antecedentes judiciários nessa época?

— Não, senhor. O senhor sabe, naquele tempo as coisas não eram lá muito bem controladas. Sôlto, em outubro de 1899, pouco antes do início da guerra dos Boers, Harness, pois êsse é o seu verdadeiro nome, alistou-se com o nome de Larking.

— Alguma informação mais?

— Nada, senhor. Não houve, depois disso, qualquer queixa contra êle.

— Tenho a certeza de que você enviou dados a respeito dêsse indivíduo para tôdas as regiões...?

— Naturalmente.

Uma pausa.

— E agora, se discutíssemos um pouco o presente caso, inspetor? Tenho refletido muito... Admitindo que Larking seja o assassino, eu gostaria de conhecer o que pensa você sôbre o móvel do crime.

— Não afirmo que Larking seja o assassino, senhor — disse Manderton, circunspecto. — Segundo Frank, o mordomo, que parece ser rapaz correto, Larking, na noite do crime, ficou tranqüilamente em sua companhia, no *hall* dos servidores da casa, até meia-noite menos um quarto. Um toque de campainha o chamou, então, para junto de sir Charles, enquanto Frank subiu para dormir. Por outro lado, sir Charles declara que Larking deixou a casa cêrca de meia-noite menos dez, para ir ao correio. Mas é fora de dúvida que, a essa hora, Swete já estava morto. Não creio, portanto, que Larking tenha praticado o crime.

— Então, a quem êle pretende encobrir?

— É o que nos resta descobrir, senhor.

— Voltamos, assim, à questão do móvel?

O inspetor se ajeitou melhor na poltrona, cruzando as pernas, antes de dizer:

— É sempre um bom sistema, começar por procurar o móvel, segundo me ensinou a experiência. Em tal caso, é preciso, primeiro, coordenar os fatos. A seguir, o móvel do crime virá, por assim dizer, *ao nosso encontro*.

— E você já coordenou os fatos? — perguntou sir Ernest, brincando com a lente. — Temos o caso de um indivíduo assassinado nas proximidades das onze horas da noite, num bairro de antigas estrebarias, em pleno coração de Londres. Segundo penso, êsse local é um verdadeiro amontoado de garagens e de alojamentos de *chauffers*? Não seria mau encontrar alguém que tivesse ouvido o tiro...

— Mau sim... Muito mais do que o senhor imagina! O canto de Mayfair Row é pequenino. A maior parte das garagens são locais fechados, dominados por lojas e velhos depósitos; não residem ali mais que quatro ou cinco famílias. Fizemos todo o possível. Interrogamos todos os "chauffers" que chegam com seus veículos... Entre onze e meia-noite chegaram nada menos de quatro: um cêrca de onze horas, três entre onze e cinco e onze e quinze, outro mais às onze e quarenta-e-cinco. Tenho comigo a lista completa. Se quiser estudá-la...

Um gesto simples o deteve.

— Está bem, inspetor; está bem...

Manderton prosseguiu:

"— O senhor sabe, certamente, o que acontece com um "chauffeur" que volta com o veículo para a garagem: deixa o motor funcionando, em marcha reduzida, enquanto vai abrir a porta. Ora, nessa noite, entre onze horas e quinze, chegaram simultâneamente três veículos. Seria preciso um excelente acaso para que algum dêles, nesse espaço de tempo tivesse ouvido um tiro. E deve notar, ainda, que nenhum residente do quarteirão teria ficado impressionado com isso, acreditando tratar-se de um estampido de motor. De todos os "chauffeúrs" que interrogamos, o único que pôde dizer alguma coisa foi êsse Hall, que recordou ter avistado o homem de chapéu de fêltro entrar furtivamente na residência do assassinado, bastante cedo ainda, embora já noite.

— Compreendo. Mas, se ninguém *ouviu* nada, alguém mais, além de Hall, terá

visto alguma coisa? O local é habitado por um certo número de famílias... Que espécie de gente é essa?

— Gente boa. Trabalhadores honestos. Sempre entram cedo em casa; para sair muito cedo. Wainwright e Mason visitaram tôdas essas residências e interrogaram todos os homens e mulheres, além das crianças. Resultado nulo! Todo o mundo dormia antes das dez horas e meia ou, o mais tardar, onze horas. E os cinco "chauffeurs" que regressaram à garagem entre onze horas e meia-noite, nada ouviram nem viram de suspeito. Wainwright pôde encontrar mais um indivíduo, lavador de automóveis, chamado Bird, que se encontrava, naquela noite, no bar "Frant Arms", dêle só saindo às onze horas.

— Êsse também nada viu nem ouviu?

— Nada.

— O apartamento do assassinado era o único de sua categoria na vizinhança?

— De fato, o único. Tratam agora de transformar outra garagem, no ângulo das velhas estrebarias; mas não está ainda pronta.

— E o "chauffeur" dos Rossway? Reside, se não estou errado, bem ao lado da residência de Swete. Tem família?

— É celibatário, senhor. E, como é natural, estava fora, com o veículo. Não, sir Ernest, a menos que o acaso nos coloque em presença de um transeunte ocasional, estamos reduzidos a uma só testemunha ocular.

— Qual?

— O "chauffeur" de lady Drumfield, um rapaz de nome Chafe. Lady Drumfield tem seu apartamento num dos novos imóveis da praça e seu automóvel numa garagem fechada, pouco além da porta de Swete. Chafe reside distante daqui, lá para os lados de Fulham. Ainda não foi possível interrogá-lo. Deixou seu domicílio e a sua espôsa ignora o que tenha sido feito dêle. Qualquer rusga de casal, segundo penso. Lady Drumfield se encontra, atualmente, numa casa de saúde dos Galles do Norte e seu automóvel, em sua ausência, não teve oportunidade de sair à rua. No entanto, cêrca de onze horas e meia, um indivíduo parado diante de "Frant Arms" viu êsse veículo passar, conduzido por Chaffe. Vinha da direção de Mayfair Row. Uma jovem mulher estava sentada ao lado do "chauffeur".

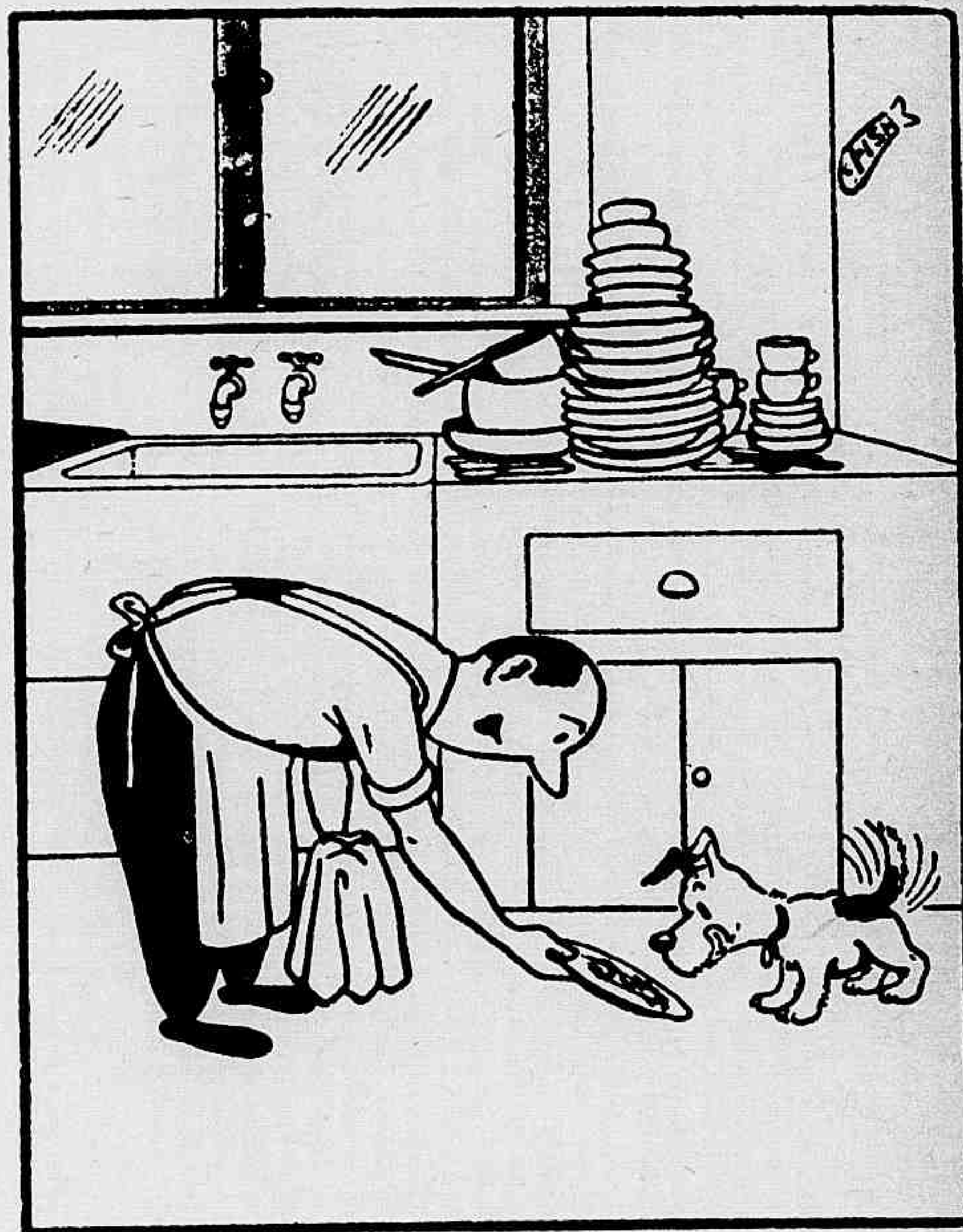
— Algum namôro, com certeza?

— Qualquer coisa parecida, sim! Ou uma fuga... O automóvel ainda não retornou à garagem... Nem Chafe! Mas estamos vigilantes. Seu depoimento pode ter importância capital. Temos uma prova de que nada de anormal ocorreu até onze horas e quinze, hora da entrada dos quatro veículos. Depois, até onze horas e quarenta e cinco, há uma *brecha*. Se viram Chafe vir, de automóvel, de Mayfair Row, cerca de onze horas e meia, significa que êle foi apanhar o veículo cêrca de onze e vinte. Portanto, há a possibilidade dêle nos ajudar a *encher a brecha*.

Com a ponta de um lápis, com o qual pontilhava a todo instante o fôrro de mataborrão da mesa, o inspetor adjunto marcou três pontos, representando os três ângulos de um triângulo.

— O desconhecido, homem moço e de chapéu de fêltro... Mrs. Rossway... Harness... também chamado Larking —





— *Você "lava" que eu enxugo.*

disse êle, designando cada ponto de lápis.

— Gostaria de saber como o senhor os ligaria entre si. E, antes de tudo, que pensa dêsse desconhecido?

Manderton pareceu mergulhar nos próprios pensamentos, como um telescópio. Sua fisionomia se endureceu, enquanto pigarreava fortemente.

— Nada, ainda, sir Ernest.

O inspetor-adjunto desatou a rir.

— Você está escondendo alguma coisa?

Um pálido sorriso entreabriu os lábios do inspetor.

— O senhor sabe... Jamais antecipo seja o que fôr.

— Pois bem... Passemos adiante... Falemos de mrs. Rossway.

O inspetor armou uma carranca.

— Verifiquei o alibi que ela invocou.

— E não ficou satisfeito com as suas declarações?

— Não muito, sir Ernest.

O inspetor adjunto riu de modo a falar do seu subordinado.

— Procurei informações sôbre Swete. Gozava de excelente reputação. Um homem muito simpático, segundo pude deduzir...

— Um conquistador de mulheres — resmungou Manderton.

— Não direi isso. Parecia levar uma vida tranqüila, sem nenhuma relação que pudesse ser considerada vexatória, mas, realmente, com uma preferência especial pelas mulheres bonitas. Até mesmo as matronas do bairro, que condenavam essa sua atitude, não escondiam seu entusiasmo por Swete.

— Isto é o pior...

O lápis recomeçou a picotar o mata-borrão.

— Seria êle bastante vaidoso para contar algumas de suas aventuras a esta ou aquela criatura? Sei que não existem cartas, pelo menos. Teria você encontrado alguma?

— Nenhuma.

— Nem notou, por acaso, se alguém deu busca no apartamento, após o crime?

— Tudo estava em perfeita ordem. Por trás de um quadro, contra uma das paredes do "living-room", havia um pequeno cofre: nêle só encontrei papelada relativa a negócios. Nada encontrei, também, nas gavetas da escrevaninha. Estive igualmente nas "Galerias Goa", onde verifiquei não haver qualquer papel interessante, para o nosso caso, nas gavetas da mesa de Swete.

— E quanto a impressões digitais?

— Muitas, sim, mas tôdas do próprio Swete. O jovem Dene encontrou-as num frasco de "whisky", em outro frasco, de benedictine, sôbre um copo de que se servira o assassinado... Foram as únicas marcas... ou melhor, um instante, por favor... Havia também outra, sôbre um cálice de licor, uma impressão digital incompleta, que não é dêle... Receio, entretanto, que seja muito vaga e incompleta para que nos seja útil.

Sir Ernest apanhou sôbre a mesa uma faca corta-papel. Era isso um sinal de que a entrevista estava encerrada.

— Muito bem, inspetor. O senhor tem uma semana para trabalhar. Espero que suas informações venham a ser mais positivas por ocasião da reabertura do inquérito.

Nesse momento, a campainha do telefone tilintou. O inspetor adjunto atendeu.

— Sim, realmente êle está aqui, comigo.

E, cobrindo o bocal com uma das mãos, disse a Manderton:

— É Wainwright. Está telefonando do térreo. Trouxe um "chauffeur" e pergunta se você pode descer imediatamente, para ver o homem.

Manderton se ergueu como se fôsse movido a jacto.

— Claro! Podem levá-lo para o meu gabinete.

Transmitido o recado o inspetor-adjunto desligou.

— Não o prenderei mais. Sei que tem muito que fazer...

— Muito bem, sir Ernest...

Manderton se interrompeu, um instante, antes de concluir:

— Espero poder, dentro de pouco tempo, trazer novidades.

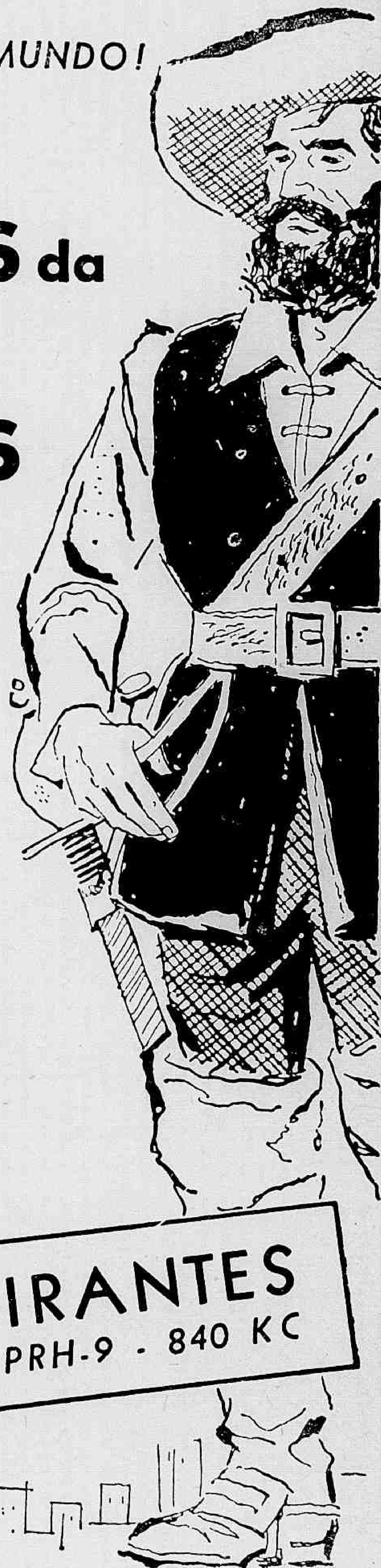
Sir Ernest sorriu. Porém já Manderton assumira o seu ar mais tolo, embora caminhasse para a porta como um vencedor.

(*Cont. no próximo número*)

MAIS UMA VOZ PAULISTA PARA O MUNDO!

No ar...

as ONDAS CURTAS da Rádio BANDEIRANTES



Entrelaçando à sua emissora de ondas longas, seus transmissores em ondas curtas — 25 m 11.925 kc e 49 m 6.185 kc — a Bandeirantes avança mais um passo na sua já longa e vibrante jornada de conquistas e vitórias, anunciando também, para 1954, sua emissora de televisão.

Seu anúncio na Bandeirantes
é agora transmitido
simultaneamente em

ONDAS LONGAS
ONDAS CURTAS
e
FREQUENCIA MODULADA



RÁDIO BANDEIRANTES

a mais popular emissora paulista - PRH-9 - 840 KC

NOS DOMÍNIOS DA GRAMÁTICA

«A palavra tem uma arte e uma ciência: como ciência, ela exprime o pensamento com tôda a sua fidelidade e singeleza; como arte, reveste a idéia de todos os relevos, de tôdas as graças, e de tôdas as formas necessárias para fascinar o espírito.» — JOSÉ DE ALENCAR

QUESTÕES PRÁTICAS (Continuação)

Escreva:

76) *por causa de* e não *devido a* (gal.)
Ex.: Não saí por causa da chuva. Dir-se-á, no entanto: Chuvas devidas ao calor.

77) *vêem*, v. ver e não *vêm*
vêm, v. vir
Obs.: os verbos *crer, ver, ler* e *dar* são escritos, nas formas competentes, com *êe*: *crêem, vêem*, lêem, dêem. Os demais, com *ê*: *têm, vêm*.

78) *Válido* = sadio, vigoroso.
valido = protegido, favorito.

79) *moramos na* rua X e não *moramos à* rua X
Obs.: perguntamos — *Em que rua mora?* Vê-se, pois, que morar *se constrói com a preposição em*.

80) *sossêgo* e não *socego*
sossegar " " *socegar*

81) *açúcar* e não *assúcar*

82) *pêssego* e não *pêcego*
pessegada " " *pecegada*

83) *à-toa* (locução adjetiva): *mulher à-toa*.
à toa (locução adverbial): *vive à toa*.
atoa, verbo *atoar* = conduzir a reboque.

84) *farsa* e não *farça*
farsante " " *farçante*

85) *censo* = recenseamento.
censual = relativo ao *censo*.
senso = entendimento, siso.
sensual = concernente aos sentidos, lascivo.

86) *insipiente* = o que não sabe.
incipiente = o que começa.

87) *maciço* e não *massiço*

88) *se não* = caso não (*se*, conj. cond.)
Ex.: *Se não* vierem, sairei.
senão = do contrário, ou depois de *não*.
Ex.: Não sairei, *senão* êle ficará zangado.

89) *no entanto* e não *no entretanto*
entretanto

90) *vasa* = lôdo.
vaza = conjunto de cartas jogadas. Daí as expressões *perder a vaza*, *dar vaza*.

91) *lôbo, lôbos* — o animal.
lobo, lobos — parte saliente de um órgão.

92) *convescote* e não *pic-nic* (angl.)
piquenique

93) *balípodo* e não *foot-ball*, angl.
futebol

94) *miúdo* e não *meúdo*
miúdos
a miúdo

95) *aquêle, aquêles* — demonstrativo
aquele, aqueles — verbo *aquelar* = arranjar, fazer.
No entanto: *naquele, daquele*, etc.

96) *êsse, êsses* — demonstrativo
esse, subs., nome da letra *s*.

97) *dêsse, dêsses* — *de + êsse*
desse, desses — verbo *dar*

98) *êle, êles* — pronome
ele, subs., nome da lestra *l*.

99) *dêle, dêles* — *de + êle*
dele, deles — verbo *delir* = dissolver

100) *nêle, nêles* — *em + êle*
nele, neles — arroz com casca, moeda francesa.

CORRESPONDÊNCIA

O R. (São Paulo) — No próximo número publicaremos a solução de sua consulta. — *JOSÉ RICARDO NETO*

OLHANDO O MUNDO HÁ SESSENTA DIAS

MEMENTO de EU SEI TUDO

OS FATOS OCORRIDOS EM DEZEMBRO DE 1953

1 — TÊRÇA-FEIRA — Começa o mês com o mesmo panorama internacional. Washington, pela palavra de Foster Dulles, acusa a Rússia de estar dificultando a melhoria da tensão internacional, descrevendo atrocidades dos comunistas chineses, sôbre contrôle russo, contra os prisioneiros norte-americanos na Coréia. — O resultado das eleições no Sudão são favoráveis ao Egito e causam desânimo em Londres. — Paris prepara grandes manifestações ao médico brasileiro Gomes Candau, diretor da Organização Mundial da Saúde. — La Paz aguarda a visita do presidente Getúlio Vargas para inaugurar a estrada de ferro Santa Cruz-Corumbá.

2 — QUARTA-FEIRA — A França anuncia que a próxima Conferência das Bermudas defenderá a idéia de imediata conferência dos Três Grandes com a Rússia, ao mesmo tempo que sonda a possibilidade de imediato armistício com o govêrno do Viet-Minh. — Melhora também a situação no Irã, que decide reatar relações diplomáticas com a Inglaterra, agindo desde já nesse sentido. — O govêrno do Paquistão, não querendo complicações com a Índia, afirma que jamais ofereceu bases militares a qualquer potência. — Por questões de aumento de salários, um milhão de trabalhadores de construção naval entram em greve de 24 horas, na Inglaterra. — Vaga na Academia Brasileira de Letras com a morte do prof. Miguel Osório de Almeida.

3 — QUINTA-FEIRA — Já reunidos Churchill e Laniel, nas Bermudas, aguardando a chegada de Eisenhower, para a anunciada conferência. — Acusada a Coréia do Norte por 38 mil casos de atrocidades, no correr da última guerra. — Na ONU, o Brasil lamenta a não cooperação da África do Sul no problema do conflito racial nesse estado africano. — Boas notícias chegam do Viet Minh, cujo govêrno, confessando-se igualmente cansado de guerras, pede à França que formule propostas de paz *mais precisas*. Não tão boas são as que vêm do Irã, onde poderoso líder religioso se opõe a qualquer entendimento com a Inglaterra antes de resolvida a questão petrolífera.

O pêlo nas pernas, braços e axilas compromete a sua presença na rua, nas praias e nas reuniões elegantes. Para eliminar os pêlos supérfluos não use navalha: use RACÉ, o maravilhoso e eficiente depilatório em pó perfumado. Elimina com incrível rapidez os pêlos incômodos.

À venda nas boas perfumarias.

Laboratórios VINDOBONA

Rua Uruguaiana n. 104 - 5.º - Rio

O perfeito destruidor do pêlo

Racé

Racé

Queira enviar-me o folheto grátis referente ao depilatório «Racé».

NOME ....

RUA ....

CIDADE ....

ESTADO ....

E.S.T. — R-9

Para fixar meus cabelos? Já tenho o eleito: BRYLCREEM O fixador mais que perfeito!

A BELEZA DOS SEIOS BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. - Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

4 — SEXTA-FEIRA — Na sua primeira reunião, Churchill, Laniel e Eisenhower concordam em convidar a Rússia para uma conferência no início de 1954. — Ainda a França, que surge como "anjo da paz geral", age no sentido de dar pronta solução à questão de Trieste, numa conferência entre os interessados diretos, em Paris. — Reiniciadas, apesar dos obstáculos, as relações anglo-iranianas. — E para lembrar que estamos realmente na era atômica, o senador James Zaudt, republicano, anuncia que seu país já tem bombas atômicas para ganhar qualquer guerra e que seria melhor pensar em empregar essa energia com outros fins humanitários e científicos.

5 — SÁBADO — Acusando os Estados Unidos de haver forçado seu país a um entendimento com a Inglaterra, Aytollah Kashani, poderoso guia religioso iraniano, declara "dia de luto" o que marcou o reatamento de relações com a Grã-Bretanha. — Itália e Iugoslávia aceitam o convite da França para que resolvam o caso de Trieste em Paris. — A imprensa soviética bate palmas "aos desejos de paz sincera" das potências ocidentais. — Porém a França continua lutando tenazmente no sentido de manter a Alemanha desarmada e fora do Exército europeu. — O sr. presidente da República recebe as insígnias da Cruz de Honra da Cruz Vermelha Brasileira.

6 — DOMINGO — Violentas manifestações antibritânicas, no Irã, perecendo no choque armado contra a polícia, dois estudantes. — Londres, apesar das pedras contra sua representação diplomática no Irã, confia num bom desfecho para a sua questão com o govêrno dêsse país. — Para Lima, segue o general Ciro do E. Santo Cardoso, ministro da Guerra, a fim de assistir aos festejos do "Dia do Exército Peruano".

7 — SEGUNDA-FEIRA — Os Aliados propõem que a Conferência com a Rússia se realize em janeiro próximo, em Berlim, cidade em que se abraçaram vitoriosos, em 1945. — Fatigado de política e desejando retirar-se para a vida privada, renuncia o sr. Ben Gurion, primeiro ministro de Israel. — Revelando a boa disposição do govêrno iugoslavo, as tropas dêsse país retiram-se da linha de fronteira com a Itália. — Em sessão noturna, a Câmara aprova o projeto que cria a Car-



APARELHAMENTOS DE PROTEÇÃO CONTRA TODOS — OS PERIGOS: NA TERRA, NO MAR E NO AR —

INDÚSTRIA BRASILEIRA

Óculos para esmeril e soldas — Capacetes para jato de areia — Extintores e cargas de todos os tipos e tamanhos — Capacetes e escudos de fibra para solda elétrica e oxigênio — Capuzes, luvas, aventais e roupas de abestos e couro para fornalhas — Escafandros e artigos para mergulhadores — Máscaras contra poeira "Delta" — Máscaras contra gáses industriais.

DIAS GARCIA IMPORTADORA S. A.

Rua Visc. de Inhauma, 23-25 — Tel.: 23-2017 — End. Tel.: GARCIA — RIO DE JANEIRO



teira de Comércio Exterior, em substituição à Cexim. Diversas solenidades cívicas assinalam o início da semana da Marinha, nesta capital.

8 — TERÇA-FEIRA — Eisenhower discursa na Ass. Geral da ONU, afirmando que seu país está disposto a aliar-se à Rússia, a fim de pôr fim à corrida dos armamentos atômicos. — Como complemento a Rússia é convidada pela França, Inglaterra e Estados Unidos para uma conferência em Berlim, a 4 de janeiro. — Mas... Em Pan Mun Jom os comunistas repelem a proposta final aliada, relativamente a uma Conferência Política. — Em Roma, o Papa preside à inauguração do Ano Mariano, pedindo aos fiéis que lutem até à morte contra os que buscam destruir a Igreja.

9 — QUARTA-FEIRA — Como já era esperado, a Rússia não aceita o convite aliado para a Conferência em Berlim, o que não impede o govêrno alemão de tomar urgentes providências para organizar o local para essa reunião. Fala-se, porém, que a Rússia proporá pactos de não-agressão à França e à Inglaterra, nos moldes do Pacto de Locarno. — A França afirma que seu poderio militar triplicou nos últimos três anos e que com a ajuda atômica norte-americana não teme nenhum adversário. — Por sua vez, Londres está mais otimista quanto ao pagamento dos débitos brasileiros.

10 — QUINTA-FEIRA — Na Indo-China parecem ter morrido as esperanças de paz imediata, pois os franceses lutam desesperadamente para salvar Lai-Chau e Die BienPhy, cidades cercadas pelos rebeldes comunistas do Viet Minh. — O rei Gustavo, da Suécia, faz entrega solene dos prêmios Nobel-1953, cabendo ao general Marshall o da paz e a Churchill o da literatura. — Em Buenos Aires, o embaixador Orlando L. Ribeiro discute com o presidente Peron os problemas comerciais argentino-brasileiros. — Designado pelo presidente da República o prof. Ernesto de Morais Leme, delegado do Brasil junto da ONU.

11 — SEXTA-FEIRA — Pede a França que o Tratado do Atlântico Norte se estenda a 50 anos de vigência e acentue seus vínculos com o projetado Exército Europeu, no que é apoiada pela Alemanha Ocidental, o que justifica as palavras do general Marshall ao receber o Prêmio Nobel da Paz: "A presente situação é extremamente perigosa". — Ao contrário o jornal órgão oficial do Partido Comunista berlinense concita o povo a realizar demonstrações de desagrado "caso se reúnam os quatro grandes", enquanto Churchill repele a interferência norte-americana, afirmando que Inglaterra e Irã decidirão sòzinhos suas contendas.

12 — SÁBADO — Enquanto melhora a situação na Europa, com a boa vontade da Rússia "em conhecer os objetivos pacíficos dos aliados", piora na Coréia com a retirada caluniosa dos comunistas. — Em Quito é assinada a Ata da União Econômica Argentino-Equatoriana.

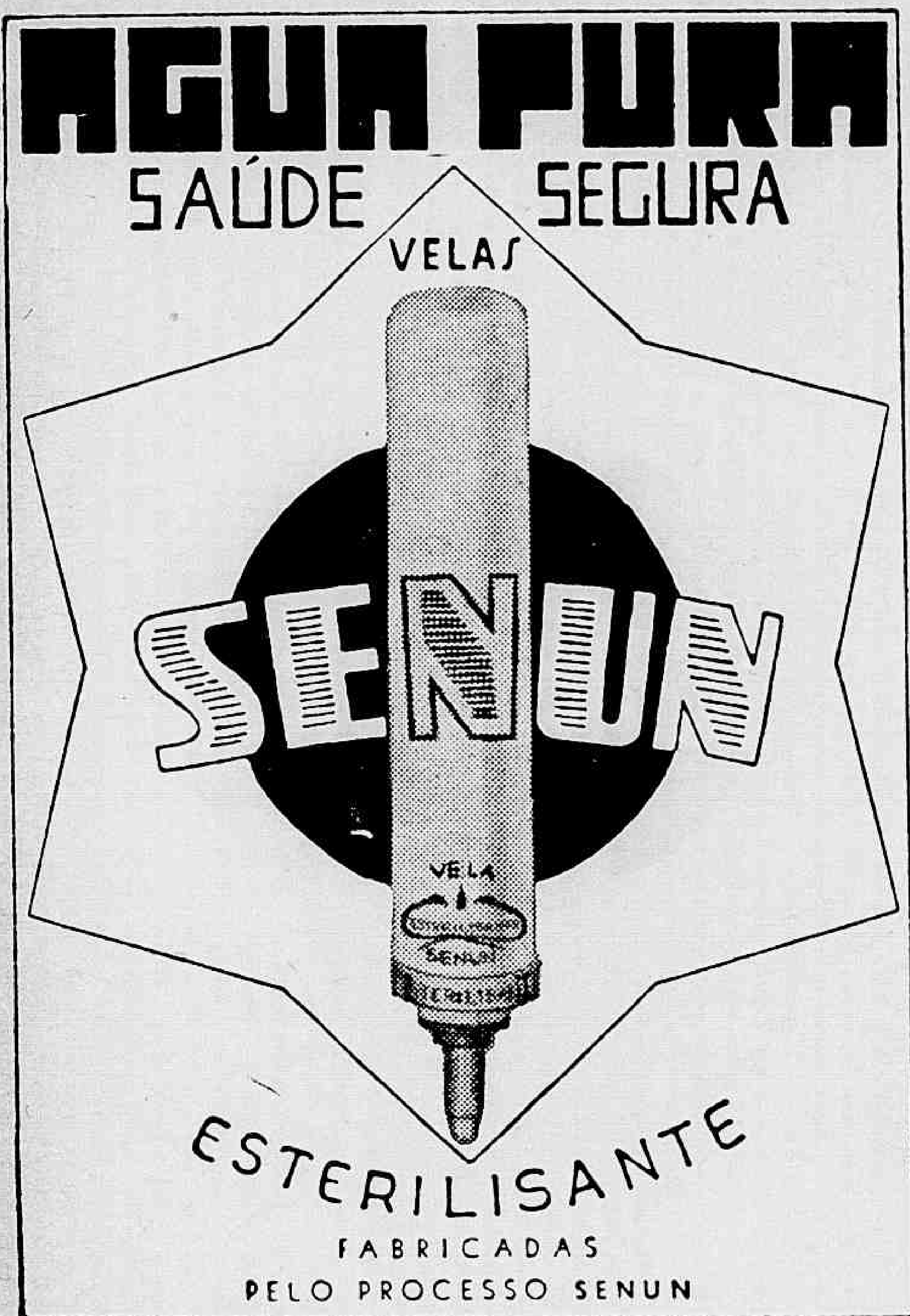
13 — DOMINGO — Os Estados Unidos pedem urgência aos signatários do Pacto do Atlântico Norte, para que ratifiquem o mesmo documento, enquanto na Coréia parecem definitivamente rompidas as ne-



AGORA SIM!
Sugestões MAIZENA
resolve o seu PROBLEMA.
Uma valiosa coletânea de receitas uteis, econômicas e saborosas
INTEIRAMENTE GRATIS.
Peça hoje mesmo o seu exemplar do novo livro
Sugestões MAIZENA


Amido de milho "MAIZENA" 55 E
Caixa Postal, 8006 - São Paulo
GRATIS! Peço enviar-me o livro Sugestões "MAIZENA"
NOME
RUA
CIDADE ESTADO

CURSO DE LATIM por correspondência
Solicite folhetos
Caixa Postal 6821
São Paulo



gociações e o "Sunday Mirror", de Londres, se mostra alarmado com a infiltração comunista na América Latina. E, a propósito o professor Josué de Castro focaliza, para técnicos da ONU, os problemas econômicos latino-americanos.

14 — SEGUNDA-FEIRA — Instala-se, em Paris, uma reunião dos Ministros dos países signatários do Pacto do Atlântico Norte e o sr. Foster Dulles afirma aos mesmos países que os Estados Unidos continuam vencendo a corrida atômica. — Na Coréia os representantes aliados continuam ofendidíssimos com as "caluniosas acusações" dos comunistas, recusando-se a voltar à mesma conferência. — O Senado aprova as indicações dos srs. Temístocles Graça Aranha, Manoel Vicente Cantuária e Ildefonso Falcão para embaixadores do Brasil na Holanda, União Sul-Africana e no Afganistão, respectivamente. — O presidente da República não sanciona a lei do orçamento para 1954, devolvendo-a ao Senado. O sr. Café Filho promulga-a.

15 — TERÇA-FEIRA — O Conselho do Atlântico Norte declara que foram "fantásticos" os progressos obtidos nos planos de defesa do Ocidente. — Foster Dulles diz que os países que não ratificarem o acôrdo para o Exército Europeu não mais terão ajuda financeira dos Estados Unidos, provocando com isso desfavoráveis reações nos mesmos países. — Surgem seis candidatos para substituir o sr. Auriol na presidência da França, entre êles Georges Bidault e o atual primeiro ministro Laniel. — A Inglaterra levanta suas restrições ao fornecimento de armas para a Espanha. — Entregam credenciais os novos embaixadores do Haiti e da Nicarágua, nesta capital. — Autorizado o Ministério da Saúde a comparr uma bomba de Cobalto 60, para o Serviço Nac. de Combate ao Câncer.

16 — QUARTA-FEIRA — Eisenhower anuncia que o seu país porá armas atômicas à disposição dos seus aliados, o que significa que estão sobrando ou tornando-se obsoletas. — Béria acusado por tôda a imprensa soviética como traidor contra o Partido e o Estado e por haver colocado o Ministério do Interior acima do govêrno soviético. — Avião a jacto norte-americano voa a "mais de 1 600 milhas (2650 km) horários, velocidade jamais alcançada por qualquer outro avião ou ser humano. — Noemado ministro da Saúde o sr. Miguel Couto Filho.

17 — QUINTA-FEIRA — Renuncia o gabinete do Viet Nam, chefiado pelo sr. Van Tabi, enquanto na França os candidatos à presidência da República não conseguem nos dois primeiros escrutínios a maioria necessária. — Condecorado por nosso embaixador em Washington, o general Critenberg, que comandou as fôrças brasileiras na Itália.

18 — SEXTA-FEIRA — Ainda sem resultado, após o quarto escrutínio, a escolha do novo presidente da França. O atual primeiro ministro, Laniel, foi o mais votado e Georges Bidault retira sua candidatura, "para facilitar". — Anunciam de Moscou que o julgamento de Béria será secreto e que, se condenado, será fuzilado. — O chanceler da Coréia do Sul declara que seu país "ainda se reserva o direito de invadir a Coréia do Norte, se o país não fôr unificado pacìficamente antes de

Para fixar meus cabelos? Já tenho o eleito!
BRYLCREEM
O fixador mais que perfeito!

28 de janeiro próximo. — Enquanto isso a Fôrça Aérea da Suécia investiga sèriamente a possibilidade da existência dos *discos-voadores*, o que parece revelar que por lá não há outra coisa mais importante a fazer. — Executados na câmara de gás os assassinos do menino Bobby Greenlease, Carl A. Hall e Bonnie Brown Heady. — Mais dois empréstimos, de 23 e meio milhões e 12 e meio milhões são concedidos ao Brasil pelo Banco Inter. de Reconstrução e Fomento. — Segue para o Paraná, a fim de assistir aos festejos do Primeiro Centenário dêsse Estado, o chefe do Govêrno.

19 — SÁBADO — Ainda não conseguiram os parlamentares franceses, após o sexto escrutínio, apontar o novo presidente da França. — Informa a imprensa moscovita que grandes manifestações populares exigem a pena de morte para Béria e seus cúmplices. — Enquanto isso a Índia ameaça o Paquistão, que continua negando pretender ceder bases militares aos Estados Unidos. — Êste país, por sua vez, esforça-se por fazer o presidente Sigman Rhee desistir de reiniciar a guerra na Coréia. — No Paraná prosseguem as comemorações do primeiro centenário dêsse Estado.

20 — DOMINGO — Moscou comunica a Washington que aceita a proposta de Eisenhower para uma reunião, a fim de estudar a criação de um "pool" atômico. — Chegam a Teerã os diplomatas britânicos para o reinício das relações com êsse país. — Sem solução a escolha do novo presidente da França.

21 — SEGUNDA-FEIRA — Nada conseguindo, após o décimo escrutínio, os congressistas franceses, pela voz dos socialistas, pensam em reeleger o sr. Vincent Auriol. — Condenado a três anos de prisão o antigo primeiro ministro iraniano, sr. Mossadegh. — Acôrdo anglo-brasileiro para liquidação dos atrasados comerciais. — Assinado, no Itamarati, o convênio cultural Brasil-China.

22 — TÊRÇA-FEIRA — Afirma Foster Dulles que o crescente poderio da NATO é intransponível obstáculo a uma agressão

Minha esposa é para mim como uma noiva...





A sua vivacidade, a sua alegria permanente, tornaram-na a creatura mais adoravel do mundo. E ela diz sempre: - "Devo minha alegria contagiante á saúde perfeita e a saúde á Emulsão de Scott". Em minha casa todos fazem uso da Emulsão de Scott, do mais puro óleo de fígado de bacalhau, rica em vitaminas, cálcio e fósforo, o tônico ideal para crianças, moços e velhos



EMULSÃO DE SCOTT

TÔNICO DAS GERAÇÕES

STEPHENS'

TINTA PARA ESCREVER

OS PEDIDOS DOS SENHORES REVENDEDORES DEVEM SER DIRIGIDOS À SECÇÃO DE VENDAS DA FÁBRICA:

PRODUTOS STEPHENS' LTDA.

R. BOA VISTA, 99 - 5.º AND. - S/ 517 - TELS. 33-1799 E 33-4811

CAIXA POSTAL, 1511 - SÃO PAULO





"Era"... mas acontece que passei a fazer o regime Eno diariamente - "Sal de Fructa" Eno ao deitar e ao levantar. A irritabilidade e o nervosismo provindos de má digestão, de prisão de ventre, de acidez, cessaram. Hoje posso dar e vender bom humor. Não seja "do contra" tome ENO laxante, antiácido e estomacal.

"Sal de Fructa".

ENO

(Senado) é eleito presidente da República francesa. — Os Soviets anunciam a execução de Béria e seis cúmplices, condenados como traidores por uma Côrte Marcial. — Pela primiera vez, depois de outubro de 1952, a bandeira britânica é hasteada na Embaixada dêsse país, em Teerã, marcando o reinício das relações entre Inglaterra e Irã. — Piora a situação entre a Índia e o Paquistão.

24 — QUINTA-FEIRA — O Papa Pio XII, em mensagem de Natal, apela para os estadistas de todo o mundo para que procurem restabelecer a paz mundial. — A França recebe, com alegria, a indicação do seu novo presidente, que vem desafogar um pouco a atmosfera de greves e desconfianças em todo o país. — Assinado, em La Pazum, Tratado Comercial entre Brasil e Bolívia (o terceiro no ano corrente). — Por sua vez o presidente Batista pormete ao povo cubano eleições para breve. — Na Argentina, numerosos presos políticos são postos em liberdade, em virtude da recente anistia concedida por Peron. — Eleito presidente do Tribunal Federal de Recursos o sr. ministro José Tomás da Cunha Vaconcelos.

militar por parte da Rússia. — Ao contrário, o panorama na Coréia é dos mais sombrios, podendo a guerra ser reiniciada a qualquer momento. — Bem adiantadas as negociações para uma aliança militar entre a Iugoslávia, Grécia e Turquia. — Começa a causar inquietação o impasse na eleição do presidente da República da França, após resultado nulo no décimo-primeiro escrutínio, surgindo nova onda de greves em todo o país. — Toma posse do cargo de ministro da Saúde o dr. Miguel Couto Filho.

23 — QUARTA-FEIRA — René Coty, conservador de 71 anos, vice-presidente do Conselho da República

25 — SEXTA-FEIRA — A Rússia pede que a Conferência com os aliados tenha

Amacia, dá brilho, perfuma suavemente, fixa sem colar, torna os cabelos sadios e juvenis, dá-lhes elegância e nova vida
BRYLCREEM
O fixador mais que perfeito!

"AMARALINA"



(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

Já se encontra à venda em tôdas as farmácias, drogarias e perfumarias. Se, entretanto, não existe na cidade, não perca tempo, pedindo imediatamente pelo Reembôlso Postal — O preço de "AMARALINA" é, em qualquer parte do Brasil, de Cr$ 35.00 e pelo Reembôlso Postal custa Cr$ 45,00, livre de porte.

"AMARALINA", certeza absoluta de que os cabelos tornarão a nascer. Na paralisação da queda de cabelos é francamente extraordinário êste produto descoberto por brasileiro e fabricado com erva nacional. Centenas de pessoas atestam suas nunca igualadas qualidades.

Pedidos a **M. M. BURLE & CIA. LTDA.**
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

início em 25 de janeiro. — Os rebeldes do Viet Minh procuram criar uma nova Coréia, com a divisão do seu país em duas partes. — Promete Eisenhower retirar duas divisões de suas tropas da Coréia. — Descoberta nova e vasta rede de espionagem russa nos Estados Unidos, com focos principais em 23 grandes cidades.

26 — SÁBADO — Os três grandes ocidentais aceitam a data para a conferência, proposta pela Rússia... mas os franceses noã aceitam a proposta dos comunistas do Viet Minh para uma paz imediata com a divisão do país em duas partes. — E Tito reafirma que a Iugoslávia continuará fora da órbita soviética. — Falece repentinamente, em Roma, o embaixador do Brasil junto à Santa Sé, sr. Cristiano Machado, que poucas horas antes tivera uma audiência privada com o Sumo Pontífice, ao qual transmitira os votos de feliz Ano Novo em nome do povo e do govêrno do Brasil.

27 — DOMINGO — A Comissão Neutra da ONU nada resolveu ainda sôbre o destino de 22 mil prisioneiros de guerra, que rejeitaram o repatriamento. A Coréia do Sul discorda de Eisenhower, declarando que não consentirá, sem protesto, na retirada das duas divisões norte-americanas. — Registrado pelo Observatório de Mendoza, Argentina, forte tremor de terra no centro do Pacífico, nada havendo sido confirmado até o presente.

28 — SEGUNDA-FEIRA — Parece realmente confirmada a data de 25 de janeiro próximo para a conferência dos Ocidentais com os russos, embora a imprensa francesa já preveja o total fracasso da mesma. — Marcado para a primeira quinzena de janeiro próximo o I Congresso Mundial de Café, em New York. — Anuncia o Banco Federal da Reserva haver diminuído de doze milhões de dólares a dívida externa comercial do Brasil.

29 — TÊRÇA-FEIRA — Os Estados Unidos afirmam que empregarão bombas atômicas contra a própria China, caso fôsse reiniciada a guerra na Coréia. — Por sua vez, 100 mil comunistas do Viet Minh iniciam terrível ofensiva contra os franceses no delta do Rio Vermelho. — Mais um crédito de 8 milhões e 600 mil dólares abre o Banco de Exportação e Importação em favor do Brasil, para modernização da Estrada de Ferro Santos-Jundiaí.

30 — QUARTA-FEIRA — A Áustria dirige apêlo aos Aliados e à Rússia para que "resolvam de uma vez por tôdas a sua situação" na próxima conferência de Berlim. — Na França, surge uma crise ministerial com a renúncia do primeiro ministro Laniel. — A Inglaterra, sempre

Alívio rápido para

HEMORROIDES



Man-Zan é a pomada que alivia, *na hora*, as dôres e os pruridos causados pelas hemorroides. Man-Zan acalma e refresca. *MAIS ATÉ*: Man-Zan é antisséptico suave para os tecidos, mortal para as bactérias. Por isso, Man-Zan também previne as infecções e outros graves males consequentes das hemorroides.
Um produto De Witt - à venda em tôdas as farmácias.
Coadjuvante para Hemorroides

Pomada **ManZan**

Aprovado pelo Depto. Nacional de Saúde, sob n. 77, em 12/2/41.

atenta ao seu comércio exterior decide intensificar os seus negócios com a União Soviética, para "contrabalançar a crise de dólares e os efeitos adversos de crise econômica que os Estados Unidos possam sofrer em 1954"! Piora a situação militar francesa na Indo-China, onde os rebeldes do Viet Minh ameaçam a região de Laos. — Designado presidente da Seção Brasileira da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, o sr. Mário Pimentel Brandão. — Nomeado o vice-almirante Maurício Eugênio Xavier do Prado delegado da Marinha na Junta Interamericana de Defesa, em Washington.

31 — QUINTA-FEIRA — E chegamos ao fim do ano, sem quase nenhuma modificação do cenário mundial, pois os delegados indianos prosseguem, inùtilmente, interrogando os prisioneiros de guerra da Coréia, que persistem em não aceitar o repatriamento, como sem solução está o caso do líder aprista Haya de La Torre, que retarda a questão do litígio perúvio-colombiano. — Mas ao menos, segundo anuncia New York, 35 mil homens das fôrças aéreas norte-americanas retornarão à pátria... até 1955, procedentes da Europa e do Extremo-Oriente (isto, se Deus quiser). — Entretanto, por seu vice-presidente, Nixon, os Estados Unidos sugerem a negociação imediata de um Pacto de Segurança unindo Turquia, Paquistão, Irã, Indo-China, Formosa e Japão, com isso ganhando uma chuva de protestos da imprensa russa. — Reeleitos presidente e vice-presidente do Tribunal de Contas da União, os srs. ministros Mário de Bittencourt Sampaio e José Pereira Lira, respectivamente. E aqui ficam os nossos melhores votos para que haja mais paz e prosperidade para o mundo e especialmente para o Brasil e os brasileiros.

BIGODE
de SENHORAS e VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
FUNDADO 1926
AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 4289 - S. PAULO
PEÇA PROSPECTOS

"Seleções do Reader's Digest" em português: números avulsos, perfeitos, desde 1942, vendo a colecionadores, a Cr$ 50,00 o exemplar. Escrever para sra. A. G. Pereira, Avenida Anita Garibaldi, 2417 — Curitiba, Paraná.

TRABALHOS GRÁFICOS

★ LIVROS ★ BULAS
★ FOLHETOS ★ RÓTULOS
★ PROSPECTOS ★ CARTAZES
E QUALQUER SERVIÇO DO RAMO GRÁFICO

TRABALHO RÁPIDO E LIMPO

Cia. Editôra Americana
RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — TEL. 22-8647 — RIO

O AZAR DE "SUA EXCELÊNCIA"



ALEX sabia muita coisa a respeito de truques e mistificações; e assim, quando assistiu o *truque da garrafa,* realizado no quarto dos fundos de uma escura sala de bilhar, na zona sul de Chicago, decidiu imediatamente fazer dinheiro com aquela idéia.

O truque era bastante simples. Tudo que tinha a fazer era escrever algumas linhas num pedaço de papel com tinta de sulfato de cobre. Essa tinta é invisível à primeira vista. Mas, quando o papel é colocado dentro de uma garrafa vazia que tenha contido sais de amônia, a ação dos vapores dêsse sal faz aparecer o que foi escrito.

Depois de amadurecer o seu plano, Alex enrolou um turbante em tôrno da própria cabeça e passou a chamar a si próprio de "Professor Enos, o grande vidente"! Isto feito, alugou um pequeno gabinete na rua Clark e atirou-se a explorar a *mina* de "revelador do futuro".

O truque da garrafa era realmente impressionante, e o professor iniciou fagueiramente o negócio. Os papalvos começaram a aparecer, às dúzias, muito especialmente as balzaquianas e as senhoras de idade, que se acotovelavam na sala de espera do místico santuário, na disputa das chamadas "mensagens do além".



A despeito disso, Alex ainda não estava satisfeito. Mesmo que o seu padrão de vida estivesse progredindo consideràvelmente, ainda não lhe proporcionava a espécie de lucros que êle desejava.

— Isto é apenas uma "micharia" — segredava superiormente quando os comparsas de malandragem se congratulavam com êle. — Um dêstes dias darei um golpe espetacular com êsse jôgo da garrafa!

O telefone veio confirmar sua bravata pouco tempo depois, com um chamado que acabou por atirar em sua rêde uma rica viúva, mrs. Margaret Poholsky. Uma vez com ela *fisgada,* não demorou em aplicar-lhe o plano através da garrafa misteriosa.

— Vou tentar uma comunicação com o vosso defunto marido — anunciou êle, num tom sepulcral e que reservava para as suas clientes. — Vou dobrar êste pedaço de papel, que, como a senhora pode

ver, está limpo de qualquer escritura, e colocá-lo dentro desta garrafa, que vai ficar perfeitamente arrolhada. Quando despertar do meu transe, seguramente, teremos uma mensagem do vosso falecido marido.

Ao falar introduziu o papel pela bôca da garrafa, diminuiu as luzes e começou a oscilar ao ritmo de uma toada calculadamente encenada para impressionar a viúva. Após uns bons dez minutos dessa farsa, reacendeu as lâmpadas e desarrolhou a garrafa.

Para grande espanto de mrs. Poholsky, lá estava no papel uma mensagem bem legível e a ela endereçada!

"Cara Margaret, estou transmitindo do outro mundo. Por favor, vá ao Banco, tire 10 000 dólares e entregue tudo ao professor Enos, o grande vidente. Êle é seu amigo e fará você tão rica como jamais sonhou. Adeus! Se ainda me amas, faz o que estou pedindo."

A viúva ficou sem fala. Leu a mensagem uma segunda vez e restituiu-a ao professor. O místico fingiu ler também e esboçou um sorriso superior.

— Isto acontece freqüentemente — comentou. — Tenho ajudado muita gente por esta forma. Agora, que vai a senhora fazer?

Mrs. Poholsky já estava de pé:

— Vou ao Banco retirar o dinheiro, naturalmente! — declarou ela.

Quando a viúva saiu Alex esfregou as mãos de contentamento.

— Isto vai maravilhosamente! — considerou, satisfeito. — Não mais consultas de pequena tabela... A sua *ciência* merecia mais elevado estalão!

A campainha retiniu e Alex correu para a porta. Mrs. Poholsky, com um sarcástico sorriso estampado na face, entrou. Dois detectives que a acompanhavam entraram também e, sem a menor cerimônia, meteram os pulsos de *Sua Excelência*, o grande vidente, nas sólidas argolas das algemas.

— Que significa êsse ultraje? — esbravejou, indignado, o *professor*.

— Êsse truque da garrafa é muito conhecido, Excelência! — chasqueou um dos policiais. Até as donas de casa conhecem! Muitas vêzes êle dá ótimos resultados — e devia, igualmente, ter dado, desta vez, se *Vossa Excelência* não tivesse cometido um grave equívoco. O defundo mr. Poholsky não sabia ler nem escrever!

O HOSPITAL DO MONTE SÃO BERNARDO

HOSPEDADO no Hospital de S. Bernardo, situado a 8 300 metros de altitude, nos Alpes, o escritor inglês John Steel estranhou profundamente as noites muito frias.

— Eu estava absolutamente paralisado e quase gelado e, por isso, tratei de ir para a cama com o sobretudo que vestia! Mesmo assim, o frio continuou insuportável e, na manhã seguinte, perguntei a um irmão da ordem se não era possível mandar, naquela noite, *Alma*, a enorme cadela, companheira do mais famoso cão S. Bernardo do mosteiro, de nome Barrie, para aquecer o meu leito e assim aliviar um pouco o frio que me atormentava.

— Lamento muito — disse o irmão polidamente. — Mas *Alma* acaba de ter oito filhotes, que, naturalmente, têm prioridade.

Sôbre êsse maravilhoso Hospital, Steel revelou outros fatos que lhe pareceram dignos de divulgação.

— Todos os que vivem naquelas alturas jamais deixam de colocar flores no pequeno nicho onde se encontra a estátua do santo; e igualmente, antes de deixar o casarão jamais esquecem de deixar um óbulo na caixa de esmolas. São, em geral, pessoas paupérrimas; mas tôdas dão o que podem. São gratos a S. Bernardo, que os guia sãos e salvos, através das sendas perigosas.

Todo aquêle que tocar a sineta do Hospital é recebido, seja qual fôr a hora. Steel estava presente, uma noite, quando dois camponeses italianos bateram, solicitando asilo.

— Foram recebidos pelos irmãos — descreve Steel — como se fôssem dois embaixadores!

QUEBRA CABEÇAS

Diretor: Dr. LAVRUD — Secretário LABLIÚ — ANO XXXVII — N.º 9 — FEVEREIRO — 1954
Dicionários adotados nesta seção: Simões da Fonseca — Hildebrando — Gustavo Barroso, Pequeno Brasileiro, 9.ª edição — Japyrassu, Monossílabos — Sylvio Alves, Breviário — Dicionário de Nomes Próprios, de Lidaci — Provérbios Originais, do dr. Lavrud.
Tôda correspondência sôbre charadas deve ser dirigida para a redação de EU SEI TUDO — Rua Visconde de Maranguape, 15 — e endereçada ao redator desta seção

1.º TORNEIO

JANEIRO A MARÇO

ENIGMAS

— 53 —

Amigos, vamos à festa.
Rola êste carro pra lá.
Vamos que lá tem seresta
no **Folguedo** da Sinhá.
Onde?

Asil — A.C.C.B.

— 54 —

Pegue moreno ou pardo,
Que saiba jogar a bola,
Coloque-o numa reta
Que deixará de ser **gabola**

Cysneirense

— 55 —

Uma espôsa controlada
Até com raiva está quieta.
Não perde o aprumo por nada
E a paz tem sempre **completa.**

Nilva — Rio

— 56 —

Não faças par com "mulher",
Que tem mania de **Ostentação.**
Ela não sabe o que quer
E só lhe trás inquietação.

P. Del Debbio — CEP — (S. P.)

CHARADAS SINCOPADAS

57 — Três (duas) Nem pelo **diabo** te **ensino** as manhas de um enigma.

Asil — A.C.C.B.

58 — Três (duas) — **A pressa** na confecção de um enigma **sacrifica** o futuro do charadista.

Cysneirense

59 — Três (duas) — Em tôdas as **circunstâncias**, o pau dágua topa **qualquer bebida**.

De Souza — T.G. (Rio)

60 — Três (duas) — No último inverno, êsse **pequeno braço de rio** ocasionou a **destruição** de um povoado.

Ecêbê (Maceió)

61 — Três (duas) — Geralmente **aquêle que conduz** livros, não é **leitor**.

Fusinho (Bangu - Rio)

62 — Três (duas)

Nesta **chácara pequena,**
Conheci Regina Lúcia.
Era linda, era morena,
Tinha graça e tinha **astúcia.**

Gil Vírio (Andradina)



Juntas rijas e inchadas, torturadas pelo reumatismo, são sintomas de rins debilitados. As dores que estes males provocam, são insuportáveis, deixando o doente desanimado, a passar as noites em claro, sem forças para o trabalho ou disposição para gozar a vida. Milhares de pessoas sofrem essas dores, quando poderiam evitar, de vez, tais padecimentos, tomando as Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga. Especialmente preparadas para combater os distúrbios renais, as Pilulas De Witt aliviam as dores prontamente, restaurando o vigor e a vitalidade ao organismo, graças à sua magnífica ação tonificante

Pilulas DE WITT
para os Rins e a Bexiga
Em vidros de 40 e 100 pilulas
O grande é mais econômico

63 — Três (duas) — Os **homens insensatos** deixam-se dominar pelas **paixões**.

Jovaniro — CEC

64 — Três (duas) — Você **até** me **importuna, falando tanto em dinheiro.**

Nilva — **Rio**

65 — Três (duas) — O **professor** tem **merecimento.**

O Sineiro — S. Paulo

66 — Três (duas) — Com a **entrada do menor** na sala, **houve agitação** entre os presentes.

Oarcim — Rio

67 — Três (duas) — Nem sempre o **último filho** é o **mais querido**.

Seamva — **Santos**

68 — Três (duas) — O **mercador** foi à **guerra**.

Jony — Campo Florido

69 — Três (duas) — **Mancha** a sua reputação, quem se dedica ao jôgo **caçula**.

Zoraco

70 — Três (duas) — **A teimosia** é um grave **defeito**.

Zigomar - T.E U. - B. Horizonte

71 — Três (duas) — **Dei banho num pequeno corvo no vaso de cortiça.**

Paulistinha — **Rio**

CHARADAS ANTIGAS

— 72 —

Eu tenho um **costume antigo**, — 1
De contemplar como amigo
O **lisonjeiro indivíduo** — 2
Que, me fazendo um favor,
Ache minha **quinta um primor**
E no elogio seja assíduo.

Jayreis — ACCB — **Bahia**

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO TÊM CURA?

Por que sofremos? Por que esperamos?

Os doentes que esperam são marcados pelo sofrimento e pela doença. A doença do coração é uma coisa tão inexplicável, que não percebemos a razão por que não hei de curar-me inexplicàvelmente... diz o incrédulo...

Se queremos ter uma fé qualquer, e sem uma fé não podemos viver, temos que aprender a aceitar, que detrás daquela porta do INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO, desponta uma cura milagrosa para o vosso coração. Temos conosco a experiência técnica, as fontes de informações e dos conhecimentos requeridos para apanhar os fatos que você precisa. Com novos métodos de diagnóstico... novos métodos de pesquisas... aparelhagem novíssima... fórmulas que diminuem os tempos da doença... e que vos darão mais anos de vida.

INSTITUTO AMERICANO DAS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Departamento: "PRAIA" — SANTOS: CAIXA POSTAL, 1.103
Rua Floriano Peixoto, 8 — Santos — Estado de São Paulo

Queiram enviar-me uma solicitação de exame e tratamento em sua própria casa — pelo novo método de nosso Instituto.

NOME: ....
(Favor escrever em letra de fôrma)
ENDERÊÇO ....
CIDADE .... ESTADO ....

— 73 —

Se você **deixa incompleto** — 3
O serviço do patrão;
Com **pezar**, tenho a dizer-lhe — 1
Que você é um trapalhão.

Bisinho Mariam — **Am.**

— 74 —

Fôra dalí removida,
Sim, a **pedra tumular** — 2
E. **outra coisa:** Na verdade — 1
Do Mestre o corpo sem vida
Alçou, sem **dificuldade,**
Para um mais alto lugar.

Jovaniro — CEC — Rio

— 75 —

Quem sou?
Sou **sincero** na ilusão — 1
minha casa: um coração.
Em meu jardim **cresce flor** — 1
sem **tristeza.** Quem sou? O amor...

K T Q Z — S. Paulo

CHARADAS CASAIS

76 — Quatro — Na casa do pobre **fragueiro** a tempestade fêz **uma grande destruição.**

Bisilva — Manaus

77 — Duas — Todo **trabalho** tem a sua **dificuldade.**

Bereco — Recife

78 — Quatro — Êle **com caráter agressivo** reflete, enquanto ela **ataca violentamente.**

Cysneirense Júnior

79 — Três — O **último** serviço numa construção é o **trabalho de moldura em tetos** e **assoalhos**

Donatila Borba — Creciuma

80 — Duas — Precisa ser um atleta para descer uma **ladeira** com um grande fardo às **costas.**

Edu Gomes Monteiro

81 — Três — Se **orno de modo exagerado e inestético** o meu apartamento, sirvo de **joguete de escárneo.**

El Príncipe — Uberaba

82 — Duas — O **pequeno estandarte dos Templarios** foi seguro por um **cabo.**

Joca I — CEC — Rio

83 — Quatro — Um **indivíduo moroso** em tudo e por tudo **hesita.**

Lutércio — Rio

84 — Quatro — Da partilha **desigual** originou-se o contrato **fraudulento.**

Malba Tantan — Santos

85 — Três — **Engana-se** quem diz que existe **desunião** entre os charadistas; ao contrário, há um perfeito ponto de vista.

Nomísio Nuno — Feira de Santana

86 — Três — Ser **exotérico** é preciso ter **estudo das coisas espirituais.**

Irahydes — Rio

87 — Duas — Para melhor orientação anotei a **idade** do paciente na **tabela.**

P. Del Debbio — São Paulo

88 — Três — Pelo ganho do pão de cada dia, o pobre se **apura** num **trabalho excessivo.**

Roama — Guapiaçu

89 — Três — Transportei as "**vaquinhas**" para a outra margem do rio, numa **espécie de jangada.**

Sertanejo II — Lavras

90 — Quatro — **É digna de atenção** a missiva que traz um pedido **atendível.**

Sefton — Rio

CHARADAS NOVÍSSIMAS

91 — Três — duas — **Galga** o monte, numa subida **resistente,** o homem **estúpido.**

Eva Dio — Rio

92 — Duas — uma — O animal caiu no **lodaçal,** foi retirado pelo **escoteiro** e saiu de lá **imundo.**

Guilherme Tell — Rio

93 — Uma — duas — **Na nossa terra** não se encontra o **atilho** para **borseguins cravejados que traziam os soldados romanos.**

Paulistinha — São Paulo

94 — Duas — uma — Fiquei **lânguido, senhor,** porque comi **carne negra** de jacaré.

Iza Abel — Rio

95 — Uma — três — **A chave** encontrada no **intervalo** do portal, pertnece a uma **pessoa pródiga.**

José Balsamo — Rio

96 — Duas — duas — **É demorado** tirar as **dimensões** dêste móvel **bombardo.**

Segon — Rio

97 — Duas — duas — O **possuidor** de feudo, apesar de **avelhantado**, era também um **antigo dono de escravo**.

Eva Dio — Rio

98 — Duas — duas — Aquêle **indivíduo esperto** é **perigoso** e parece o **diabo**.

Guilherme Tell — Rio

99 — Uma — duas — A **vantagem** do homem **sério** é ter um **designio inabalável**.

Fiote — Cuiabá

100 — Duas — três — Não **venço** qualquer letrado no **modo de escrever**, mas me avantajo no **estudo das depressões da superfície sólida do globo**.

Heron Silpes — Canavieiras

101 — Uma — duas — Ao meu ver **denota falta** usar-se **apelido** ou ser **anônimo**.

Maricaro

102 — Duas — duas — U'a mulher de boa **aparência escarnecia** de um **sujeito imprestável**.

Odnauref — S. Cruz

103 — Duas — uma — Quando o homem gosta da **patuscada**, perde sensìvelmente os **meios de vida** e acaba como qualquer **maltrapilho**.

Irahydes — Rio

A TINTA
Stephens
AINDA É A MELHOR

104 — Três — duas — A **autoridade eclesiástica** deu **grande quantidade** de material para terminar as obras da **ermida**.

Eva Dio —Rio

105 — Duas — três — É **natural** que uma pessoa de alta **linhagem** faça seu herdeiro o **filho que vive sob o pátrio-poder**.

José Balsamo — Rio

2.º TORNEIO DE 1953

Soluções

1 — Timorato; 2 — Graúdo; 3 — Abatido; 4 — Pitauá; 5 — Sustento; 6 — Andrebelo; 7 — Catira; 8 — Carapeta; 9 — Fortuna; 10 — Peteca; 11 — Sêco na paçoca; 12 — Dessaber; 13 — Embretada; 14 — Matarana; 15 — Pamonha azêda; 16 — Judas; 17 — Olhado; 18 — Sarabanda; 19 — Mudado; 20 — Troca pernas; 21 — Lavagem; 22 — Ainda; 23 — Peúga; 24 — Levado; 25 — Quieta; 26 — Patota; 27 — Piloso; 28 — Soprano; 29 — Latido; 30 — Raposo; 31 — Pidonho; 32 — Palhota; 33 — Minuto; 34 — Trafegar; 35 — Lamento; 36 — Loco; 37 — Releva; 38 — Duro; 39 — Beguina: 40 — Corujeira; 41 — Inferna; 42 — Quadrado; 43 — Comido; 44 — Erra; 45 — Campeiro; 46 — Esguarda; 47 — Parla; 48 — Finco; 49 — Pasmada; 50 — Refrega; 51 — Casar, casar e casa e casa de casal; 52 — Mulher nua é uma verdade: a verdade é uma mulher nua; 51 — Lusco-fusco; 52 — Malhoada; 53 — Também; 54 — Bancarroteiro; 55 — Jequiá; 56 — Salmoura; 57 — Bate-orelha; 58 — Arrolhador; 59 — Secadouro; 60 — Somiticaria; 61 — Igrejário; 62 — Ementário; 63 — Tome juízo; 64 — Homem de palha; 65 — Frege môscas; 66 — Sôfrega; 67 — Conquista; 68 — Cuiara; 69 — Tiquira; 70 — Pachola; 71 — Granito; 72 — Picuá; 73 — Instante; 74 — Tungada; 75 — Saturno; 76 — Futurar; 77 — Briquitar; 78 — Cativa; 79 — Licença; 80 — Goteira; 81 — Matinar; 82 — Encapotado; 83 — Cafangoso; 84 — Anacrôni-





Atraia também a admiração de todos, fixando seu penteado com FIXBRIL, o fixador ultra-moderno que não empasta.
★ AGORA TAMBEM EM BISNAGA
DE WITT · RIO · LONDRES · NOVA YORK · BUENOS AIRES

ENIGMA FIGURADO — 106



P. Del Debbio — C.E.P. — São Paulo

co; 85 — Estada; 86 — Estôrvo; 87 — Releva; 88 — Mexida; 89 — (Não saiu); 90 — Sacramenta; 91 — Honro; 92 — Estanha; 93 — Importuno; 94 — Largo; 95 — Rejeito; 96 — Escanzelada; 97 — Encoberto; 98 — Fomento; 99 — Ferida; 100 — Teimosa; 101 — Pênula; 102 — Acauso; 103 — Boboca; 104 — Ataraú; 105 — Cada relógio, cada hora; 106 — Dá ao dono; 105 — Namasque; 106 — Cofose; 107 — Cadeira; 108 — Andaca; 109 — Distração; 110 — Refolhado; 111 — Perdição; 112 — Bofetão; 113 — Mole-mole; 114 — Latacho; 115 — Fisgada; 116 — Lugar-comum; 117 — Água-suja; 118 — Engulhoso; 119 — Aibi; 120 — Jingoto; 121 — Sobreceleste; 122 — Tachonada; 123 — Fúfio; 124 — Pródigo; 125 — Falida; 126 — Guilho; 127 — Soca; 128 — Fruta; 129 — Espigo; 130 — Pincho; 131 — Esponjo; 132 — Puba; 133 — Rasteira; 134 — Balanço; 135 — Arranja; 136 — Arco; 137 — Corrido; 138 — Agachada; 139 — Mirífica; 140 — Manta; 141 — Tentação; 142 — Lúrido; 143 — Capela; 144 — Luminar; 145 — Tópico; 146 — Pileque; 147 — Petipé; 148 — Pretume; 149 — Cadilho; 150 — Apartar; 151 — Raposo; 152 — Quieta; 153 — Pingente; 154 — Gosmento; 155 — Nem tôda mulher de prêto é viúva; 156 — Morrer é da vida.

PALAVRAS CRUZADAS

Problema n.º 1

Horizontais — 1 — PATACA; 2 — OS; 3 — RAS; 4 — ARAM; 5 — AMAREM; 6 — LA; 7 — ALI; 8 — IROSOS; **Verticais** — 1 — PO; 5 — ALI; 9 — ASAMAR; 10 — RA; 11 — ARARAS; 12 — CAMELO; 13 — AS; 14 — MIS.

Problema n.º 2

Horizontais — 1 — VOA; 3 — UES; 6 — USTORIO; 8 — AMURI; 9 — LUS; 11 — RAS; 12 — UNCIA; 13 — PIAVUNA; 17 — AUS; 18 — SOL. **Verticais** — 1 — VU; 2 — OS: 2.ª — ATASCAS; 3 — URURAUS: 4 — EIRA; 5 — SOIS; 7 — OM; 9 — LUPA: 10 — UNIU; 15 — N; 15 — NO; 16 — AL.





Problema n.º 3

Horizontais: 1 — Adua; 6 — Surro; 7 — Cruel; 8 — Uaçaí; 9 — Amuro. **Verticais:** 1 — Ascua; 2 — Duram; 3 — Urucu; 4 — Arear; 5 — Solio.

Problema n.º 4

Horizontais: 1 — As; 3 — Pé; 4 — Pagé; 6 — Repelo; 8 — Araxá; 10 — Euro; 13; 14 — Ansas; 15 — Atasca; 17 — Esto; 18 — Ir; 19 — Ro. **Verticais:** 1 — Apapá; 2 — Sege; 4 — Pexote; 5 — Elenco; 6 — Raia; 7 — Busa; 8 — Ar; 9 — Rã; 11 — Ra; 12 — As; 14 — Astro; 16 — Asir.

Problema n.º 5

Horizontais: — Apá; Lós; Mus; Asa; Dós; Sai; RN; Iam; Ra; Ar; Uivar; Vaos; Asa; Escassos. **Verticais:** — Almada; Pouso; Assassinarás; Arraso; Cá; Iras; Musa; Ave; Vás; Oc.

Problema n.º 6

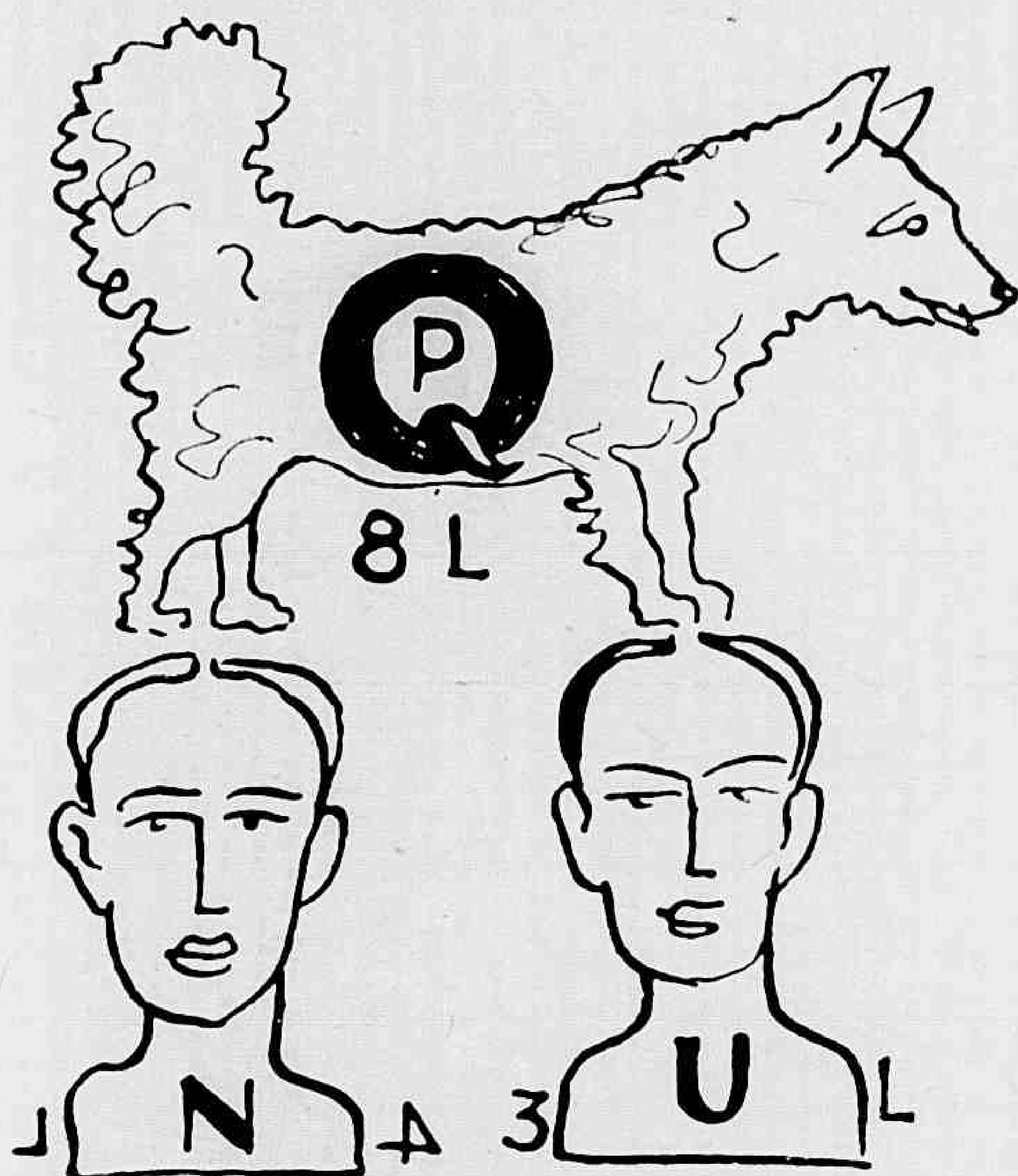
Horizontais: — Alam; Raro. Aíte; Tael; Assa. **Verticais:** — Arata; Laias; Artes; Moela.

DECIFRADORES

Totalistas — Janota, Julião Riminot, Doposso, Alvasco, El Príncipe, O Sineiro, Nostradamus, Cantagalo, Breque, Malba Tantan, Gil Virio, Toberal, Cartos, De Souza, Lidasi, Ralvo Ilvas, Ivelise, Paraná, Sinhô, Seamva, P. del Debbio, Bruidav, Ronega, Odnauref, Sefton, Bigi Neto, Asclepios, Agabês Arpetra, Katia, Lerocha, Lupe, Oidaleh, Thelmo, Sertanejo II, Alelito Leite, Gorgonhe, Emidlej, Ziul, Donatila Borba, Farani, Dr. Zinho, Pompeu Júnior, El Príncipe, Lord, Plá, Lutércio, Nilza, Bisilva, Dr. Barreto Cardoso, Gomes Júnior, Pati, Zoraco, Jayreis, Mr. Johnny, Asil, Marcus, Jasbar, Alô Tropina, Zigomar, Cysneirense, Cysneirense Júnior, Debrito, Acobar, Toleral, Botucarahy, Juca Pirolito, O Janz, Gomes Júnior, Conde de la Fére, Marcimento, Zuncronitano, Gumercindo Leite, Violeta, Segon, Paulistinha. **Mais de 50%** — Roama, Ecebê, Iris, Tencel.

Nota — Mme. Paulette concorreu sòmente às palavras cruzadas.

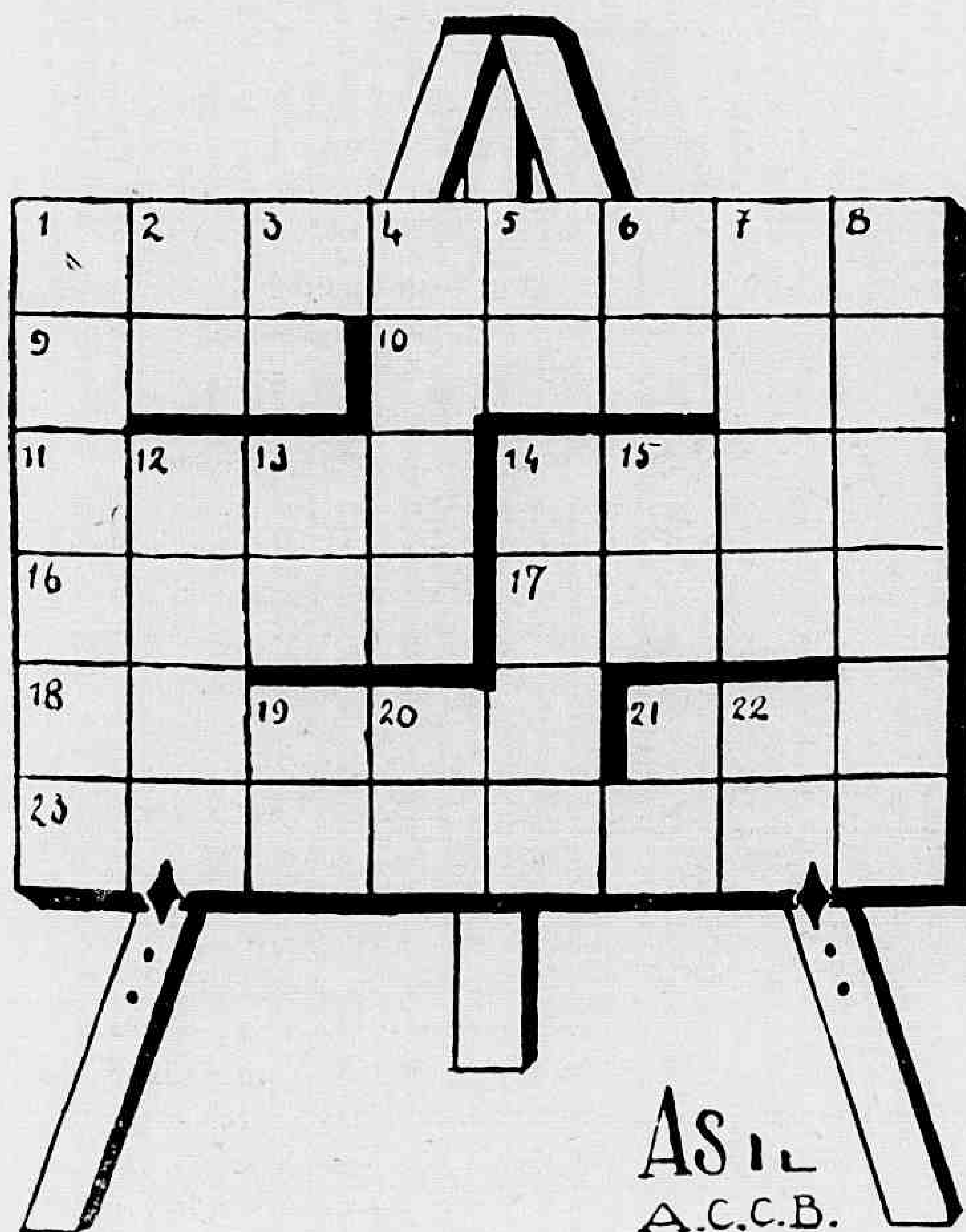
ENIGMA PITORESCO — 107



Coringa — Rio

PALAVRAS CRUZADAS

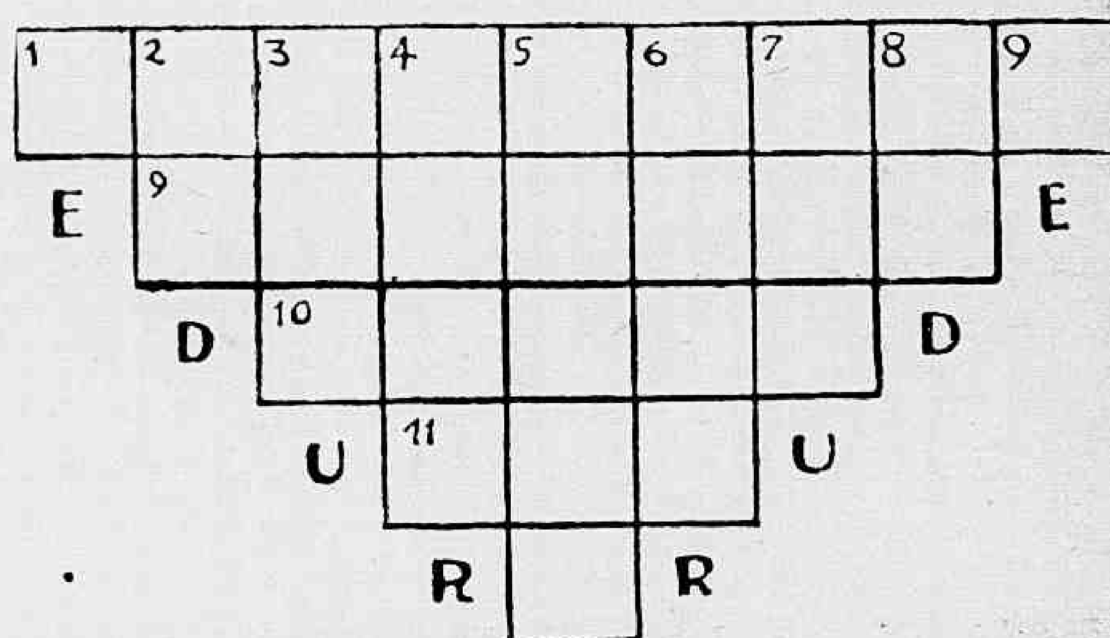
PROBLEMA N.º 3



Horizontais — 1 — Ocidental; 9 — 16.ª letra do alfabeto russo; 10 — Agrupas; 11 — Cidade da Suíça, no Cantão de Zurich; 14 — Embarcadouro e desembarcadouro das estações de caminho de ferro; 16 — Taioba; 17 — Rio da Rússia; 18 — Quadra, período; 21 — Espécie de maçã vermelha; 23 — Gabola, palrador.

Verticais — 1 — Madeira escura das Antilhas; 2 — Também; 3 — Símbolo do estrôncio; 4 — Salário; 5 — Ele (peon); 6 — Medida itinerária no Japon; 7 — Mãe d'agua; 8 — Planta da fam. das apocináceas; 8 — Indígena de uma antiga tribo de índios do R. G. do Sul; 13 — Eu; 14 — Interj. Ai (antiga); 15 — Garbo; 19 — Rei de Bason; 20 — Símbolo do cromo; 21 — Medida romana de pêso equivalente a 340 g.; 22 — Símbolo do plantino.

PROBLEMA N.º 4



Edur G. Monteiro — Cuiaba

Horizontais — 1 — Longirão; 9 — Espécie de clara usada pelos índios chata e esquinada; 10 — Ventilo; 11 — Arara.

Verticais — 1 — Le; 2 — Língua falada na idade média no Loire e Catalunha; 3 — Tosca; 4 — Corre; 5 — Aplica; 6 — Listra; 7 — Eiró; 8 — Pobre.



COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade [illegible] 20 — São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 - S. Paulo

À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

CUSTÓDIO JOSÉ DIAS

É o nosso velho colaborador **Heleno**, de Recife, um dos fundadores do Grêmio Charadístico do Norte. **Heleno** está há dias nesta Capital e veio trazer-nos o seu abraço de amizade.

CORRESPONDÊNCIA

Cartas recebidas até 9 de Janeiro

Imenia (Recife) — Inscrita com muito prazer.

Carlos Colaldi (São Paulo) — Esta seção só aceita logogrifo com versos originais.

Cysneirense (Coelho Bastos M. G.) — Os trabalhos que mandou vão ser aproveitados. Em ocasião oportuna responderemos a sua carta.

Zenon (Ouro Fino - M. G.) — Inscrito, gratos pelos trabalhos enviados.

Joleno (São Paulo) — Já estávamos com saudades e as suas notícias muito nos alegraram. Gratos pela colaboração|

Janota (Santos) — E o nosso velho amigo, por que não aparece?

PRAZO

Para as soluções de cada mês, Distrito Federal e Niterói, 45 dias, demais Estados, 90.

Tôda a correspondência para esta seção deve ser enviada ao seu diretor.

DR. LAVRUD



— Oh, não! O cão não representa... êle é o meu empresário.

AS PALAVRAS E OS VELHOS

Segundo um relatório dos drs. J. E. Birren e J. Botwinik, do «Instituto Nacional de Saúde», dos Estados Unidos, as palavras levam mais tempo a ser encontradas pelas pessoas idosas, embora saibam tantas quantas possam saber as pessoas jovens.

Em seus estudos, que duraram vários meses, verificaram, por exemplo, que de 341 pessoas, de idade variando entre 16 e 90 anos, às quais solicitaram que escrevessem **o mais depressa possível** palavras começando por uma letra dada, um «S», por exemplo, 31 com a idade entre 20 e 29 puderam escrever em média 24.9 palavras por minuto, enquanto 30 pessoas, com idade entre 70 e 79, puderam escrever apenas 7 palavras por minuto.

O grupo dos jovens pôde escrever cêrca de 5 por cento mais depressa, copiando palavras que o grupo dos idosos. Além disso, os idosos revelaram um sério retardamento na fluência verbal.

Cr$ 10,-
e
Cr$ 15,-



82 LIVROS ESPETACULARES PARA VOCÊ!!!

À VENDA, também, em tôdas as "LOJAS BRASILEIRAS DE PREÇOS LIMITADOS", em todo o Brasil.

VENDAS:

RIO: AV. RIO BRANCO, 25 E RUA DO OUVIDOR, 150

SÃO PAULO: RUA CONS. CRISPINIANO, 403

BELO HORIZONTE: RUA DA BAHIA, 884

INTERIOR:

PEÇA POR REEMBÔLSO POSTAL, PELO TALÃO ABAIXO, ENVIANDO-O PARA O RIO!

SEXUAIS POPULARES

3 - A FELICIDADE SEXUAL NO CASAMENTO ... 15,00
7 - DICIONÁRIO MODERNO DO SEXO E AMOR .. 15,00
92 - A CONQUISTA AMOROSA E SEXUAL 15,00
67 - ESTIMULANTES SEXUAIS 15,00
5 - GUIA ÍNTIMO DA SEXUALIDADE 15,00
4 - COSTUMES SEXUAIS ESTRANHOS 15,00
18 - COMO EVITAR A SOLIDÃO AMOROSA 15,00
66 - PROBLEMAS SEXUAIS DOS SOLTEIROS 15,00

EDIÇÕES CULTURA POPULAR

12 - COMO INTERPRETAR OS SONHOS 15,00
13 - COMO LER OS PENSAMENTOS 15,00
15 - HIPNOTISMO PRÁTICO 15,00
20 - SUGESTÕES PARA CARTAS DE AMOR 15,00
24 - ITALIANO SEM MESTRE 12,00
25 - FRANCÊS SEM MESTRE 12,00
26 - ERROS DE PORTUGUÊS E SUAS CORREÇÕES 15,00
27 - FALA E ESCREVE CORRETAMENTE TUA LÍNGUA .. 15,00
30 - ALEMÃO SEM MESTRE 12,00
31 - ESPANHOL EM QUADRINHOS 12,00
32 - YES SIR - INGLÊS SEM MESTRE 12,00
36 - MANUAL DO MOTORISTA 15,00
61 - ELETRICIDADE DO AUTOMÓVEL 15,00
68 - O LIVRO DAS MÁGICAS 10,00
69 - TIRA-DÚVIDAS DE PORTUGUÊS 15,00
80 - DIC. DE CITAÇÕES DE FRASES CÉLEBRES - 1º vol.. 15,00
144 - DIC. DE CITAÇÕES DE FRASES CÉLEBRES - 2º vol.. 15,00
169 - DIC. DE CITAÇÕES DE FRASES CÉLEBRES - 3º vol.. 15,00
196 - DIC. DE CITAÇÕES DE FRASES CÉLEBRES - 4º vol.. 15,00

SEXUAIS

87 - MÉTODOS PARA LIMITAR OS FILHOS 20,00
6 - VIGOR SEXUAL 20,00
95 - ANORMALIDADES SEXUAIS 20,00
125 - PRÁTICAS SEXUAIS NO MATRIMÔNIO 20,00
127 - HÁBITOS SEXUAIS DO HOMEM 20,00
145 - VENÇA A TIMIDEZ SEXUAL 20,00
130 - SEXO E PSICANÁLISE 20,00
166 - A EDUCAÇÃO SEXUAL DOS FILHOS 20,00
174 - MANUAL DA VIDA SEXUAL 20,00
160 - ENFERMIDADES SEXUAIS 20,00
191 - A CURA DA IMPOTÊNCIA SEXUAL 20,00

ROMANCES FAMOSOS e POESIAS

266 - E. Brontë - MORRO DOS VENTOS UIVANTES 10,00
270 - Balzac - A MULHER DE 30 ANOS 10,00
250 - Prévost - MANON LESCAUT 10,00
180 - E. Zola - NANÁ 10,00
208 - E. Zola - A TABERNA 10,00
215 - E. Zola - A BÊSTA HUMANA 10,00
261 - E. Zola - GERMINAL 10,00
269 - E. Zola - TERESA RAQUIN 10,00
181 - O. Wilde - O RETRATO DE DORIAN GRAY 15,00
140 - Júlio Ribeiro - A CARNE 25,00
195 - Flaubert - MADAME BOVARY 10,00
207 - Dostoiewski - CRIME E CASTIGO 10,00
245 - Dostoiewski - O JOGADOR 10,00
293 - Lamartine - GRAZIELA 10,00
210 - V. Hugo - O HOMEM QUE RI 10,00
216 - Gauthier - MADEMOISELLE DE MAUPIN 10,00
178 - Henry de Kock - GRANDES CORTESÃS - 1º vol. 10,00
217 - Henry de Kock - GRANDES CORTESÃS - 2º vol. 10,00
218 - Tolstoi - ANA KARENINA 10,00
222 - J. Alencar - IRACEMA 10,00
224 - J. Alencar - UBIRAJARA 10,00
225 - J. Alencar - DIVA 10,00
226 - J. Alencar - A VIUVINHA - e - CINCO MINUTOS 10,00
238 - J. Alencar - A PATA DA GAZELA 10,00
239 - J. Alencar - LUCÍOLA 10,00
241 - J. Alencar - SENHORA 10,00
256 - J. Alencar - O TRONCO DO IPÊ 10,00
229 - Dumas Filho - A DAMA DAS CAMÉLIAS 10,00
206 - Freitas - AS AMANTES DO IMPERADOR 10,00
240 - Guimarães - A ESCRAVA ISAURA 10,00
252 - R. L. Stevenson - A ILHA DO TESOURO 10,00
227 - J. M. de Macedo - A MORENINHA 10,00
84 - POESIAS DE GONÇALVES DIAS 10,00
121 - Castro Alves - OS ESCRAVOS 10,00
142 - Castro Alves - A CACHOEIRA DE PAULO AFONSO 10,00
175 - Casimiro de Abreu - AS PRIMAVERAS 10,00
176 - C. de Abreu - CANÇÕES DO EXÍLIO 10,00

Peço enviar, pelo REEMBÔLSO POSTAL, os livros, cujos números indico abaixo:

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

(Não temos catálogos)(Não mande dinheiro, nem selos, nada adiantado)

Nos pedidos abaixo de Cr$100,00, há aumento de 10%.

EDITÔRA GERTUM CARNEIRO S/A

AVENIDA RIO BRANCO, 25 — DEP. 1-B — RIO DE JANEIRO

NOME: ....

RUA: ....

LOCALIDADE ....

ESTADO: ....

A "HERANÇA" INESPERADA

(*Cont. da pág.* 63)

E sorriu quando mr. Carson disse que se incumbiria de tudo — *até na maneira de falar êle lembrava Jimmy!* Tratamos de tôdas as espécies de seguros — disse êle. E miss Marta achou que êle era muito sensato.

Mr. Carson fêz menção de continuar numa espécie de relatório, porém miss Marta disse que achava tudo muito interessante e que poderia ficar ouvindo sôbre o assunto a manhã tôda, mas sabia como êle era ocupado e que tinha sido muita gentileza de sua parte vir falar-lhe... Num outro dia, em que ambos tivessem mais tempo, conversariam melhor. Mr. Carson, sem saber como, viu-se na porta de saída, com o chapéu na mão.

Rapaz muito amável, pensou ela, enquanto calçava as luvas e punha o chapéu, seguindo depois pela rua, ansiosa para comprar o novo número de "No Mundo do Cinema", saído naquele dia, para ler a crônica sôbre Bing Crosby, anunciada no número anterior. Estava satisfeita com a atitude de Bing Crosby, ùltimamente. Êle era meio boêmio, no princípio, embora sempre jovial; mas mudara para melhor graças a Dixie e às crianças. Naturalmente que representar um papel de padre havia ajudado muito, também.

— A senhora chegou atrasada, esta manhã — disse, sorrindo, mr. Barnett, quando a viu chegar.

Ela explicou que estivera ocupada, tratando de negócios. Agradava-lhe referir-se à conversa com mr. Carson, como de uma transação importante, e mais agradável ainda era poder dar-se ao luxo de chegar atrasada.

Mas viu que êle não distribuíra, ainda, os jornais de Washington. Pagou o seu número de "No Mundo do Cinema", despediu-se e foi andando.

Mr. George Dodds estava encostado à porta da frente de um carrinho novinho, um *conversível* de côr creme, com capota cinzenta, arriada. Vestia blusão de quadrados e calças de gabardine; como a maioria dos vendedores de automóveis, tinha sempre um sorriso e uma palavra alegre para todos. Insistiu em levar miss Marta para casa, no lindo automóvel e ofereceu para levantar a capota; porém, ela disse que preferia assim mesmo; estava muito bem disposta.

— Então. Que tal acha êste carrinho? — perguntou mr. Dodds.

Ela disse que achava excelente, bonito e confortável. Então êle sugeriu levá-la a Weston, na manhã seguinte; almoçariam no Hotel George Washington. Miss Marta achou a idéia excelente; era sempre uma aventura almoçar num hotel de tanto luxo...

Uma das vantagens do outro quarto para o qual se mudara, na pensão de mrs. Lawson, era o fato desta fazer tudo para que ela se sentisse à vontade. Quando entrou a dona da pensão logo a convidou para sentar na sala. E começou:

— Mr. Lawson gostava tanto desta sala...

Miss Marta ficou imaginando que espécie de homem teria sido êste mr. Lawson; mal se lembrava dêle! Com tão poucos momentos de folga não podia ter muita convivência com as pessoas dali.

— Não se encontra mais uma casa como esta — continuou mrs. Lawson. — Não constróem mais casas assim...

Miss Marta concordou e começou a balançar-se na cadeira.

— Eu não gostaria de me desfazer dela mas, se achasse uma pessoa que eu soubesse que cuidaria bem e...

— Oh! A senhora não deve pensar em vendê-la! — replicou miss Marta. E desculpando-se por ter interrompido a outra, que estava cuidando das plantas, concluiu:

— Que egoísmo o meu vir interrompê-la; mas a palestra estava muito agradável. Agora volte às suas flores, por favor.

Chegando ao seu quarto, miss Marta viu que Mrs. Lawson havia colhido algumas rosas do jardim e colocado num jarro sôbre a mesinha, junto da correspondência, que também se dera o trabalho de trazer. Entre a correspondência, encontrou panfletos coloridos, de hotéis e lojas, e um convite do coronel Usher e senhora para que fôsse jantar com êles, sexta-feira, dia 24; a senhora Lawrence havia inscrito o seu nome para sócia do "Clube do Livro".

Miss Marta ficou pensando como poderia ainda haver guerras terríveis e tanta cruel-

dade num mundo tão jovial e amigo! Quando Arthur subiu, de um salto, os degraus da entrada, Caroline ficou alarmada, pensando que êle havia descoberto outra maneira de enriquecer de repente, mas seu marido entrou devagar na sala, ajeitando o laço da gravata. O aspeto era sereno. O último plano para enriquecer tinha sido uma criação de chinchilhas.

— Almocei em Abingdon — disse êle; e, antes de que a espôsa pudesse abrir a bôca, acrescentou: — *Foi Myron quem pagou!*

— Desde quando você trata mr. Williams por Myron?

— Desde o almôço, a idéia foi dêle.

E, depois de beijá-la na face, dirigiu-se para o bar, a fim de preparar um *drink*.

— Comemos lagostas. Dois dólares e vinte e cinco, fora o café, a bebida e a sobremesa, um *Napoleão*, que é uma espécie de torta...

— Eu sei o que é.

— Pois eu não sabia!



Caroline começou a inquietar-se com a conversa, e disse:

— Espero que isto tudo nada tenha a ver com o dinheiro de tia Marta.

— Claro! Myron achou que ela, certamente, viria a mim para orientá-la sôbre finanças, e como trabalhamos no mesmo ramo...

Nisto Arthur reparou na maleta de Caroline junto da porta e ficou atrapalhado.

— É melhor não guardar o carro na garagem — disse ela.

Nos momentos importantes Caroline ficava extremamente prática e Arthur a observou com atenção.



Mr. Anderson era uma pessoa muito interessante para se conversar — pensou miss Marta — falava, principalmente, sôbre propriedades e valores; mas êsse, afinal, era o seu ramo de negócios. Mrs. Anderson falava sôbre o seu trabalho, no serviço de proteção aos animais, o que era mutio interessante, especialmente sôbre os gatos; James Mason e a espôsa tinham em casa vinte e oito gatos!

— Quando a senhora possuir um pedaço de terreno — falou mr. Anderson, enquanto trinchava o assado — possuirá, também, *uma parte da comunidade*, o que dá uma sensação de estabilidade realmente adorável.

— As sócias querem que a senhora veja o que fazemos, lá no abrigo, para animais desamparados — anunciou mrs. Anderson.

— Irei, com prazer — respondeu miss Marta.

E, ao sair, agradeceu a mr. Anderson o oferecimento para levá-la à missa, de automóvel, no domingo, ao que êle acrescentou:

— Quero mostrar à senhora uns terrenos maravilhosos... Ah! Se o nosso abrigo conseguisse auxílio para melhorar as instalações...



Arthur quis carregar Caroline para o automóvel, porém ela disse que estava bem e que podia caminhar. Êle voltou,





"Psiu!"

correndo, para dentro de casa, a fim de apanhar a valise. Transpirava, nervoso. Entrou no carro, ligou o motor e ia dar saída, quando Caroline perguntou se êle havia trancado a porta da frente. Ela era assim, *mesmo num momento daqueles!*

— Não demoro um minuto!

E puxando o freio de mão, abriu a porta e saltou, galgando os degraus, embora naquele momento pouco lhe fizesse que todo um sindicato de ladrões encostasse um caminhão e levasse tudo! Depois voltou, ligou o carro e falou, carinhoso:

— Fique tranqüila, querida; tudo correrá bem.

— Não deve esquecer da garrafa para o leiteiro! — disse ela.

Arthur guiava com cuidado, como se transportasse uma grama de radium, e imaginava como os *chauffeurs* profissionais se arranjavam numa situação daquelas.

— E não deixe de botar o lixo no portão — disse Caroline.

Enquanto isso, Arthur pensava que não seria má a idéia de dar um curso especial aos motoristas sôbre como transportar senhoras em estado interessante; talvez a idéia desse dinheiro.

— Deixe a chave da porta na caixa das cartas, para a empregada — continuou Caroline. — E não se preocupe com o almôço dela; há muita carne na geladeira.

Arthur não estava interessado no almôço da empregada. Só pensava em comprar flores, muitas flores e brinquedos também.

— É preciso avisar tia Marta! — recomendou Caroline.

Êle já havia feito isso, mas não quis falar porque o nome de tia Marta se transformara em *assunto delicado*, nestes últimos dias.

— E não gaste dinheiro em flores!

Subiram, cuidadosamente, os degraus da Maternidade.

Arthur olhou, aflito, em redor, procurando o médico; se estava pagando, ela precisava de tôda assistência! Caroline foi até à mesa da portaria e fêz o registro, como se estivesse entrando num hotel. Arthur sentou numa poltrona forrada de imitação de couro. Não se admirava, agora, de que muitos bebês nascessem sòzinhos. Por assim dizer, os médicos jogavam canastra, enquanto pais aflitos esperam!

— Não fique aflito, meu bem — disse Caroline, antes de seguir a enfermeira pelo longo corredor. — Tudo correrá muito bem!

Arthur beijou-a e ficou olhando, enquanto ela se afastava, e sentindo todo pêso da solidão, enquanto repetia para si mesmo: *Nada acontecerá a ela! Tudo correrá bem! Nascem bebês diàriamente...*

Depois começou a preocupar-se com as recomendações. Só se lembrava de que precisava deixar a chave para a empregada na garrafa do leite!



Miss Marta, finalmente, desistiu de convencer Arthur a ler um pouco. Êle ficou sentado, fitando a parede branca e vazia e, depois de certo tempo, ela própria desistiu de ler. Começou a pensar no dinheiro, talvez por causa do Arthur. Às vêzes, ela achava que as outras pessoas, Arthur, por exemplo, se preocupavam mais com o dinheiro do que ela própria. Na verdade, quando pensava na fortuna, ficava um tanto atordoada e assustada; era *tanto* dinheiro!

Muitas pessoas, Caroline mesmo, haviam sugerido uma viagem. Mas miss Marta não sabia de nenhum lugar que realmente desejasse visitar — e muito menos Hollywood! Sabia de cor tôdas as peças do mobiliário da casa de Joan Crawford, mas, até àquela noite, nunca tinha visto a coleção de antiguidades de mrs. Anderson — e ela morava tão perto, logo *ali* na outra rua! Conhecia muito bem tôdas as receitas favoritas e os *shampoos*, usados em Beverly Hills e, no entanto, nunca tinha reparado na mocinha bilheteira do cinema da esquina, ou no garção amável do café da pracinha, perto do ponto de jornais de mr. Barnett!

"Eu poderia tomar um navio, um dêsses transatlânticos de luxo" — pensou ela (e 20 anos atrás teria escrito imediatamente para a Companhia, pedindo informações e folhetos; mas vinte anos atrás ela podia

comer de tudo e subir uma escada sem sacrifício).

Entrara para o serviço de mrs. Caskie no ano em que Roosevelt fechou os bancos e Caroline ganhou o primeiro dentinho de leite, e só saíra de lá na noite de domingo em que Arthur e Caroline a haviam convidado para ver e ouvir Margaret Truman na televisão! Todo o intervalo entre uma data e outra, enquanto Caroline crescia e guerras surgiam, ela passou cuidando de uma enfêrma, dando massagens, banhos de álcool, trocando lençóis, lendo em voz alta, na cadeira de balanço e, ao deitar, nunca tinha certeza de poder dormir a noite tôda! Pensando em tudo isso o dinheiro já não parecia tanto!

Arthur falou nesse momento:

— Êles são *meio feinhos*, quando nascem, não são?

Miss Marta pareceu despertar, sobressaltada, dos seus pensamentos. Olhou para o relógio. Quase três horas da madrugada! Estava, porém, acostumada àquelas vigílias.

— Só os bebês *dos outros*! — respondeu ela. — O *nosso* nos parece sempre lindo!

— Délia, a empregada lá de casa, disse que êles têm a cabeça mole... Acho esquisito...

— Não, não se preocupe; êles são muito direitinhos. Você verá.

— Creio que teremos que contratar uma enfermeira — disse Arthur. — Pelo menos nas primeiras semanas...

Nem sempre êle se preocupava com o custo dessas coisas.

— Nada disso! Caroline *e eu cuidaremos* de tudo — respondeu miss Marta (e dizendo isso sabia a que se estava prendendo). Estava trocando o quarto da enfêrma pelo da criança; e sabia o quanto aquêle jovem casal ia precisar dela, agora, não apenas por duas semanas. A não ser que tivessem alguém, de confiança, para ficar com a criança de noite, não poderiam sair e, ficando em casa, escravizados por causa do bebê acabariam por discutir e brigar. Para Arthur será uma economia ter quem fique com o bebê *de graça* e, para Caroline, será a tranqüilidade saber que êle está em boas mãos.

Já se via na sala, ao lado do quarto do menino, na cadeira de balanço, com a cabeça inclinada para o lado da porta, a fim de ouvir qualquer chôro, as revistas no colo... Estava acostumada a ler assim, e depois de tantos anos, prestando serviços úteis, não se acostumava sem uma pessoa dependendo ou precisando dela! Num momento de profunda sinceridade consigo mesma admitiu que lhe agradava saber que o casal ia precisar dela. Ao contrário do dinheiro, isto era algo que ela sabia avaliar e distribuir.

Quanto à fortuna, passaria tôda para o bebê, oportunamente; até lá deixaria tudo num banco. Talvez porque sua vida fôra sempre tão sem mistério agradava-lhe a idéia de que o povo falasse na sua fortuna, em sua ausência, e imaginasse o que ela faria com a mesma.

Sentia que os Anderson, os Usher e todos os seus novos amigos não a obsequiavam só pelo dinheiro, embora isto ajudasse e lhe desse um certo ar original.

— Lá vem a enfermeira sorrindo — disse Arthur, nervosamente. — Tudo foi bem!

Miss Marta levantou-se, com expressão de alívio e satisfação, numa atitude que lembrava Greer Garson ao descobrir o Radium.

★



— *Outra xícara, por favor, "querida"?*

EU SEI TUDO

Nº 441 — Ano XXXVII Nº 9 — Fevereiro de 1954

SUMARIO:

Calvície apressada 3
Quem se candidata? 3
Como fazer a previsão do tempo 3
Para o seu lar — CÔR — Fator principal 4
Queridinho de Papai 6
O teste da Môsca 6
Homem prático 6
Uma loura perigosa (conto) 7
Seis meses apenas de vida 13
Dinheiro miúdo 13
Autoridade e bom-humor 13
Achados deliciosos 13
Esteja em dia com o Mundo 14
O último homem sôbre a terra 14
Barba proibida 19
Cheques para canhotos 19
Como matei um fantasma 20
As trutas do divórcio 19
Fi-Fiu 19
Achados deliciosos 19
Nova causa para divórcio 19
Para servir como um símbolo 22
Deus é meu companheiro 23
A Polícia também sofre 24
O busílis austríaco no panorama estratégico, desafiando os diplomatas da ONU 25
Qual o ser mais rápido do mundo? 32
Ladrões de automóveis 32
O almirante derrotado em Trafalgar 33
A fôrça de um juramento (romance, continuação) .. 39
Essa tez queimada que elas procuram (policromia) 47
Os cinco sentidos... (calcular com um só ôlho — Levantar igualmente dois copos — Duas bolas... ou uma só? — Quando o sabor pode ser olfato — Não devemos acreditar muito em nossos olhos — Escove o seu amigo — A sensação de toque — O verde é a última côr a desaparecer — Quando o vermelho é verde 54
A herança inesperada 58
Os males de estômago dos fumantes 64
Falam os mortos pela bôca dos vivos? 67
Fora com os gatos! 70
O retrato de um segrêdo 70
Desligue, por favor! 70
A ciência contra o crime — Isto é sangue humano? 71
Conselhos de uma quituteira 74
O espectro de Lincoln (Episódio real) 75
Sugestões 76
A "boa resposta" do mês 77
Os peixes não são mudos 77
Atenção ao Letreiro! (conto) 78
Recursos caseiros 81
Cuidado! Beber água pode matar! 83
Você tem bom faro? 86
O deputado e a governanta 86
Por trás da Porta Amarela (folhetim, continuação) 87
Nos domínios da gramática 96
Memento EU SEI TUDO (Olhando o mundo há sessenta dias) 97
O azar de "Sua Excelência" (Episódio real) 105
O hospital do Monte São Bernardo 106
Quebra-Cabeças, Charadas, etc. 107
As palavras e os velhos 112

CORRESPONDÊNCIA

Alberto Soares, Rua Dr. Bacelar, 123, S. Paulo — Ficamos muito agradecidos pelo seu interêsse. Sua carta chegou, por coincidência, no dia justo em que também notamos o "gato", que foi lamentável falha da oficina. Felizmente, no interior sempre saiu certo.

Ciro Magalhães, Av Rio Branco, 25. Rio de Janeiro — Agradecemos suas boas palavras. As fontes foram várias, pois os nossos artigos são confeccionados especialmente para EU SEI TUDO, e não simplesmente traduzidos.

Paulo A. Souza, Rua Projetada, 11, apto. 203 — Cachambi, Méier — Distrito Federal — Realmente houve engano de nossa parte, pelo que nos penitenciamos. O navio de guerra brasileiro, desaparecido em pleno Atlântico foi o encouraçado S. Paulo e não o Minas Gerais, conforme foi publicado à página 117 da edição de janeiro. Aqui fica a devida correção e agradecemos ao amigo a retificação.

Sylvio Arantes, Juiz de Fora, Minas Gerais — Se fôr realmente bom, publicaremos. No caso de possuir fotografias poderá enviar juntamente com o trabalho. Quanto ao segundo é assunto que sòmente mais tarde poderá ser resolvido.



CAPA: — Cá estamos, mais uma vez, às vésperas do Carnaval e enquanto a cidade inteira confunde o asfalto da Avenida com a terra barrenta dos morros, nos febris preparativos para os três dias de loucuras, rendendo nossa homenagem ao folião carioca, apresentando-o numa linda "cahrge" de Ramón.